

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI (UFSJ)
Programa de Pós-Graduação em História (PGHis)

Gabriel Moura Silva

**“O COMUNISMO É COMO O VENTO.
QUEM SEGURA O VENTO QUANDO ELE COMEÇA A SOPRAR?”:**
Produção cultural e cultura política
na trajetória intelectual de Alina Paim (1944-1956)

São João del-Rei - MG
2022

Gabriel Moura Silva

**“O COMUNISMO É COMO O VENTO.
QUEM SEGURA O VENTO QUANDO ELE COMEÇA A SOPRAR?”:
Produção cultural e cultura política
na trajetória intelectual de Alina Paim (1944-1956)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (PGHis) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: Poder e Cultura.

Linha de pesquisa: Cultura e Identidade.

Orientador: Prof. Dr. Danilo J. Zioni Ferretti.

**São João del-Rei - MG
2022**

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586? Silva, Gabriel Moura.
"O COMUNISMO É COMO O VENTO. QUEM SEGURA O VENTO QUANDO ELE COMEÇA A SOPRAR?" : Produção cultural e cultura política na trajetória intelectual de Alina Paim (1944-1956) / Gabriel Moura Silva ; orientador Danilo José Zioni Ferretti. -- São João del-Rei, 2022.
236 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em História) -- Universidade Federal de São João del-Rei, 2022.

1. História Intelectual. 2. Partido Comunista do Brasil. 3. realismo socialista. 4. A Hora Próxima. 5. Alina Paim. I. Ferretti, Danilo José Zioni, orient. II. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

OUTROS Nº 780 / 2022 - PGHIS (13.19)

Nº do Protocolo: 23122.014154/2022-11

São João del-Rei-MG, 12 de abril de 2022.

Este exemplar da dissertação "*O COMUNISMO É COMO O VENTO. QUEM SEGURA O VENTO QUANDO ELE COMEÇA A SOPRAR?: produção cultural e cultura política na trajetória intelectual de Alina Paim (1944-1956)*", de Gabriel Moura Silva, corresponde à redação final aprovada pela banca examinadora em 24 de março de de 2022, composta pelos professores doutores Danilo José Zioni Ferretti, UFSJ - orientador, Carlos Martins Versiani dos Anjos, UERN - examinador externo, João Paulo Coelho de Souza Rodrigues, UFRJ/PGHIS - examinador interno.

(Assinado digitalmente em 12/04/2022 10:46)
DANILO JOSE ZIONI FERRETTI
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DECIS (12.13)
Matricula: 2486230

(Assinado digitalmente em 13/04/2022 11:39)
JOAO PAULO COELHO DE SOUZA RODRIGUES
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 017.947.327-13

(Assinado digitalmente em 13/04/2022 10:51)
CARLOS MARTINS VERSIANI DOS ANJOS
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 473.177.526-49

Para verificar a autenticidade deste documento entre em
<https://sipac.ufsj.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **780**, ano:
2022, tipo: **OUTROS**, data de emissão: **12/04/2022** e o código de verificação: **73d697fb05**

*À memória de Alina Leite Paim (1919-2011) e
Batistina M. de S. Corgozinho (1953-2013).*

AGRADECIMENTOS

A primeira vez que me deparei com a produção cultural de Alina Paim foi em meados de 2017, em um “sebo” localizado na área comercial do Conjunto Archangelo Maletta, na cidade de Belo Horizonte-MG. Chamou-me atenção a capa da obra: um grupo de mulheres se manifestando frente à uma locomotiva, como se realmente estivessem impedindo a máquina de seguir pelos trilhos da ferrovia. *A Hora Próxima* era o título do livro. Na “orelha” do exemplar encontrava-se a descrição de seu enredo: uma narrativa sobre as greves ferroviárias desencadeadas pelos funcionários da Rede Mineira de Viação (RMV), no final da década de 1940 e início dos anos 1950. No entanto, a questão central do romance apontava para a atuação das mulheres no movimento, ou seja, esposas, mães, filhas, tias e familiares do sexo feminino eram protagonistas de sua narrativa, demonstrando além da luta da classe proletária, uma representação da participação feminina no espaço público. Naquele dia, embora tenha adquirido o livro, ele representava apenas uma compra, de alguém que como tantos outros, sempre fora apaixonado por literatura.

Após lido, o romance permaneceu na estante, aguardando o momento em que fosse observado não com olhos de leitor, mas na perspectiva de um pesquisador. No segundo semestre de 2018, este que vos escreve, um historiador recém formado pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Unidade Divinópolis, ao reler o livro, decidiu transformá-lo em objeto de pesquisa, tendo em vista as representações políticas, culturais e sociais de seu enredo e, principalmente, a trajetória de sua autora: uma militante comunista. O resultado deste trabalho apresenta-se como dissertação de mestrado ao Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), sob o título: “*O Comunismo é como o vento. Quem segura o vento quando ele começa a soprar?*”: *Produção cultural e cultura política na trajetória intelectual de Alina Paim (1944-1956)*.

Desenvolver uma pesquisa acadêmica é sempre uma tarefa árdua. Nos últimos anos, infelizmente, o trabalho do pesquisador encontrou ainda mais obstáculos. Uma pandemia de caráter mundial e que tirou milhões de vidas, provocou um reordenamento nos modos de pesquisa, exigindo mais concentração, psicológico e paciência. Ao lado das adversidades sanitárias, a desvalorização das atividades científicas pelas autoridades políticas no Brasil, dificultou ainda mais as ações daqueles que se dedicam à pesquisa. Contudo, o trabalho do historiador é também um instrumento de luta. Afinal, em um país em que o mito, a fábula, ou pior, o negacionismo substitui cada vez mais a História; em que o passado é cada vez mais deturpado para naturalizar tantas violências e desigualdades; enfim, no país em que vivemos, o

reconhecimento da responsabilidade de nossa profissão não é somente um dever de ofício, é sobretudo um compromisso ético. Nesse sentido, deixo expressa minha gratidão a todos(as) aqueles que, de alguma forma, colaboraram, apoiaram e tornaram possível a realização desta pesquisa.

Primeiramente, agradeço ao professor e orientador Dr. Danilo José Zioni Ferretti, por acreditar na potencialidade do trabalho, mesmo em um momento que tudo parecia estar perdido. Na academia, de maneira generalizada, muito se discute sobre a falta de sensibilidade de orientadores para com seus orientandos. Em minha experiência pessoal, posso afirmar que, mais que uma orientação de pesquisa, recebi compreensão humana. Ao professor, minha eterna gratidão!

Aproveito para agradecer ao Programa de Pós-Graduação em História da UFSJ, pelo acolhimento do projeto e por todo suporte dado enquanto aluno. Em especial, aos professores Dra. Silvia Maria Jardim Brugger, Dr. Luiz Francisco Albuquerque de Miranda e Dr. Euclides de Freitas Couto, os quais tive contato direto nas disciplinas ministradas durante o curso e que acrescentaram importantes apontamentos para esta pesquisa. Por fim, não poderia deixar de agradecer ao assistente administrativo do Programa, Ailton Assis, pela disponibilidade com a qual sempre se apresentou quando solicitado. A todos, o meu muito obrigado!

Aos professores Dr. João Paulo Coelho de Souza Rodrigues e Dr. Carlos Martins Versiani dos Anjos, por aceitarem o convite de composição da banca de avaliação deste trabalho, agradeço pela leitura criteriosa, sugestões e apontamentos. Fico muito honrado em ter meu texto avaliado por profissionais de tanta competência e por quem tenho tamanha admiração.

Agradeço ao programa de bolsas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento da pesquisa. Suporte financeiro essencial para execução deste trabalho.

Ainda no âmbito acadêmico, deixo meu abraço e minha gratidão aos meus colegas de turma no mestrado que, durante nossas discussões, sugeriram inúmeras possibilidades que agregaram esta pesquisa. Especialmente, agradeço aos companheiros de turma e conterrâneos divinopolitanos Ana Luzia, Larissa e Samuel que, em nossas idas e vindas de Divinópolis para São João del-Rei, tornaram o desgaste das viagens mais prazeroso. Obrigado por me acompanharem!

Agradeço, incondicionalmente, minha amiga, esposa e companheira Heide, não apenas pelo apoio durante a pesquisa, mas por estar ao meu lado nos melhores e piores momentos,

dividindo alegrias e tristezas, sorrisos e lágrimas. Sem dúvidas, sou um privilegiado em dividir a vida contigo. Eu te amo, meu amor!

Aos meus maiores exemplos de vida, meus pais Valter e Norvinda, me faltam palavras para expressar meu amor e minha gratidão. Sem o apoio e o incentivo deles eu jamais teria conseguido chegar até aqui. Obrigado por me proporcionarem todas as condições necessárias para minha formação educacional e, principalmente, por sonharem comigo. Agradeço também, minha irmã, Grasielle; meu cunhado, Michael; e meus sobrinhos, Rafael e Lucas. Muito obrigado pelo apoio e desculpas pelos momentos em que estive ausente para dedicar-me à pesquisa. Eu amo todos vocês!

Por fim, agradeço a vida por ter cruzado minha trajetória com a de Alina Paim. Do início do projeto até então, já se passaram mais de três anos. Contudo, considero pouco tempo, tendo em vista os constantes deslocamentos de um itinerário que terminou aos 91 anos. Dessa forma, embora o texto que segue seja o produto dos anos em que fiz do estudo da trajetória intelectual de Alina Paim o meu trabalho, devo admitir que os aprendizados adquiridos neste tempo, vão muito além das palavras escritas e reflexões promovidas nas páginas posteriores.

A literatura está intimamente ligada à vida da sociedade, por isso se diz que a arte é uma forma da consciência social. O artista não está situado acima das paixões que agitam seu povo. Logo, sua arte expressa – quer ele queira, quer não – este e aquele estado de espírito de grupos humanos definidos, acontecimentos e mudanças da vida social.

(Alina Paim)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a trajetória intelectual da escritora sergipana, Alina Leite Paim, entre os anos de 1944 e 1956, período do ápice de suas ações enquanto militante do Partido Comunista do Brasil (PCB). Para tanto, utiliza-se como suporte metodológico, formulações da historiografia francesa em torno da *História Intelectual*, *História dos Intelectuais* e *História do Livro e da Leitura*, mobilizando conceitos e categorias de análise, como a noção de intelectual, itinerários, sociabilidades, cultura política, representações, apropriação, edições e recepção. O *corpus* documental da pesquisa é composto pelos quatro primeiros romances da escritora, *Estrada da Liberdade* (1944), *Simão Dias* (1949), *A Sombra do Patriarca* (1950) e *A Hora Próxima* (1955). Ainda, como fontes complementares, investiga-se os jornais, revistas e periódicos publicados entre os anos de 1944 e 1956 que envolvem a imagem e/ou colaboração da romancista. A análise das fontes, permitiu-nos refletir, intrinsecamente, a influência da cultura política comunista na produção cultural de Alina Paim, com foco nos deslocamentos ocorridos em seu fazer literário, principalmente, após seu envolvimento com processo de disseminação do realismo socialista no Brasil, através do romance *A Hora Próxima*, publicado pela *Coleção Romances do Povo*, da Editora comunista Vitória. Além disso, buscou-se identificar outras formas de ação da militante no espaço público, como por intermédio de sua participação em eventos, manifestos e abaixo-assinados, debates e polêmicas promovidos. Em virtude disso, espera-se demonstrar os motivos que nos levaram a pensá-la enquanto mulher, escritora, militante comunista e, sobretudo, como uma intelectual.

Palavras-chave: História Intelectual; Partido Comunista do Brasil; realismo socialista; A Hora Próxima; Alina Paim.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the intellectual trajectory of the sergipana writer, Alina Leite Paim, between 1944 and 1956, a period of the culmination of her actions as a militant of the Communist Party of Brazil (PCB). To this end, it uses methodological support, formulations of French historiography around *Intellectual History*, *History of Intellectuals* and *History of The Book and Reading*, mobilizing concepts and categories of analysis, such as the notion of intellectual, itineraries, sociability, political culture, representations, appropriation, editions and reception. The documentary corpus of the research consists of the first four novels of the writer, *Estrada da Liberdade* (1944), *Simão Dias* (1949), *A Sombra do Patriarca* (1950) and *A Hora Próxima* (1955). Furthermore, as complementary sources, we investigate the newspapers, magazines and periodicals published between 1944 and 1956 that involve the image and/or collaboration of the novelist. The analysis of the sources allowed us to reflect, intrinsically, the influence of communist political culture on the cultural production of Alina Paim, focusing on the displacements that occurred in her literary work, especially after her involvement with the process of dissemination of socialist realism in Brazil, through the novel *A Hora Próxima*, published by the *Romances do Povo Collection*, by the communist Publisher Vitória. In addition, we sought to identify other forms of action of the militant in the public space, such as through her participation in events, manifestos and petitions, debates and promoted polemics. As a result, it is expected to demonstrate the reasons that led us to think of her as a woman, writer, communist activist and, above all, as an intellectual.

Keywords: Intellectual History; Communist Party of Brazil; socialist realism; The Next Hour; Alina Paim.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: <i>Coleção Romances do Povo</i>	120
---	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABDE - Associação Brasileira de Escritores
AIB - Ação Integralista Brasileira
ANL - Aliança Nacional Libertadora
BSA/IC - Bureau-Sul Americano da Internacional Comunista
CBC - Cruzada Brasileira de Civismo
DeOPS - Departamento de Ordem Política e Social
DFSP - Departamento Federal de Segurança Pública
DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda
DOPS - Delegacia de Ordem e Política Social
EUA - Estados Unidos da América
FEB - Força Expedicionária Brasileira
FMB - Federação de Mulheres do Brasil
IC - Internacional Comunista
LDN - Liga da Defesa Nacional
MEC - Ministério da Educação e Cultura
MUT - Movimento Unificador dos Trabalhadores
PCB - Partido Comunista do Brasil
PCUS - Partido Comunista da União Soviética
PSD - Partido Social Democrático
PTB - Partido Trabalhista Brasileiro
RAPP - Associação Russa de Escritores Proletários
RMV - Rede Mineira de Viação
SNAP - Secretaria Nacional de Agitação e Propaganda
TSE - Tribunal Superior Eleitoral
UDN - União Democrática Nacional
UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais
UFS - Universidade Federal de Sergipe
UFSJ - Universidade Federal de São João del-Rei
URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	34
DE SERGIPE, PARA O BRASIL E AO MUNDO: DA INFÂNCIA A INSERÇÃO E ATUAÇÃO NA CENA PÚBLICA	34
1.1 Memórias de família: fragmentos biográficos de uma trajetória em desenvolvimento..	35
1.2 A Liberdade é uma Estrada: em busca de uma sociabilidade cultural e política.....	42
1.3 Uma intelectual oficialmente comunista: atuação política no espaço público	65
1.4 Do individual ao coletivo: a condição feminina aos olhos de “uma nova mulher”	82
CAPÍTULO II.....	96
POR UMA LITERATURA POLÍTICA: O REALISMO SOCIALISTA NO BRASIL..	96
2.1 Uma missão ideológica: o percurso da apropriação do realismo socialista no Brasil ...	97
2.2 Edições comunistas no Brasil: Editorial Vitória e a <i>Coleção Romances do Povo</i>	112
2.3 A escritora vai ao povo: condições sociais, pesquisa e escrita de <i>A Hora Próxima</i>	127
2.4 Publicidade ou censura: divulgação e publicação de <i>A Hora Próxima</i>	140
CAPÍTULO III	153
A HORA PRÓXIMA: REPRESENTAÇÕES POLÍTICAS E SOCIAIS EM UM ROMANCE REVOLUCIONÁRIO	153
3.1 Parem as máquinas: as mulheres nos trilhos da greve	154
3.2 A greve continua: a ação do PCB junto aos ferroviários	166
3.3 Os inimigos da greve: a resistência dos trabalhadores à espera da “hora próxima”	177
3.4 A fortuna crítica: diferentes leituras de uma estética em decadência	186
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	200
REFERÊNCIAS	211
BIBLIOGRAFIA	214
ANEXOS	226
ANEXO I – Imagens.....	227

INTRODUÇÃO

Silenciosa, talentosa e paciente, essa romancista sergipana, deficiente visual aos 89 anos, construiu seu mundo sem pressa, jamais se desligou do interesse humano, do sentido político e social de suas histórias e de seus personagens. Apesar das opiniões favoráveis à sua obra que mereceram a crítica nacional e internacional, a colocando na altura das melhores romancistas da sua geração, seu nome está injustamente excluído dos compêndios literários brasileiros. [...] Alina Paim foi também silenciada pelo Partido, apesar de ter sido beneficiada da rede de relações construída no seu itinerário. [...] O romance tem em Alina Paim a mão que o denuncia de todos os segredos e violências, explorando-o em cada ângulo difícil sem restringi-lo à mera análise superficial, exigindo assim do crítico que a estuda um esforço vital, um reconhecimento de nuances, ampliando sua visão de autora consciente e politizada¹.

Foi assim que o jornalista Gilfrancisco Santos descreveu as características pessoais e profissionais da escritora sergipana Alina Leite Paim (1919–2011). A adjetivação exaltada do texto é evidente e compreensível, pois se trata de uma produção biográfica, de cunho informativo e sem compromissos formais com uma sistematização histórica aprofundada. Contudo, o trecho supracitado apresenta interessantes indícios do caráter político e social da produção cultural de Alina, bem como de seu engajamento ao Partido Comunista do Brasil (PCB) que, embora marcado por contradições e ambiguidades, abriu as portas para sua inserção ao cenário literário e político nacional.

Nascida na cidade de Estância (SE), em 1919, ainda bebê mudou-se com os pais, Manuel Vieira e Maria Portela de Andrade Leite, para Salvador (BA). Aos seis anos perdeu a mãe e transferiu-se para Simão Dias (SE), para ser criada pela avó, pois seu pai trabalhava como caixeiro viajante. Realizou os estudos primários na Escola Menino Jesus e, posteriormente, no Grupo Escolar Fausto Cardoso, ambos em Simão Dias. Retornando a Salvador, em 1932, estudou no Colégio Nossa Senhora da Soledade, instituição administrada por freiras. Nesta, Alina obteve seus primeiros passos como escritora, produzindo textos para o jornal interno do colégio. Formou-se professora e lecionou em Salvador até 1943, ano em que conheceu e se casou com o médico Isaías Paim. Logo após, mudou-se para o Rio de Janeiro com o esposo, onde envolveu-se com a militância comunista e estreou no cenário literário nacional, através do romance *Estrada da Liberdade*, publicado em 1944².

Contemporânea dos grandes eventos que marcaram o século XX, Alina Paim representou em seus escritos aquilo que viveu e idealizou, sobre e para seu contexto de

¹ GILFRANCISCO. *A Romancista Alina Paim*. Aracaju: Edições GFS, 2008. p. 13.

² *Ibid.*

produção. No conjunto de sua obra, expressou-se a respeito da literatura, religião, educação, sexualidade, infância, velhice, política e, principalmente, em relação à condição feminina nas relações sociais. Autora de 10 romances: *Estrada da Liberdade* (1944; 2014), *Simão Dias* (1949; 1979; 2015), *A Sombra do Patriarca* (1950), *A hora próxima* (1955), *Sol do Meio Dia* (1961), a trilogia de *Catarina* (1965) composta pelas obras: *O Sino e a Rosa*, *A Chave do Mundo* e *O Círculo*, *A Correnteza* (1979) e *A Sétima Vez* (1994), alguns destes reeditados no exterior³; mais quatro livros infantis: *A Casa da Coruja Verde* (1962; 2019); *Luzbela Vestida de Cigana* (1962); *O Lenço Encantado* (1962); *Flocos de Algodão* (1966); além de colaboradora em diversas revistas e jornais, Alina Paim teve uma vida marcada pela relação intensa e indissociável de suas duas grandes paixões: a literatura e a militância comunista.

Em virtude disso, objetiva-se com este estudo, analisar a trajetória de Alina Paim para além do viés mágico e representativo de sua produção literária, mas, sobretudo, como uma intelectual comunista que pensou, escreveu e agiu substancialmente no espaço público. Quanto ao recorte temporal, interessa-nos o período entre 1944 e 1956, percurso em que publicou quatro romances e correspondente ao ápice de seu engajamento como militante do PCB. Portanto, trata-se de um estudo situado no campo das “sempre estreitas e tensas relações entre intelectuais, suas produções culturais e culturas políticas”⁴.

No decorrer do século XX, a longevidade do comunismo no imaginário social e na História brasileira permitiu a sua consolidação no debate acadêmico enquanto fenômeno político e cultural. Na historiografia e Ciências Sociais, pesquisas em torno da temática comunista tornaram-se recorrentes, mesmo que, durante décadas, grande parte dos pesquisadores tenha priorizado abordagens clássicas em seus estudos. Predominantemente, refletiu-se sobre o funcionamento e memória das instituições partidárias, a exemplo de *O partido comunista brasileiro (1922-1964)*, de Eliezer Pacheco (1984); e *Contribuição à história do PCB*, de Nelson Werneck Sódre (1984); as ligações partidárias com os movimentos sindicais, como em *Classes Sociais e movimento operários*, de Edgar Carone (1989); a grande produção em relação à repressão da polícia política aos comunistas, antes e depois do golpe militar de 1964, como nas obras *Em guarda contra o “perigo vermelho”*: o anticomunismo no

³ Romances publicados no exterior: *A Hora Próxima* (Russo - 1957) e (Chinês - 1959); *Sol do Meio Dia* (Búlgaro - 1963) e (Alemão - 1968).

⁴ GOMES, Angela de Castro. *Política*: história, ciência, cultura etc. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 9, no 17, p. 59-84, 1996. p. 68.

Brasil (1917-1964) de Rodrigo Patto Sá Motta (2002); e *Como eles agiam: os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política*, de Carlos Fico (2001).

Não obstante, outro elemento importante para a consolidação e reprodução do fenômeno comunista no debate político e cultural brasileiro, foi, por muitos anos, pouco abordado pelos pesquisadores. Desde sua criação em 1922, o PCB demonstrou uma enorme capacidade em atrair intelectuais e artistas para sua militância. Após o fim da Segunda Guerra Mundial e da vitória soviética junto aos Aliados, o engajamento ao comunismo chegou ao seu auge, tornando-se um horizonte de expectativa para uma intelectualidade vanguardista. Esse “recrutamento intelectual”, de acordo com Rodrigo Patto Sá Motta, foi “de extrema importância para a organização partidária, pois através de seu prestígio social, estes agentes colaboraram substancialmente para a disseminação dos discursos e ideais comunistas entre a população”⁵. Grandes nomes das artes e cultura nacional, como Cândido Portinari, Jorge Amado, Oscar Niemeyer, Graciliano Ramos, dentre outros, fazem parte do imenso quadro de personalidades que foram atraídos pelo movimento comunista⁶.

Desse modo, tornou-se importante o aprofundamento das reflexões sobre a relação entre os aparelhos políticos e seus agentes intelectuais, analisando as amplas relações existentes e considerando seus sistemas mútuos de dependências e interesses, bem como os conflitos existentes dentro de seus espaços de sociabilidade⁷. Não se trata, portanto, de romantizar o comunismo, tão pouco suas relações com a intelectualidade, mas sim, em compreender como estes agentes, suas práticas e ideias “estiveram presentes e atuantes em todos os processos históricos de grande envergadura”⁸, sendo que “usaram suas habilidades de discutir, argumentar, projetar o futuro a serviço de combates políticos, o que demonstra a relevância dos intelectuais nas sociedades”⁹.

Nesse sentido, os estudos que analisaram “os comunistas e o comunismo, simultaneamente, como cultura política e agência produtora de cultura”¹⁰, podem ser divididos em dois grupos. O primeiro, com abordagens das ações da intelectualidade em âmbito geral,

⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A cultura política comunista: alguns apontamentos*. In: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, pp. 15-37, 2013. p. 29.

⁶ *Ibid.*

⁷ *Ibid.* p. 32.

⁸ WASSERMAN, Cláudia. *História Intelectual: origem e abordagens*. In: *Tempos Históricos*, Rio Grande do Sul, Volume 19, pp. 62-79, 2015. p. 65.

⁹ *Ibid.*

¹⁰ NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Apresentação*. In: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 10.

como na tese de doutoramento de Ana Paula Palamartchuck, *Os novos bárbaros: escritores e comunismo no Brasil (1928-1948)*, de 2003; e, *O Partido Comunista e os Intelectuais* (1999), de Antonio Albino Canelas Rubim. O segundo, com análises de trajetórias individuais de militantes pecebistas, como em *A militância política na obra de Jorge Amado*, de Luiz Gustavo Freitas Rossi (1999) e *Graciliano Ramos: criação literária e projeto político (1930-1953)*, de Marisa Schincariol de Mello (2005). Em comum, as pesquisas buscaram refletir as ações de um grupo em específico da intelectualidade comunista: os grandes e reconhecidos nomes da elite intelectual pecebista.

Por conseguinte, um segundo grupo de intelectuais comunistas, menos (re)conhecidos atualmente, mas com importantes participações nos projetos políticos e culturais do PCB, não mobilizaram a mesma atenção dos pesquisadores e, quando se trata da intelectualidade feminina, os estudos são ainda mais escassos¹¹. A título de exemplo, na apresentação da obra *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*, organizada por Marcos Napolitano, Rodrigo Czajka e Rodrigo Patto Sá Motta, em 2013, os autores destacam a importância de “revisitar o tema da questão feminina na cultura comunista”¹². Contudo, dos 16 artigos acadêmicos que compõem a coletânea, nenhum tem como objeto de análise o itinerário de uma mulher comunista. Isso demonstra que, embora a historiografia tenha avançado no que diz respeito à participação feminina nos processos históricos, persiste ainda o ofuscamento e silenciamento de pesquisas que evidenciem suas ações no espaço público.

Assim, observa-se que Alina Paim faz parte do grupo de intelectuais pecebistas não contemplados pelos historiadores. Entretanto, o esquecimento pela historiografia em torno da escritora sergipana é contrabalançado pelas pesquisas concentradas na área das Letras, em especial, os trabalhos realizados e/ou orientados pela professora Ana Maria Leal Cardoso, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS), que desde 2007, coordena um projeto de pesquisa dedicado ao resgate da literatura paimiana. Embora tais pesquisas sejam focadas ao lado artístico da escritora e o enquadramento estético de suas obras, através delas pode-se vislumbrar as lacunas que esta dissertação pretende preencher.

*

¹¹ Dentre as exceções, destaca-se: TAVARES, Betzaida Mata Machado. *Mulheres comunistas: representações e práticas no Partido Comunista Brasileiro*. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

¹² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. Cit.* p. 33.

As comemorações pelo centenário do nascimento de Alina Paim, realizadas no ano de 2019, demonstram a dimensão da verticalidade de produções acadêmicas voltadas, majoritariamente, para suas contribuições enquanto escritora. Dentre as celebrações, uma sessão de homenagens à romancista sergipana foi realizada pela UFS, durante o XVIII Seminário Internacional Mulher e Literatura. No evento, além de duas mesas de debates dedicadas à obra da romancista e uma encenação teatral adaptada em um de seus romances, foram lançados três livros em sua memória: duas coletâneas de textos acadêmicos, *Centenário de Alina Paim: uma poética na tecitura do tempo* e *Alina Paim: resgate de uma narrativa poética*, ambos focados em temas recorrentes de suas obras, principalmente, aqueles relacionados ao universo feminino; e, *A Casa da Coruja Verde*¹³, esta última, reedição de uma das obras infantis da escritora. Portanto, os conflitos, embates e dilemas vividos pela romancista diante de sua militância enquanto comunista, foram tratados com menor importância e, quando realizados, se reduziram a algumas de suas ações isoladas.

Em *A obra de Alina Paim*, de 2009, Ana Maria Leal Cardoso, divide a literatura paimiana em dois planos estéticos: um social/político, outro existencial/psicológico. Para a pesquisadora, nas obras *Estrada da Liberdade*, *A Sombra do Patriarca*, *A Hora Próxima* e *A Sétima Vez*, a escritora sergipana transparece em suas narrativas, os problemas e mazelas regionais típicos dos romances sociais nas décadas de 1930 e 1940; por outro lado, *Simão Dias*, *Sol do Meio Dia*, *A correnteza* e a trilogia de *Catarina*, são tratados por Cardoso como romances psicológicos, prevalecendo o existencialismo da romancista¹⁴. Embora as duas facetas estéticas realmente fazerem parte do conjunto da obra paimiana, elas não estão categoricamente dissociadas, como demonstra a pesquisadora. A própria Alina Paim discordando de tal separação, afirmou:

Considero um pouco arbitrária essa divisão. Penso que todo romance psicológico já é um romance social. Com a importância cada vez maior da vida social, o romance reflete com mais densidade interesses, acontecimentos, aspirações coletivas. O romance psicológico é no fundo romance social. Por exemplo: um “Adolfo”, de Benjamin Constant, um “Vermelho e Negro”, de Stendhal, são típicos romances sociais, expressando através da psicologia dos indivíduos a vida da sociedade¹⁵.

¹³ ALINA Paim recebe homenagem no XVIII Seminário Internacional Mulher e Literatura. Universidade Federal de Sergipe - UFS. Aracajú. 13 de agosto de 2019. Disponível em: <https://cech.ufs.br/conteudo/64003-alina-paim-recebe-homenagem-no-xviii-seminario-internacional-mulher-e-literatura>. Acesso em: 19 nov. 2021.

¹⁴ CARDOSO, Ana Maria Leal. *A obra de Alina Paim*. In: Interdisciplinar, São Cristóvão-SE, Ano IV, v. 08, p. 35-45, jan.-jun. 2009.

¹⁵ MEIRA, Mauritoni. *Alina Paim* (escritora com rosto de adolescente) faz romance (social) com a participação do povo!. In: Última Hora, nº 999, Ano IV, Rio de Janeiro: 18 de set. 1954. pp. 13-14.

Em *Estrada da Liberdade* e *Simão Dias*, apontados por Cardoso como romance social e psicológico, respectivamente, observa-se justamente o que Alina Paim defende na citação anterior: uma relação indissociável entre as duas estéticas. Em ambas as obras, a inspiração da romancista são suas experiências de infância e juventude, externando um “eu” existencial em tons autobiográficos. Contudo, a narrativa é entrecruzada com denúncias à precariedade da educação e combate ao patriarcalismo, reflexões de importante impacto social e coletivo. Essa perspectiva é corroborada por Elódia Xavier, em *Alina Paim: duas faces da mesma moeda*, de 2009, afirmando que o social e o psicológico são as duas faces do conjunto da obra paimiana, mobilizados, concomitantemente, pela escritora em grande parte de seus romances¹⁶.

Por conseguinte, os dois primeiros romances de Alina Paim, *Estrada da Liberdade* e *Simão Dias*, são muito bem analisados em *A política no feminino: Uma história das mulheres no Partido Comunista do Brasil (1942-1949)*, de Iracélli da Cruz Alves, no ano de 2015. Mesmo tendo como foco principal a análise da mulher comunista em geral, o trabalho apresentado como dissertação de mestrado é uma das únicas pesquisas da área de História, dedicando um capítulo à atuação de Alina Paim no PCB, durante a década de 1940. Além da participação da escritora sergipana em ações no espaço público, como na criação da Federação de Mulheres do Brasil (FMB), em 1949, o estudo apresenta a sensibilidade literária da romancista, retratando em suas obras os problemas vividos pelo universo feminino¹⁷.

O terceiro romance de Alina Paim, *A Sombra do Patriarca*, destaca com maestria as imposições patriarcais vivenciadas no nordeste brasileiro. A obra é objeto de análise de Ana Maria Leal Cardoso em *Uma leitura feminista da narrativa de Alina Paim*, de 2007. Embora utilize de maneira questionável o termo feminista em sua tese, tendo em vista que Alina Paim e grande parte das mulheres comunistas da década de 1950 não se definiam como pertencentes ao movimento, Cardoso demonstra a literatura paimiana como meio de crítica e rompimento ao modelo patriarcal¹⁸.

¹⁶ XAVIER, Elódia. *Alina Paim: as duas faces da mesma moeda*. In: XIII Seminário Nacional e IV Seminário Internacional Mulher e Literatura: memórias, representações, trajetórias. Universidade Potiguar, Natal, set, 2009.

¹⁷ ALVES, Iracélli da Cruz. *A política no feminino: uma história das mulheres no Partido Comunista do Brasil – Seção Bahia (1942-1949)*. 2015. 477 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA, 2015.

¹⁸ CARDOSO, Ana Maria Leal. *Uma leitura feminista da narrativa de Alina Paim*. In. Anais do III Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades. Campina Grande, Editora Universitária da UFPB, pp. 1-8, 2007.

Por conseguinte, as produções infantis de Alina Paim são objeto de análise de Rosa Gens, em *Elementos da ficção infanto-juvenil de Alina Paim*, de 2009. O artigo destaca os trabalhos da escritora como romancista, criando roteiros para o programa “No Reino da Alegria”, da Rádio Ministério da Educação e Cultura (MEC), entre 1945 e 1956. Após o fim do programa, os enredos são transformados em obras literárias e publicadas no decorrer da década de 1960, sob os títulos: *O Lenço Encantado*, *A Casa da Coruja Verde*, *Luzbela vestida de Cigana* e *Flocos de Algodão*. No texto são apresentados os mundos fantasiosos criados por Alina Paim, comparando sua produção com as representações mágicas de Monteiro Lobato, em *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, lançado anteriormente, entre 1920 e 1947¹⁹.

A Hora Próxima, o quarto romance de Alina Paim, é seu projeto literário de maior cunho político. Publicada em 1955, pela “Editorial Vitória, como XII volume da Coleção Romances do Povo”²⁰, a obra representa a iniciativa político-cultural pecebista, de difundir os ideais do realismo socialista no Brasil, através da literatura. Formalizado em 1934, por Andrei Zhdanov e Máximo Gorki, intelectuais próximos a Stalin e membros do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), os objetivos desta estética, central ao projeto cultural soviético eram, em linhas gerais, produzir materiais que fomentam a difusão do imaginário do Partido, de forma simples e heroica, dentro das camadas populares pelo mundo²¹. Seguindo tal estética, o PCB delegou a Alina Paim a “missão” de debruçar-se sobre os acontecimentos que ocorriam em uma série de greves ferroviárias no sudeste brasileiro, iniciadas em 1949, e que contava com participação efetiva das mulheres dos trabalhadores no processo paredista. Assim, *A Hora Próxima* é produto das experiências vividas pela autora durante o período em que conviveu com as famílias grevistas vinculadas a Rede Mineira de Viação (RMV). O movimento que se estendeu pelas cidades de Cruzeiro (SP), Soledade de Minas (MG), Três Corações (MG), Itajubá (MG), Divinópolis (MG) e Barra Mansa (RJ), reivindicava melhores condições de trabalho por parte dos ferroviários, além de uma assistência maior às suas famílias. Sendo assim, a obra destaca dois pontos centrais: a luta proletária, típica de uma produção cultural comunista; e o protagonismo feminino, tema recorrente na literatura paimiana, neste caso, representado pelas esposas dos ferroviários que assumem a frente das ações grevistas.

¹⁹ GENS, Rosa. *Elementos da ficção infanto-juvenil de Alina Paim*. In. Interdisciplinar, São Cristovão-SE, V.8, pp. 47-55, jan.-jun. de 2009.

²⁰ MORAES, Dênis de. *O Imaginário Vigiado: a Imprensa Comunista e o Realismo Socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p. 62. “Durante o período em que o realismo socialista ficou em evidência no Brasil, a Coleção Romances do Povo foi sua maior expressão literária”.

²¹ RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995. p. 21.

Quem primeiro dedicou sua pesquisa à *A Hora Próxima*, foi Ilka Maria de Oliveira, na dissertação de mestrado em Teoria Literária, *A literatura na revolução - Contribuições literárias de Astrojildo Pereira e Alina Paim para uma política cultural do PCB nos anos 50*, defendida em 1998. No estudo, a pesquisadora defende que os dois escritores e militantes comunistas foram determinantes no processo de divulgação da ideologia partidária através de suas produções culturais. No caso de Astrojildo Pereira, as obras *Construindo o PCB – 1922-1924* (1980), *Crítica Impura* (1963), *Interpretações* (1944) e *Formação do PCB* (1976), são tomados como textos base na elaboração da História e Memória partidária, bem como, das reflexões sobre a teoria política defendida pelo Partido. Por outro lado, o romance de Alina Paim é tratado como responsável por levar até ao público leitor, o ideário comunista de maneira pedagogicamente mais leve, quando comparada aos densos textos teóricos²². Sendo assim, embora ligado ao campo das Letras, o estudo de Oliveira está bem próximo de uma perspectiva da área de História, oferecendo-nos informações relevantes acerca da militância e produção cultural de Alina Paim.

De maneira semelhante, Fabiana Lisboa Ramos Menezes desenvolveu a pesquisa *Pelos Trilhos da Memória: Alina Paim e o Realismo Socialista em A Hora Próxima*, em 2016. Como o título infere, a pesquisadora propõe um estudo da obra, buscando reconhecer em seu enredo, as marcas da estética literária soviética. Diante da narrativa construída pela romancista a partir das pesquisas de campo entre os ferroviários grevistas, a ênfase do trabalho de Menezes encontra-se na defesa de uma ficção memorialística, utilizando de alguns argumentos históricos para legitimar sua leitura da obra paimiana. Desse modo, o estudo promove uma relação entre História, Memória e Literatura, sobretudo, baseia-se nas verossimilhanças entre a narrativa do romance e a realidade contextual das greves, através dos noticiários jornalísticos da época²³.

Não obstante, o trabalho conjunto de Euler Telles e Ana Maria Leal Cardoso apresenta um peculiar viés representativo da obra de Alina Paim. Em *O imaginário mítico-simbólico na narrativa ficcional de Alina Paim*, de 2010, os autores promovem uma reflexão sobre o imaginário mitológico presente nas personagens femininas de *A Hora Próxima*. O intuito do artigo é condicionar as representações da condição feminina no romance paimiano, aos arquétipos das deusas gregas Ártemis, Atenas, Héstita, Hera, Démeter, Pérsefone e Afrodite.

²² OLIVEIRA, Ilka Maria de. *A literatura da revolução: contribuições literárias de Astrojildo Pereira e Alina Paim para uma política cultural do PCB nos anos 50*. 1999. 168 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP: Campinas-SP, 1999.

²³ MENEZES, Fabiana Lisboa Ramos. *Pelos trilhos da memória: Alina Paim e o realismo socialista em A hora próxima*. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão-SE, 2016.

Sem dúvidas, um dos trabalhos mais interessantes em torno da romancista, transitando entre métodos da análise literária, psicologia e História²⁴. No mesmo sentido, Ana Maria Leal Cardoso amplia a reflexão, em *Deusas, bruxas e serpentes: as faces do feminino da ficção de Alina Paim*, publicado em 2011. Tendo como referência as personagens femininas de *A Sombra do Patriarca*, a pesquisadora destaca a representação dos mitos relativos ao feminino que podem ser observados na obra. O objetivo é demonstrar uma similaridade do mito com as ações das mulheres no romance, revelando assim, relações entre o pensamento individual e coletivo²⁵.

Por fim, apresenta-se o livro *A Romancista Alina Paim*, de autoria do jornalista Gilberto Francisco dos Santos - ou apenas Gilfrancisco, publicado em 2008. Apenas parte da obra, uma breve biografia e uma entrevista com a romancista são escritas pelo autor. O restante, trata-se de um compilado de informações, como fotografias, prefácios e comentários dos romances paimianos, além de entrevistas concedidas à terceiros pela escritora²⁶. Com caráter jornalístico, o trabalho realizado por Gilfrancisco é, sem dúvidas, um dos mais importantes materiais de consulta para pesquisadores interessados no estudo da vida e obra de Alina Paim.

Diante do exposto e visando contribuir com um olhar de historiador aos estudos sobre a romancista de Alina Paim, este estudo opta pelos caminhos teóricos e metodológicos da *História Intelectual* e da *História dos Intelectuais* de tradição francesa, campo de estudos em ascensão nos últimos anos, tendo em vista o aumento significativo de pesquisadores interessados pela temática²⁷. Nessa perspectiva, são mobilizados conceitos e categorias, como a noção de intelectual, cultura política, itinerários, sociabilidades, representações, edições e recepção, dentre outros suportes técnicos que nos auxiliam na formulação de nossas hipóteses e a pensar na trajetória de Alina Paim enquanto mulher, escritora e, principalmente, como uma intelectual.

**

A História Intelectual e *A História dos Intelectuais* consolidaram-se na década de 1980, como parte das propostas da história do político renovado, de tradição francesa. Até então, as análises políticas passavam por um período de ostracismo, diante da predileção pela compreensão da atividade humana em uma dimensão social e econômica, defendida pelas duas

²⁴ TELES, E. L.; CARDOSO, A. M. L. *O imaginário mítico-simbólico na narrativa ficcional de Alina Paim*. In: Scientia Plena 6, 125701: Alagoas, 2010.

²⁵ CARDOSO, Ana Maria Leal. *Deusas, bruxas e serpentes: as faces do feminino da ficção de Alina Paim*. Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. pp. 1-11.

²⁶ GILFRANCISCO. *A Romancista Alina Paim*. Aracaju: Edições GFS, 2008.

²⁷ Uma rápida consulta realizada ao Diretório de Grupos de Pesquisa da Plataforma Lattes, apresentou o registro de 51 grupos específicos em História Intelectual e mais 351 que de alguma forma envolvem a temática.

primeiras gerações da *École des Annales*. Tal descrédito pelo político, prejudicou por décadas os estudos em torno das atividades intelectuais no espaço público, pois, “empreendida pela via indireta da história dos engajamentos individuais, ela se situava – duplo defeito – no cruzamento da biografia e do político; considerada sob o ângulo coletivo.”²⁸

Aproveitando-se da “virada culturalista” promovida pela terceira geração dos *Annales* no final da década de 1960, a *História Intelectual* começou a ganhar espaço e força na historiografia francesa, principalmente por tratar-se de “um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural”²⁹. Contudo, se por um lado o diálogo com outras perspectivas apresentava a riqueza de tais abordagens, por outro, representava também seus principais problemas, principalmente em relação à definição da “noção de intelectual”.

Anteriormente, a terminologia *intelligentsia* havia sido utilizada pelo filósofo polonês Karol Libelt, em sua obra *On Love of the Fatherland*, no ano de 1844. Nesse contexto, a expressão definia a atividade de acadêmicos, professores, religiosos, dentre outros fazeres profissionais de relevância social. Por outro lado, em combate ao absolutismo czariano, o jornalista Pyotr Boborykina introduziu a palavra na imprensa russa, relacionando-a ao movimento de agentes interessados por um sistema político constitucional no país³⁰. Contudo, como destaca Carlo Marletti, a última década do século XIX mudaria a configuração de utilização da expressão por meio do manifesto de repúdio pela acusação de traição destinada ao oficial do exército francês, o judeu Alfred Dreyfus. O documento chamado *Manifesto dos Intelectuais*, publicado no jornal *L'Aurore*, em 14 de janeiro de 1898, com a liderança de Emile Zola e assinado por jornalistas, escritores, professores e artistas, representou a contestação dos progressistas pela revisão do processo de Dreyfus, tendo em vista que a acusação era uma farsa antissemítica da ala conservadora francesa, condicionando assim, a “noção de intelectual” a atuação engajada de agentes no espaço público.³¹

Diante das mutações de sua definição ao longo da História, construiu-se a ideia que a “noção de intelectual” possui caráter polissêmico. Procurando avançar na acepção conceitual, mas mantendo sua perspectiva variável, os estudos sobre a intelectualidade francesa do século XX, sobretudo os desenvolvidos por Jean-François Sirinelli e Pascal Ory, foram determinantes

²⁸ SIRINELLI, Jean-François. *Os Intelectuais*. In: REMOND, René. Por uma História Política. Tradução: Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 234.

²⁹ *Ibid.* p. 232.

³⁰ REIS FILHO, Daniel Aarão. *Intelectuais e política nas fronteiras entre Reforma e Revolução*. In. Intelectuais História e Política. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. pp. 11-34.

³¹ MARLETTI, Carlo. *Intelectuais*. In. Dicionário de Política A-K. Volume 01. Brasília: Universidade de Brasília, 1998. p. 637.

para o debate historiográfico. Para os historiadores franceses, um(a) intelectual define-se como:

[...] um homem [ou mulher] do cultural, criador ou mediador; colocado em uma situação de homem [ou mulher] do político, produtor ou consumidor de ideologia. Nenhuma simples categoria socioprofissional, nem um simples personagem irreduzível. Trata-se de um *status*, como da definição sociológica; mas transcendente por uma vontade individual, como na definição ética; e voltado para o coletivo³².

Indubitavelmente, essa foi a principal leitura teórica que nos levou a analisar Alina Paim enquanto uma intelectual comunista. Observa-se que para além de uma categoria profissional, trata-se de uma descrição ampla, simultaneamente definida por um agente produtor de cultura, engajado politicamente e movido por desejos individuais e coletivos. Considerando, assim, aspectos literários e políticos; temas nacionais e internacionais; além de informações individuais e coletivas, dentro de amplos e complexos “jogos de escalas”³³. Nesse sentido, dentre as possibilidades de análise que a historiografia oferece, opta-se neste estudo, acompanhar as considerações da *História Intelectual*, formuladas pelo historiador francês, François Dosse. Para o pesquisador:

Sem intenção imperial, esta história intelectual simplesmente visa fazer com que se expressem ao mesmo tempo as obras, seus autores e o contexto que os viu nascer, de forma a rejeitar a alternativa empobrecida entre uma leitura interna das obras e uma abordagem externa que priorize apenas as redes de sociabilidade. A história intelectual tem como objetivo dar conta das obras, dos percursos, dos itinerários, para além das fronteiras disciplinares³⁴.

As concepções de Dosse nos apontam um caminho interessante para as pretensões deste estudo. Ao ampliar a análise da(o) intelectual para além das fronteiras disciplinares, o historiador rompe com metodologias que promovem o afastamento entre autor(a) e obra. Na verdade, ocorre o surgimento de uma possibilidade em articular as duas questões, analisando, intrinsecamente, “uma análise interna das obras e dos produtos culturais, os quais têm

³² SIRINELLI, Jean-François & ORY, Pascal. *Les intellectuels en France: de l’affaire Dreyfus à nos jours*. Paris: Éditions Perrin, 2004. p.15. (Tradução nossa).

³³ SIRINELLI, Jean-François. *Abrir a História: novos olhares sobre o século XX francês - Um Ensaio*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014. Nesta obra, o autor apresenta como método de abordagem, a análise dos “jogos de escalas” políticos. Para tanto, utiliza como referência as concepções clássicas da democracia ateniense da *Ágora* - o espaço público em que o agente político atua; à *Cité* - o espaço social onde a política é discutida entre todos; e pensando no mundo contemporâneo globalizado, acrescenta ao mundo - relações políticas internacionais como às do século XX. Assim, a alternância das ações do agente e/ou grupo político dentro destes jogos de escalas - da *Ágora* à *Cité* e ao mundo - torna-se indispensável em um estudo sobre intelectuais.

³⁴ DOSSE, François. *La marcha de las ideas: historia de los intelectuales, historia intelectual*. Valencia: Universidad de Valencia, 2007. p. 14. (Tradução nossa).

inteligibilidade assegurada no sistema interno de sua produção”³⁵; além das “condições sociais de produção das obras e os desdobramentos de seu contexto de produção”³⁶. Portanto, é neste sentido que se pretende analisar Alina Paim enquanto uma intelectual, não tratando somente da análise das representações e aspectos formais de seus romances, tampouco limitando-se às suas ações no espaço público como militante comunista, mas sim, entrecruzando as duas questões.

Em relação aos aspectos externos indicados por Dosse, as contribuições de Jean-François Sirinelli, expoente da *História dos Intelectuais* de tradição francesa, tornam-se essenciais para esta reflexão. Para o pesquisador, a(o) intelectual apresenta-se como sujeito social e histórico, sendo receptor, produtor e intermediador de ideais. Suas colocações partem de dois princípios básicos, “uma sociológica e cultural, que engloba mediadores culturais: jornalistas, escritores e sábios; outra política, fundada na noção de engajamento, direto ou indireto, sendo as duas complementares, podendo e devendo ser articuladas”³⁷. Isso significa uma categoria de análise que apresente o agente cultural e suas inscrições socialmente emergentes, trazendo à tona o emprego de questões sobre “a reconstrução de itinerário (trajetória) e estruturas de sociabilidade”³⁸.

Os “itinerários”, que estão diretamente relacionados a aspectos biográficos dos agentes, partem da reflexão sobre o engajamento políticos dos mediadores culturais, indicando um intelectual preocupado com as questões sociais, aproximando-o dos problemas mundanos e inserindo-o em múltiplos espaços de ação, propícios para a execução de suas intervenções públicas³⁹. Por conseguinte, partindo das contribuições teóricas de Maurice Agulhon, Sirinelli destaca que as estruturas de sociabilidade constituem-se por núcleos que concentram a atuação dos intelectuais. Sua gênese ocorre nos espaços familiares, orientando a formação inicial do indivíduo, antes ainda de tornar-se um “ser social”. Além disso, configuram-se por ambientes de encontro e fomentação intelectual, tais como uma revista; uma editora; através de manifestos e abaixo-assinados; partidos políticos; universidades; enfim, uma série de “redes e/ou microclimas” que estruturam as ações no meio intelectual. Ademais, são formadas por forças antagônicas de “adesão (pelas amizades, fidelidades e influências); e/ou de exclusão (pelas

³⁵ PONTES, Heloísa. *Círculos de intelectuais e experiência social*. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, v. 12, n. 34. 2010. p. 10.

³⁶ *Ibid.*

³⁷ SIRINELLI, Jean-François. Op. Cir. 2003. pp. 242-243.

³⁸ *Ibid.* p. 254-256. O autor desenvolve ainda uma terceira concepção dentro deste escopo, a noção de geração. No entanto, para esta pesquisa, optou-se pela utilização apenas dos dois conceitos apresentados: itinerários e redes de sociabilidade.

³⁹ *Ibid.* pp. 244-248.

posições tomadas, debates suscitados e cisões resultantes)”⁴⁰. Assim, podem unir intelectuais harmonicamente por um credo em comum, como também separá-los, por tensões e conflitos. Nesse sentido, pode-se pensar Alina Paim, concomitantemente, como produtora cultural, além de mediadora da cultura política comunista.

Originário das Ciências Sociais estadunidenses nas décadas de 1950 a 1960, as discussões sobre cultura política partiram da necessidade de compreender os sistemas políticos do período, motivados pela negação que a racionalidade seria a única explicação para as ações políticas na sociedade. Em contraponto à perspectiva estadunidense que engessava a mobilização conceitual, Serge Berstein propôs uma acepção de cultura política em seu sentido antropológico, baseado na premissa que todas as ações e decisões políticas, também são influenciadas pelo cultural. Sendo assim:

No centro da nova atenção dada doravante pelos historiadores ao fenômeno cultural, a cultura política ocupa um lugar particular, ela é apenas um dos elementos da cultura de uma sociedade, o que diz respeito aos fenômenos políticos. Mas, ao mesmo tempo, revela um dos interesses mais importantes da história cultural, o de compreender as motivações dos atos dos homens num momento da história, por referência aos sistemas de valores, de normas, de crenças que partilham, em função da sua leitura do passado, das suas aspirações do futuro, das suas representações da sociedade, do lugar que nele tem e da imagem que tem de felicidade⁴¹.

Essa perspectiva supõe que os agentes políticos não agem somente por ideias racionais e interesses, mas também “são movidos por paixões e sentimentos, como medo, ódio e esperança; são mobilizados por meio de representações e imaginários”⁴², sendo assim, “determinados não apenas por projetos sistemáticos e coerentes, mas por determinação também de fatores culturais”⁴³. Consequentemente, por ampliar as possibilidades de apropriação do conceito de cultura política, trata-se de uma abordagem que não privilegia um modelo ou corrente política em específico. Assim, tanto aquelas relacionadas ao viés da esquerda, quanto da direita, podem valer-se de tal definição.

Nesse sentido, baseado nas definições de cultura política da historiografia francesa, Rodrigo Patto Sá Motta destaca que um dos principais motivos do sucesso e longevidade do projeto comunista no Brasil, foram as “representações políticas” das ações intelectuais de seus

⁴⁰ SIRINELLI, Jean-François. *Op. Cit.* 2003, p. 249.

⁴¹ BERSTEIN, Serge. *A Cultura Política*. In: RIOUX, J. P; SIRINELLI, J. F. Para uma história cultural. Lisboa: Estampa, 1998. p. 363

⁴² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. Cit.* 2013, p. 17.

⁴³ *Ibid.*

militantes, resultando em um:

[...] conjunto de valores, tradições, práticas partilhadas por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro. Vale ressaltar que se trata de “representações” em seu sentido amplo, configurando conjunto que inclui ideologia, linguagem, memória, imaginário e iconografia, implicando mobilizações de mitos, símbolos, discursos e vocabulários e diversa cultura visual. Reiterando, trata-se de uma definição próxima a perspectiva antropológica, mas que comporta também, e integra, expressões artísticas e manifestações estéticas.⁴⁴

As reflexões de Motta, indicam que as ações intelectuais na cultura política comunista, implicam em um conjunto de representações amplo e complexo, próximo da definição de Roger Chartier, ao lidar “com a problemática do mundo como representação, moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam”⁴⁵. Para o historiador francês, tais representações não são neutras, pois determinam modos como indivíduos e/ou grupos identificam e defendem interesses de suas visões sobre realidade social, sendo, portanto, compreendidas através de diferentes modos discursivos, de acordo com a posição de quem os profere⁴⁶. Nesse sentido, as formas como Alina Paim representa o comunismo em suas ações intelectuais, permite-nos pensar sobre a energia social inscrita em sua produção cultural.

O conjunto amplo que estrutura as representações da cultura política comunista, podem ser divididas entre as influências soviéticas e as particularidades nacionais. Do comunismo internacional, se consolidam as heranças oriundas da Revolução Bolchevique de 1917 e expandidas após a formação da Internacional Comunista, em 1919. A foice e o martelo, a cor vermelha, as celebrações do Primeiro de Maio, a entonação ao hino da “Internacional”, tornaram-se símbolos de afinidade ao comunismo internacional. O mesmo ocorre com o pensamento filosófico marxista, convidando a união do proletariado mundial contra a opressão, alimentando um discurso inflamável de um Partido infalível, baseado na convicção de que a Revolução seria a solução para o atraso social e modificaria as estruturas sociais, formando o “novo homem e a nova mulher”. Por fim, o culto às grandes lideranças, Lenin e Stalin, vistos como heróis e inspirando novas adesões aos quadros da militância comunista ao redor mundo⁴⁷.

No Brasil, a ressignificação das representações internacionais promoveu algumas

⁴⁴ *Ibid.* pp. 17-18.

⁴⁵ CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990. p. 2

⁴⁶ *Ibid.* p. 19.

⁴⁷ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. Cit.* 2013. p. 27.

nuances. Além da admiração aos líderes soviéticos, a política pecebista passou pela personificação nacional, principalmente através da figura de Luiz Carlos Prestes. Não por acaso, foi após encontrar no “cavaleiro a sua esperança”, que o PCB conseguiu maior expressão popular. A criação de um vocabulário próprio entre a militância, também serve como fator de caracterização da cultura política comunista brasileira: o Partido, sempre escrito com P maiúsculo e o termo companheiro e/ou camarada, para referir-se aos pares partidários, são alguns exemplos⁴⁸.

Não obstante às representações literárias dos romances paiminos, a *História do Livro* enquanto mercadoria e signo cultural, como indica Chartier, torna possível “colocar face ao historiador, num campo homogêneo sem hierarquização e não exclusivo, todos os discursos que, num momento dado, tornam-se livros”⁴⁹. Isso significa que, para além da difusão de ideias e valor contidas em seu texto, nos processos intermediários relativos ao comércio livreiro e de estratégias editoriais, são formadas redes complexas que se interpenetram e se entrecruzam, formando um circuito comunicacional que, conforme Robert Darnton, contempla autores, editores, impressores, expedidores, livreiros e leitores, sendo o autor, ponto inicial da rede, também um leitor⁵⁰. Assim, tais formulações auxilia-nos a refletir todo o processo que envolve a produção literárias de Alina Paim, desde a sociabilidade estabelecida entre a romancista e os agentes e/ou instituições responsáveis pela publicação e divulgação de suas obras; passando pelas questões materiais e estéticas do livro; até sua recepção final, tanto pela escritora, quanto por seus pares.

Por conseguinte, esta última perspectiva de análise, a recepção da literatura paimiana, está condicionada às visões que a própria romancista tem de sua obra, mas também das formas pelas quais seus sentidos são significados pela crítica literária da época. De acordo com Michel de Certeau, o consumo cultural está relacionado a duas categorias de análise: as estratégias, que buscam produzir e impor um certo sentido, no caso da literatura, uma prática do escritor e do editor; e as táticas, que dão origem a diferentes modos de fazer, neste caso, praticada pelos leitores⁵¹. Nesse sentido, por mais que autores e/ou editores criem estratégias para direcionar o sentido de suas produções, como imagens, notas e vocabulários próprios para um público alvo,

⁴⁸ *Ibid.*

⁴⁹ CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. *O livro: uma mudança de perspectiva*. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Tradução de Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1974. p. 100.

⁵⁰ DARTON, Robert. *O que é a história dos livros*. In: O Beijo de Lamourette. Mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia. Das Letras, 2010. pp. 121-128.

⁵¹ CERTEAU, Michel de. *Introdução geral*. In: A invenção do cotidiano. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 17ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 46.

o leitor, em sua capacidade de interpretá-las, utiliza táticas para as ressignificar⁵². No que se refere a essa apropriação dos textos literários, que conforme Chartier, “postula a invenção criadora nos próprios processos de recepção”⁵³, quando se trata dos pareceres de críticos literários, como é a proposta deste estudo, está condicionada aos jogos políticos que envolvem a intelectualidade brasileiras nas décadas de 1940 e 1950. Dessa forma, as leituras especializadas dos romances de Alina Paim são compreendidas também, como atos políticos.

Para tanto, busca-se observar a cultura impressa como “meio de expressão de ideias e depósito de cultura. Nela encontramos dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas e políticas”⁵⁴. Durante o recorte temporal analisado, a estrutura jornalística pecebista tornou-se uma das maiores do país, perdendo em quantidade de órgãos, apenas para o Grupo Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Em seu auge, a *Imprensa Popular* agregou a comunicação partidária em diversos estados do Brasil, inclusive, criando um órgão para a distribuição nacional, a INTERPRESS⁵⁵. Pensada enquanto estrutura de sociabilidade, a imprensa permite-nos refletir os processos que envolvem a literatura paimiana e sua trajetória como militante, através de pareceres críticos e divulgação de suas obras, entrevistas com a romancista, artigos e contos de sua autoria, colaboração em manifestos e abaixo-assinados, participação em eventos nacionais e internacionais, envolvimento nos debates públicos, enfim, diversas perspectivas relacionadas ao seu espaço de ação enquanto uma intelectual comunista.

Diante das delimitações teóricas e metodológicas apresentadas, as questões centrais que orientam este estudo são: Como se deu a inserção de Alina Paim no cenário literário nacional, sua incorporação no PCB e atuação como militante comunista? Quais os limites existentes entre a liberdade de criação da escritora e as intervenções partidárias? Diante de significativa produção cultural e atuação política de sua época, quais fatores levaram a escritora sergipana ao desconhecimento público na atualidade?

No interior da sociabilidade comunista brasileira, uma metáfora buscava justificar a forte adesão intelectual ao PCB. Fazendo analogia a partes do corpo humano, o indivíduo

⁵² CERTEAU, Michel de. *Ler: uma operação de caça*. In. *A invenção do cotidiano*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 17ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011. pp. 236-248.

⁵³ CHARTIER, Roger. *Formas e sentidos da cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Tradução de Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 136.

⁵⁴ CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988. p. 20.

⁵⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A verdadeira pátria dos trabalhadores: a URSS e as edições comunistas*. In. ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson (org.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado de Letras, v. 1, pp. 349-350

tornava-se comunista através do cérebro, do estômago e/ou do coração. Movidos pelo cérebro, os militantes eram atraídos pela força representativa do Partido; pelo estômago, eram seduzidos pela luta contra a miséria e desigualdade; e, pelo coração, diante da inspiração crítica associada ao comunismo⁵⁶. Nesse sentido, surge a primeira hipótese deste estudo: Alina Paim encontrou na militância comunista a possibilidade de integrar uma vanguarda que além de inspirar seu fazer literário, lhe proporcionou expandir seu trabalho intelectual, através da estrutura cultural do Partido, com seus jornais, revistas e editoras. Não por acaso, a filiação oficial da escritora ao PCB, ocorreu quase que simultaneamente à sua estreia no cenário literário nacional, com o romance *Estrada da Liberdade*, publicado pela Leitura, editora vinculada ao Partido, em 1944. A partir de então, Alina Paim torna-se figura ativa nas estruturas de sociabilidade comunistas.

Por conseguinte, essa relação entre escritora e Partido, leva-nos a pensar sobre as possíveis intervenções partidárias em sua liberdade de criação. Na cultura política comunista, foram comuns as tentativas de manipulação do Partido em relação à produção cultural e utilização da imagem de sua militância intelectual⁵⁷. No caso de Alina Paim, observa-se que em suas três primeiras obras, *Estrada da Liberdade*, *Simão Dias* e *A Sombra do Patriarca*, embora o comunismo e o Partido apareçam de maneira tênue, não existem evidências que apontem para a interferência partidária em seus enredos. Por outro lado, em *A Hora Próxima*, por tratar-se de um romance encomendado pelo PCB como parte do projeto de expansão do realismo socialista no Brasil, surgem algumas polêmicas em relação à censura pecebista, principalmente quando analisado o atraso em seu lançamento. Não obstante, graças a uma intensa estratégia publicitária que criou uma enorme expectativa ao público leitor, teve sua edição de 10 mil exemplares esgotada em poucos dias, fazendo da romancista o centro das atenções nos debates literários naquele contexto. Desse modo, destaca-se a segunda hipótese desta pesquisa: Assim como o Partido utilizou da literatura paimiana como maneira pedagógica de levar os ideais comunistas às massas, o uso da imagem e organização cultural partidária fez Alina Paim ampliar o alcance de sua produção intelectual.

A trajetória de Alina Paim e sua militância junto ao PCB indicam a substancialidade de sua atuação cultural e política de diversos modos. Desde a colaboração com os meios de comunicação da “Imprensa Popular” comunista; passando pela ocupação de cargos internos e participação em eventos nacionais e internacionais; até ser a única autora brasileira presente em

⁵⁶ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. Cit.* 2013, p. 19.

⁵⁷ Caso emblemático foi o de Graciliano Ramos. Ver: MORAES, Dênis de. *O velho Graça*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

uma Coleção de romances que promoveu o realismo socialista no Brasil. Contudo, mesmo com substancial contribuição, a terceira hipótese deste estudo acredita que, mesmo fazendo parte do grupo de importantes intelectuais comunistas dos anos de 1940 e 1950, a trajetória de Alina Paim foi marginalizada durante as décadas seguintes, levando-a, inclusive, ao desconhecimento de grande parte do público na atualidade.

Diante disso, resta-nos indicar as fontes que orientaram as análises propostas. Tarefa nada fácil, pois como afirma Jean-François Sirinelli, o historiador dos intelectuais sofre com uma pesquisa, “longa e ingrata, e pela exegese de textos”⁵⁸. Dada a abundância de documentação disponível, vive-se a síndrome do mineiro citada por Tocqueville, “como o minerador de ouro sobre cuja cabeça a mina tivesse desabado: estava esmagado sob o peso de minhas notas e não sabia mais como sair dali com meu tesouro”⁵⁹.

O primeiro conjunto de fontes mobilizadas neste estudo é formado pelas versões originais dos quatro primeiros romances de Alina Paim: *Estrada da Liberdade*, de 1944, publicado pela Editora Leitura; *Simão Dias*, de 1949, lançado pela Livraria-Editora Casa do Estudante do Brasil; *A Sombra do Patriarca*, de 1950, da Editora Globo; e, *A Hora Próxima*, de 1955, 11º volume da Coleção Romances do Povo, da Editorial Vitória.

A opção pela escolha dos quatro romances, nos permite refletir sobre os deslocamentos no fazer literário de Alina Paim em relação às condições sócio-intelectuais de produção, considerando que seus processos de escrita e publicação encontram-se, temporalmente, condicionados no período de intensa atuação política da romancista junto ao PCB, entre os anos de 1944 e 1956. Nesse sentido, os romances são analisados baseados na perspectiva ampla da *História dos Livros*, englobando questões relativas à autoria, e os desdobramentos de seus processos editoriais. Ademais, norteadas pela historiografia francesa apresentada anteriormente, são verificadas as representações sociais e da cultura política comunista presente nos romances.

No caso de *Estrada da Liberdade*, *Simão Dias* e *A Sombra do Patriarca*, Alina Paim prioriza as problematizações sobre a condição feminina, principalmente em relação à naturalização da dominação masculina em uma sociedade misógina e androcêntrica. O comunismo e o Partido, são representados de maneira discreta, na maioria das vezes, com referências intertextuais e/ou alegóricas. Por outro lado, em *A Hora Próxima*, observa-se um

⁵⁸ SIRINELLI, Jean-François. *Op. Cit.* 2003, p. 245.

⁵⁹ *Ibid.* p. 244.

salto ideológico na literatura paimiana, dada as especificidades que seu enquadramento estético ao realismo socialista exigia. Embora a participação feminina mais uma vez esteja presente na narrativa, seu desenrolar apresenta representações amplas da cultura política comunista, exaltando a memória partidária, seus líderes, a filosofia marxista, o vocabulário próprio, a conscientização da classe trabalhadora e, principalmente, a esperança da revolução como próximo passo após o movimento grevista dos ferroviários. Contudo, para cumprir o proposto, um segundo conjunto de fontes é concomitantemente analisado.

Este, por sua vez, é composto pela cultura impressa das décadas de 1940 e 1950, disponíveis para consulta pública no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Em sua maioria trata-se de jornais, revistas e periódicos que compõem a chamada Imprensa Popular, congregando instituições comunicacionais ligadas direta ou indiretamente ao PCB, como a *Imprensa Popular*, *Voz Operária*, *Leitura, Para Todos*, *Problemas*, *Momento Feminino*, do Rio de Janeiro; *Fundamentos*, São Paulo; *O Momento*, Bahia, dentre outros.

Conforme Maria Helena Capelato, as fontes impressas apresentam-se como “instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo de ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais”⁶⁰. Em virtude disso, questionamentos básicos fazem parte do processo de utilização dessa tipologia documental, como: Quem são os seus proprietários? Quando foi produzido? Para qual público é direcionado? Quais seus objetivos e intenções?

Para facilitar a leitura do *corpus* documental, foi realizada sua transcrição para a grafia atual, no entanto, manteve-se os sentidos originais de seus textos. Assim, o texto que segue foi dividido em três capítulos e uma conclusão.

No primeiro capítulo, *De Sergipe, para o Brasil e ao mundo: da infância à inserção e atuação na cena pública*, busca-se delinear a gênese da trajetória de Alina Paim. Embora o foco deste estudo seja as problematizações em torno da relação de sua produção cultural com a militância política, o início da dissertação destaca a formação educacional da escritora, seus dilemas familiares e, sobretudo, o desenvolvimento de seu capital cultural. Análise necessária, pois justifica a estratégia narrativa de suas três primeiras obras, quando a romancista praticava

⁶⁰ CAPELATO, Maria Helena. *Op. Cit.* p. 15.

uma “escrita de si”. Em seguida, são desenvolvidas as reflexões em torno da inserção da escritora na literatura nacional, através do processo de escrita, publicação e representações do romance *Estrada da Liberdade*, em 1944, bem como, seu engajamento às estruturas de sociabilidade pecebista. Ainda, investiga-se as ações políticas de Alina Paim após sua adesão oficial ao PCB, em 1945, colaborando em revistas e jornais; participando de eventos e congressos; sendo signatária de protestos e manifestos; e, integrando à direção da Associação Brasileira de Escritores (ABDE). Ao final, verifica-se o amadurecimento da literatura paimiana através da publicação de *Simão Dias* e *A Sombra do Patriarca*, em 1949 e 1950, respectivamente. Enfim, espera-se com este capítulo cumprir os objetivos de identificar como ocorreu sua incorporação ao cenário literário nacional; destacar sua inserção na sociabilidade partidária comunista e verificar as representações políticas e sociais em seus três primeiros romances.

No capítulo II, intitulado *Por uma literatura política: o Realismo Socialista no Brasil*, aborda-se as estratégias utilizadas pela intelectualidade comunista na organização, produção e divulgação da literatura nos moldes estéticos soviéticos, durante a década de 1950. Para tanto, recorre-se ao processo de apropriação do projeto cultural soviético pela cultura política brasileira, principalmente, através da literatura e sua relação com o discurso zhdanovista e das diretrizes pecebistas do Manifesto de Agosto de 1950. Seguindo, destaca-se a trajetória da Editorial Vitória, principal editora de livros comunistas no Brasil e responsável pela publicação da *Coleção Romances do Povo*, maior iniciativa literária da estética realista socialista no país. Ademais, trata-se do processo social de escrita do romance *A Hora Próxima*, produto de uma intensa pesquisa de campo realizada por Alina Paim e integrante da Coleção destacada. Por fim, trata-se da estratégia de divulgação e publicação do referido romance, problematizando a possibilidade da existência de intervenção partidária devido aos sucessivos adiamentos em seu lançamento. Portanto, espera-se com o capítulo, alcançar o objetivo de refletir sobre os conflitos e tensões existentes na relação entre as imposições do Partido e a liberdade de criação de Alina Paim.

No terceiro e último capítulo, *A Hora Próxima: representações políticas e sociais em um romance revolucionário*, apresenta-se as principais questões tratadas por Alina Paim em seu romance, suas estratégias de escrita e a recepção crítica no meio literário. Nas três primeiras seções, são analisadas as representações políticas e sociais presentes no romance, tendo como base a verificação de sua relação com a estética do realismo socialista, os apontamentos pecebistas do Manifesto de Agosto de 1950 e as particularidades da cultura política comunista

brasileira. Na narrativa, o Partido e a ideologia comunista aparecem como orientadores das ações das mulheres e dos ferroviários grevistas, destacando o passado e o presente político como processos da formação de uma consciência de classe. Na última parte, reflete-se as diferentes leituras do romance realizadas pela crítica literária do período, obviamente, envoltas as diversas polêmicas de acordo com o perfil político de cada parecerista. Espera-se com o capítulo, abranger o objetivo de identificar se em *A Hora Próxima*, Alina Paim cumpriu sua missão de materializar o realismo socialista através da literatura.

Na conclusão, retomando as hipóteses e objetivos deste estudo, busca-se indicar que o propósito de analisar Alina Paim, sua produção literária e engajamento político, dentro da perspectiva integrada da *História Intelectual e dos Intelectuais*, foi alcançado. Obviamente, durante todo o texto essa perspectiva será defendida, contudo, elas necessitam de uma validação final. Por fim, procurando contribuir para futuras pesquisas em torno da trajetória intelectual de Alina Paim, apresenta-se alguns caminhos de análise que, por força do recorte temporal desta pesquisa, não estão inseridos nesta dissertação, mas merecem ser abordados, futuramente, por este historiador que vos escreve, ou outros pesquisadores que se interessarem pela temática.

CAPÍTULO I

DE SERGIPE, PARA O BRASIL E AO MUNDO: DA INFÂNCIA A INSERÇÃO E ATUAÇÃO NA CENA PÚBLICA

Um castelo de cartas é erguido com base num risco calculado, devido a seu frágil equilíbrio no campo em que se sustenta. É um castelo de arestas e não de preenchimentos, é cheio de lacunas, possibilitando que seja visto não só pelos lados e por cima, mas através. [...] A forma como as cartas se dispõem obedecem a uma estabilidade sutil, sujeita a desmoronar com um simples sopro.⁶¹

A descrição acima, de autoria da historiadora Natália de Santanna Guerellus, descreve a perspectiva da pesquisadora sobre a trajetória intelectual de Rachel de Queiroz. Assim como Guerellus, este estudo opta pelo sopro do castelo de cartas que é o itinerário de Alina Paim. Contudo, não se trata de um sopro em seu sentido negativo, pelo contrário, busca-se com ele, a possibilidade de reconstrução.

Ao estrear nacionalmente com seu romance *Estrada da Liberdade*, em 1944, Alina Paim integrou um seleto grupo de mulheres escritoras que, além de evidenciarem em suas obras as particularidades do universo feminino, ingressou ao androcêntrico cânone literário brasileiro de sua época; tais como Cecília Meireles (1901–1964), Gilda Machado (1893–1980), Dinah Silveira de Queiroz (1911–1982), Clarice Lispector (1920–1977), Rachel de Queiroz (1910–2003) e Lygia Fagundes Telles (1923–atual). Assim, tomando como base o início da trajetória de Alina Paim, o presente capítulo tem como objetivo analisar a gênese de sua formação profissional; sua incorporação ao cenário literário brasileiro; tal qual, sua inserção nas complexas estruturas de sociabilidade da cultura política comunista.

Em virtude disso, este capítulo encontra-se subdividido em quatro seções: A primeira apresenta um breve panorama biográfico da infância, formação educacional e profissional de Alina Paim; a segunda, através do desenvolvimento da escrita e publicação de sua primeira obra, *Estrada da Liberdade*, analisa sua incorporação no cenário literário nacional e inserção na sociabilidade comunista; a terceira focaliza em sua atuação política no espaço público, após a filiação oficial ao PCB, em 1945; e a quarta, destaca seu amadurecimento cultural e político, com o lançamento de mais dois romances: *Simão Dias* e *A Sombra do Patriarca*, de 1949 e

⁶¹ GUERELLUS, Natália de Santanna. *Como um castelo de cartas: culturas políticas e trajetória de Rachel de Queiroz (1910-1964)*. 2015. 388 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói/RJ, 2015. pp. 28-29.

1950, respectivamente. Com isso, espera-se demonstrar os caminhos que nos levaram a pensá-la enquanto mulher, escritora e, principalmente, como uma intelectual.

1.1 Memórias de família: fragmentos biográficos de uma trajetória em desenvolvimento

3. As primeiras letras você aprendeu com quem?

AP — Aprendi com minha mãe aos quatro anos. Durante um almoço de domingo, presentes meu pai e meu tio (irmão dele), disseram: amanhã vai começar a ler, aprender a ler. Minha mãe fez uma aposta com meu pai. Ele sabia que eu só iria para a escola com seis, sete ou oito anos. Ela disse que me faria aprender a ler dentro de três meses. Caso eu não aprendesse desistiria, não me ensinaria mais⁶².

Em entrevista concedida no ano de 2007, essa foi a resposta dada por Alina Paim ao jornalista Gilfrancisco Santos, quando perguntada sobre sua iniciação no mundo das letras. Embora seja audacioso afirmar que isso corrobora para uma vocação literária nata de Alina como escritora, no mínimo, tal colocação apresenta indícios da transmissão de valores, costumes e gestos familiares que refletiram na formação de seu *habitus*⁶³ e, conseqüentemente, na incorporação e objetivação de seu capital cultural⁶⁴.

Ao contrário de vários intelectuais que ascenderam ao campo literário e político durante a primeira metade do século XX, Alina não pertence a uma ancestralidade familiar tradicional e com poderes econômicos, políticos e sociais⁶⁵. Contudo, embora sua ascendência não apresente características de uma genealogia intelectual, “antes de ‘se’ ser, é-se ‘filho’ ou ‘filha’ de X, ou Y: nasce-se numa família, é-se marcado por um ‘nome de família’ antes de ser socialmente quem quer que seja”⁶⁶.

⁶² GILFRANCISCO. *A Romancista Alina Paim*. Aracaju: Edições GFS, 2008, p. 30.

⁶³ BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. (organizado por Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983. p. 65. “[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas”.

⁶⁴ *Idem*. *Escritos de Educação*/Maria Alice e Afrânio Catani (organizadores) –Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, 2ª edição. pp. 71-75. Publicado originalmente como: BOURDIEU, Pierre. *Les trois états du capital culturel*. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 30, novembro de 1979. p. 3-6.

⁶⁵ MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 78-81. Um exemplo clássico do modelo de ancestralidade familiar e poder regional podem ser observados na trajetória intelectual da escritora cearense Rachel de Queiroz, em que sua genealogia ascende das tradicionais famílias cearenses dos “Alencar e Queiroz”. Ver: GUERELLUS, Natália de Santanna. *Como um castelo de cartas: culturas políticas e trajetória de Rachel de Queiroz (1910-1964)*. 2015. 388 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói/RJ, 2015.

⁶⁶ ZONABEND, Françoise. *A memória familiar: do individual ao coletivo*. (Dossiê Biografia e Patrimônio) In: *Sociologia: Problemas e Práticas*, Lisboa, nº 09, 1991. p. 179.

Alina Andrade Leite⁶⁷ nasceu na cidade de Estância⁶⁸, estado de Sergipe, em 10 de outubro de 1919. Primeira e única filha do caixeiro-viajante Manuel Vieira Leite e da dona de casa Maria de Andrade Leite Portela, – ambos sergipanos – devido à mudança na rota de vendas de seu pai, ainda aos três meses mudou-se com a família para a cidade de Salvador, estado da Bahia. Todavia, seu batismo aconteceu na Paróquia de Sant’ana, em 9 de março de 1920, na cidade de Simão Dias, estado de Sergipe, onde viviam seus padrinhos/avós maternos, Bernardino e Adelaide⁶⁹, os quais, posteriormente, teriam uma significativa importância em sua criação.

Conforme exposto inicialmente, o processo de letramento de Alina iniciou-se de maneira informal, ainda em 1924. De acordo com a própria escritora, – na mesma entrevista anteriormente citada, realizada por Gilfrancisco Santos – em uma manhã de segunda-feira, foi levada até uma “quitanda” com a finalidade de comprar as coisas mais importantes da sua vida, “o ABC, uma lousa com uns lápis de pedra, um caderninho e a tabuada”⁷⁰. As aulas aconteceram durante o período da tarde, pois sua mãe definiu que pela manhã a criança deveria brincar e se divertir. Passados os três meses acordados na aposta, seu pai tomou uma cartilha e escolheu algumas palavras para a filha ler, nas quais foram pausadamente soletradas⁷¹.

Por conseguinte, uma das principais incentivadoras no processo de ensino-aprendizagem da pequena Alina, foi sua avó paterna. Vó Donana, que também vivia em Salvador, era alfabetizada e uma admiradora de arte e teatro, inclusive, levava a neta em livrarias e peças de ópera da capital baiana⁷². Em virtude disso, antes mesmo de completar seis anos e ingressar ao ensino primário, Alina já havia lido três livros completos: uma cartilha de Felisberto de Carvalho, e duas obras com diversas histórias infantis, dentre elas Branca de Neve e Ali Babá⁷³.

A iniciação educacional precoce de Alina como produto de uma *práxis* familiar, apresenta uma importante reflexão que, embora não justifique sua aptidão para tornar-se uma escritora de profissão, corrobora para a influência da família no processo de construção do

⁶⁷ O sobrenome “Paim” é adotado pela escritora em 1943, após seu matrimônio com o médico Isaiás Paim.

⁶⁸ Em nível cultural, vale ressaltar que a cidade de Estância é palco do primeiro jornal editado em Sergipe, o *Recopilador Sergipano*, em 1832, sendo considerado o berço da imprensa sergipana. Cf. BIBLIOTECA do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. *Estância/Sergipe* (verbete). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/sergipe/estancia.pdf>. Acesso em: 18 de março de 2020.

⁶⁹ Certidão de Batismo de Alina Andrade Leite. Paróquia de Sant’ana / Diocese de Estância. Simão Dias/SE: Livro 19, Folha 144, Número 179. 09 de março de 1920. Cf. GILFRANCISCO. *Op. Cit.* p. 91.

⁷⁰ GILFRANCISCO. *Op. Cit.* p. 30.

⁷¹ *Ibid.*

⁷² *Ibid.* p. 31.

⁷³ *Ibid.* p. 32.

sujeito social. Pierre Bourdieu, em sua teoria sobre o capital cultural, destaca que o sujeito criado em um ambiente familiar que consome e propicia o estímulo ao consumo de *habitus* culturais, na maioria das vezes absorve e reproduz tais práticas⁷⁴. No caso de Alina, observa-se a consolidação desse capital em duas formas: por um lado, em seu estado incorporado, surgido em sua infância através do contato com os conhecimentos transmitidos pelos ensinamentos de sua mãe; de outro, em seu estado objetivado, com base em seu consumo de bens culturais materiais, como livros e acesso à ópera⁷⁵.

Não obstante, ainda em 1926, o processo de aprendizagem de Alina é interrompido por uma de suas mais profundas dores: o falecimento de Maria, sua mãe, vítima de tuberculose⁷⁶. Tal episódio transformou consideravelmente a trajetória de Alina que, além de lidar com os impactos psicológicos causados pela perda de sua principal referência humana, precisou adaptar-se a uma nova realidade de vida. A orfandade, inclusive, aparece recorrentemente nos romances da escritora, como em *Estrada da Liberdade*, de 1944; e *Simão Dias*, de 1949; a ponto da crítica literária em seus contextos de publicação as definirem como obras autobiográficas.

Por conseguinte, como a profissão de Manuel, seu pai, exigia viagens e períodos longos fora de casa, após a morte da mãe, Alina foi levada para viver com seus avós maternos/padrinhos, em Simão Dias–SE. Segundo Alina, Vó Adelaide havia concluído apenas os estudos primários e, depois de casada, trabalhava como costureira e cuidava da casa; já Vô Bernardino, cuidava da coletoria de impostos da cidade. No novo lar ainda viviam mais quatro tias solteiras: Iaiá, Adelaidinha, Emília e Laura. Esta última, assumindo o papel de “segunda mãe”, dedicou-se com maior afinco à criação e educação da sobrinha, tanto que, com então sete anos, matriculou-a na Escola Menino Jesus, onde teve suas primeiras experiências na educação formal. Pouco tempo depois, foi transferida para o Grupo Escolar Fausto Cardoso, instituição católica de formação educacional religiosa⁷⁷.

No Fausto Cardoso, Alina destacava-se em Língua Portuguesa e Aritmética, principalmente pelos saberes prévios adquiridos nos tempos de aprendizagem com sua mãe e que foram aperfeiçoados no Grupo Escolar, através dos ensinamentos das professoras Agripina e Consuelo. Sobre este período, Alina recorda que em uma visita à escola, o Inspetor

⁷⁴ BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.* 1999. p. 71.

⁷⁵ *Ibid.* pp. 72-74.

⁷⁶ CARDOSO, Ana Maria Leal. *Alina Paim: uma romancista esquecida nos labirintos do tempo*. In. *Aletria*, Belo Horizonte: FALE/UFMG, vol. 20, p. 125-132, 2010. p. 125.

⁷⁷ GILFRANCISCO. *Op. Cit.* p. 32.

educacional de Aracaju teria ficado admirado com a explicação dada por ela a respeito de uma aula recém-ministrada, afirmando que estava diante da menina mais inteligente da cidade⁷⁸. O ocorrido não teria sido totalmente bem recebido em casa, pois, enquanto Vó Adelaide e tia Laurinha ficaram contentes pelo sucesso da criança; por outro lado, passou pela repressão das demais tias, alegando que a menina ia crescer e virar mulher sem vergonha. Contudo, as ações violentas foram cessadas apenas com a intervenção de Vô Bernardino, após chegar à casa orgulhoso por ser abordado pelo diretor da escola e o Inspetor, parabenizando-o pela capacidade intelectual apresentada por sua neta⁷⁹.

Durante as férias escolares, por indicação das professoras do Grupo Escolar Fausto Cardoso, Alina era levada pelo pai ao Colégio Nossa Senhora da Soledade, educandário de freiras localizado na cidade de Salvador-BA. Embora o Colégio aceitasse o ingresso de internas apenas com 10 anos completos, desde os oito Alina passava o período de recesso no local e era orientada por uma irmã chamada Gertrudes, que a colocava para escrever “redações de português em papel de embrulho e tijolo, pois papel de rico era muito caro”⁸⁰. Não por acaso, foi justamente no Colégio que Alina teve a sua primeira experiência como escritora, ofício que, posteriormente, a promoveria ao cenário cultural nacional.

O grêmio estudantil do educandário religioso mantinha um jornalzinho interno chamado “Arco-íris”, com artigos redigidos por suas alunas, mas assinados com pseudônimos. Alina destaca que aos nove anos, mesmo não sendo interna do Colégio, Irmã Gertrudes a incentivou a escrever um texto para o jornal. No entanto, Alina deveria aprender “espichar” o seu texto, pois para serem publicados, os artigos precisavam ser mais extensos, de no mínimo três folhas e meia. “Canção da tarde” era o título da redação e expressava, segundo sua autora, seu sentimento pelo sol, que mesmo indo embora, sempre retornava⁸¹. Ademais, antes mesmo de sua publicação, outro texto da jovem escritora chamou atenção das freiras do convento.

Apreciadora das histórias de Júlio Verne, antes de completar 10 anos, Alina já havia realizado a leitura de 28 volumes da obra do autor e, cada uma delas, era acompanhada por pequenos resumos e reflexões sobre os mundos fantasiosos criados pelo escritor francês. Ao ter contato com os manuscritos, Irmã Gertrudes levou-os ao conhecimento da Madre Superiora que, responsável pela escolha dos artigos para o jornal, selecionou-o para publicação⁸². A

⁷⁸ *Ibid.* pp. 32-33.

⁷⁹ *Ibid.* p. 33.

⁸⁰ *Ibid.* p. 34.

⁸¹ *Ibid.*

⁸² *Ibid.* pp. 34-35.

influência da produção de Júlio Verne para Alina não transparece apenas em sua juventude, mas também, quando a escritora encontra-se inserida no cenário literário nacional, primeiramente escrevendo roteiros para o programa infantil *No Reino da Alegria*, da rádio do Ministério da Educação e Cultura (MEC), entre 1945 e 1956; posteriormente, através de sua literatura infanto-juvenil *A Casa da Coruja Verde*, *Luzbela Vestida de Cigana* e *O Lenço Encantado*, publicados em 1962; e ainda, *Flocos de Algodão*, de 1966.

Por conseguinte, antes mesmo de ser admitida no Colégio Nossa Senhora da Soledade, Alina teve dois textos publicados em um único número de seu jornalzinho interno: *Canção da tarde* e *Júlio Verne*. Todavia, como exposto anteriormente, as publicações eram assinadas com pseudônimos e a jovem escritora queria que o texto levasse seu nome. Tal episódio aborda uma interessante questão em relação à escrita de autoria feminina. Peggy Sharpe destaca que, inicialmente, o uso de pseudônimos por escritoras serviu como artifício para serem aceitas publicamente, diante de um campo dominado pelo masculino⁸³. Nesse sentido, ao reivindicar que os artigos deveriam levar seu nome próprio, Alina, mesmo que inconscientemente, promove o ponto de partida de seu “eu” como escritora e, como afirma Pierre Bourdieu, garante a instituição de sua identidade social de forma invariável⁸⁴. Tanto que, os dois textos foram mesmo publicados tendo como autora: Alina Leite.

Contudo, se por um lado o desenvolvimento educacional de Alina mostrava-se promissor; por outro, sua vida pessoal mais uma vez foi palco de transformações. Assim como aconteceu com sua mãe alguns anos anteriores, tia Laurinha faleceu, também vítima de tuberculose. De acordo com Ana Maria Leal Cardoso, ainda em seu leito de morte, Laurinha pediu ao pai da menina que a levasse para Salvador, de modo a matriculá-la no Colégio Nossa Senhora da Soledade⁸⁵. No entanto, antes disso se concretizar, Alina afirma que após a morte da Tia, sofreu com violências físicas cometidas pelas outras tias⁸⁶. O período em que viveu com os avós maternos no interior sergipano, – dos sete aos 10 anos – embora seja marcado por episódios dolorosos na trajetória de Alina, não foram esquecidos ou negligenciados pela escritora. Pelo contrário, em sua obra *Simão Dias*, de 1949, a autora narra algumas dessas

⁸³ SHARPE, Peggy. *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis-SC: Editora Mulheres, 1997. p. 431.

⁸⁴ BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 186.

⁸⁵ CARDOSO, Ana Maria Leal. *Op. Cit.* 2010. p. 126.

⁸⁶ GILFRANCISCO. *Op. Cit.* p. 32.

experiências, inclusive, dando nomes reais aos seus personagens e, principalmente, evidenciando a temática da condição feminina frente à ordem patriarcal.

Em 1929, em companhia de seu pai, Alina mudou-se para Salvador e se estabeleceu como interna do Colégio Nossa Senhora da Soledade. Sobre o período de internato no educandário de freiras, Alina destaca que desde os tempos em que passava as férias no local, sempre foi muito bem tratada pelas irmãs e, após tornar-se aluna, a situação persistiu, inclusive o estímulo ao estudo da Língua Portuguesa. Obviamente, por tratar-se de uma educação religiosa, os aspectos morais ditavam as regras da instituição⁸⁷. Contudo, através das fontes analisadas, observa-se que as críticas construídas por Alina a respeito deste modelo educacional surgem posteriormente em seu discurso, em um momento de amadurecimento pessoal e intelectual, principalmente após a conclusão de seus estudos, desligamento do convento e mudança para o Rio de Janeiro.

Concretamente, como interna do Colégio, Alina permanece durante oito anos, de 1929, quando ingressa aos 10 anos; até 1937, quando concluiu seus estudos secundários e formou-se professora, aos 18 anos. Nesse sentido, como afirma Pierre Bourdieu, Alina concretizou mais um dos estados de capital cultural sistematizados pelo sociólogo francês, em que um certificado e/ou diploma, confere ao seu portador a confirmação de valores e saberes institucionalmente reconhecidos⁸⁸. Ademais, como prêmio pela conclusão do magistério, Alina recebeu de seu pai uma viagem à Estância-SE, sua cidade natal, local onde jamais havia voltado, desde a mudança da família quando ainda era um bebê, em 1920⁸⁹.

Retornando à capital baiana, Alina foi convidada para lecionar no próprio Colégio Nossa Senhora da Soledade, tendo um total de oito turmas, “os quatro anos do ginásio, geografia e coreografia, [...] e os dois secundários”⁹⁰. Contudo, poucos meses após iniciar sua carreira docente no educandário religioso, após concorrer com “320 candidatos para 14 vagas e conseguir o 12º lugar”⁹¹, a jovem foi aprovada no concurso de professores do Estado da Bahia. No ensino público, lecionou para “o primeiro e segundo anos da Escola Normal”⁹², atuando na Escola Estadual Arão Carneiro, situada na Estrada da Liberdade⁹³. É justamente dessa relação,

⁸⁷ *Ibid.* p. 34.

⁸⁸ BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.* 1999. p. 75.

⁸⁹ CARDOSO, Ana Maria Leal. *Op. Cit.* 2010. p. 126.

⁹⁰ GILFRANCISCO. *Op. Cit.* pp. 36-37.

⁹¹ *Ibid.* p. 36.

⁹² *Ibid.* p. 37.

⁹³ DIÁRIO Oficial da Bahia. 18-19 mai., 1938. In. *Arquivo Público do Estado da Bahia* (APEB). Disponível em: <http://www.icaatom.apeb.fpc.ba.gov.br>. Acesso em: 13 de março de 2020.

entre dois modelos educacionais antagônicos, – um voltado para diretrizes religiosas; outro refletindo as mazelas da educação pública em uma escola da periferia baiana – que Alina desenvolve todo o enredo de seu primeiro romance, *Estrada da Liberdade*, em 1944.

No decorrer do tempo em que lecionou no educandário religioso e na Escola da Estrada da Liberdade, Alina vivia como pensionista na casa de uma das famílias mais ricas da capital baiana. Em 1940, a jovem professora passou por um grave quadro de depressão, levando-a, inclusive, a atentar contra a própria vida. Devido às circunstâncias, Alina foi internada no Hospital São João de Deus⁹⁴, de modo a recuperar-se do ocorrido, ficando isolada em um quarto que “tinha uma cama branca, havia um colchão de plástico, um travesseiro também revestido de plástico, mas não havia cobertor. [...] não tinha nada, só a roupa do corpo”⁹⁵.

O período de clausura, embora carregado de forte dor física e psicológica, foi o palco de encontro de Alina com seu futuro esposo, o então estudante de medicina Isaías Paim⁹⁶ que, embora residente em um Hospital psiquiátrico, neste contexto, desejava ser pediatra⁹⁷. Destarte, após três meses de internação, Alina deu saída da clínica, recuperada e noiva de Isaías Paim. Nos anos seguintes, continuou a lecionar, mas somente na Escola Pública da Estrada da Liberdade, deixando para trás o cargo no Colégio Nossa Senhora da Soledade, após quatro anos como docente da instituição. Em 8 de janeiro de 1943, a professora e o já formado médico consumaram seu relacionamento, tendo como um dos padrinhos, Manuel, pai de Alina. Apenas três dias após a cerimônia, o casal já estava com passagens compradas rumo ao Rio de Janeiro, onde Isaías já possuía proposta de trabalho. Assim, levando consigo uma bagagem com “48 caixotes de livros”⁹⁸ e um novo nome, Alina Leite Paim seguiu para a então capital do país, local que em pouco tempo a colocaria em convivência com os grandes representantes da literatura nacional.

⁹⁴ Para mais informações sobre o Hospital São João de Deus, ver: RIOS, Venézia Durando Braga. *O Asylo de São João de Deus: as faces da loucura*. 2006. 251 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social, PUC, São Paulo, 2006.

⁹⁵ GILFRANCISCO. *Op. Cit.* p. 36.

⁹⁶ Nascido em Juazeiro, Estado da Bahia, Isaías era de família pobre e buscou na educação a sua ascensão. Formou-se médico pela Escola de Medicina da Bahia e, embora um dia ter desejado ser pediatra, especializou-se em Psiquiatria e Psicologia. Ao longo de sua trajetória ocupou diversos cargos públicos, foi professor universitário e publicou mais de 30 trabalhos, entre livros e artigos, sendo algumas dessas obras, referências nacionais no estudo da Psiquiatria Forense. Isaías Paim faleceu em 2004, na cidade do Campo Grande, Estado do Mato Grosso do Sul. Informações da nota consultadas em: SOUZA, Juberty Antonio de; PICCININI, Walmor J. *História da Psiquiatria: Isaías Paim (1909-2004)*. In. *Psychiatry on line Brazil*, São Paulo, vol. 15, nº 1, Janeiro de 2010. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano10/wal0110.php>. Acesso em: 27 de maio de 2020.

⁹⁷ GILFRANCISCO. *Op. Cit.* p. 37.

⁹⁸ *Ibid.*

Sendo assim, os breves fragmentos biográficos apresentados, não cumprem por justificar e/ou defender uma fidelidade vocacional linear no itinerário de Alina Paim, arriscando-nos a cometer uma “ilusão biográfica”⁹⁹. Pelo contrário, tais informações buscam evidenciar as relações sociais que precederam a sua incorporação ao cenário público, o que nos auxiliará a compreender sua trajetória enquanto mulher, professora, escritora, militante e, sobretudo, como intelectual. Contudo, as próximas seções deste capítulo apresentam como se configurou a relação entre a produção cultural de Alina Paim e a cultura política comunista, salientando os deslocamentos ocorridos em sua trajetória após aderir e viver uma sociabilidade marcada por novas experiências, ideais e possibilidades de ação.

1.2 A Liberdade é uma Estrada: em busca de uma sociabilidade cultural e política

30. Sua estreia literária foi com *Estrada da Liberdade*?

AP – Sim, na época eu já era militante do Partido Comunista¹⁰⁰.

De acordo com a entrevista supracitada, Alina Paim afirma que quando estreou no cenário literário nacional, com *Estrada da Liberdade*, em 1944, ela já era militante do Partido Comunista, contexto em que o mesmo se encontrava na ilegalidade. Contudo, apenas em 1945, com o retorno do PCB à legalidade, a escritora foi oficialmente admitida pelo Partido¹⁰¹. No entanto, a privação do Partido não significou a ausência política em sua trajetória enquanto intelectual. Conforme será apresentado nesta seção, o enredo e processo de publicação de seu primeiro romance; os agentes e instituições nele envolvidos; e, principalmente os laços de sociabilidade estabelecidos pela romancista neste período, corroboram por sustentar o seu precoce envolvimento com a militância comunista, mesmo que clandestinamente.

Desde o início de seu itinerário, o PCB deparou-se com ações coercitivas que dificultaram a atuação de sua militância. Fundado em março de 1922, em julho do mesmo ano já estava cassado. Retornando em janeiro de 1927, oito meses depois estava novamente na clandestinidade. Outra vez legalizado, entre maio de 1945 e o mesmo mês de 1947, teve seu

⁹⁹ BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.* 1998. p. 184. Para o autor, a “ilusão biográfica” aponta para sentido e significados na vida do sujeito, como se sua trajetória se desenvolvesse de forma coerente e linear, quando na verdade, tal narrativa é fruto da organização de informações e caminhos fragmentados.

¹⁰⁰ GILFRANCISCO. *A Romancista Alina Paim*. Aracaju: Edições GFS, 2008. p. 38.

¹⁰¹ RECRUTAMENTO para o Partido Comunista do Brasil. In. *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*, Fundo Polícia Política; Série comunismo, notação 2-A, maço 03. fls. 104.

maior período de ações legais¹⁰². Todavia, uma questão central deve ser considerada ao analisar os momentos de ilegalidade do Partido: o grau de tolerância do Estado brasileiro frente aos comunistas.

Durante a segunda metade da década de 1930, principalmente após os Levantes da Intentona Comunista, em 1935¹⁰³, a militância comunista passou por uma forte repressão desenvolvida pelo governo varguista. Isso elevou seus adeptos ao *status* de grandes inimigos da sociedade e da política nacional, contribuindo para a consolidação do “imaginário anticomunista”¹⁰⁴ que norteou as perseguições contra os membros do Partido nos anos seguintes. Em 1937, através do Plano Cohen, documento forjado pelos militares e apoiado pelo governo varguista sobre um suposto esquema de tomada do poder pelos comunistas, Vargas fechou o Congresso e, através de um golpe de Estado, instituiu o regime ditatorial do Estado Novo. Nesse contexto, os militantes do PCB continuaram como principais alvos de repressão, o que foi acentuado com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão estadonovista responsável pela censura dos meios de comunicação contrários ao regime e que, de acordo com Edgard Carone, desarticulou intelectualmente o Partido, deixando-o sem direção e homogeneidade¹⁰⁵.

Por conseguinte, conforme afirma Maria Helena Capelato, a partir de 1942, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, as contradições internas tomam conta do governo de Vargas, abrindo espaço para o relaxamento da repressão e, conseqüentemente, para a rearticulação do PCB e sua militância¹⁰⁶. Em agosto de 1943, ocorreu a II Conferência Nacional do Partido, estabelecendo as diretrizes para organização de suas atividades, expressando-se contra o nazifascismo, a favor da democracia, da anistia dos presos políticos e pelo envio de militares brasileiros à Guerra em respaldo à URSS¹⁰⁷.

Quando Isaías e Alina Paim desembarcaram no Rio de Janeiro, em 1943, a cidade mantinha-se ainda como a capital da República Federativa do Brasil. Em fins dos 15 anos que marcaram a “Era Vargas” no poder, mais que um caráter de Distrito Federal, a cidade cumpria

¹⁰² SANTANA, Marco Aurélio. *Homens partidos: comunistas e sindicatos no Brasil*. 1ª Edição. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2001.

¹⁰³ PANDOLFI, Dulce Chaves. *Os anos 1930: as incertezas do regime*. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização, 2010. 2v. p. 32.

¹⁰⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Editora Perspectiva, 2002.

¹⁰⁵ CARONE, Edgard. *O PCB: 1943-1964*. v.1. São Paulo: Difel, 1982. p. 12.

¹⁰⁶ CAPELATO, Maria Helena. *O Estado Novo: o que trouxe de novo?* In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 113.

¹⁰⁷ CARONE, Edgard. *Op. Cit.* 1982. p. 04.

representar a unidade de uma nação marcada por mais de uma década de polarização política acentuada, sendo palco de ideias e/ou projetos que buscavam transformações e/ou alternativas para o Estado brasileiro. Portanto, é neste contexto de reordenamento político, ambiente bem diferente daquele vivido pelos seus camaradas militantes na década passada, que Alina Paim instala-se no Rio de Janeiro e se aproxima, gradativamente, da militância comunista.

Em solo carioca, Alina Paim viveu em diversas regiões da “cidade maravilhosa”, “Laranjeiras (aristocrático), Perto do Largo do Machado, Ipanema, Leblon, em umas ruas de Copacabana (duas ruas diferentes), Engenho de Dentro (Bairro da rede ferroviária), Subúrbio (vivi lá quatro anos)”¹⁰⁸. Ao contrário de Isaías Paim, que já chegou à cidade com uma proposta de trabalho do Dr. José Alves Garcia, um dos mais renomados psiquiatras do país na década de 1940¹⁰⁹, Alina viu-se sem emprego e profissão, tendo em vista que seu diploma docente, adquirido na Bahia, não possuía jurisprudência no Distrito Federal¹¹⁰. Em virtude das limitações burocráticas, a jovem professora conseguiu oportunidade apenas em uma escola informal, localizada na vila de pescadores da ilha de Marambaia-RJ¹¹¹. Sobre as experiências no período em que lecionou no local, Alina Paim destacou que:

Uma professora honesta não pode deixar de angustiar-se. De repente nos vemos absorvidas também pelo drama dos garotos e de seus pais, de suas irmãs e de toda a família. Quantas e quantas vezes sou forçada a sair das minhas funções de simples professora para cuidar de conflitos cujas soluções parecem tão distantes, tão dolorosas. Certos problemas que não têm nenhuma significação para nós são às vezes tremendos para os pais de meus alunos, para os bichinhos mesmos¹¹².

O enunciado acima retrata a preocupação de Alina diante dos problemas sociais e psicológicos vividos por seus alunos, discurso semelhante ao encontrado no enredo de sua

¹⁰⁸ GILFRANCISCO. *Op. Cit.* p. 37.

¹⁰⁹ SOUZA, Juberty Antonio de; PICCININI, Walmor J. *História da Psiquiatria: Isaías Paim (1909-2004)*. In. *Psychiatry on line Brazil*, São Paulo, vol. 15, nº 1, jan. de 2010. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano10/wal0110.php>. Acesso em: 27 de maio de 2020.

¹¹⁰ Cf. CARDOSO, Ana Maria Leal. *Alina Paim: uma romancista esquecida nos labirintos do tempo*. In. *Aletria*, Belo Horizonte: FALE/UFMG, vol. 20, pp. 125-132, 2010. p. 126.

¹¹¹ Os relatos apontam que a Ilha de Marambaia, situada da Costa Verde do litoral carioca, durante o período Imperial era utilizada como ponto de “engorda” dos negros recém-traficados da África. Com a abolição da escravidão, a Ilha tornou-se refúgio das próprias comunidades quilombolas, vivendo de atividades como a pesca e o artesanato. Atualmente, a região é de posse da Marinha do Brasil, servindo como base da Escola de Aprendizes Marinheiros e de treinamentos dos fuzileiros navais. Cf. LUCENA, Felipe. *Breve história da Restinga da Marambaia*. In. *Diário do Rio.com: O jornal 100% carioca*. Rio de Janeiro, 25 de agosto de 2018. Disponível em: <https://diariodorio.com/breve-historia-da-restinga-da-marambaia/>. Acesso em: 29 de maio de 2020.

¹¹² LIMA, Melo. *Leitura descobre uma romancista: Estrada da Liberdade – 1º volume da Coleção Leitura (entrevista com Alina Paim)*. In. *Leitura: crítica e informação bibliográfica*, edição 19, Rio de Janeiro, jun. 1944. p. 41.

primeira obra, *Estrada da Liberdade*, embora a narrativa tenha como cenário a cidade de Salvador, e não, o Rio de Janeiro. Não por acaso, foi justamente no período em que ensinava em Marambaia, que a autora desenvolveu a escrita do romance, destacando que quando saiu da Bahia já tinha a ideia, porém sua primeira preocupação era conseguir um emprego e não escrever um livro¹¹³. De acordo com a própria escritora:

Sou uma professora de vocação, gosto de ensinar, quero bem aos meus alunos, de maneira que me dedicava de corpo e alma aos bichinhos. Como se pode ter tempo para escrever despreocupadamente quando cada aluno que a gente ensina representa às vezes um drama tão grande que até parece uma acusação dirigida a nós?¹¹⁴.

Desse modo, como destaca Ana Maria Leal Cardoso, o texto foi elaborado durante as noites e após o esposo recolher-se, para que este não pudesse lê-lo antes de seu fim. Após cinco meses de trabalho, Alina havia concluído a escrita do livro e depois de Isaías realizar sua leitura e aconselhá-la estender algumas partes, a escritora elaborou uma estratégia para submetê-lo à crítica de algum literato mais experiente¹¹⁵.

Neste contexto, devido à agitação política e cultural que apresentava, o Rio de Janeiro destacava-se como um dos principais “campos magnéticos”¹¹⁶ para a intelectualidade nacional. Tendo em vista as diversas estruturas de sociabilidade que apresentava, – como editoras, jornais, revistas e agremiações – a cidade atraía intelectuais de diferentes perspectivas estéticas, políticas e ideológicas, interessados em colaborar de alguma forma com o processo de transformação social que se anunciava¹¹⁷. Procurando esse magnetismo intelectual, Alina Paim dirigiu-se, por diversas vezes, à Confeitaria Colombo, em Copacabana, ambiente comumente frequentado por figuras públicas da cultura e política nacional e que, na década de 1940, era palco para debates e atividades reflexivas da classe letrada¹¹⁸. Sendo assim, em uma de suas idas na Colombo, Alina deparou-se com o escritor Graciliano Ramos, a quem solicitou respaldo.

¹¹³ *Ibid.*

¹¹⁴ *Ibid.*

¹¹⁵ CARDOSO, Ana Maria Leal. *Op. Cit.* 2010. p. 126.

¹¹⁶ SIRINELLI, Jean-François. *Os Intelectuais*. In. REMOND, René. Por uma História Política. Tradução: Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 247.

¹¹⁷ VELASQUES, Muza Clara Chaves. *Homens de Letras no Rio de Janeiro dos anos 30 e 40*. 2000. 204 f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói/RJ, 2000. pp. 21-24.

¹¹⁸ Fundada em 1894 pelos portugueses Manoel José Lebrão e Joaquim Borges Meirelles, a Confeitaria situada na Rua Gonçalves Dias, Centro do Rio de Janeiro, tornou-se um ícone da *belle époque* carioca. Na primeira metade do século XX, a Colombo representou um dos principais locais de encontro entre artistas, políticos e intelectuais, alguns, inclusive, mantinham mesas fixas no estabelecimento. Atualmente, 126 anos após sua inauguração, o local é patrimônio cultural e artístico da cidade e, impulsionada pelo turismo, recebe um público mais eclético,

Em 1944, Graciliano Ramos já era um dos grandes nomes da literatura nacional, tendo em 1938, publicado sua clássica obra, *Vidas Secas*. Por outro lado, o autor alagoano era um dos inúmeros intelectuais que passaram pela perseguição estadonovista ao comunismo na década anterior, sendo inclusive preso em 1936, pelo suposto envolvimento com a Intentona, ainda que formalmente, tenha se vinculado ao PCB apenas em 1945¹¹⁹. Fato que Alina Paim solicitou ajuda ao escritor, confiando a ele o manuscrito de *Estrada da Liberdade*, de modo a dizê-la se realmente se tratava de um romance ou não. “É um romance, sim, e dos bons, porém falta-lhe aprimorar a técnica”¹²⁰, esse foi o parecer de Ramos, novamente na Confeitaria Colombo, 15 dias após o primeiro encontro com a jovem escritora sergipana. A partir de então, Graciliano tornou-se tutor literário de Alina, ensinando-a e aprimorando suas técnicas de escrita e, mais que uma relação de aprendizagem, o cruzamento dos itinerários dos dois escritores apontam para o início de uma grande amizade.

Doravante a revisão do romance, “Mestre-graça”, – como Alina chamava Graciliano – orientou-a que procurasse uma editora comunista para publicá-lo¹²¹. De acordo com Laurence Hallewell, a partir de agosto de 1942, com a entrada no Brasil na guerra ao lado dos Estados Unidos e União Soviética, o contexto nacional e internacional modificou o mercado editorial brasileiro, favorecendo o aparecimento de editoras de orientação esquerdista e, conseqüentemente, ligadas ao PCB. Dentre elas, o autor britânico destaca a carioca Companhia Editora Leitura, fundada em 1943, como extensão editorial da revista *Leitura: crítica e informação bibliográfica*, criada alguns meses antes, em dezembro de 1942¹²². Nesse sentido, conforme afirma Carine Dalmás, as organizações *Leitura* ofereceram espaço de ação para a intelectualidade comunista em um processo de “frentismo cultural”, objetivando a disseminação das ideias políticas e culturais do Partido dentro de seus quadros, principalmente em relação à luta contra o nazifascismo¹²³. No caso específico da Editora, Hallewell demonstra

modificando assim, seu caráter de sociabilidade. Cf. FREIRE, Renato; RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. *Confeitaria Colombo: Sabores de uma cidade*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014. 256 p.

¹¹⁹ SANTOS, Patriciane Xavier Moreira dos. *A escola era horrível e eu não podia negá-la, como negara o inferno: representações de escola na obra Infância*, de Graciliano Ramos. 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado em Processos Socioeducativos e Práticas Escolares) - Departamento de Ciências da Educação, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2017. p. 82.

¹²⁰ CARDOSO, Ana Maria Leal. *Op. Cit.* 2010. p. 127.

¹²¹ *Ibid.*

¹²² HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. (Maria da Penha Villalobos; Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza - tradutores). 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. pp. 558-559.

¹²³ DALMÁS, Carine. *Jorge Amado, Pablo Neruda y la conformación del frentismo cultural de los comunistas en América Latina (1939-1945)*. In: HERRERAS GONZÁLEZ, Patricio (coord.). *El comunismo en América Latina:*

que o teor das publicações variou, desde a crítica social afro-brasileira em *Zumbi dos Palmares*, de Leda Maria de Albuquerque; passando pela ficção de combate a extração de borracha na Amazônia, em *A Voragem*, do colombiano José Eustasio Rivera; além das traduções de relatos sobre a Revolução Chinesa, da jornalista comunista norte-americana, Agnes Smedley; até seu último lançamento, *História das Lutas do Povo Brasileiro*, em 1975, do escritor comunista José Barboza de Mello¹²⁴.

Não obstante, em 1944, quando Alina Paim procurava uma editora que se interessasse em publicar *Estrada da Liberdade*, a *Leitura*, que neste período encontrava-se sob a direção de José Barboza de Mello, havia acabado de lançar um concurso literário, visando descobrir novos escritores nacionais. Logo, Paim submeteu seus originais ao processo e, sobre o primeiro encontro com a escritora, o editor escreveu:

Em 1944, quando éramos editores e pensávamos lançar todos os jovens de talento deste país (que sonhadores!) fomos surpreendidos com a visita de uma menina de cabelos soltos, cacheados, 1,50 de altura, 48 quilos de peso, rosto bonito de ingênua, fala suave, e uma timidez inconcebível numa adolescente que queria ser escritora¹²⁵.

Contudo, a avaliação dos manuscritos que concorreram no concurso literário foi coordenada por outro escritor, Oswaldo Alves, - autor de *Um homem dentro do Mundo*, obra prefaciada por Graciliano Ramos e publicada em 1940 pela Editora Guaíra, de Curitiba, que tinha como sócio/diretor o secretário de divulgação do PCB do Paraná, Moacir Arcoverde¹²⁶. O concurso da Editora Leitura contou com a submissão de mais de 100 originais. A cada publicação, duas ou três obras eram escolhidas pelo coordenador e passavam pelo parecer de outros cinco leitores de categorias distintas: “uma datilógrafa, um jornalista e um estudante, além de duas criaturas simples, que são leitores comuns”¹²⁷. De acordo com os autos do concurso, *Estrada da Liberdade* passou por todos esses processos, sendo escolhida como o primeiro número da Coleção Leitura. No entanto, a orientação política da Editora e os agentes envolvidos no processo, apontam para uma indicação feita por Graciliano Ramos, corroborada

experiências militantes, intelectuales y transnacionales (1917-1955). Valparaíso: Universidad de Valparaíso, 2017. p. 198.

¹²⁴ HALLEWELL, Laurence. *Op. Cit.* p. 559.

¹²⁵ MELLO, José Barboza de. *A professorinha de Estância já tem História Literária*. In. *Leitura*, nº 37, Nova Fase, Ano XIX, Rio de Janeiro, jul. 1960. p. 22.

¹²⁶ LEBENSZTAYN, Ieda. *Cartas inéditas de Graciliano Ramos: estilo, amizades, bastidores da criação literária e da história*. In. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 49, n. 2, abr.-jun. 2014. pp. 148-149.

¹²⁷ ESTRADA da Liberdade. *Capítulo do romance de Alina Paim*. In. *Leitura: crítica e informação bibliográfica*, edição 20, Rio de Janeiro, jul. 1944. p. 57.

pelo editor José Barboza de Mello e pelo coordenador do concurso, Oswaldo Alves; todos, alinhados ao comunismo.

Ademais, conforme destacado anteriormente, o boletim bibliográfico *Leitura*, que começou a circular em dezembro de 1942 e teve vida longa, extinguindo-se somente em 1965, reforça a ideia do esforço dos militantes comunistas em publicar a obra de Alina Paim. De acordo com Cláudia Rio Doce, a revista objetivava a promoção não somente da literatura, mas da cultura em geral, prezando pela aproximação do artista com o povo. Através de suas colunas, artigos e publicidades, como “Leitura Condensa um Romance”, “Um Romancista no Meio do Povo” e “Como Surgiram Nossos Grandes Livros”, atuava como mediadora política e cultural da população em prol da democracia nacional¹²⁸. Contudo, como destaca Carine Dalmás, a *Leitura* tornou-se um dos grandes círculos da sociabilidade intelectual comunista, tornando explícitas as concepções do Partido e suas posições críticas sobre o papel do escritor e da literatura. Assim, as colaborações dos militantes ligados ao PCB na revista são substanciais. Nomes como Graciliano Ramos, Jorge Amado, Dias da Costa, Lia Corrêa Dutra, Dalcídio Jurandir, Oswaldo Alves, dentre outros, aparecem com frequências em suas edições, buscando cumprir a missão cultural que lhes cabiam naquele contexto: a educação das massas¹²⁹.

Nesse sentido, um longo artigo publicado na edição de junho de 1944 da revista *Leitura*, exclamava com alegria a descoberta de uma nova escritora. Apontando Oswaldo Alves como o responsável pelo “achado”, o artigo apresenta o romance como um “volume grosso, perto de trezentas páginas datilografadas, escrito com minúcias descritivas, introspecção, monólogos e muito movimento e romanesco”¹³⁰. A fonte apresenta ainda que, conforme o edital do concurso, além do parecer especializado, a obra passou pelo crivo de dois leitores comuns: D. Adnéia Miller, que achou o livro formidável; e um senhor não identificado, que em nada se interessava por romances, apenas se preocupava com os noticiários da guerra, mas, após a leitura do livro de Paim, afirmou: “Assim sim, é que se devia escrever um romance!”¹³¹. Ademais, o texto destaca a pouca idade de sua autora; – então com 25 anos – e chama atenção para a dedicatória do livro, oferecida a “Jorge Amado, Dias da Costa e Edison Carneiro”, além de comparar seu

¹²⁸ RIO DOCE, Cláudia. *Literatura e política cultural pelas páginas de Leitura*. In: *Revista IEB* (USP), São Paulo, n. 54, set./mar., 2012. pp. 67-86

¹²⁹ RIO DOCE, Cláudia. *Leitura: entre a política cultural e a cultura política*. In: *Anais: XI Congresso Internacional da ABRALIC. Tessituras, Interações, Convergências*. USP, São Paulo, 13 a 17 de julho de 2008. pp. 4-5.

¹³⁰ LIMA, Melo. *Op. Cit.* p. 40.

¹³¹ *Ibid.* p. 41.

estilo de escrita com “com a impiedosa e consciente serenidade de Graciliano Ramos e com o arrebatamento empolgante de Jorge Amado”¹³².

Mais uma vez, o discurso da documentação provoca enunciados de ligação entre a autora, sua obra e o comunismo. Além de Graciliano Ramos, amigo e revisor do romance, e como apresentado, historicamente ligado ao PCB; três novos agentes fazem parte do processo de anúncio e publicidade de *Estrada da Liberdade*: Edison Carneiro, Dias da Costa e Jorge Amado, figuras recorrentes quando se trata da militância comunista desde o início da década de 1930¹³³. Desse modo, o cruzamento dos itinerários de Alina Paim e os agentes envolvidos no processo de publicação de seu primeiro livro, leva-nos a uma percepção que, embora difícil de se apreender, compactuam com as estratégias em que se formam e/ou organizam grupos de intelectuais. Isso ocorre, conforme destaca Jean-François Sirinelli, “em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultura comum e afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver”¹³⁴. Assim, como em 1944 o PCB ainda se encontrava na clandestinidade, a incorporação de Alina Paim nos círculos intelectuais do Grupo *Leitura* que, conforme exposto era substancialmente ocupado por comunistas, determinaram a constituição de laços de sociabilidade amplos e/ou complexos, não apenas uma aproximação simplista e/ou causal da escritora sergipana com o Partido.

Inicialmente, *Estrada da Liberdade* foi anunciado pela Editora Leitura para setembro de 1944¹³⁵. No entanto, em julho daquele mesmo, a vigésima edição da revista *Leitura*, trazia em duas de suas páginas, trechos de um capítulo da obra que, de acordo com a publicação, “foi escolhido pela própria autora, que o considera capaz de indicar o espírito do romance e da romancista”¹³⁶. Exaltando a técnica de escrita de Alina Paim, o informativo se limita a apresentar um breve aperitivo da obra e de sua autora, destacando “a maneira de viver da personagem e a pessoa consciente que é essa romancista, tanto pelos assuntos literários como para os problemas sociais políticos”¹³⁷. Desse modo, embora tratar-se mais de um anúncio publicitário do que uma crítica literária, o documento já chama atenção para o cruzamento entre o cultural e o político na produção cultural da escritora.

¹³² *Ibid.* p. 40.

¹³³ SANTANA, Geferson. *O combate das ideias: estratégias dos intelectuais comunistas baianos na produção de um novo conhecimento sobre o Brasil (1920-1937)*. 2017. 336 f. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos-SP, 2017.

¹³⁴ SIRINELLI, Jean-François. *Op. Cit.* 2003. p. 248.

¹³⁵ LIMA, Melo. *Op. Cit.* p. 41.

¹³⁶ ESTRADA da Liberdade: Capítulo do romance de Alina Paim. In. *Leitura: crítica e informação bibliográfica*, edição 20, Rio de Janeiro, jul. 1944. p. 57-58.

¹³⁷ *Idib.*

Todavia, embora anunciado para setembro, o primeiro romance da escritora sergipana foi oficialmente lançado com dois meses de atraso, em novembro de 1944. Sendo apresentada na vigésima quarta edição da *Leitura* como:

Estrada da Liberdade – de Alina Paim, o primeiro da coleção *Leitura*. Trata-se de um romance profundamente humano, fixando a história de uma professora de meninos pobres. A cidade de Salvador, Bahia, com suas ladeiras empinadas, suas igrejas austeras, seus conventos coloniais, seus becos com história no passado, suas almas complexas ou primárias, é o cenário desta história tantas vezes comovente em sua simplicidade. (Preço: Cr\$15,00) ¹³⁸.

Embora publicado em 1944, *Estrada da Liberdade* apresenta características que remontam as clássicas discussões dos romances de 1930. Neste contexto, conforme afirma João Luiz Lafetá, as transformações políticas e sociais ocorridas no Brasil tomaram grandes proporções no interior do debate sobre a produção cultural e função dos intelectuais perante a opinião pública. Segundo o autor, o projeto estético modernista, inaugurado com a Semana de Arte Moderna de 1922, visando à renovação e revitalização da linguagem, entra em conflito com o nascente projeto ideológico, objetivando a transposição consciente da realidade social nas manifestações culturais¹³⁹. Desse modo, de acordo com Alfredo Bosi, a historiografia literária tendeu a separar as produções deste período em dois blocos: os romances psicológicos, de caráter introspectivo, narrados a partir de problemáticas individualizadas e, muitas vezes, não atingindo o social; e os romances sociais, caracterizados pela relação entre a crítica social de seu enredo e personagens, muitas vezes em perspectivas regionalistas¹⁴⁰.

Nesse sentido, como destaca Carine Dalmás, os intelectuais comunistas assumiram o “frentismo cultural” do projeto, apresentando em suas obras “as contradições sociais no âmbito do processo de modernização econômica e ascensão da burguesia nacional”¹⁴¹. Com isso, os escritores alinhados ao comunismo iniciaram um processo de evidenciar os setores sociais historicamente excluídos, estabelecendo a denúncia de um “Brasil arcaico, regido por uma política ineficaz e incompetente”¹⁴². Ademais, com as orientações proferidas pelo intelectual e dirigente do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), Andrei Zhdanov, no I Congresso

¹³⁸ ÚLTIMAS Edições. In. *Leitura: crítica e informação bibliográfica*, edição 24, Rio de Janeiro, nov. 1944. p. 73.

¹³⁹ LAFETÁ, João Luiz. *1930: A crítica e o modernismo*. Pref. Antonio Cândido. São Paulo: Duas Cidades Editora, 2000. pp. 251-252.

¹⁴⁰ BOSI, Alfredo. *Uma caixa de surpresas: nota sobre a volta do romance de 30*. In. *Teresa: revista de Literatura Brasileira* [16]; São Paulo, 2015. pp. 15-19.

¹⁴¹ DALMÁS, Carine. “*O Partido Comunista e a Liberdade de Criação*”: frentismo cultural em tempos de democratização. In. *Antíteses*, Londrina, v.12, n. 24, pp. 428-458 jul-dez. 2019. pp. 441-442.

¹⁴² LAFETÁ, João Luiz. *Op. Cit.* p. 27.

de Escritores Soviéticos, em 1934, as manifestações artísticas dos intelectuais vinculados aos PC's, deveriam cumprir uma missão ainda maior que a mera narração dos problemas populares e sociais, mas também, inspirados pelo heroísmo da luta proletária, enfatizarem como solução de tais mazelas, o processo revolucionário. A estética cultural soviética, conhecida como realismo socialista, encontrou no Brasil solo fértil para sua disseminação, pois os romances sociais/proletários já expressavam características bem próximas daquelas orientadas por Zhdanov. Assim, como apontou Jorge Amado, um dos maiores representantes do gênero no país, a literatura passou por uma ressignificação político cultural, tornando-se a verdadeira “moderna ficção brasileira”¹⁴³, a partir de registros da realidade social; dando ênfase aos seus problemas; construindo protagonistas heroicos e populares; e, apontando a revolução como possibilidade e/ou necessidade para suprir os conflitos existentes¹⁴⁴.

Contudo, Luís Bueno destaca que a produção literária brasileira iniciada na década de 1930, não se apresentou totalmente a partir da polarização entre romance psicológico e romance social. Para o autor, houve momentos em que esse conflito foi explícito, principalmente através dos discursos dos próprios escritores que buscavam afastar-se de uma ou outra vertente. No entanto, analisando diversas obras literárias do período, Bueno demonstra que muitas vezes os romances considerados psicológicos, conseguiram traduzir com maior contundência os problemas sociais; por outro lado, alguns romances tidos como sociais, ficaram presos ao intimismo e/ou naturalizam suas perspectivas externas; e, já ao final da década, às duas concepções aparecem entrelaçadas em algumas obras produzidas¹⁴⁵.

Em virtude dessa última perspectiva é que *Estrada da Liberdade*, de Alina Paim, se enquadra: um romance que flutua entre as dimensões psicológica e social, sendo, simultaneamente, intimista e regionalista, individual e coletiva. Conforme afirma Alfredo Bosi, isso ocorre nas obras literárias pela amplitude e flexibilidade que o termo “expressar a realidade” é apropriado pelo escritor, na medida em que é movido pela “dinâmica da escrita, em uma fusão singular de objeto visto e sujeito que o vê, observação e sentimento, imaginação reprodutiva e imaginação criativa, mensagem e forma”¹⁴⁶.

¹⁴³ AMADO, Jorge. *La literatura en el Brasil*. In. *El Siglo*, Santiago, n. 328, 27 jul. 1941. pp. 3-4. (Tradução nossa).

¹⁴⁴ BUENO, Luis. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp: Unicamp, 2006. pp. 83-85

¹⁴⁵ *Idem*. *Os três tempos do romance de 30*. In. *Teresa: revista de Literatura Brasileira* [3]; São Paulo, 2002. pp. 254-283.

¹⁴⁶ BOSI, Alfredo. *Op. Cit.* p. 16.

Para Iracélli da Cruz Alves, a grande marca da primeira obra de Alina é o tom autobiográfico, em que criadora e criatura podem ser representadas quando relacionadas às estradas que percorreram. Tanto a autora quanto a sua personagem, transitaram por caminhos tortuosos até compreenderem a vida e encontrarem o porquê – ou por quem – lutarem até conquistarem a liberdade daquilo que as acorrentavam em uma história única: a doutrinação religiosa¹⁴⁷. No entanto, como afirma a historiadora Margareth Rago, tal estratégia literária foi amplamente utilizada pela narrativa de autoria feminina a partir do final do século XIX, consolidando uma “escrita de si” e revelando características de suas subjetividades transgressoras, – tanto políticas quanto sociais – contra modelos normativos patriarcais e hegemônicos¹⁴⁸. Com isso, a técnica literária de Alina Paim em *Estrada da Liberdade* apresenta-se como produto da maneira como a autora organizou sua acuidade sobre a realidade social e a transformou em romance, selecionando aquilo que objetiva e subjetivamente lhe era considerável em seu processo de criação, oferecendo assim, a representação de forças antagônicas que estruturaram as suas relações socioculturais.

Nesse sentido, ao considerar que Alina Paim se torna interna do Convento em 1929, então com 10 anos, onde permanece por 12 anos – oito como aluna e quatro como professora; – ainda, que entre 1938, quando é aprovada no concurso, e 1943–44, quando se casa e muda-se para o Rio de Janeiro, é docente na Estrada da Liberdade; ao que tudo indica, a narrativa da autora se trata de uma “escrita de si” entre os anos de 1929 – ou antes, pois já convivía com as freiras anteriormente ao seu internato, e 1943–44, quando deixa o estado da Bahia. Ademais, como a própria autora destacou, o processo de escrita da obra ocorreu “aos pedacinhos, dentro dos minutos que sobravam quando lecionava em Marambaia-RJ”¹⁴⁹. Desse modo, a Salvador retratada pela escritora em sua primeira obra está situada, entre anos finais da década 1920 e início da década de 1940, no entanto, escrita sob a perspectiva de uma Alina Paim que já vivia no Rio de Janeiro e compartilhava de um ambiente cultural, social e político diferente daquele que convivera na Bahia. Portanto, o contexto em que a autora escreve está imerso em uma conjuntura política e social de transformação internacional e nacional. Externamente, diante dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial e que, conseqüentemente, modificou as

¹⁴⁷ ALVES, Iracélli da Cruz. *A política no feminino: uma história das mulheres no Partido Comunista do Brasil – Seção Bahia (1942-1949)*. 2015. 477 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA, 2015. p. 170.

¹⁴⁸ RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções de subjetividade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. p. 32.

¹⁴⁹ LIMA, Melo. *Op. Cit.* p. 41.

estruturas internas de poder em muitos países, no caso do Brasil, entrecruzado com a decadência e fim da ditadura estadonovista, orientada por Getúlio Vargas.

Em *Estrada da Liberdade*, Alina Paim narra, em terceira pessoa, a história da jovem Mariana que, concluindo o magistério, passa a lecionar no mesmo educandário de freiras que estudou e, paralelamente, em uma escola pública na periferia de Salvador. Assim, tendo como tema central a educação, a autora desenvolve uma narrativa crítica que, transversalmente, aborda questões políticas, sociais e econômicas, como: a deficiência na formação de professoras em instituições religiosas, não as preparando para a realidade do mundo exterior ao convento; a precariedade física das escolas públicas e a negligência do Estado para com a educação; a baixa remuneração paga aos educadores; além de diversas situações que acontecem naquele cenário, tais como: discriminação racial; relações homoafetivas; e inúmeros vieses de violências (físicas e simbólicas).

Logo no início do romance, a jovem professora sofre sua primeira decepção. Após o primeiro mês de trabalho, “era terça-feira, 30 de março. Ia receber o primeiro dinheiro. Quanto seria? Fora uma tolice aceitar a classe e ensinar sem saber quanto ia ganhar. [...] Quanto seria? Não poderia ser menos de duzentos, dava diariamente três horas aula”¹⁵⁰. Contudo, recebendo o envelope de Madre Tereza, Marina fica surpresa diante da quantia recebida, pois “no envelope branco havia somente cento e vinte cruzeiros”¹⁵¹.

Frustrada pelo não cumprimento de suas expectativas, a professora, apaixonada por livros, decide seguir até uma livraria, visando ao menos, destinar o dinheiro recebido a algo que lhe fosse satisfatório. Observando a enorme estante de livros, “Marina sentiu, no rosto, um calor estranho. Diante do título que acabava de ler, os pensamentos amontoavam-se em seu cérebro e as recordações do Convento. ‘Sexo. Pecado da carne. Imoralidade’”¹⁵². Tratava-se da obra *A Questão sexual*, de Augusto Forel e, a reação de desconforto da jovem, deve-se ao fato da maneira como o assunto era tratado pelas freiras, desde cedo orientando as internas “a reprimir a carne, nas pequenas coisas. Por exemplo: ser casta no próprio banho, não demorar a vista em certas partes do corpo”¹⁵³. O desconhecimento e curiosidade de Marina em relação à temática sexual, fez com que ela comprasse o livro, mesmo envergonhada no momento de realizar o pagamento na livraria.

¹⁵⁰ PAIM, Alina. *Estrada da Liberdade*. Rio de Janeiro: Leitura, 1944. pp. 8-9.

¹⁵¹ *Ibid.* p. 11.

¹⁵² *Ibid.* p. 12.

¹⁵³ *Ibid.*

Chegando à casa de madrinha Edite, onde Marina passou a viver após deixar a clausura do Convento, a professora logo iniciou a leitura do livro, obviamente, escondida no sótão para ninguém perceber o que estava lendo. Terminada a apreciação da obra, a jovem inicia um exame de consciência, procurando compreender os motivos pelos quais as freiras não tratavam o assunto na mesma naturalidade que o livro, pois “podiam perfeitamente ensinar tudo e dizer depois: ‘Foi Deus quem criou tudo isso. É uma coisa sagrada’. Não teria ficado dúvida nem desassossego no pensamento das alunas”¹⁵⁴. Esse episódio é o primeiro de muitos que marcam as reflexões de Marina a respeito da educação religiosa e, no transcorrer do romance, a crítica da personagem torna-se ainda mais contundente, principalmente depois que a professora também começa a lecionar na escola pública.

Neste sentido, após ser aprovada em concurso público, além de ensinar no Convento, Marina passa a lecionar também na Escola Almirante Barroso, situada no bairro periférico da capital baiana, conhecido como Estrada da Liberdade. A partir de então, a professora é apresentada a uma realidade até então desconhecida, vivendo e presenciando a desigualdade social presente naquele lugar. Acostumada com os privilégios estruturais do Convento, logo quando chega ao bairro, visualiza as privações ali encontradas, em que a população vivia “em casa de sopapo, cobertas de zinco, sem espaço, cheias de goteira”¹⁵⁵. Nos primeiros dias de trabalho na nova escola, Marina presencia situações inimagináveis por ela até então, como na ocasião de uma aluna chamada Alvaísa, passar mal em sala de aula e, após ser levada ao médico, o profissional constatar que “não é nada, com um prato de feijão passa, é fome”¹⁵⁶. Gradualmente, Marina começa a questionar se realmente o Convento havia a preparado para ser professora ou se todo o tempo que passou com freiras, serviu apenas para doutriná-la e torná-la a mulher que a religião julgava como ideal.

Em outra parte do romance, Marina é delegada para realizar o recadastramento escolar das crianças da Estrada da Liberdade. Batendo de casa em casa, a professora procurava saber a situação dos pequenos, se estavam matriculados ou não. Nessa circunstância, observou como as casas eram precárias e as famílias eram numerosas, muitas vezes, todos se abrigando em um único cômodo¹⁵⁷. Nesse sentido, certo dia, outra aluna chamada Azenete chegou à escola declarando para Marina que, “não dormi e vi meu pai trepar em minha mãe. Vi eles fazendo

¹⁵⁴ *Ibid.* p. 26.

¹⁵⁵ *Ibid.* p. 66.

¹⁵⁶ *Ibid.* p. 53.

¹⁵⁷ *Ibid.* p. 28.

descaração. Se embolaram e depois dormiram”¹⁵⁸. Mesmo não sendo conhecedora do assunto, a professora tenta orientar a aluna, dizendo que “um dia quando você crescer terá um filhinho. Ele começará assim. Eu comecei assim, você, o padre, todo mundo”¹⁵⁹. Desse modo, Marina começa a questionar o papel social da educação, refletindo a necessidade de tratar não apenas de conteúdos, mas também dos problemas e angústias dos alunos, desconstruindo pensamentos enraizados e buscando um ensino libertador.

Um acontecimento substancial para o reordenamento do pensamento social da Marina no romance encontra-se após seu encontro com Maria José, uma antiga amiga da época de Convento, que era casada com Miguel, um ferrenho crítico da sociedade brasileira. O esposo da amiga apresenta a Marina alguns livros para, segundo ele, ajudá-la a compreender a realidade não ensinada no educandário religioso. *Capitães de Areia* e *Jubiabá*, de Jorge Amado foram os primeiros e, a partir deles, a professora observa que “por trás da sociedade que se divertia nos bairros elegantes da Vitória, Barra Avenida e Avenida Oceânica, outra existia que se revolia no sofrimento, nas garras da miséria e da exploração”¹⁶⁰. Vale ressaltar que, embora em nenhum momento o livro faça menção explícita ao comunismo, Alina Paim demonstra indiretamente sua ligação com a cultura política comunista, pois ao citar as obras e o escritor militante pecebista, principal nome da literatura social/proletária no país, a romancista sergipana transpõe as características do seu próprio romance, também nos moldes preconizados pelo Partido.

As reflexões críticas de Marina prosseguem ao observar outro modelo de instituição social: a família. Através do contato com o núcleo familiar da madrinha Edite, a professora constata a opressão vivida pela mulher perante seu esposo, Augusto. O ápice da situação foi o aborto, que de acordo com Edite, o fez “por causa de Augusto. [...] Quando descobri que estava grávida ele ficou furioso. Fez um barulho enorme e disse que eu devia perder a criança”¹⁶¹. Cabe ressaltar que a temática do aborto apareceu em obras de outros escritores anteriormente, desde os romances naturalistas: *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, lançado em 1890, quando trata sobre Florinda, jovem sensual que passa por alguns abortos, realizados pela “Bruxa”, uma curandeira da medicina popular¹⁶²; e, em *O aborto*, de Figueiredo Pimentel, publicado em 1893,

¹⁵⁸ *Ibid.* p. 112.

¹⁵⁹ *Ibid.* p. 114.

¹⁶⁰ *Ibid.* pp. 109-110.

¹⁶¹ *Ibid.* p. 137.

¹⁶² TADDEI, Angela Maria Soares Mendes. *Uma & outras: memória social da maternidade em O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo. 2007. 154 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

narrando à vida de Maricota que, após engravidar de seu primo Mário, decide interromper a gestação por si mesma¹⁶³. Contudo, Alina Paim aborda o assunto na lógica da dependência econômica da esposa perante o marido, levando-a a submeter-se a situação de opressão sem maiores questionamentos, pelo fato do homem ser o provedor da casa e não querer o filho.

A visão da estrutura familiar para Marina e, conseqüentemente suas concepções em relação ao matrimônio, também se modificam no decorrer do romance. Com as observações realizadas na casa de madrinha Edite, inicialmente a personagem define que o casamento era:

[...] apenas uma mistificação, uma prostituição santificada, selada com orações e gestos ridículos, onde a mulher se comprometia diante de um altar a entregar seu corpo, em troca de casa, de comida e de roupa, a um homem que não a entendia e que a considerava apenas como uma fêmea¹⁶⁴.

Mais uma vez, Marina dirige suas críticas às representações religiosas que, para a personagem, perpetuam uma idealização matrimonial que é desigual entre as partes, delegando à mulher uma entrega total dentro da relação conjugal, com diversas funções e compromissos. Todavia, a avaliação da professora não se configura como uma negação. Tanto que, ao conhecer o médico Paulo, Marina encontra “um companheiro, um homem com quem pudesse colaborar em seus trabalhos, estudar juntos e de quem se orgulhasse como pai de seu filho”¹⁶⁵. Em Paulo, ao que tudo indica, Alina Paim procurou representar o seu próprio encontro com Isaías Paim, que também era médico e, que para a autora, significou um recomeço após sua internação no hospital psiquiátrico.

Marina ainda se incomoda com outras questões sociais observadas na Estrada da Liberdade, como, por exemplo, o racismo vigente na escola. Nesse caso, trata-se da forma como um professor, mesmo sendo negro, “embirrava sempre com as alunas de cor”¹⁶⁶. Para a personagem, a atitude do companheiro de trabalho demonstrava o caráter excludente e classista da educação, ainda mais quando partia de dentro do ambiente escolar, local que deveria estimular a consciência social dos alunos e, que pelo contrário, contribuía para a consolidação da inferiorização e segregação dos estudantes.

¹⁶³ VIEIRA, Renata Ferreira. *Figueiredo Pimentel e o romance O aborto (1893): uma história pouco conhecida do naturalismo no Brasil*. In. *SOLETRAS* – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ Número 30 (jul.-dez. 2015). pp. 103-117.

¹⁶⁴ PAIM, Alina. *Op. Cit.* 1944. p. 140.

¹⁶⁵ *Ibid.*

¹⁶⁶ *Ibid.* pp. 193-194.

Outro ponto importante do romance é sua abordagem sobre relações homoafetivas. Nesta, Marina lembra-se de uma noite no Convento, em que no silêncio da noite avistou “dois vultos aos beijos. Um deles mergulhou a mão na gola da camisola do outro, apalpando alguma coisa”¹⁶⁷. Na manhã seguinte, foi descoberto que se tratava de “Odete e Helenita, que eram amigas particulares e que para as freiras isso constitui uma verdadeira praga do Egito”¹⁶⁸. Questões relativas à homoafetividade já figuravam em romances precedentes na literatura nacional, mas de uma forma naturalizada e muitas vezes depreciativa. Por exemplo, em o *Bom-Crioulo*, lançado em 1895, Adolfo Caminha narra as relações homossexuais entre Amaro, um ex-escravo que entra para a marinha brasileira e, Aleixo, um jovem aprendiz de marinheiro que, na narrativa é assassinado por Amaro após este deixá-lo e se envolver com uma mulher¹⁶⁹; ainda, em *Capitães da Areia*, de 1937, em que Jorge Amado apresenta a intervenção religiosa na proibição, da antes permitida relação homossexual entre os meninos do grupo de Pedro Bala¹⁷⁰. No entanto, Alina Paim reflete a questão a partir da repressão ao direito de escolha da orientação sexual do indivíduo, bem como, destaca que embora ocorra a tentativa de controle, sempre existem sujeitos que rompem com morais socialmente estabelecidas.

Como visto, *Estrada da Liberdade* é um romance de caráter polissêmico. A partir de Marina e seu desconhecimento da realidade social, após anos de subordinação às doutrinas religiosas, Alina Paim apresenta uma crítica contundente ao sistema social corrente, apontando as desigualdades de classe e raça, as inconsistências entre o modelo educacional religioso e o público, e a arbitrariedade vivida pelas mulheres. Conjunturalmente, embora não seja narrada em primeira pessoa, apresenta-se com traços sutis dos romances psicológicos que, em toda a narrativa, parte dos pensamentos subjetivos de Marina para ação da personagem, inclusive, marcando esse distanciamento com a sistemática utilização de aspas¹⁷¹. Característica muito semelhante às estratégias de escrita realizadas por Graciliano Ramos em seu romance *Angústia*, de 1936, que não por acaso, era o tutor literário de Alina Paim.

Por outro lado, não há como negligenciar na obra, as características marcantes dos romances sociais produzidos a partir da década de 1930, observando a realidade social e

¹⁶⁷ *Ibid.* pp. 98-99.

¹⁶⁸ *Ibid.* p. 100.

¹⁶⁹ HOWES, Robert. *Raça e Sexualidade transgressiva em Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha*. In. *Graphos: Revista da Pós-Graduação em Letras - UFPB, João Pessoa, Vol 7., N. 2/1, 2005.* pp. 171-190

¹⁷⁰ SOBREIRA, Íracles Andressa Pessoa de Andrade. *Literatura e mestiçagem religiosa: uma leitura de Capitães da Areia, de Jorge Amado*. 2015. 41 f. Monografia (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2015.

¹⁷¹ BOSI, Alfredo. *Op. Cit.* p. 17.

criticando seus modelos institucionais ultrapassados¹⁷². Todavia, ao final do romance, Alina Paim ainda estabelece outra ligação entre sua obra e a literatura preconizada pelo PCB:

Começou a ensinar na Almirante Barroso. Fora ensinar ali e terminara aprendendo tudo que agora sabia sobre a vida, sobre os homens. É imensa a escola da Estrada da Liberdade, e como tudo naquelas ruas de barrancos falava com eloquência! A miséria gritava, e como era assustador o número de surdos! [...] A Estrada da Liberdade fora sua escola e seus mestres: Alvaísa, Carlos Gomes, Arcanja, Mariinha, Alfredo, Azenete e todos os pequenos de pernas sujas de lama e barriga vazia. Eles eram aos milhares. [...] Agora encarava o futuro confiante, plena de desejos de lutar, sem medo das dificuldades, esperando vencer. [...] Marina via o céu com ansiedade – ali devia ser o levante. Ficou fitando um ponto longe, muito longe. Esperava a luz. Marina sabe que toda luz vem do oriente. Espera o sol. E... Marina sabe que o sol é uma estrela¹⁷³.

Recorrendo a uma alegoria, Alina Paim encerra o romance com uma perspectiva de mudança, subentendendo a União Soviética como a luz que vem do oriente e, orienta e ilumina o comunismo brasileiro para o levante, – a revolução – como possibilidade de transformação social e erradicação das desigualdades. Essa estratégia, foi comumente utilizada por Jorge Amado que, a partir de 1933, no desfecho de suas obras, indicava a revolução proletária como solução para as mazelas discutidas em seus romances, cumprindo assim com a função pedagógica prezada pelos romances proletários¹⁷⁴.

Por conseguinte, é interessante notar os pareceres sobre *Estrada da Liberdade* publicados pela crítica especializada de seu período. De acordo com Michel de Certeau, as práticas de consumo cultural variam entre as estratégias de escrita, englobando autor e editora, seus produtos, intenções e concepções sociais; e as táticas de leitura, fruto da apropriação singular do sujeito consumidor¹⁷⁵. Isso significa que, a mesma obra, por mais que procure promover uma ideia invariável, quando lida, transforma-se em um novo texto, particular e imprevisível. Contudo, tanto as estratégias ao escrever e promover, quanto às táticas de leitura, transmite uma posição, sendo assim, indubitavelmente, caracterizadas como atos políticos¹⁷⁶.

Nesse sentido, em 6 de março de 1945, o nº 1095 do jornal carioca *A Manhã*, publicou uma análise assinada com as iniciais A. F., apontando *Estrada da Liberdade* como um romance panfletário, sendo assim:

¹⁷² LAFETÁ, João Luiz. *Op. Cit.* p. 27.

¹⁷³ PAIM, Alina. *Op. Cit.* 1944. pp. 222-224.

¹⁷⁴ DALMÁS, Carine. *Op. Cit.* 2019. p. 442.

¹⁷⁵ CERTEAU, Michel de. *Introdução geral*. In. *A invenção do cotidiano*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 17ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 46.

¹⁷⁶ *Idem*. *Ler: uma operação de caça*. In. *A invenção do cotidiano*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 17ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 237.

Em certas passagens, lembra os mais medíocres dos nossos romances chamados proletários. Não falta mesmo a pornografia, a ingênua preocupação em santificar o que julga sejam os revolucionários para vingar-se do mundo, posto o trágico retrato que levanta das Irmãs educadoras. Sente-se perfeitamente, no fundo do livro e da sua tese, a paixão política que cega, que transforma mesmo em lírico sentimentalismo o que poderia ser expressiva naturalidade¹⁷⁷.

Fundado em agosto de 1941, sob a direção de Cassiano Ricardo, o jornal *A Manhã*, quem publicou a nota supracitada, definia-se como um informativo da democracia social, portanto, não era comunista e nem fascista. No entanto, no decorrer de sua trajetória, a posição política do informativo desenvolveu-se com tons tipicamente anticomunistas, mesmo se dizendo democrático, até o seu fechamento em 1953¹⁷⁸. Consequentemente, quem assina seus textos com as abreviações A. F. no periódico é, conforme Adeíto Manoel Pinho, o escritor, intelectual de direita, católico, anticomunista e com forte ligação ao integralismo brasileiro: Adonias Filho¹⁷⁹. A leitura do crítico relaciona-se diretamente com suas concepções políticas e do jornal, combatendo as características do romance, acusando-o como pornográfico e maniqueísta, quando se refere ao perfil da educação ensinada pelas Irmãs do Convento. Desse modo, as colocações realizadas por Adonais corroboram com os indicativos da relação de Alina Paim com o comunismo, no entanto, seu julgamento faz parte dos jogos de poder estabelecidos entre a intelectualidade brasileira do período, em que as ideias praticadas e/ou defendidas pelo outro, naturalmente eram combatidas com todas as armas possíveis de fazê-la.

No mesmo caminho de Adonias Filho, em 18 de março de 1945, no nº 15452 do *Correio da Manhã*, ao tratar do romance de Alina Paim, o jornalista capixaba e poeta modernista Newton Braga¹⁸⁰, definiu-o como “a revolta primária contra as desigualdades sociais e contra as deficiências e absurdos da educação num colégio religioso”¹⁸¹. Chamado de “jornal da opinião”, *Correio da Manhã* foi fundado por Edmundo Bittencourt em junho de 1901 e circulou até julho de 1974. Em sua trajetória longeva, o jornal participou ativamente das discussões públicas, mesmo se declarando isento de posição partidária. Na década de 1940, em um

¹⁷⁷ F. A. *Estrada da Liberdade*, de Alina Paim. In. *A Manhã*, nº 1095, Ano IV, Rio de Janeiro, 06 de Mar. 1945. p. 03.

¹⁷⁸ BRASIL, Bruno. *A Manhã*. In. *Biblioteca Nacional Digital Brasil*. Rio de Janeiro, 28 de outubro de 2015. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-manha-rio-de-janeiro-1941/>. Acesso em: 03/11/2020.

¹⁷⁹ PINHO, Adeíto Manoel. *Adonias Filho e Djalma Viana: uma crítica de duas faces*. In. *Letras de Hoje*, v. 37, nº 2, Porto Alegre-RS, jun. 2001. p. 9-16.

¹⁸⁰ VERGARA, Anelize. *Rubem Braga: crônica e censura no estado Novo (1938-1939)*. 2014. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista. Assi-SP, 2014. p. 25.

¹⁸¹ BRAGA, Newton. *Uma Voz da Província*. In. *Correio da Manhã*, nº 15452, Ano XLIV, Rio de Janeiro, 18 de Mar. 1945. p. 43.

primeiro momento, o informativo acompanhou a posição varguista de não envolvimento do país na guerra, o que mudou com a declaração do presidente em favor dos Aliados, sendo assim, pode ser considerado como um dos meios de comunicação alinhados ao Estado Novo¹⁸². De fato, a forma como foi representado o modelo educacional religioso é duro e desagradou às próprias freiras, inclusive, sendo elas “as maiores compradoras do livro, não para ler, mas para queimar”¹⁸³, o que ajudou a esgotar sua edição em menos de dois anos após seu lançamento. Contudo, a leitura negativa de Braga, destacando ainda o romance de Alina Paim com “intenções sociais e tons de alegoria”¹⁸⁴, pode ser analisada pelo viés artístico do qual o poeta fazia parte: o modernismo que, com a ascensão do romance social no país, tornou-se o grande alvo das tensões e críticas dos intelectuais comunistas a partir da década de 1930.

Não obstante, os pareceres publicados pela revista *Leitura* que, conforme exposto, fazia parte da “Imprensa Popular” comunista na década de 1940, tratou de realizar a exposição positiva de *Estrada da Liberdade*, indicando assim, as estratégias de promoção do livro e sua difusão a partir do próprio PCB. Ainda em fevereiro de 1945, a vigésima sexta edição da *Leitura*, publicou o artigo “Na Estrada da Liberdade”, assinado pelo poeta e romancista baiano, Santos Moraes¹⁸⁵. Neste, o crítico dá ênfase ao contraste da realidade vivida por Marina ao lecionar em dois ambientes sociais distintos, tanto no que se refere às discrepâncias entre os dois modelos educacionais, quanto pela experiência pessoal da personagem ao sair da “bolha” do Convento, assim:

Imaginemos o choque de princípios e o despertar da consciência dessa jovem, educada num convento de freiras, cheia de preconceitos e iludida, ao deparar a vida miserável e instintiva daquelas crianças soltas e desnudas, compreendendo a responsabilidade que lhe caberá então nos seus destinos, irmanando-se aos seus sofrimentos e procurando compreender-lhes as naturezas selvagens e rebeladas¹⁸⁶.

A leitura do autor destaca que, vivendo em dois planos, gradualmente Marina foi assimilando como era o verdadeiro mundo real, recordando-se de tudo o que passou no Convento e, construindo novas perspectivas, “lê livros diferentes, dados por amigos novos, e

¹⁸² LEAL, Carlos Eduardo. *Correio da Manhã*. In. *Fundação Getúlio Vargas* (CPDOC/FGV). Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CORREIO%20DA%20MANH%C3%83.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2021.

¹⁸³ Cf. MELLO, José Barboza de. *Op. Cit.* p.22.

¹⁸⁴ BRAGA, Newton. *Op. Cit.*

¹⁸⁵ SANTOS Moraes. In. *Antonio Miranda*, janeiro de 2009. Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia-brasis/bahia/santos_moraes.html. Acesso em: 03/11/2020.

¹⁸⁶ MORAES, Santos. *Na Estrada da Liberdade*. In. *Leitura: crítica e informação bibliográfica*, edição 26, Rio de Janeiro, fev. 1945. p. 37.

chega assim a uma nova concepção da vida”¹⁸⁷. Desse modo, Moraes faz questão de salientar a crítica feita por Alina Paim ao arcaico modelo educacional religioso, além de apontar o amadurecimento na consciência da personagem a partir do encontro com novas perspectivas da realidade social.

Ainda na *Leitura*, em maio de 1945, o poeta baiano e militante comunista, Camillo de Jesus Lima¹⁸⁸, inicia suas ponderações parafraseando José Veríssimo em sua *História da Literatura Brasileira*: “A literatura, para que valha alguma coisa, há de ser o resultado emocional da experiência humana”¹⁸⁹. Lima ressalta em sua leitura, a escrita de si e a relação entre romance psicológico e social presente em *Estrada da Liberdade*, destacando ainda a obra como produto de “alguém que descobriu um mundo novo, onde todos almejam atingir a sua finalidade, encontrou a si mesma, ganhando o pão, na ruazinha proletária de bairro pobre”¹⁹⁰. Mais uma vez, o enunciado indica o encontro de Alina Paim com novas ideias e objetivos, modificando sua forma de pensar, escrever e agir no espaço público.

Na edição 34 da *Leitura*, em outubro de 1945, o escritor baiano e militante comunista Jorge Medauar¹⁹¹, afirma que *Estrada da Liberdade* é “escrito por uma sensibilidade de mulher, vale a pena admirar a ausência de tergiversações femininas, tão lamentavelmente habituais na literatura de um incalculável número de autoras”¹⁹². A leitura de Medauar, embora exalte a técnica literária de Alina Paim, de forma geral, não escapa de sentidos depreciativos em relação à escrita de autoria feminina. Portanto, aquilo que para o masculino são rodeios e/ou melancolias literárias, muitas vezes “perpassa pela leveza estranha, pela delicadeza trágica e subjetividade”¹⁹³ do universo feminino.

Adicionalmente aos pareceres publicados na *Leitura*, outro meio de divulgação da “Imprensa Popular” também dedica espaço ao romance de Alina Paim. Trata-se do jornal *O Momento*, editado pelo PCB da Bahia entre abril de 1945 e novembro de 1957, tendo por

¹⁸⁷ *Ibid.*

¹⁸⁸ MEIRA, Esmeralda Guimarães. *Um lugar para o poeta baiano Camillo de Jesus Lima: entre nós*. In. *Tabuleiro de Letras: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens Universidade do Estado da Bahia – UNEB Departamento de Ciências Humanas – DCH*, s/d. pp. 1-18.

¹⁸⁹ LIMA, Camillo de Jesus. *Estrada da Liberdade*. In. *Leitura: crítica e informação bibliográfica*, edição 29, Rio de Janeiro, maio 1945. p. 48.

¹⁹⁰ *Ibid.*

¹⁹¹ SILVA, Cristiano Augusto da. *Jorge Medauar e a melancolia da “civilização cacauzeira”*. In. *Litterata*, Ilhéus, vol. 9, n. 1, jan-jun. 2019. pp. 79-98.

¹⁹² MEDAUAR, Jorge. *Dois Romances*. In. *Leitura: crítica e informação bibliográfica*, edição 34, Rio de Janeiro, out. 1945. pp. 12-13.

¹⁹³ Cf. TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. *Escrita de mulheres e a (des)construção do cânone literário na pós-modernidade: cenas paranaenses*. Guarapuava, PR: Unicentro, 2008. p. 42.

objetivo transmitir as diretrizes políticas editoriais do Partido, divulgando as recomendações do Comitê Central, como estatutos, resoluções, congressos, conferências e reuniões, além de publicizar artigos, textos e obras literárias produzidas pelos militantes comunistas. Tido com o “diário do povo”, o semanário atuou como mediador em diversas lutas populares, como em movimentos de ocupação urbana e contra a carestia, orientando a organização das massas e promovendo assistência jurídica perante o poder público¹⁹⁴. Nesse sentido, em 11 de junho de 1945, *O Momento* publicou o artigo “Um livro de Combate”, assinado pelo militante comunista e um dos fundadores da Academia dos Rebeldes na Bahia da década de 1930, Reginaldo Guimarães¹⁹⁵. Destacando suas denúncias às mazelas sociais e seu cunho educativo, o autor afirma que:

O maior elogio, talvez, que se possa fazer ao livro *Estrada da Liberdade*, de Alina Paim, é o da originalidade. Seu romance foge a tudo que se tem escrito entre nós, no domínio da ficção. Ninguém até hoje escreveu sobre o ambiente que ela nos mostrou tão a nu, escandalosamente vivo, numa sinceridade de estrepante, sem os tiques da técnica apurada e bem acabadinha. Têm se escrito sobre a seca, sobre o cangaço, as fazendas de cacau e de café, mas, ninguém, até hoje penetrou numa escola de freiras para filmar suas cenas, suas dores, suas maldades, toda essa coisa que vive por detrás do pano e que é a verdadeira tragicomédia que o público não tem o direito de ver. [...] com o coração revoltado pelas injustiças sociais e pela miséria econômica, ela quer orientar aqueles que ainda não conhecem e continuam a trilhar o caminho errado da educação artificial e falsa como passarinhos que saltitam, inadvertidamente, enquanto serpentes gulosas os espreitam¹⁹⁶.

Observa-se que na leitura de Guimarães, o “Combate” realizado por Alina Paim em seu romance, trata-se da crítica realizada ao modelo educacional de formação de professoras nos Conventos, quando comparada com a realidade da atuação docente na educação pública. Ademais, o escritor baiano chama atenção para a originalidade da obra ao destacar essa temática em um romance social urbano, quando no período, tais abordagens privilegiavam o ambiente rural.

¹⁹⁴ SERRA, Sônia. *O Momento: história de um jornal militante*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1987. p. 29.

¹⁹⁵ ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. *O intelectual “feiticeiro”*: Édison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil. 2011. 221 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2011. pp. 137-139.

¹⁹⁶ GUIMARÃES, Reginaldo. *Um Livro de Combate*. In. *O Momento*, Salvador, 11 jun. 1945, p. 5.

Outrossim, destaca-se a análise de *Estrada da Liberdade* apresentada pelo médico, jornalista e educador baiano, Fernando Tude de Souza¹⁹⁷. Publicada em março de 1945 pela *Leitura*, o artigo do colaborador afirma que:

Em mim quem fala é o educador, alguém que ficou com a mania de que a educação é a solução para todos os males do seu país, e que não perde uma oportunidade para se bater pela solução do problema básico. [...] Alina Paim com o seu livro presta um bom serviço à educação, pois aquilo tudo que ela narra com absoluta realidade é a situação que existe. Ninguém pense que aquilo é romance. É verdade no duro. Retrato real de uma situação, grito de quem no fundo é também uma educadora¹⁹⁸.

Diferente das leituras anteriores, em que a crítica recai sobre o modelo educacional religioso, Tude de Souza destaca que a reflexão apresentada por Alina Paim, amplia-se para a questão social do fazer docente no Brasil naquele contexto, desde a negligência do Estado em relação à estrutura escolar, que no ensino público apresenta-se precária; até os baixos salários pagos aos educadores no país. Nesse sentido, a própria Alina Paim, em entrevista prestada à revista *Leitura*, por ocasião do lançamento de sua obra, destaca que:

Escrevi *Estrada da Liberdade* para as minhas colegas que ainda não conhecem as surpresas da vida, o que é a realidade, o que uma professora sem governo, sem amparo e confiança sofre no meio de tantas crianças que não são simplesmente problemas sentimentais a resolver, mas vidas que precisamos salvar a todo instante para que nós, professoras, não morramos também a cada instante¹⁹⁹.

Por conseguinte, mais que um parecer de *Estrada da Liberdade*, o cruzamento dos itinerários de Fernando Tude de Souza e Alina Paim, promoveu uma substancial transformação na trajetória da escritora sergipana. A convite do educador, então diretor da Rádio do MEC, Paim tornou-se roteirista do programa infantil *No Reino da Alegria*, dirigido por Geni Marcondes²⁰⁰. Assim, entre 1945 e 1956, paralelamente a sua carreira literária e militância política; lembrando-se dos tempos de infância em que era apreciadora de Júlio Verne, a escritora dedicou-se à criação de histórias fantasiosas para o entretenimento das crianças que, na década de 1960, se tornaram livros.

¹⁹⁷ RANGEL, Jorge Antonio. *O Moderno Dom Quixote: Fernando Tude de Souza e o projeto roquetiano de educação popular através do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Saúde nas décadas de 40 e 50*. 1998. s/n. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 1998.

¹⁹⁸ SOUZA, Fernando Tude de. *A professorinha Marina*. In. *Leitura: crítica e informação bibliográfica*, edição 27, Rio de Janeiro, Mar. 1945. p. 13.

¹⁹⁹ LIMA, Melo. *Op. Cit.* p. 41.

²⁰⁰ Cf. GENS, Rosa. *Elementos da ficção infanto-juvenil de Alina Paim*. In. *Interdisciplinar*, V.8, jan-jun de 2009. p. 47-55.

Para encerrar as considerações que indicam a militância de Alina Paim ao comunismo antes mesmo de se tornar oficialmente uma filiada do Partido, alguns artigos assinados pela escritora reforçam esse argumento. Em texto publicado em maio de 1945, na vigésima nona edição da revista *Leitura*, intitulado “A Educação na Rússia”, a autora apresenta dados a respeito do projeto russo de erradicação do analfabetismo, iniciado após a Revolução de 1917. Paim destaca que, em 20 anos, a taxa de analfabetos caiu de 78% para 8% em todo território da União Soviética, fruto de uma assistência oferecida pelo Estado, desde a gestação da criança até sua formação no Ensino Superior. Sendo sua finalidade principal auxiliar no “desenvolvimento de um indivíduo são, forte, independente no pensar e no agir, iniciado em muitos aspectos da cultura contemporânea, criador e lutador a serviço do proletariado e, portanto, em última análise, a serviço da humanidade inteira”²⁰¹. Sem entrar nos méritos da veracidade dos dados que, por se tratar de informações soviéticas oficiais, possivelmente apresentam contradições, o texto assume explicitamente a militância política de sua autora, estabelecendo sua ligação direta ao comunismo. Ademais, cabe ressaltar que o texto foi publicado no mesmo mês em que, por decreto de lei, o PCB não é mais uma organização partidária ilegal, o que justifica um discurso com exaltação pública à União Soviética e ao comunismo.

Em virtude disso, em publicação na trigésima primeira edição da *Leitura*, em junho de 1945, Alina Paim voltaria a transparecer sua admiração à causa comunista. Em um breve, mas denso texto, a escritora transcorre comentários a respeito da obra *Dez dias que abalaram o Mundo*, do jornalista e militante comunista norte-americano, John Reed. De acordo a escritora, a obra reproduz “uma narrativa fiel e transbordante da fé e do entusiasmo que enchiam seu espírito revolucionário, dos fatos decisivos de outubro de 1917”²⁰². De fato, o clássico livro de Reed apresenta interessantes informações sobre os caminhos e processos decisivos que culminaram na revolução proletária bolchevique na Rússia, inclusive sendo publicamente elogiado pelo próprio Vladimir Lenin. Contudo, o ímpeto da resenha de Paim é produto da exaltação de quem adere ao novo, afirmando que tais ideias enfatizam as ações “do povo que luta com força de vontade e heroísmo quando sabe que seu sangue está sendo derramado por

²⁰¹ PAIM, Alina. *A Educação na Rússia*. In. *Leitura: crítica e informação bibliográfica*, edição 29, Rio de Janeiro, maio 1945. p. 47.

²⁰² *Idem*. *Dez dias que abalaram o Mundo*. In. *Leitura: crítica e informação bibliográfica*, edição 31, Rio de Janeiro, jul. 1945. p. 34.

uma causa justa, sendo a revolução defendida, até o sacrifício da própria vida, por homens e mulheres”²⁰³.

Como visto nesta seção, a inserção de Alina Paim ao cenário literário e político ocorreu quase que simultaneamente. Ao cruzar os itinerários da escritora e outros intelectuais contemporâneos, observa-se que o PCB, mesmo estando na clandestinidade, oferecia a sua militância uma grande rede de sociabilidade, como a revista e a editora *Leitura* que, no caso de Alina Paim, foi um instrumento preponderante na promoção de sua obra. Muito do que é tratado pela autora já era representado por políticas soviéticas ainda no século XIX, prometendo à mulher, oportunidades iguais aos homens; liberdade das doutrinas cristãs; além da aprovação de medidas que de fato davam mais autonomia ao feminino, como o aborto e o estímulo ao acesso à educação e trabalho, inclusive nas funções predominantemente masculinas²⁰⁴.

Enfim, Alina Paim voltaria a publicar um novo romance, apenas em 1949. Contudo, nestes cinco anos até o lançamento da obra, constata-se a intensificação de sua atuação política na cena pública, principalmente nos órgãos de comunicação vinculados ao PCB que, retornando da ilegalidade, torna-se um dos principais núcleos de ação dos seus intelectuais. O período entre 1945 e 1947 pode ser apontado com a “era de ouro” da cultura política comunista, devido ao grande projeto de atração de intelectuais realizado pelo Partido, que resultou em sua estruturação interna, bem como no aumento de sua popularidade no imaginário da sociedade brasileira. Sendo assim, na próxima seção busca-se analisar os deslocamentos ocorridos na trajetória intelectual de Paim, refletindo o quanto após seu engajamento formal ao comunismo, isso interferiu e/ou influenciou em sua atuação no espaço público.

1.3 Uma intelectual oficialmente comunista: atuação política no espaço público

Entre as centenas de milhares de aderentes do comunismo em todo mundo, cabe destacar uma categoria social, os intelectuais e artistas. Esse grupo tinha importância especial para as organizações partidárias, pois ajudava a produzir imagens, discursos, ideias e a disseminá-las entre a população, inclusive graças ao seu prestígio social. Eles foram atraídos, em parte, pela imagem de vanguarda revolucionária associada ao comunismo, uma das portas de entrada para a modernidade e fonte de críticas à ordem tradicional, além de inspiração para a produção cultural²⁰⁵.

²⁰³ *Ibid.*

²⁰⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A cultura política comunista: alguns apontamentos*. In. NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 25.

²⁰⁵ *Ibid.* p. 29.

Desde 1942, com a participação brasileira junto aos Aliados na Segunda Guerra Mundial, as contradições do governo varguista tornaram-se claras para a sociedade brasileira: internamente, o regime estadonovista apresentava-se autoritário; externamente, se alinhava com o bloco em combate pela democracia²⁰⁶. Essa ambiguidade, personificada na figura de Getúlio Vargas, debilitou sua imagem autoritária e intensificou uma oposição sistemática em diversos setores políticos e sociais nos anos seguintes, promovendo modificações nas estruturas institucionais do Estado brasileiro que caminhava para sua experiência democrática e abrindo espaços, sobretudo, para a ação intelectual no espaço público.

Neste sentido, um exemplo claro de reordenamento do pensamento intelectual desse período é a criação da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), em 1943. Criada como um órgão de classe, a instituição nasceu com objetivos apolíticos, englobando escritores de diferentes tendências políticas e ideológicas, e visando a defesa dos direitos profissionais dos escritores brasileiros. No entanto, em janeiro 1945, com a realização do seu Primeiro Congresso Nacional, reemergiu no interior da entidade, às antigas problematizações sobre a “função social” dos intelectuais e, diante do contexto político do país e do mundo, isolar-se em suas “torres de marfim” não seria aceitável. Assim, devido às características das produções literárias dos escritores comunistas dialogarem com um compromisso de denúncia da realidade social, fruto das modificações ideológicas promovidas pelos romances sociais e/ou proletários desde a década de 1930, gradativamente, os intelectuais alinhados ao PCB ganharam espaço de ação na Associação²⁰⁷.

De acordo com Jorge Amado, duas tendências de membros do PCB estavam presentes no primeiro conclave da Associação: uma “democrata” e receosa com a atuação política da intelectualidade, apoiada por Caio Prado Júnior e Maria Schemberg; outra “comunista” atuante e a favor da intervenção pública dos intelectuais, formada por nomes como Dalcídio Jurandir, Moacir Werneck de Castro e Alina Paim²⁰⁸. Tal dualidade de posturas dos militantes esquerdistas presentes no I Congresso da ABDE, são reflexos das contradições internas já existentes entre a militância pecebista desde a Conferência da Mantiqueira, em 1943.

²⁰⁶ CAPELATO, Maria Helena. *O Estado Novo: o que trouxe de novo?* In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: tempo do nacional- estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 113.

²⁰⁷ LIMA, Felipe Victor. *Literatura e Engajamento na trajetória da Associação Brasileira de Escritores (1942-1958)*. 2015. 380 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015. p. 61.

²⁰⁸ AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992. pp. 19-20.

Realizada clandestinamente, a referida Conferência foi essencial para a reorganização das ações comunistas, pois além de definir um Comitê Central para o Partido, desenvolveu como tática política, a união, juntamente com o governo varguista, de sua militância em torno da luta contra o nazifascismo²⁰⁹. Contudo, duas vertentes distintas surgiram no interior do PCB: a primeira, chamada de “liquidacionismo”, concordava com a proposta geral, mas defendia também a extinção do Partido como forma de transmitir aos aliados um compromisso com a democracia²¹⁰; a segunda, embora apoiasse a união nacional, discordava com o alinhamento político com o governo, indicando, inclusive, a necessidade de combate à ditadura varguista²¹¹. Enfim, mesmo permanecendo a proposta unionista em torno de Vargas, os conflitos de opiniões entre a intelectualidade comunista transcenderam a Conferência da Mantiqueira de 1943 e chegaram ao Congresso da ABDE, em 1945, demonstrando, como afirma Jean-Pierre Rioux, a participação das associações na estruturação, mesmo que instável, da vida política²¹².

Por conseguinte, através do Ato adicional de fevereiro de 1945, Vargas fixou eleições para aquele ano. Não obstante, em abril, o presidente declarou anistia aos presos políticos do Estado Novo, permitindo a libertação de uma figura simbólica do comunismo brasileiro: Luís Carlos Prestes. Ainda em maio do mesmo ano, a aprovação do novo Código Eleitoral visando à Assembleia Nacional Constituinte, marcada para o fim de 1945, promoveu a organização de novas instituições políticas, como o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o Partido Social Democrático (PSD) e a União Democrática Nacional (UDN); e beneficiou o retorno do PCB à legalidade, na qual não se encontrava desde 1927²¹³.

Sob a orientação do recém-liberto “Cavaleiro da Esperança”, o PCB retomou suas atividades políticas legais, inicialmente seguindo os princípios de “luta ordeira, pacífica, moderada, democrática, frentista e institucional”²¹⁴ e, contraditoriamente, alinhando-se ao PTB no “movimento queremista” pela permanência de Vargas no poder, justificando a aliança como essencial para evitar uma guerra civil e movimentos reacionários fascistas no país²¹⁵. Paralelamente, o Partido intensificou ações junto ao movimento sindical e operário, criando a

²⁰⁹ CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1837-1945)*. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1976. p. 232.

²¹⁰ AMAZONAS, João; GRABOIS, Maurício. *Cinquenta anos de luta*. In: Partido Comunista do Brasil: em defesa dos trabalhadores e do povo brasileiro. São Paulo: Anita Garibaldi, 2000. p. 155.

²¹¹ CARONE, Edgar. *Op. Cit.* 1976. pp. 232-233.

²¹² RIOUX, Jean-Pierre. *A associação em política*. In: REMOND, René. *Por uma História Política*. Tradução: Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. pp. 100-101.

²¹³ SCHMITT, Rogério. *Partidos políticos no Brasil (1945-2000)*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 12.

²¹⁴ SEGATTO, José Antônio. *Breve História do PCB*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989. p. 54

²¹⁵ SANTANA, Marco Aurélio. *Homens partidos: comunistas e sindicatos no Brasil*. 1ª Edição. São Paulo-SP: Boitempo Editorial. 2001. p. 40-41.

frente trabalhista do Movimento Unificador dos Trabalhadores (MUT) e fortalecendo sua imagem política diante da grande massa.

A organização e mediação política²¹⁶ do PCB surtiu efeito logo nos primeiros anos do retorno de suas atividades. Com a deposição de Vargas em outubro de 1945, os comunistas voltaram-se para a campanha eleitoral, indicando Yedo Fiúza como candidato à presidência e, embora tenha ficado em terceiro lugar, com expressivos 10% do total de votos, as eleições demonstraram a emergência política do Partido, elegendo Prestes como senador²¹⁷; e mais 14 deputados federais. Com a chegada de Eurico Gaspar Dutra do PSD à Presidência da República, de 1946 até 1947, quando o PCB é novamente colocado na ilegalidade, a atuação pública da sua intelectualidade aumentou consideravelmente.

Por conseguinte, dentre as diversas estratégias de reorganização política feita pelo PCB neste contexto, uma das mais relevantes para a reconstrução de sua imagem perante o povo brasileiro, foi sua capacidade de atração de novos intelectuais e artistas para seu quadro formal. Obviamente, essa categoria de militantes comunistas, sempre atuou no espaço público, mesmo no período em que o Partido esteve na ilegalidade e muitos desses agentes foram perseguidos politicamente. No entanto, para além de sua elite, o recrutamento intelectual do Partido abriu espaço para agentes periféricos, interessado em integrar uma vanguarda revolucionária e crítica²¹⁸.

Desde 1944, quando se inseriu na sociabilidade comunista do Grupo *Leitura*, em virtude do lançamento de *Estrada da Liberdade*, Alina Paim já transitava entre a intelectualidade ligada ao comunismo. Além disso, a escritora havia integrado o grupo de militantes comunistas que participou do I Congresso da ABDE e colaborado com alguns periódicos relacionados ao Partido, porém, sua filiação formal iniciou-se em 1945, quando passou a integrar os quadros oficiais de membros do PCB²¹⁹. Apenas para se ter uma ideia da força simbólica que a atração intelectual representou, em 21 de abril de 1945, uma solenidade pública presidida por Prestes, homenageou e entregou os *carneiros* de membros aos comunistas:

Graciliano Ramos; Candido Portinari; Jorge Amado; Oscar Niemeyer; Itália Fausta; Dionélio Machado; José Geraldo Vieira; Álvaro Moreyra; Arnaldo Estrela; Lia Corrêa Dutra; Francisco Mignore; Clóvis Graciano; Jaime Grabois; Mario Schemberg;

²¹⁶ BERSTEIN, Serge. *Os partidos*. In. REMOND, René. *Por uma História Política*. Tradução: Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. pp. 60-61.

²¹⁷ SEGATTO, José Antônio. *Op. Cit.* p. 63-64.

²¹⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. Cit.* 2013. p. 29.

²¹⁹ RECRUTAMENTO para o Partido Comunista do Brasil. In. *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro*, Fundo Polícia Política; Série comunismo, notação 2-A, maço 03. fls. 104.

Eduardo Guarnieri, Honório Peçanha; Alcides da Rocha Miranda; Dalcídio Jurandir; Pedro Motta Lima; Quirino Campofiorito; Raul Devezza; Edison Carneiro; Leôncio Basbaum; Aydano do Couto Ferraz; Dias da Costa; Oswaldo Alves; Joracy Camargo; Carlos Scliar; Paulo Werneck; Brasil Gerson; Oduvaldo Viana; José Morais; Rui Facó; Claudio Devezza; Ana Stela Schic; Laura Austregésilo; Emmo Duarte; **Alina Paim**; Floriano Gonçalves; Jordão de Oliveira; José Guimarães; Eugenia Álvaro Moreyra; Raymundo de Souza Dantas; Miguel Costa Filho; Oswaldo Marques; Otávio Dias Leite; Almeida Cousin; Mario Cabral. Silvia Chalreu; Oswaldo Peralva; Solano Trindade; Eneida de Morais; F. Acquarone; Leda Acquarone; José Luiz Calazans; Cid Silveira; James Amado; Durval Serra; Mello Lima; Jorge Medauar e Clóvis Santoro²²⁰.

Em comum, esses intelectuais foram determinantes para a circulação de valores e ideias da cultura política comunista, “encontrando abrigo em periódicos, editoras e livros, e influenciando a produção artística e cultural em suas diversas expressões, desde o romance e poesia, até o cinema e televisão”²²¹. A partir de 1944, a imprensa comunista, conhecida como “Imprensa Popular”, logo se consolidou como uma das maiores redes de informação do país²²², inclusive, criando uma agência de distribuição, a INTERPRESS²²³. Desse modo, além de representar um meio eficaz e duradouro de introduzir e consolidar as ideias comunistas na opinião pública²²⁴, o aparato comunicacional instituído pelos comunistas transpõe as formas pelas quais a sociabilidade intelectual se estrutura.

Profissionalmente, de 1945 até 1956, Alina Paim esteve envolvida com o programa infantil *No Reino da Alegria*, transmitido pela rádio MEC, de segunda a sexta-feira às 17 horas. Segundo a autora, “escrever para a rádio foi muito interessante. Eu queria ver se descobria o segredo de escrever uma coisa e vê-la existir só através da palavra”²²⁵. Por outro lado, sua colaboração intelectual aos meios de comunicação do PCB foi substancial. No plano cultural,

²²⁰ HOMENAGEM do Partido Comunista do Brasil aos seus escritores e artistas. In. *Tribuna Popular*, nº 281, Ano II, Rio de Janeiro, 21 de abr. 1945. pp. 01-02. (grifo nosso).

²²¹ NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Apresentação*. In. NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 10.

²²² RUBIM, Antonio A. Canelas. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995. pp. 30-31.

²²³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A verdadeira pátria dos trabalhadores: a URSS e as edições comunistas*. In. ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson (org.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado de Letras, 2005, v.1, p. 350.

²²⁴ BERSTEIN, Serge. *Op. Cit.* p. 69.

²²⁵ GILFRANCISCO. *A Romancista Alina Paim*. Aracaju: Edições GFS, 2008. p. 39.

contribuiu com contos literários²²⁶ e traduções de obras estrangeiras²²⁷. Na cena política, escreveu artigos, participou de eventos, assinou protestos e manifestos. Assim, atuando substancialmente no espaço público, através de seus discursos, performances e condutas, suas avaliações e percepções, – políticas e sociais – em seu espaço e tempo²²⁸, a escritora e militante comunista esteve envolvida em diversas discussões e polêmicas de dimensões nacionais e internacionais, colocando-a em convívio direto com os grandes nomes da intelectualidade brasileira das décadas de 1940 e 1950.

Ainda em abril de 1945, Alina Paim foi indicada como representante do PCB para integrar o Departamento de Difusão Cultural no processo de reorganização da Liga da Defesa Nacional (LDN)²²⁹. Desde sua fundação, em 1916, a LDN encarregou-se de promover ações de cunho patriótico e democrático. Durante o Estado Novo, com a suspensão dos direitos constitucionais, a entidade tornou-se palco clandestino dos opositores à Vargas e, com a deflagração da Segunda Guerra Mundial, adotou as campanhas de combate ao nazifascismo no Brasil²³⁰. Quando Alina integrou a Liga, os assuntos relacionados à guerra eram o centro de suas pautas, tanto que em uma de suas Convenções, realizada em junho de 1945, a escritora foi escolhida para a Comissão de Problemas da Força Expedicionária Brasileira (FEB)²³¹. Em setembro do mesmo ano, a escritora publicou na revista *O Cruzeiro*²³², o artigo intitulado “A

²²⁶ Os contos de Alina Paim publicados, em sua maioria, são recortes de suas obras literárias e, em grande parte, foram publicizados pela “Imprensa Popular” do PCB como forma de promoção da autora e de seus romances. Ver: PAIM, Alina. *Fuga*. In. *Sombra*, Ano 4, nº 34, Rio de Janeiro, Setembro de 1944. pp. 72-73; *Idem*. *Um Filho*. In. *Walkyrias*, Ano XI, nº 138, Rio de Janeiro, Janeiro de 1946. pp. 31 e 120; *Idem*. *Agonia*. In. *Correio da Manhã*, nº 17184, Ano XLVIII, Rio de Janeiro, 27 de Mar. 1949. p. 34. A escritora ainda colaborou com outros periódicos, como: “Acaba de sair mais um número da revista “Esfera”, mensário da Empresa de Leitura e Publicidade. [...] Traz farta colaboração, incluindo contos, ensaios, poemas, crítica, etc. Com páginas assinadas por Alina Paim”. Cf. ESFERA. In. *Tribuna Popular*, nº 466, Ano II, Rio de Janeiro, 10 de Dez. 1946. p. 03; e, “Literatura – Está circulando o número de “Literatura” consagrado ao centenário de Castro Alves. Entre outros, colaboram nesta edição os srs. [...] Alina Paim – Capítulo de romance”. Cf. PUBLICAÇÕES. In. *Diário de Notícias*, nº 7654, Ano XVIII, Rio de Janeiro, 08 de out. 1947. p. 02.

²²⁷ As traduções estrangeiras realizadas por Alina Paim são clássicos da Literatura marxista e foram publicados pela Editorial Vitória, principal editora fundada pelo PCB durante a década de 1940, dentre as obras estão: EFIMOV, A; FREIBERG, N. *História da época do capitalismo industrial*. Trad. Paim Júnior e Alina Paim. Col. Unidade, 2 vols. 594 p. Ed. Vitória, 1945; DIMITROF (Jorge). *A Luta pela unidade da classe operária contra o fascismo*. Trad. Alina Paim. Col. Clássicos do Marxismo. 104 p. Ed. Vitória, 1946; LENIN (VI). *Que fazer? Problemas candentes de nosso movimento*. Trad. Paim Júnior e Alina Paim. Col. Unidade, 216 p. Ed. Vitória, 1946. Cf. GILFRANCISCO. *Op. Cit.* p. 73.

²²⁸ CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990. p. 27.

²²⁹ LIGA da Defesa Nacional. In. *Diário de Notícias*, nº 6901, Ano XV, Rio de Janeiro, 27 de abr. 1945. p. 08.

²³⁰ LAMARÃO, Sérgio. *Liga da Defesa Nacional (LDN)*. In. *Fundação Getúlio Vargas (FGV-CPDOC)*. Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/liga-da-defesa-nacional-ldn>. Acesso em: 21 de abril de 2020.

²³¹ CONVENÇÃO Popular do Distrito Federal. In. *Diário de Notícias*, nº 6967, Ano XVI, Rio de Janeiro, 11 de jul. 1945. p. 04.

²³² Fundada por Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, em novembro de 1928, *O Cruzeiro* foi uma das mais proeminentes revistas da história imprensa nacional. Um dos primeiros órgãos a integrar os Diários Associados,

Mulher e a FEB”, exaltando o sucesso das tropas brasileiras nas Batalhas de Monte Castelo e Castelnuovo e convocando as mulheres do país para recepcionar o retorno dos “pracinhas” ao país²³³.

No mesmo mês, Alina assinou um protesto coletivo contra a reorganização do Integralismo, através da revista *Diretrizes*. Fundada em 1939, por Azevedo Amaral e Samuel Wainer, o semanário carioca inicialmente apresentou-se como uma revista formada por colaboradores de diversas tendências políticas. Com a saída de Amaral, intelectual alinhado à direita, *Diretrizes* passou por um processo de ocupação comunista, inclusive sendo alvo da censura varguista, por abrigar em seu quadro de colaboradores nomes como Graciliano Ramos, Octávio Malta, Álvaro Moreyra, Astrojildo Pereira, Jorge Amado, dentre outros²³⁴. Nesse sentido, o documento do qual Paim foi signatária, endereçado ao Presidente da República e ao chefe de Polícia do Rio de Janeiro, apontava a rearticulação do Partido Integralista sob a denominação de Cruzada Brasileira de Civismo (CBC), destacando a situação como uma afronta à luta da FEB contra o fascismo na guerra²³⁵. Desde sua criação em agosto de 1945, a CBC passou por diversas acusações de ligação com remanescentes da AIB, desarticulada desde dezembro de 1937²³⁶. Conforme destaca Jean-François Sirinelli, situações como essa, em que através de manifestos e abaixo-assinados, um grupo de pessoas se inscreve social e politicamente contra ou a favor de algo, representam uma essencial forma de mapeamento da

pioneiro grupo de comunicação no Brasil, na década de 1940, a revista passou pelo seu auge editorial, tendo como colaboradores nomes como Millôr Fernandes, Rachel de Queiroz, Gilberto Freyre, Nelson Rodrigues, José Lins do Rego, dentre outros intelectuais desse período. Ademais, a revista atuou substancialmente na divulgação de informações em combate ao nazifascismo e contra o autoritarismo e censura estadonivista. *O Cruzeiro* saiu oficialmente de circulação em 1985. Cf. BRASIL, Bruno. *O Cruzeiro*. In. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 2015. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-cruzeiro/>. Acesso em: 01 nov. 2020.

²³³ PAIM, Alina. *A Mulher e a FEB*. In. *O Cruzeiro*, ano VII, nº 48, Rio de Janeiro, 22 de set. 1945. pp. 03 e 16.

²³⁴ FERRARI, Daniel Wenseslau. *Diretrizes: a primeira aventura de Samuel Wainer*. In. *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, n.31, 2008. pp. 1-9.

²³⁵ PROTESTO contra a reorganização do Integralismo. In. *Diretrizes*, Ano VIII, nº 292, Rio de Janeiro, 03 de set. de 1945. p. 03. Assinam o protesto: Oscar Amigo; Virgínio Batista; Maria da Conceição Rocha Werneck; Fernando Nogueira Castelo Branco; Armando Lacerda; Luiz Werneck de Castro; Edgar Batista; Lauro Lemos Luna; Agostinho Searetti; Augusto Carlos Loureiro de Magachaci; Evandro Requião; Lela Batista; Deozílio Pinto Rocha; Flora Maria Noti; Maurício Sirotsky; Teodorico Meireles; Antonio Simões Fonseca Sobrinho; Isaias Ferreira Paim; Maria Luiza Jacobina; **Alina Paim**; Oscar Pereira de Araújo; Valdir Meireles; José Feliciano Assunção; Braz de Sousa Ramos; Rosa Wainer Strotzky; José Sobreira; Antonio Mota; Paulo Lourentino; Francisco Albino; Alfredo Eugenio Neruleet; J. B. Martins. A. Leitão Carneiro; Francisco Nunes; Manuel Gonçalves de Oliveira; José Borges; Carlos Nascimento Dias; José Quintela; Armando Alves; José Camilo Macário; Basílio Rhales; Quintino de Castro; Francisco Gomes; Inimá José Paula; Sofia Wainer; Maria Werneck; Maria Elazir Mota e Maria da Conceição Magres.

²³⁶ CRUZADA Brasileira de Civismo (CBC). *Verbete*. In. *Fundação Getúlio Vargas (FGV-CPDOC)*. Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/cruzada-brasileira-de-civismo-cbc>. Acesso em: 21 de abr. de 2020.

sociabilidade intelectual, revelando marcas de consciência individuais e coletivas²³⁷. Tal ação é recorrente na trajetória de Alina Paim e, nesse caso, justifica sua insatisfação como comunista, antifascista e, pelas funções que ocupava na LDN, contra a organização da CBC.

Por conseguinte, em 23 março de 1946, já com Dutra da presidência do país, o PCB, em parceria com a ABDE, realizou um comício no Largo da Carioca. Com a presença de Alina Paim, dentre as diversas questões tratadas no evento, foi redigido e assinado um manifesto em solidariedade ao povo espanhol, contra os ataques fascistas que permaneciam acontecendo no país europeu, mesmo após o fim da guerra²³⁸. Para além das críticas públicas contra a persistência dos atentados realizados pelos militantes franquistas na Espanha, chama atenção os desdobramentos ocorridos no comício. Conforme o nº 7.237 do *Diário de Notícias*²³⁹, publicado sete dias após o evento, as manifestações foram fortemente reprimidas pela polícia carioca, impedindo um ato democrático e pacífico. Ademais, segue com um novo protesto, assinado por vários intelectuais, dentre eles Alina Paim, dizendo:

No cumprimento do nosso dever de cidadãos livres e de trabalhadores e intelectuais, dirigimos um apelo especial a todos os intelectuais brasileiros democratas e antifascistas, escritores, jornalistas, artistas, homens da ciência, professores, para cerrarem fileiras, com energia e decisão, em defesa da democracia ameaçada. Não

²³⁷ SIRINELLI, Jean-François. *Op. Cit.* 2003. p. 249.

²³⁸ DOS Escritores Brasileiros ao Povo Espanhol. In. *Correio da Manhã*, nº 15762, Ano XLV, Rio de Janeiro, 23 de Mar. 1946. p. 03. Assinam o manifesto: Osório Borba; Peregrino Júnior; Odílio Costa Filho; Humberto Bastos; Sérgio Buarque de Holanda; Álvaro Lins; Alceu Marinho Rego; Aparício Torelly; Armando Fontes; Antonio Rangel Bandeira; Astrojildo Pereira; A. Santos Moraes; Álvaro Moreyra; Afonso Várzea; Aristeu Aquiles; Arquimedes de Melo Neto; Arcelina Mochel; Brito Broca; Barreto Leite Filho; Breno Acioli; Carlos Drummond de Andrade; Carlos Lacerda; Carlos Pontes; Dante da Costa; Domingos Velasco; Dias da Costa; Danton Jobim; Emil Far4hat; Eneida da Costa de Moraes; Edgard Godoi da Mata Machado; Evaristo de Moraes Filho; Egídio Squeff; Francisco de Assis Barbosa; Fernando Segismundo; Floriano Gonçalves; Franklin de Oliveira; Genolino Amado; Gastão Cruls; Guilherme Figueiredo; Graciliano Ramos; Giuseppe Amado; Geraldo Freitas; Hermes Lima; Homero Pires; José Lins Rego; José Américo de Almeida; José Augusto; Josué Montello; João Mangabeira; J. Etienne Filho; Jorge Amado; José César Borba; Joaquim Ribeiro; José Condé Filho; Jorge Medauar; José Leventhal; Luiz Viana Filho; Juiz Jardim; Lia Corrêa Dutra; Laura Austregésilo; Marques Rebelo; Moacir Werneck de Castro; Mário Pedrosa; Milton Caires de Brito; Manoel Valadão; Nestor Duarte; Neno Canabarro Lucas; Otávio Tarquínio de Souza; Osvaldo Alves; Osmar de Aquino; Orris Soares; Oto Lara Rezende; Prado Kelly; Prudente de Moraes Neto; Pompeu de Souza; Paulo Duarte; Rafael de Oliveira; Rubens Borba de Moraes; Virgílio de Melo Franco; Vitor do Espírito Santo e Wilson Veloso.

²³⁹ Fundado por Orlando Ribeiro Dantas em junho de 1930, o jornal carioca *Diário de Notícias* imediatamente aderiu à causa anti-oligárquica. Nos anos seguintes, alinhou-se a oposição de Vargas, a luta pela democracia e combate ao fascismo. Declarou-se contra Dutra nas eleições de 1945 e novamente contra Getúlio em 1950. Em 1959, após uma viagem à URSS, seu então diretor, João Dantas, iniciou uma forte campanha em favor de Jânio Quadros e, posteriormente, apoiou as medidas do governo, inclusive, na condecoração concedida a Che Guevara em 1961. Seguindo essa linha, apoiou João Goulart e suas propostas de reformistas. No entanto, com a deflagração do Golpe em 1964, ironicamente alinhou-se aos governos militares, mantendo-se em circulação até 1979. Cf. FERREIRA, Marieta de Moraes. *Diário de Notícias (Rio de Janeiro)*. In. *Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV)*. Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/DI%C3%81RIO%20DE%20NOT%C3%8DCIAS%20%28Rio%20de%20Janeiro%29.pdf>. Acesso em: 01/11/2020. pp. 1-11.

importa a filiação partidária de cada um; não importa qual seja a concepção filosófica ou a crença religiosa de um e de outro; não importa tão pouco que este ou àquele se mantenha em posição de homem sem partido, embora naturalmente antifascista. O que importa realmente, acima de qualquer consideração particular, é a necessidade de enfrentar e fazer recuar o inimigo comum, vencido, militarmente, e que tenta rearticular-se e adiar a sua derrota definitiva, política e moral²⁴⁰.

De acordo com a publicação, observa-se que mesmo diante do processo democrático em que o Brasil passava, o imaginário anticomunista persistia e, que cada vez mais, a ação da intelectualidade comunista nos espaços públicos, tanto físicos como discursivos, toma tons políticos mais acentuados, em concordância com aquilo que havia se discutido no Congresso da ABDE, em 1945.

Em oposição às considerações contidas no manifesto e apresentando forte teor anticomunista, em 31 de março de 1946, assim escreveu Djalma Viana ao periódico *A Manhã*:

Em primeiro lugar, sendo um órgão de classe, a ABDE não deve interferir politicamente em coisa alguma. Em segundo lugar, lutar no momento contra a carta de 1937 será concorrer para a desmoralização do Parlamento que a endossou e o Parlamento, sabemos, é mais forte garantia democrática. Em terceiro lugar, essa história de combater o fascismo e deixar o comunismo em brancas nuvens (no momento em que o Sr. Carlos Prestes se declara pela Rússia contra o Brasil)²⁴¹.

Cabe ressaltar que, de acordo com Adeíto Manoel Pinho, quem assina os artigos para o periódico sob o pseudônimo de Djalma Viana é, na verdade, o conhecido escritor integralista Adonias Filho²⁴². No entanto, o apontamento feito pelo crítico apresenta os indícios do caráter político que a ABDE já apresentava e, que nos anos subsequentes se confirmariam, culminando na ocupação comunista da instituição. Ademais, chama atenção a ênfase dada ao escritor sobre

²⁴⁰ AINDA sobre os acontecimentos do Largo da Carioca. In. *Diário de Notícias*, nº 7237, Ano XVI, Rio de Janeiro, 30 de Mar. 1946. p. 03. Assinam o protesto: Adacto Filho; A. L. Nobre de Melo; **Alina Paim**; Álvaro Moreira; Aparício Torelly; Ari de Andrade; Aristides Saldanha; Arthur Ramos; Astrojildo Pereira; Augusto Rodrigues; Aurélio Buarque de Holanda; Aidano do Couto Ferraz; Brasil Gerson; Dalcídio Jurandir; Davi Aarão Reis; Dias da Costa; Ecilda Clark; Edison Carneiro; Egídio Squeff; Emil Farhat; Emílio Rocha; Emo Duarte; Eneida de Moraes; Eugênia Álvaro Moreira; Floriano Gonçalves; Francisco de Assis Barbosa; Franklin de Oliveira; Gastão Worms; Genolino Amado; Gilda Marinho; Graciliano Ramos; Guilherme Figueiredo; Hélio Fernandes; João Saldanha; Jorge Amado; Jorge Medauar; José Almeida Barreto; José César Borba; José Lins Rego; Laura Austregésilo; Leôncio Basbaum; Letelba de Brito; Levi Rocha; Lia Corrêa Dutra; Mário Cabral; Mário Magalhães da Silveira; Mauricio V. de Queiroz; Mecenas Dourado; Miguel Costa Filho; Moacir Werneck de Castro; Murilo Miranda; Nise da Silveira; Nilo da Silveira Werneck; Otávio Dias Leite; Odilon Guerra; Orígenes Lessa; Oscar Niemeyer; Osório Borba; Osvaldino Marques; Osvaldo Alves; Paulo Werneck; Pedro Mota Lima; Peregrino Júnior; Pilades Gama; Plínio Bastos; Raimundo de Souza Dantas; Rui facó; Salomão Scliar; Tompson Flores Neto; Vitor M. Konder; Wagner Cavalcanti; Valdir Duarte e Zora Braga.

²⁴¹ VIANA, Djalma. *Revisão Literária*. In. *A Manhã*, nº 1423, Ano VI, Rio de Janeiro, 31 de Mar. 1946. pp. 12 e 16.

²⁴² Cf. PINHO, Adeíto Manoel. *Adonias Filho e Djalma Viana, uma crítica de duas faces*. In. *Letras de Hoje*, v. 37, nº 2, Porto Alegre-RS, jun. 2001. p. 9-16.

as declarações de Prestes por ocasião de sua posição perante aos desdobramentos da Guerra Fria, gerando denúncias jurídicas contra o PCB. Finalizando, o artigo ainda anuncia ataques pessoais a algumas mulheres comunistas, menosprezando suas autoridades em falar sobre cultura, estando entre elas Eneida de Moraes, Lia Corrêa Dutra e Alina Paim.

O emblemático jornal pecebista *Tribuna Popular* que circulou entre maio de 1945 e dezembro de 1947, sendo considerado um dos mais importantes informativos do Partido e que, diariamente publicava textos teóricos, artigos de seus militantes, denúncias sociais e políticas, além de tornar público as orientações vindas do Comitê Central²⁴³; em sua edição nº 387, circulada em 7 de setembro de 1946, destacou a acentuação da perseguição ao PCB naquele contexto. Conforme a publicação, um grupo de comunistas formado por Floriano Gonçalves, Graciliano Ramos, Alina Paim, Enoch Santos, Lia Correia Dutra, Gilberto Paim, Laura Austregésilo, Bartolomeu Montenegro, Edison Carneiro, Osvaldo Alves e Otto Neri, encaminharam pessoalmente um protesto à redação do jornal, manifestando-se a respeito da depredação de diversas sedes do Partido, invasões de casas e prisões de militantes comunistas. Conhecida como “Plano Lira”, a operação desencadeada em 31 de agosto de 1946 e orquestrada pelo então chefe do Departamento Federal de Segurança Pública (DFSP), o advogado José Pereira Lira, contou com a prisão de 216 militantes e foi considerada uma das maiores manifestações anticomunistas no período em que o Partido esteve na legalidade. Ademais ao repúdio feito pelos intelectuais diante das ações de Lira, os pecebistas anunciaram uma campanha de subscrições através da Célula Theodoro Dreiser²⁴⁴, de modo a angariar fundos para reparar os danos provocados pelas ações repressivas²⁴⁵.

Nas Assembleias Constituintes de 1946 o PCB já se estabelecia como a principal força de oposição ao governo Dutra, defendendo cláusulas sociais e criticando medidas liberais. Não obstante, o apoio do Partido aos movimentos operários e sindicais se intensificou, defendendo greves e ações radicalizadas dos trabalhadores²⁴⁶. No plano internacional, o pós-guerra e início

²⁴³ FERNANDES, Karina Pinheiro. *As dores do povo em texto e ilustração do jornal Tribuna Popular (1954-1947)*. In. *Anais do XV Encontro Regional da ANPUH-Rio*. s/d. pp. 1-10.

²⁴⁴ Ligada ao Comitê Central do PCB, a Célula Theodoro Dreiser era formada por alguns escritores militantes, dentre eles Graciliano Ramos, Lia Corrêa Dutra, Laura Austregésilo e Alina Paim. Em suas reuniões semanais, realizadas na sede da Editora Horizonte, também vinculada ao Partido, o grupo discutia as propostas vindas do Comitê e formulava estratégias de divulgação dos informes partidários. Cf. MORAES, Dênis de. *O velho Graça*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. p. 218.

²⁴⁵ UMA Comissão de militantes da Célula Theodoro Dreiser. In. *Tribuna Popular*, nº 387, Ano II, Rio de Janeiro, 07 de set. 1946. p. 03.

²⁴⁶ SANTANA, Marco Aurélio. *Op. Cit.* p.49-53.

da Guerra Fria, polarizaram as disputas ideológicas entre os Estados Unidos e União Soviética, que no Brasil, refletiu no acirramento político do governo com os comunistas²⁴⁷.

Por todas essas polêmicas, em 7 de maio de 1947, o processo contra o PCB iniciado após as declarações de Prestes em favor da URSS, culminou no cancelamento do registro do Partido junto ao TSE. Dentre as diversas alegações que levaram ao feito, estava a sua nomenclatura, que segundo as acusações apontavam para uma organização que não respondia aos interesses brasileiros, mas sim soviéticos. Assim, em 10 de maio do mesmo ano, o ministro da justiça, Benedito Costa Neto, aprovou o encerramento das ações políticas pecebistas²⁴⁸. Desse modo, após exatamente dois anos de atividades legais, o PCB encontrava-se novamente na clandestinidade.

Evidentemente, o ocorrido não passou despercebido pela intelectualidade que, mais uma vez, lançou mão de manifestos contra a decisão de retornar o Partido à ilegalidade. Seis dias após o julgamento, o nº 541 do *Tribuna Popular* publicou a primeira manifestação. Com uma enorme lista de assinantes, dentre eles Alina Paim, o documento expressava-se em favor do livre funcionamento dos partidos políticos e tratava a situação como indícios de um saudosismo fascista ao terror, censura e perseguições de intelectuais durante o Estado Novo²⁴⁹. No mesmo sentido, outro protesto publicado no nº 16.118 do *Correio da Manhã*, em 23 de maio de 1947 e tendo Alina Paim como uma de suas signatárias, assim dizia:

[...] escritores, professores, jornalistas, cientistas, artistas, representantes das profissões liberais, pertencentes a diversos partidos democráticos e alguns de nenhum

²⁴⁷ CHILCOTE, Ronald H. *O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. p. 100-101.

²⁴⁸ CHACON, Vamireh. *História dos Partidos Políticos Brasileiros*. 3ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998. p. 145-148.

²⁴⁹ PELA liberdade de pensamento e pelo funcionamento de todos os Partidos. In. *Tribuna Popular*, nº 541, Ano II, Rio de Janeiro, 06 de mai. 1947. p. 02. Assinam o documento: Aníbal Machado; Alberto Passos Guimarães; Almeida Fischer; Aristeu Aquiles; Arthur Ramos; A. L. Nobre de Melo; Álvaro Moreyra; Ascendino Leite; Ari de Andrade; **Alina Paim**; Astrojildo Pereira; Aparício Torelly; Almeida Cousin; Alcino Bahia; Antunes de Almeida; Augusto Rodrigues; Braga Montenegro; Bandeira Duarte; Brasil Gerson; Bercelino Maia; Breno Acioly; Clovis Cardoso; Cid Silveira; Dias da Costa; Dalcídio Jurandir; E. Agostinho Filho; Edgar Sussekind de Mendonça; Egídio Squeff; Eneida Moraes; Edison Carneiro; Eliéser Buriá; Edgar G. da Mata Machado; Emo Duarte; Francisco de Assis Barbosa; Floriano Gonçalves; Graciliano Ramos; Gastão Pereira da Silva; H. Pereira da Silva; Herculano Siqueira; Gastão Cruis; Guilherme Figueiredo; Hildon Rocha; Ivone de Miranda; Jocelyn Santos; José Geraldo Vieira; Gentil Noronha; Jorge Amado; José Leventhal; Josué de Castro; João Francisco Tocantins; Josué Montelo; Jorge Medauar; José Lins Rego; Jamil Sampaio; Luis Rosemberg; Luiz Carlos e Oliveira; Lia Corrêa Dutra; Laura Austregésilo; Leôncio Basbaum; Leonir Tolipan; Luís Jardim; Lúcio Cardoso; Mário Schemberg; Maura de Sena Pereira; Miguel da Costa filho; Murilo Miranda; Marques Rebelo; Maurício Vinhas de Queirós; Moacir Werneck de Castro; Melo Lima; Mecenaz Dourado; Orígenes Lessa; Otto maria Carpeaux; Osvaldino Marques; Osvaldo Alves; Otávio Brandão; Osório Borba; Osvaldo Peralva; Plínio Bastos; Peregrino Júnior; Perminio Asfora; Paulo Mota Lima; Paulo Werneck; Raimundo de Sousa Dantas; rui Facó; Sady Garibaldi; Sílvia Chairéu; Santos Moraes; Santa Rosa; Vitor do Espírito Santo; Vitor Konder; Valdemar Cavalcanti; Xavier Piacer e Tito Lívio de Santana.

partido, entendem que é seu dever deixar firmado neste documento em veemente e cabal protesto contra as manobras fascistas de retorno à ditadura, sob o desmoralizado pretexto de combate ao comunismo. O livre funcionamento dos partidos, assegurado em nossa Carta Magna, é uma característica essencial do regime democrático; as restrições a esse funcionamento repercutem inevitavelmente, com desastrosos efeitos, sobre a liberdade intelectual e artística, enfim sobre a cultura que estamos empenhados em defender²⁵⁰.

Mesmo sendo alinhado ao governo Dutra, o *Correio da Manhã* se solidarizou com a situação comunista por ocasião do manifesto contra a cassação do PCB. Evidentemente, o teor do protesto representava algo mais que apenas uma reivindicação em prol dos direitos políticos do Partido, pois também denunciava o descumprimento à Constituição, à repressão da liberdade de expressão, bem como, à coerção do fazer intelectual.

Contudo, de 1947 até 1956, mesmo estando na ilegalidade, o Partido tem um de seus maiores períodos de radicalização política e cultural. Conforme Dênis de Moraes apresenta em

²⁵⁰ Cf. O Preço da Liberdade é a Eterna Vigilância. In: *Correio da Manhã*, nº 16118, Ano XLVI. Rio de Janeiro: 23 de mai. 1947. p. 03. Ainda. UNIDOS os intelectuais diante do plano fascista contra a Constituição. In: *Tribuna Popular*, nº 606, Ano III. Rio de Janeiro: 24 de mai. 1947. pp. 01-02. São signatários do protesto: Guilherme Figueiredo; Manuel Bandeira; Octávio Tarquínio de Souza; Lúcia Miguel Pereira; Arthur Ramos; Candido Portinari; Prudente de Moraes Neto; José Lins Rego; Francisco de Assis Barbosa; Café Filho; Luis Horta Barbosa; Oswald de Andrade; Caio Prado Júnior; Mário Schemberg; José Geraldo Vieira; Clóvis Graciano; Samuel Pessoa; Danton Vampré; Rio Brando Paranhos; J. Fernando Carneiro; Graciliano Ramos; Otto Maria Carpeaux; Jorge Amado; Osório Borba; Rafael Correia de Oliveira; Álvaro Moreyra; Marques Rebelo; Vitor do Espírito Santo; R. Magalhães Júnior; Orígenes Lessa; Osvaldo Alves; Pompeu de Souza; Octávio Thyrsó; Aparício Torelly; Rubem Braga; José César Braga; Santa Rosa; Augusto Rodrigues; Edison Carneiro; Breno Acioly; Samuel Wainer; Marcelo Ramos; Dr. Ncel Nutels; Carlos da Costa Leite; Ary de Andrade; Gentil Noronha; Raimundo de Souza Dantas; Nilo da Silveira Werneck; Inha de Moraes; **Alina Paim**; Aloísio Neiva Filho; Jorge Medauar; Ivan Pedro de Martins; Arthur Pinheiro; Plínio Bueno; Ruy Almeida; João Lima; José Irineu de Souza; José Geraldo Cardoso; Armando Pacheco; Hildon Rocha; Pedro Mota Lima; Eloy Pontes; Djalma Maciel; Antonio Viana Lima; Candido Vieira; Tito Carvalho; A. Vieira; Jorge D. Teixeira Sobrinho; Floriano Gonçalves; Emílio Rocha; Pascoal de Farias Gois; Francisco Jobim; Sennen Bandeira; Athayde Nogueira; José Galante; Luiz Carneiro; Frederico Napoleão; Plínio Bastos; Wilson Chama; Michael Khede; Gastão Worms; José de Almeida Barreto; Dicamor Moraes; Mário Magalhães; Moacyr Pereira; Luiz Alipio de Barros; Joaquim Pinto da Mota Lima; A. Sangirardi Júnior; Helena B. Sangirardi; H. Pereira da Silva; Homero Homem; José Barbosa de Mello; Eneida Moraes; Osvaldino Marques; Emílio Carrera Guerra; Miguel Costa Filho; Antonio Rollemberg; Solano Trindade; Clarindo Rabelo; Fernando Segismundo; Ricardo Werneck de Aguiar; Ruth de Souza; Waldir Duarte; E. Kamprad; M. Helena M. Correia; Bercelino Maia; Rui Facó; Abdias Nascimento; Geraldo Lucena; Clélia Matos; Dony Wlches; Mário Cordeiro; Jocelyn Santos; Elza de Lima Monerat; Silvestre Maia; Carlos Rodrigues; Mário Lago; Maria Leontina Franco; Jacob Gorender; Demóstenes da Silveira Lobo; Francisco Sá Pires; Antônio Barnabé de Campos; Hernani de Andrade; Geraldo Moretson; Luiz Mendes dos Ramos; Casemiro Fernandes; Rui de Castro Fernandes; Amorim Parga; Francisco Rosa; Mário Wlches; Oséias Martins; J. Loponte; Aécio de Souza About; Waldemar Galvão; C. C. Baroht; Wilson do Nascimento; Frederico Lourenço Gomes; José Sanz; Marcos Jamovoch; Miguel Feldman; Jamil Sampaio; Rivadávia de Souza; José Durval Cordeiro; Paulo Bonavides; Maura de Sena Pereira; Waldemar Tony; F. Souza Antonio; Frois da Mota; Eduardo Corona; Dimitrieff Diniz; Helena de Mendonça Maia; Almeida Cousin; Sylvia Léon Chalmréu; Osvaldo Nazareth; Felício Faici; Dias da Costa; Paulo Werneck; Aydano do Couto Ferraz; Dalcídio Jurandir; Moacyr Werneck de Castro; Lia Corrêa Dutra; Laura Austregésilo; Octávio Malta; Raul Deveza; Eugênia Álvaro Moreyra; Edíria Carneiro; Permínio Asfora; Aristeu Achilles; Cid Silveira; Vitor Konder; Leôncio Basbaum; Arcelina Mochel; Maurício Vinhas; Augusto Belém; Octávio Brandão; A. Lemme Júnior; Paschoal Lemme; Astrojildo Pereira; Percy Deane; Osvaldo Peralva; Brasil Gerson; Joel Silveira e Wagner Cavalcanti.

seu clássico estudo sobre a imprensa comunista desse contexto, os meios de comunicação ligados ao PCB tornaram-se os maiores espaços de ação de sua militância intelectual²⁵¹, inclusive, sendo criados novos órgãos para este fim, como, por exemplo, o periódico *Momento Feminino*.

Criado, dirigido e escrito por mulheres pecebistas, o *Momento Feminino* circulou entre julho de 1947 e setembro de 1956, tendo por finalidade ser “um órgão educacional e orientador da mulher brasileira”²⁵². Além das tradicionais pautas comuns em revistas femininas do período, como questões de beleza, maternidade, cuidados com o lar, o editorial comunista apresentava nitidamente a função formativa de orientação política da mulher brasileira, abordando temas “universais e que se diferenciam por meio do ponto de vista, de universos criados e, principalmente, do meio social da qual se origina e das condições antropológicas, socioeconômicas e culturais”²⁵³. Por tratar-se de um órgão de comunicação diretamente ligado ao PCB, buscou imbricar as questões relativas à emancipação feminina à ideia da luta de classes. Contudo, vale ressaltar que, de acordo com Iracélli da Cruz Alves, embora o jornal refletisse sobre diversos temas do universo feminino, ele e muitas das comunistas do período, não se diziam feministas, pelo contrário, faziam questão de substituir o termo “feminismo” por “feminino”. À época, de acordo com as diretrizes comunistas, o movimento feminista era visto como burguês e divisionista²⁵⁴, inclusive sendo criticado por um dos seus grandes líderes, Carlos Marighella, afirmando que a emancipação prezada pelas feministas somente aconteceria atrelada a outras transformações sociais, obviamente, referindo-se à revolução²⁵⁵. Ademais, Alina Paim deu sua contribuição ao *Momento Feminino* desde sua primeira edição, em 1947; até 1956, quando o jornal saiu de circulação, fazendo uma das coisas que mais lhe agradava: escrevendo contos²⁵⁶.

²⁵¹ MORAES, Dênis de. *O Imaginário Vigiado*. A Imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953). Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

²⁵² MOMENTO Feminino. In. *Tribuna Popular*, nº 650, Ano III, Rio de Janeiro, 15 de Jul. 1947. p. 05.

²⁵³ TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. *Escrita de mulheres e a (des)construção do cânone literário na pós-modernidade: cenas paranaenses*. Guarapuava, PR: Unicentro, 2008. p. 48.

²⁵⁴ ALVES, Iracélli da Cruz. *A política no feminino: uma história das mulheres no Partido Comunista do Brasil – Seção Bahia (1942-1949)*. 2015. 477 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA, 2015. p. 92.

²⁵⁵ SÓ PODERÁ a mulher libertar-se procurando organizar-se e conseguindo participar da produção. In. *Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, 17 mai. 1946. p. 4.

²⁵⁶ Sobre os contos, em sua maioria capítulos de romances adaptados, publicados por Alina Paim no *Momento Feminino*, ver: PAIM, Alina. *Inauguração da luz elétrica*. In. *Momento Feminino*, ano I, ed. 1, Rio de Janeiro, julho de 1947. p. 3; *Idem*. *A Casa*. In. *Momento Feminino*, ano III, ed. 68, Rio de Janeiro, maio de 1950. p. 3; *Idem*. *A outra lição*. In. *Momento Feminino*, ano IV, ed. 81, Rio de Janeiro, fevereiro de 1951. p. 4.

Por conseguinte, para além da intensificação das manifestações públicas em seus meios de comunicação, a militância intelectual comunista passou a expandir suas áreas de ação em outras entidades e a ABDE foi o seu principal palco de manobras políticas. Para melhor compreender os deslocamentos que levaram à dominação comunista na instituição, faz-se necessário retornar até março de 1946, ano em que a chapa encabeçada por Guilherme Figueiredo assumiu a presidência da Associação. Nessa ocasião, o grupo que compunha a direção da ABDE era formado por agentes de diversas correntes políticas, sendo assim, considerada uma gestão heterogênea e tinha como um de seus objetivos principais, a organização e realização do II Congresso Nacional dos Escritores²⁵⁷.

Um ano depois, em março de 1947, Guilherme Figueiredo foi reeleito para a presidência da ABDE, mas com algumas mudanças no quadro de escritores que compunham sua equipe de gestão, inclusive, com Alina Paim como 2º secretária e outros nomes vinculados ao PCB na direção. Durante todo o processo eleitoral, a chapa foi anunciada como “unitária”, procurando manter os trabalhos que vinha fazendo no último ano e, principalmente, para dar andamento na realização do II Congresso da entidade, marcado para outubro do mesmo ano, em Belo Horizonte-MG. No entanto, no dia da eleição, descontente com os nomes que haviam sido incluídos na “chapa unitária”, Osório Borba inscreveu a “chapa-protesto”. Obviamente, por tratar-se de uma composição de última hora, o grupo que seria liderado por Lúcia Miguel Pereira, não obteve número de votos expressivos²⁵⁸.

O acirramento dos conflitos na ABDE começou a delinear-se durante o II Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em outubro de 1947 e que, inicialmente, teria como pautas: “Direitos autorais; Intercâmbio cultural; O escritor e a luta pela paz; O escritor e a defesa da democracia; A difusão do livro e a situação econômica do país; O livro didático; Teatro, rádio, imprensa e cinema; Problemas de arte literária”²⁵⁹. Como neste contexto o PCB já havia sido

²⁵⁷ Compunham a chapa vencedora: Guilherme Figueiredo (presidente); Astrojildo Pereira (vice-presidente); Emil Fahrat (1º secretário); Lia Corrêa Dutra (2º secretário); Floriano Gonçalves (tesoureiro); Hamilton Nogueira, Prudente de Moraes Neto, Murilo Mendes, Orígenes Lessa e Carlos Ramalhete (Conselho Fiscal). Cf. LIMA, Felipe Victor. *Op. Cit.* pp. 95-96.

²⁵⁸ Compunham a “chapa-unitária”: (Presidente) Guilherme Figueiredo; (Vice-presidente) Rodrigo Octavio Filho; (1º secretário) Astrojildo Pereira; (2º secretário) Alina Paim; (Tesoureiro) Floriano Gonçalves; (Conselho Fiscal) Manuel Bandeira, Otávio Tarquínio de Souza, Annibal M. Machado, Graciliano Ramos e Orígenes Lessa. Já a “chapa-protesto” era composta por: (Presidente) Lúcia Miguel Pereira; (Vice-presidente) Pascoal Carlos Magno; (1º secretário) Antonio Rangel Bandeira; (2º secretário) José Honório Rodrigues; (Tesoureiro) Dante Costa; (Conselho Fiscal) Alceu Marinho Rêgo, Almeida Fischer, Martins Alvares, Ivan Martins e Antônio Fraga. Cf. ELEIÇÃO na As. Brasileira de Escritores. In. *Letras e Artes: Suplemento de A Manhã*, Ano 1º, nº 36, Rio de Janeiro, 30 de Mar. 1947. p. 02.

²⁵⁹ ESCRITORES de todo o Brasil rumo a Belo Horizonte onde se inaugura amanhã seu Segundo Congresso. In. *Diário Carioca*, Ano XX, nº 5918, Rio de Janeiro, 11 de out. 1947. p. 03.

conduzido à ilegalidade, a delegação de escritores vinculada ao Partido, dentre eles Edison Carneiro, Dalcídio Jurandir, Moacyr Werneck de Castro, Jorge Amado e Alina Paim²⁶⁰, fizeram do evento um palco de protestos, transformando-o em um grande embate político-partidário. De fato, as tensões ocorridas no Congresso mudaram os rumos da trajetória da instituição. Assim, as questões sobre a profissionalização do escritor que nortearam a ABDE desde sua fundação, deram lugar à polarização política que se acentuaria cada vez mais²⁶¹.

Diante do quadro instável da ABDE, muitos dos associados ameaçando deixar a entidade e começaram a pressionar o seu presidente por uma atitude que contivesse as ações comunistas, o que levou Guilherme Figueiredo e seu vice-presidente, Rodrigo Otávio Filho, a renunciarem seus postos, imediatamente após o conclave de Belo Horizonte. Para dar andamento nas atividades da entidade, um conselho de escritores²⁶², proclamou uma diretoria temporária, encabeçada por Álvaro Lins e que ficaria nos cargos até fevereiro de 1948, quando terminaria o mandato da gestão anterior. Adiante existiria um novo pleito, para gerir a agremiação até fevereiro de 1949. Todavia, a mesma chapa que assumiu temporariamente, se efetivou nas eleições de 1949. Alina Paim, que antes era 2º secretária, passou a ocupar a função de tesoureira; além dela, outros comunistas também faziam parte do grupo, como Dalcídio Jurandir, Astrojildo Pereira e Graciliano Ramos²⁶³.

Conforme Rioux, as associações são palco de agitações e promoções de ideias políticas, abrigando “feudos ou tribunas de intelectuais”²⁶⁴. Nesse sentido, entre 1948 e 1949, as disputas entre comunistas e não comunistas tomaram conta da ABDE, principalmente quando os dois grupos iniciaram suas articulações visando o pleito eleitoral da entidade, marcado para março de 1949. Buscando cessar a ocupação comunista que se anunciava, Afonso Arinos de Melo Franco lançou uma chapa formada, em sua maioria, por liberais e, com alguns ex-comunistas

²⁶⁰ ESCRITORES regressam do Congresso de Minas. In. *Tribuna Popular*, nº 732, Ano III, Rio de Janeiro, 18 de out. 1947. p. 08.

²⁶¹ LIMA, Felipe Victor. *Op. Cit.* pp. 111-130

²⁶² Formavam o Conselho os seguintes escritores: José Américo de Almeida, Octávio Tarquínio de Sousa, Rodrigo Melo Franco Andrade, Alceu Amoroso Lima, Levi Carneiro, Jorge Amado, Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt, Lúcia Miguel Pereira, Dinah Silveira de Queiroz, Lia Correia Dutra, Carlos Drummond de Andrade, Marques Rebelo, Amando Fontes, José Lins do Rego, Aníbal Machado, Gastão Cruls. Cf. AS Eleições de hoje na ABDE. In. *Correio da Manhã*, nº 16304, Ano XLVII, Rio de Janeiro, 27 de dez. 1947. p. 02.

²⁶³ A chapa que assumiu temporariamente até fevereiro de 1948 e, depois se efetivou até fevereiro de 1949, era formada pelos seguintes associados: Álvaro Lins, presidente; Luiz Jardim, vice-presidente; Francisco Assis Barbosa, 1º secretário; Dalcídio Jurandir, 2º secretário e a sra. Alina Paim, tesoureira. Para o Conselho Fiscal da ABDE foram eleitos os srs. Graciliano Ramos, Afonso Arinos de Melo Franco, Pedro Nava, Osório Borba e Astrojildo Pereira”. Cf. AS Eleições de ontem na ABDE. In. *Correio da Manhã*, nº 16878, Ano XLVII, Rio de Janeiro, 28 de Mar. 1948. p. 02.

²⁶⁴ RIOUX, Jean-Pierre. *Op. Cit.* p. 103.

afastados do PCB²⁶⁵. Por outro lado, Homero Pires liderava o grupo com amplo predomínio comunista²⁶⁶.

Durante todo período de campanha, candidatos e apoiadores das duas chapas concorrentes trocaram provocações e acusações de caráter individual e coletivo e, no dia das votações, isso não foi diferente. Em meio a um ambiente conturbado, deu-se a realização do pleito em 26 de março e, conforme artigo publicado em *O Cruzeiro*, assinado pelo jornalista paraibano José Leal:

Mais de mil pessoas acotovelavam-se nas salas e corredores da Casa do Jornalista para, com votos livres, fazer a escolha dos novos dirigentes da entidade representativa da classe. De um lado estavam os comunistas, e do outro – os democratas. [...] Do meu camarote de simples observador, vi desenrolar-se a árdua batalha entre as duas correntes, das quais tudo fez para desmoralizar a ABDE com agitações confusas, e manobras escusas²⁶⁷.

A publicação corrobora com as afirmações de Rioux ao destacar que as associações agem como “fusíveis” de ideias coletivas e, que em determinado momento, apresentam “curtos-circuitos” do político²⁶⁸. Nessa lógica, entre as acusações de que nem todos que votaram eram realmente escritores; por 478 contra 378, os escritores da chapa liberal foram eleitos. Desde então os escritores comunistas contestaram o resultado, alegando, principalmente, que muitos dos votos à chapa vencedora foram computados por procurações²⁶⁹. Diante do ocorrido, vale ressaltar que as ações de ambos os lados se tornaram políticas: os liberais “democratas”, mesmo dizendo-se apolíticos, combatiam veementemente os comunistas; estes, no que lhe concerne, vislumbraram a entidade como espaço de atuação do PCB enquanto estava na ilegalidade.

Ademais, em 7 de abril, dia da posse da chapa vencedora, mais uma vez os comunistas agiram contra os resultados da votação. Conforme destaca Dênis de Moraes, Dalcídio Jurandir, Astrojildo Pereira, Alina Paim, Milton Pedrosa e Graciliano Ramos, mobilizaram-se de modo a tomar o livro de atas da entidade, para que o documento de posse não fosse assinado e, que

²⁶⁵ Compunham a “chapa liberal”: Afonso Arinos de Melo Franco, presidente; Barreto Filho, vice-presidente; Carlos Drummond de Andrade, 1º secretário; Otto Maria Carpeaux, 2º secretário; Jaime Adour da Câmara, tesoureiro; Alceu Amoroso Lima, Hermes Lima, Manuel Bandeira, Otávio Tarquínio de Souza e Rodrigo M. F. de Andrade, Conselho Fiscal. Cf. LIMA, Felipe Victor. *Op. Cit.* pp. 141-142.

²⁶⁶ Compunham a “chapa comunista”: Homero Pires, presidente; Orígenes Lessa, vice-presidente; Milton Pedrosa, 1º secretário; José César Borba, 2º secretário; Dias da Costa, tesoureiro; Artur Ramos, Aníbal Machado, Astrojildo Pereira, Graciliano Ramos e Júlio Paternostro, Conselho Fiscal. Cf. LIMA, Felipe Victor. *Op. Cit.* p. 145.

²⁶⁷ LEAL, José. *Manobra Comunista na ABDE*. In. *O Cruzeiro*, ano XXI, nº 26, Rio de Janeiro, 16 de abr. 1949. pp. 90, 92, 10 e 20.

²⁶⁸ RIOUX, Jean-Pierre. *Op. Cit.* p. 121.

²⁶⁹ LEAL, José. *Op. Cit.*

após perceber que Afonso Arinos encontrava-se armado no salão, Alina Paim teria o agredido várias vezes a golpes com um guarda-chuva²⁷⁰. Enfim, de fato não houve desfecho a solenidade e, durante os dias seguintes, nas páginas dos jornais cariocas, as discussões continuaram, com os comunistas, inclusive, convocando uma Assembleia Geral na entidade, visando discutir os votos por procuração²⁷¹.

Por conseguinte, em 17 de abril de 1949, Afonso Arinos e a chapa “democrática” oficialmente renunciaram à vitória, antes mesmo de terem assumido seus cargos²⁷². Consequentemente, em reunião extraordinária convocada pelos comunistas, os votos por procuração foram anulados e o grupo liderado por Homero Pires foi declarado vencedor do pleito. Não obstante, as manobras comunistas fizeram com que diversos associados deixassem a entidade de escritores e, embora a Associação tenha realizado mais dois Congressos Nacionais nos anos seguintes, observa-se na continuidade de sua trajetória uma enorme decadência provocada pela cisão. Assim, de 1949 até 1958, a ABDE é tomada e ocupada pela intelectualidade comunista, transformando-se, realmente, em uma extensão cultural e política do PCB, inclusive, tornando-se o núcleo de promoção e disseminação do realismo socialista no Brasil.

Conforme exposto, a trajetória intelectual de Alina Paim enquanto militante do PCB, assim como o itinerário do próprio Partido é repleta de caminhos sinuosos, polêmicos e contraditórios. Reconstruir essa genealogia é um trabalho árduo. Não significa simplesmente delinear biograficamente um indivíduo ou grupo, mas sim, refletir sobre seus deslocamentos em função das circunstâncias de seu espaço e tempo. Portanto, trata-se de partir do amplo e, em alguns momentos, focar em sua ação específica, compreendendo como o comunismo é apropriado pela comunista, e como isso é transposto no meio cultural, social e político.

O contexto tratado nesta seção demonstra uma série de deslocamentos no itinerário de Alina Paim em função dos desdobramentos políticos e sociais do período. Da euforia pelo fim do Estado Novo e ingresso formal ao PCB, em um momento que o país apresentava uma experiência democrática; passando pelo recrudescimento anticomunista durante o governo Dutra; até as articulações e manobras para sustentar a militância comunista nos espaços públicos. Mesmo assim, a escritora sergipana se adaptou e manteve substancialmente sua

²⁷⁰ MORAES, Dênis de. *Op. Cit.* 2012. p. 246.

²⁷¹ LIMA, Felipe Victor. *Op. Cit.* p. 167.

²⁷² *Ibid.* p. 168.

atuação cultural e política. Todas essas mudanças transformaram sua forma de enxergar a realidade e, conseqüentemente, as representações feitas pela escritora em suas obras.

Em 1949 e 1950, respectivamente, Alina Paim reaparece no cenário literário com dois novos romances que, embora mantenham o protagonismo feminino como centro de suas narrativas, são produtos de uma romancista amadurecida e com novas visões de mundo. Desse modo, a próxima seção é dedicada a refletir o quanto a experiência enquanto comunista influenciou a sua produção cultural. Enfim, se na época de *Estrada da Liberdade* sua relação com o comunismo aparece através dos laços de sociabilidade e na intertextualidade de seu romance, já nas suas duas obras seguintes, isso é explicitado e assumido pela romancista.

1.4 Do individual ao coletivo: a condição feminina aos olhos de “uma nova mulher”

Não se tem notícia do que produzem hoje as poetisas Adalgisa Neri, Ione Stamato, Ana Osório. Nem as escritoras Alina Paim, Ruth Guimarães, Helen Morley (pseudônimo), Ivone Miranda²⁷³.

Embora o trecho supracitado, publicado pelo *O Jornal*²⁷⁴, em 26 de outubro de 1947, questione a ausência de produções literárias de Alina Paim e outras escritoras, alguns dias depois, o mesmo periódico divulgou “uma coisa a retificar na crônica anterior: Alina Paim escreveu um romance que deverá aparecer em 1947: *A Sombra do Patriarca* (Globo)”²⁷⁵. No entanto, um ano antes, em abril de 1946, a revista *O Cruzeiro* já havia anunciado a referida obra, como integrante da Coleção Autores Brasileiros, organizada pela Editora Livraria Globo, de Porto Alegre²⁷⁶. De acordo com Laurence Hallewell, embora a Globo já desenvolvesse atividades eventuais desde o final do século XIX, é a partir de 1928 que a editora estabelece trabalhos regulares, atingindo no decênio de 1940 o seu auge editorial²⁷⁷. Contudo, mesmo com os anúncios de *A Sombra do Patriarca* sugerindo sua publicação desde meados da década de

²⁷³ QUE fazem as escritoras e poetisas brasileiras? In. *O Jornal*, nº 8434, Ano XXIX, Rio de Janeiro, 26 de out. 1947. p. 23.

²⁷⁴ *O Jornal*, fundado em 1919, por Renato de Toledo Lopes, no Rio de Janeiro; em 1924 foi adquirido por Assis Chateaubriand e passou a integrar o Diário dos Associados. Em sua trajetória, foi favorável ao movimento integralista; alinou-se ao Estado Novo; e, mesmo apoiando os governos militares após o Golpe de 1964, saiu de circulação em 1974. Cf. LEAL, Carlos Eduardo. *O Jornal*. In. *Fundação Getúlio Vargas (FGV/CPDOC)*, Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-o>. Acesso em: 03 de nov. de 2020.

²⁷⁵ LETRAS Femininas. In. *O Jornal*, nº 8446, Ano XXIX, Rio de Janeiro, 09 de nov. 1947. p. 23.

²⁷⁶ NOVIDADES. In. *O Cruzeiro*, ano XVII, nº 25, Rio de Janeiro, 13 de abr. 1946. p. 25.

²⁷⁷ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. (Maria da Penha Villalobos; Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza - tradutores). 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. pp. 431-435.

1940, o romance foi oficialmente lançado apenas em junho de 1950 e, embora não se saiba os motivos de tal atraso, alguns fatos apontam para tal.

Conforme exposto na seção anterior, entre 1945 e 1949, Alina Paim direcionou suas ações para o campo político, tornando pública a sua relação com o PCB e resumindo sua carreira literária em colaborações aos periódicos pecebistas. Contudo, a divulgação de um novo romance ainda em 1946, aponta que este já estava finalizado ou em processo final de conclusão e que, a prioridade dada por Alina Paim à sua atuação política, talvez tenha sido a responsável por adiar em tantos anos a publicação da obra.

Não obstante, antes mesmo de *A Sombra do Patriarca* estar nas livrarias, em outubro 1949, Alina Paim lançou outro romance, *Simão Dias*, publicado pela Editora Casa do Estudante do Brasil, importante difusora das atividades culturais no Brasil, desde sua fundação em 1942²⁷⁸. De acordo com a própria autora, a obra foi escrita entre agosto e dezembro de 1946, no Rio de Janeiro²⁷⁹, indicando também, uma postergação em sua publicação. Todavia, o período de elaboração das duas obras evidencia que, embora a escritora tenha se dedicado com afinco às atividades políticas do PCB, isso não a impediu de manter ativa sua capacidade de criação e produção cultural, mesmo que esta tenha forte relação com a cultura política comunista.

Encarregado de apresentar o romance *Simão Dias*, Graciliano Ramos como tutor literário e amigo de Alina Paim, assim escreveu em seu prefácio:

Alina Paim chegou aqui há quatro anos, (sobre 1944, ano em que conheceu a escritora) tímida, novinha, com jeito de freira à paisana. A estreia, recebida em louvores, jogou a moça na literatura. Este deixa longe a Estrada da Liberdade, manifesta um valor que o trabalho da juventude apenas indicava. A autora observa, estuda com paciência, tem a honestidade rigorosa de não tratar de um assunto sem dominá-lo inteiramente. As suas personagens são criaturas que a fizeram padecer na infância ou lhe deram alguns momentos de alegria, em cidadezinhas do interior. Nenhum excesso de imaginação. O que surge com intensidade é a existência das mulheres – complicações, desarranjos, problemas. Vê-se bem que a romancista cochilou nas orações compridas, trocou bilros na almofada e aguentou muito puxão de orelha. Foi bom. Essas desventuras lhe fornecem hoje excelente matéria²⁸⁰.

²⁷⁸ CUNHA, Luís Antônio. *Casa do Estudante do Brasil*. In. *Fundação Getúlio Vargas* (FGV-CPDOC). Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/casa-do-estudante-do-brasil>. Acesso em: 02 nov. 2020.

²⁷⁹ PAIM, Alina. *Simão Dias*. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1949.

²⁸⁰ RAMOS, Graciliano. *Prefácio*. In. PAIM, Alina. *Simão Dias*. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1949.

“Mestre-Graça”, além de chamar atenção para a evolução de Alina Paim enquanto escritora, destaca ainda a centralidade que a condição feminina, mais uma vez, ocupa em seu romance. Nesse sentido, no mesmo mês do lançamento da obra, o nº 9.041 do periódico *O Jornal*, publicou a seguinte nota:

O segundo romance de Alina Paim – *Simão Dias* – dá-lhe direito a lugar de destaque entre as romancistas brasileiras. Contribui ela com algumas figuras impressionantes pela vitalidade de expressão humana, pela autenticidade, sobretudo das mulheres, cujo perfil a jovem escritora recorta com mão firme e decidida. Já não é mais a retratista ainda tímida de *Estrada da Liberdade*²⁸¹.

Colocando Alina Paim entre as grandes romancistas do país, embora apresente tom introspectivo, a representação do universo feminino em *Simão Dias*, aparece de forma mais densa, firme, engajada social e politicamente, do que fora narrado pela autora em *Estrada da Liberdade*, seu primeiro romance, de 1944. De acordo com Ilka Maria de Oliveira, mesmo apresentando tons autobiográficos, a obra demonstra o amadurecimento da escritora em evidenciar as mulheres de uma forma que “o coletivo se sobrepõe ao individual, ainda que sem prejuízos de personagens fortes e bem constituídas, notadamente as mulheres, como Luísa e Maria do Carmo, representando as angústias da vida adulta e da adolescência”²⁸².

Em *Simão Dias*, o enredo gira em torno de Maria do Carmo, que órfã de mãe, vai viver com os avós maternos e as tias, onde fica encarregada dos afazeres domésticos. O foco da narrativa é a relação da protagonista com a professora Otaviana e a sua tia Luíza, a primeira tradicional e rígida; a segunda, vanguardista e amável. Trata-se de uma obra que reflete sobre a opressão vivida pelas mulheres em um pequeno centro urbano, onde a visão e imposição da ordem patriarcal impera sobre a condição feminina.

Nesse sentido, um aperitivo do romance foi publicado em formato de conto pelo *Momento Feminino*, em 1947, apresentando ao público, Maria do Carmo e Luísa, personagens centrais de Alina Paim em *Simão Dias*²⁸³. O enredo da obra desenrola-se na pequena cidade de Simão Dias, no interior de Sergipe, e revela aspectos da opressão contra as mulheres em uma cultura amplamente dominada pelo imaginário androcêntrico. Neste cenário, Maria do Carmo, – como era chamada pelos familiares – após a morte da mãe, passa a morar na casa dos avós D.

²⁸¹ JORNAL Literário. In. *O Jornal*, nº 9041, Ano XXXI, Rio de Janeiro, 16 de out. 1949. p. 30.

²⁸² OLIVEIRA, Ilka Maria de. *A literatura da revolução: contribuições literárias de Astrojildo Pereira e Alina Paim para uma política cultural do PCB nos anos 50*. 1999. 168 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP: Campinas-SP, 1999. p. 19.

²⁸³ PAIM, Alina. *Inauguração da luz elétrica*. In. *Momento Feminino*, ano I, ed. 1, Rio de Janeiro, julho de 1947. p. 3.

Carolina e Sr. Bernardino, onde também viviam três tias solteiras: Iaiá, Adélia e Elisa²⁸⁴. Desde o início da obra, observam-se as semelhanças entre os itinerários da personagem e sua criadora, que após a orfandade vai morar com a família materna e, alguns dos personagens, inclusive, são representados por Alina Paim com seus nomes reais, caso de Vô Bernardino e Tia Iaiá. Portanto, assim como fizera em *Estrada da Liberdade*, com a professora Marina; Alina Paim novamente realiza uma escrita de si, inscrevendo-se em *Simão Dias*, através da órfã Maria do Carmo.

Diante de um quadro de repressão familiar, principalmente por parte das tias, para Do Carmo, “depois que a mãe morrera, tudo ficara diferente, andava esquecida pelos cantos como bichinho sem dono”²⁸⁵. Para fugir da opressão a criança muda-se para casa de outra tia, Luísa, que já era casada e dividia seu tempo entre o trabalho na loja do marido, Terêncio, e aulas particulares para as crianças da cidade que desejavam ingressar nas escolas de Aracaju ou Salvador. “Tia Luísa era diferente, deixava-a à vontade, escutava sorrindo sua tagarelice e, muitas vezes, estivera de seu lado contra as irmãs”²⁸⁶.

Mesmo se tratando de uma criança, Do Carmo observava com atenção as situações vividas por ela e por outras mulheres da cidade, que de diversas formas, passavam por problemas diante da subjugação de suas condições em uma sociedade patriarcal. Sendo assim, Alina Paim, mesmo tendo Maria Do Carmo e Luísa como criaturas centrais de seu romance, expande sua narrativa para um coletivo de personagens femininas e, através de seus conflitos, cria representações. A exemplo disso encontra-se Maria Pequena, uma engomadeira que caminhava horas até a casa dos patrões e via-se inferiorizada por estes²⁸⁷. Outra personagem, Mariana Fernandes, era tida pelo marido apenas como reprodutora de mão de obra, parindo um filho a cada ano, para que fossem colocados para trabalhar e levar dinheiro para dentro de casa²⁸⁸.

A perspectiva matrimonial na obra, em um primeiro momento, é tratada pelas personagens como possibilidade de liberdade e melhoria existencial. Tia Luísa, por exemplo, “tinha casado com Terêncio porque era preciso sair daquela casa, mandar no que fosse seu e escapar à ameaça que pendia sobre as cabeças das irmãs”²⁸⁹. No entanto, com o passar dos

²⁸⁴ PAIM, Alina. *Op. Cit.* 1949. p. 28.

²⁸⁵ *Ibid.* p. 66.

²⁸⁶ *Ibid.* p. 31.

²⁸⁷ *Ibid.* p. 15.

²⁸⁸ *Ibid.* p. 49.

²⁸⁹ *Ibid.* p. 56.

anos, Luísa não conseguia ao menos ter desejos pelo marido e, pelo contrário, viu nascer dentro dela a vontade de se relacionar com outros homens. O ápice da situação foi o caso extraconjugal com Alberto, um antigo namorado de sua adolescência, idealizando com ele “a possibilidade do desejo, do amor, de ser fêmea, de sentir sal na boca, cheiro de sargaço, gozar a impressão de dormir boiando sobre as águas, igual a um deus em princípio de mundo”²⁹⁰. Para além do erotismo, Alina Paim promove uma reflexão dos graus de opressão vividos por Luísa, diante das relações de dominação na figura do pai, do marido e do amante, desejando até “fugir, ir começar a vida noutra parte, numa cidade grande onde ninguém a conhecesse, onde não ouvisse referências ao pai, a Terêncio e a Alberto. [...] Seria a conquista da liberdade”²⁹¹.

Luísa então começa a refletir sobre as causas que sustentam as diferenças entre sexos em Simão Dias, percebendo que isso estava enraizado desde cedo na vida dos indivíduos, como na separação entre meninos e meninas na sala de aula, pois a docilidade feminina não podia se relacionar com a virilidade masculina²⁹¹. Ademais, a personagem se solidariza com as mulheres da cidade que de alguma forma rompiam com seus tradicionais papéis sociais e, conseqüentemente, eram atacadas por terem o feito. Como no caso de Iná, que ficara grávida antes do casamento, e para sua família teria “de arcar sozinha com as conseqüências da entrega”²⁹², ajudando-a a fugir com o namorado Henrique, de modo a criarem a criança sem a imposição familiar da moça.

A grande transformação na autoconsciência de Luísa enquanto mulher, veio após a morte de seu marido, Terêncio, em um acidente fatal. Mesmo que após o ocorrido, seu pai, Bernardino, a tenha ordenado a voltar para casa, à viúva decidiu empoderar-se e gerir a própria vida, assim:

Uma após outra, fora derrubando as colunas em que se apoiava o homem para submetê-la e manter-se na dianteira. Que a cidade continuasse condenando sua atitude. Queria morar sozinha com uma menina [Maria do Carmo], apesar de ter a casa dos pais a dois passos: a loja pertencia-lhe e ninguém podia arrogar-se do direito de arrancá-la do que era seu. Que lhe importava a opinião alheia? [...] Podia continuar à frente da sua própria vida, levantara-se da estagnação e as pernas tinham sustentado o peso do corpo, dera os primeiros passos sem auxílio, era tarde para aceitar oferecimento de muletas. Em que se baseava aquele homem [o pai] para se julgar mais capaz, ele que não soubera conduzir a própria vida? Conhecimento do mundo? Apenas o fato de ser pai, de ser homem²⁹³.

²⁹⁰ *Ibid.* p. 170.

²⁹¹ *Ibid.* p. 53.

²⁹² *Ibid.* p. 38.

²⁹³ *Ibid.* p. 179.

Dona da própria vida, Luísa percebe mais um elemento fundamental para independência feminina: a liberdade “afetiva com raízes no passado, nos preconceitos de educação, nos mandamentos religiosos. Era preciso reconstruir a vida nos alicerces cavados com a análise de si mesma, levantados na compreensão de uma igualdade real entre os sexos”²⁹⁴. A desnaturalização de que somente ao lado de um homem a mulher alcança sua plenitude é uma das principais mensagens deixadas em *Simão Dias*. Contudo, a conclusão do romance também é bastante emblemática:

Soaram passos no salãozinho, os degraus da escada gemeram e Do Carmo surgiu na porta do corredor. Luísa envolveu-a num olhar de ternura. Não era mais a menina das tarefas de renda, também havia mudado, trazia nos lábios um traço enérgico de rebeldia, nos olhos uma interrogação viva. Duas tranças começaram a roçar-lhe os seios. Juntas abandonariam Simão Dias. Longe daquelas serras havia de revelar-lhe o segredo da liberdade da mulher, para que Maria não ferisse as mãos despedaçando as amarras do balão cativo²⁹⁵.

Ao narrar que Do Carmo e Luísa deixariam Simão Dias buscando desvencilhar-se daquilo que as prendiam à opressão masculina, Alina Paim promove também a fusão entre as duas personagens e, ao que tudo indica, representa na criança aquilo que um dia a escritora fora; e na tia, a mulher adulta que se tornou ou vislumbrou ser, demonstrando que a liberdade feminina em sua integralidade é produto da luta das mulheres contra o que é tradicionalmente estabelecido pelos homens e, conseqüentemente, pela procura por uma independência educacional, econômica e afetiva em relação ao masculino. De acordo com Iracélli da Cruz Alves, essa reflexão feita por Alina Paim é produto de sua proximidade com teorias da psicanálise a respeito de raízes inconscientes como explicação para a subjugação feminina, possivelmente influenciada pelo fato de a escritora ser casada com um psiquiatra²⁹⁶.

Embora *Simão Dias* não tenha tido o mesmo sucesso de crítica do que *Estrada da Liberdade*, ainda mereceu menção honrosa em alguns jornais e revistas especializados. Em coluna publicada no nº 17.358 do *Correio da Manhã*, em 16 de outubro de 1949, Yvone Jean, jornalista belga que, fugindo do avanço nazista durante a Segunda Guerra Mundial, radicou-se

²⁹⁴ *Ibid.* p. 183.

²⁹⁵ *Ibid.* p. 184.

²⁹⁶ ALVES, Iracélli da Cruz. *A política no feminino: uma história das mulheres no Partido Comunista do Brasil – Seção Bahia (1942-1949)*. 2015. 477 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA, 2015. pp. 215-17

no Brasil e manteve estreita relação com a intelectualidade comunista²⁹⁷, assim escreveu sobre o romance de Alina Paim:

Como era triste, esta casa de Simão Dias! O avô, que sempre brutalizara a mulher, dominava agora as filhas solteironas, impedindo-lhes a menos alegria porque filha que não casa tem que obedecer cegamente a quem paga o pirão que come. A avó era boa, mas dominada pelas filhas amarguradas. Desfiava as contas do rosário, durante os raros minutos de folga e suspirava. Vida de mulher era assim mesmo!²⁹⁸

A apreciação destaca como *Simão Dias* consegue representar a lógica presente na família patriarcal brasileira. Contudo, quando Jean utiliza o termo “vida de mulher era assim mesmo!”, na última frase do enunciado, de certa forma fica subentendido uma ideia de superação dessa arbitrariedade ao final da década de 1940. Talvez, por viver no Rio de Janeiro, a leitura da jornalista tome o seu lugar social como parâmetro, apontando que nos grandes centros urbanos o patriarcalismo familiar já não se apresentava tão latente.

Ademais, a publicação de dezembro de 1949 da revista *A Careta*²⁹⁹, coloca a autora sergipana e sua obra, ao lado de nomes expressivos da literatura nacional, dentre elas Gilda Machado, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Rachel de Queiroz e Lygia Fagundes Telles³⁰⁰. Já no balanço literário daquele ano, assinado pelo advogado e jornalista maceioenses, José Augusto Guerra³⁰¹ em *O Jornal*, destaca que apesar de não haver um *best-seller* em 1949, alguns escritores como Alina Paim, “conseguiram quebrar a monotonia na arte de ficção”³⁰². Todavia, vale ressaltar que a história de Maria do Carmo e Luísa é a primeira das obras da escritora que tiveram uma segunda edição no Brasil, publicada em 1979, pela Editora Cátedra em parceria com o Instituto Nacional do Livro³⁰³.

²⁹⁷ TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. *Uma cosmopolita nos trópicos: a trajetória de Yvonne Jean no jornalismo carioca (1940-1950)*. 2018. 166 f. Dissertação (Mestrado em História) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2018.

²⁹⁸ JEAN, Yvone. *Presença da Mulher: Simão Dias*. In: *Correio da Manhã*, nº 17358, Ano XLIX. Rio de Janeiro: 16 de out. 1949. p. 15.

²⁹⁹ Fundada por Jorge Schmidt em 1909, a revista ilustrada *A Careta* circulou no Rio de Janeiro até 1960. O semanário, que saía às ruas aos sábados, destacava-se pelo modo satírico e humorado no qual tecia suas críticas. Cf. DANTAS, Carolina Vianna. *Careta*. In: *Fundação Getúlio Vargas (FGV-CPDOC)*, Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CARETA.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2020.

³⁰⁰ UM sorriso para Todas. In: *Careta*, Ano XLII, nº 2163, Rio de Janeiro, 10 de dez. de 1949. p. 14.

³⁰¹ JOSÉ Augusto Guerra. In: *Associação Nacional de Escritores*, Brasília, s/d. Disponível em: <https://anenet.com.br/jose-augusto-guerra-2/>. Acesso em: 02/11/2020.

³⁰² GUERRA, José Augusto. *Balanço Literário: perspectivas de 49 e 50*. In: *O Jornal*, nº 9101, Ano XXXI, Rio de Janeiro, 25 de dez. 1949. p. 30.

³⁰³ PAIM, Alina. *Simão Dias*. 2a ed. Rio de Janeiro/Brasília: Cátedra/INL, 1979. A segunda edição da obra não promoveu grandes alterações em relação à versão original, de 1949, modificando apenas o tamanho da fonte do texto.

Por conseguinte, enquanto as deliberações críticas sobre *Simão Dias* ainda pairavam nos debates entre a crítica literária, Alina Paim já estava envolvida no lançamento de sua terceira obra, o tão divulgado e esperado romance *A Sombra do Patriarca*³⁰⁴. Nesse sentido, em outubro de 1950, o nº 8597 do *Diário de Notícias*, publicou a seguinte nota:

Autora de um livro que mereceu louvores, “Estrada da Liberdade”, a jovem romancista sergipana Alina Paim acaba de entregar ao público, em volume da Editora Globo, de Porto Alegre, seu último romance “A Sombra do Patriarca”, em que estuda o meio rural do Nordeste, numa antiga fazenda ditatorialmente dirigida por um velho patriarca, cuja vontade de ferro todos se curvam, até que, um dia, a chegada de uma sobrinha desencadeia a revolta³⁰⁵.

Pela publicação nota-se o foco da narrativa de Alina Paim em *A Sombra do Patriarca*: os conflitos vividos pela personagem Raquel, quando passa a viver na fazenda de cana-de-açúcar de seu tio Ramiro, um meio rural dominado pelos mandos e desmandos do “velho latifundiário cuja vontade exerce ação despótica sobre todas as vidas ao seu alcance”³⁰⁶. Deparando-se com um ambiente altamente patriarcal, a protagonista promove uma crítica ao modelo tradicionalista de subjugação de diferentes corpos femininos que viviam na fazenda. Por fim, nesta obra, Alina Paim apresenta pela primeira vez uma relação mais direta com a cultura política comunista, representada pela professora Gertrudes, que era militante do Partido.

De acordo com Ana Maria Leal Cardoso, o grande mérito da obra é a extensão de contingentes femininos, que em distintas faces da mulher, ampliam seus horizontes culturais³⁰⁷. Desse modo, semelhante ao que fora realizado em *Simão Dias*, Alina Paim não fixa seu romance em torno de apenas uma personagem, mas a partir dela e seus questionamentos, a autora desenvolve uma obra que trata da coletividade do universo feminino.

Raquel, logo quando chega à fazenda de tio Ramiro, localizada em Fortaleza, depara-se com a desigualdade social do lugar, em que muitos trabalham e vivem miseravelmente, para

³⁰⁴ De acordo com Ilka Maria de Oliveira, *A Sombra do Patriarca* foi divulgada inicialmente com o título de *Figueira Brava*. OLIVEIRA, Ilka Maria de. *Op. Cit.* p. 98. No entanto, na edição de novembro de 1949 do *Diário de Notícias*, além de divulgar a obra *Simão Dias*, anunciou outros dois romances de Alina Paim em fase de publicação: *A Sombra do Patriarca*, pela Editora Globo; e *Figueira Brava*, pela Editora Casa do Estudante do Brasil. Assim, este último, ao que tudo indica, trata-se na verdade de outro romance que, inclusive, jamais fora publicado. Cf. ROMANCES de Alina Paim. In. *Diário de Notícias*, nº 8301, ano XX, Rio de Janeiro, 13 de nov. de 1949. p. 27.

³⁰⁵ *A Sombra do Patriarca*. In. *Diário de Notícias*, nº 8597, Ano XXI, Rio de Janeiro, 29/30 de Out. 1950. p. 51.

³⁰⁶ ESTRADA da Liberdade. In. *Tribuna da Imprensa*, Ano 3, nº 337, Rio de Janeiro, 03-04 de fev. de 1951. p. 04.

³⁰⁷ CARDOSO, Ana Leal. *A obra de Alina Paim*. In. *Interdisciplinar*, Ano IV, v. 08, p. 35-45, jan-jun 2009. p. 41.

manter os privilégios, riquezas e poder de poucos. Para ela, na fazenda “existências se mutilam sob o poder dessa energia despótica e rígida, sob os caprichos decorrentes de uma concepção absurda da vida. O velho latifundiário muda a seu talante o destino de todo ser humano a ser alcance”³⁰⁸. Dentre os vários questionamentos apresentados pela personagem, ela estabelece um mundo ideal, sem opressões classistas e raciais; e com autonomia para as mulheres, tanto pessoais como profissionais.

De acordo com Daniele Barbara de Souza Almeida, a análise de Raquel parte dos diferentes “corpos femininos” que compõem o ambiente narrado por Alina Paim. Não existe uma mulher, mas vários “tipos de mulheres” que agem de diferentes formas diante das imposições do velho patriarca³⁰⁹. Elódia Xavier, importante pesquisadora da literatura brasileira de autoria feminina, estabelece dez “tipologias do corpo” encontradas em obras de escritoras nacionais³¹⁰, e isso nos auxilia a compreender as representações femininas em *A Sombra do Patriarca*.

Recém-chegada na fazenda, Raquel entra em um conflito de ideias com tio Ramiro e sua filha mais velha, Tereza. Para a personagem, “a mulher pode ter personalidade e não precisa apagar-se diante do marido”³¹¹, sendo que, para o tio “a mulher foi feita para tomar conta da casa, cuidar do marido e criar os filhos”³¹², considerando ainda o pensamento da sobrinha como um desrespeito a autoridade masculina. Por outro lado, Raquel tinha na outra prima, Leonor, uma aliada no combate ao patriarcalismo de Ramiro. As duas desejavam ser médica e advogada, respectivamente, no entanto, o tio sugere que a filha devia “sentir-se feliz de ser professora. [...] advocacia não foi feita para mulher. Nem todas as profissões são próprias para uma moça”³¹³. A sobrinha, no que lhe concerne, acreditava que “a mulher pode competir com um homem e vencer em qualquer coisa para que tenha vocação. Pode ser médica, advogada e até engenheira”³¹⁴.

Os enunciados provocados por Ramiro evidenciam o arbitrário apresentado por Pierre Bourdieu, em que a dominação masculina é naturalizada ao ponto de carecer de justificação, referindo-se que “divisão entre os sexos parece estar ‘na ordem das coisas’, como se diz por

³⁰⁸ LIVROS e Autores. In. *Sombra*, Ano X, nº 106, Rio de Janeiro, out. de 1950. p. 101.

³⁰⁹ ALMEIDA, Daniele Barbara de Souza. *O corpo em A Sombra do Patriarca de Alina Paim*. In. *Interdisciplinar*, Ano 3, v. 5, nº. 5 – jan. – jun. de 2008, pp. 169-178.

³¹⁰ XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse?* O corpo no imaginário feminino. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

³¹¹ PAIM, Alina. *A sombra do patriarca*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1950. p. 39.

³¹² *Ibid.* p. 46.

³¹³ *Ibid.*

³¹⁴ *Ibid.*

vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável”³¹⁵. Contudo, conforme as definições de Xavier, Raquel e Leonor representam a mulher de “corpo liberado”, que não se sujeitando ao socialmente estabelecido, rompem com os padrões, regem o próprio destino e estão em constante processo de redescobrimto e autoconhecimento³¹⁶.

Contrastando com Raquel e Leonor, Alina Paim fornece corpos que, mesmo inconscientemente, ajudam a perpetuar a lógica patriarcal. Amélia, esposa de Ramiro, é massacrada pelas ações do marido, este inclusive, culpa a mulher por não ter lhe dado um filho homem, para que pudesse continuar o seu legado. Refletindo sobre a tia, Raquel conclui que ela devia “ter sofrido muito para chegar àquele extremo, apagada e silenciosa como sombra... Durante todo esse período ela fora cedendo, palmo a palmo, seus direitos naquela casa em troca da tranquilidade de uma vida despercebida”³¹⁷. Primeiramente, cabe ressaltar o valor contratual socioeconômico que matrimônio representava em meados do século XX³¹⁸, ademais, a submissão e anulação de Amélia diante das imposições do patriarca, revelam-na como um “corpo invisível” que, de acordo com Xavier, é marcado pela inexistência da mulher enquanto sujeito, em que suas opiniões e ações são completamente anuladas pelo masculino³¹⁹. De fato, para Ramiro a esposa era invisível, tanto que em todo romance, não existe diálogo direto entre os dois personagens.

Outro exemplo de corporalidade feminina em *A Sombra do Patriarca* é representado pela primogênita de Ramiro, Tereza. A personagem, refletindo as posições do pai, apresenta-se como “autoritária, tentava dobrar as pessoas em torno de si, até o próprio marido, e queria passar por uma criatura mansa e cordata, pregando justamente o contrário do que fazia na realidade”³²⁰. Tendo como trunfo, o seu filho Abelardo, que era visto como o herdeiro patriarcal da família, Tereza manipula a criança de modo a moldá-lo, de acordo com o imaginário do avô. Por outro lado, sua relação com marido, Oliveira, é discriminada pelo fato dele não ser o provedor da família, como nos moldes de uma tradição burguesa e falocêntrica. Nesse sentido, Tereza consolida o “corpo disciplinado”, em que desde a infância, a mulher é inconscientemente instruída a reproduzir valores e normas, delegados pela família, igreja e outras instituições

³¹⁵ BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Tradução: Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª edição, 2002. p. 17.

³¹⁶ XAVIER, Elódia. *Op. Cit.* 2007. p. 167.

³¹⁷ PAIM, Alina. *Op. Cit.* 1950. p. 93.

³¹⁸ XAVIER, Elódia. *Declínio do Patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 1998.

³¹⁹ XAVIER, Elódia. *Op. Cit.* 2007. p. 34.

³²⁰ PAIM, Alina. *Op. Cit.* 1950. p. 39.

sociais³²¹. Sendo assim, Tereza acaba por confirmar a tese de Bourdieu de que “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais”³²².

Por conseguinte, em *Lucrecia* e *Joana Louceira*, Raquel encontrava outra face de corpos femininos. A primeira, ex-escrava de tio Ramiro, continuou sendo explorada pelo patriarca após a abolição e, já no fim da vida, vivia em uma casa de palha mata adentro³²³. A segunda fazia e vendia louças artesanais e, mesmo vivendo na miséria, acreditava ter tido a sorte de jamais se subordinar a patrão nenhum³²⁴. Ambas, apresentam-se como “corpos subalternos”, marcados por mulheres que conscientemente vivem e permanecem em segundo plano, seja por aspectos econômicos ou por indigência social³²⁵. Sendo assim, os desdobramentos das tipologias dos corpos femininos, conseqüentemente apontam como “os princípios fundamentais da visão androcêntrica do mundo são naturalizados sob a forma de posições e disposições elementares do corpo que são percebidas como expressões naturais de tendências naturais”³²⁶.

Contudo, quando Raquel e Leonor conseguem sair da “sombra do patriarca” e vão viver suas vidas em outro lugar, a narrativa toma tons políticos. Diferente de *Estrada da Liberdade*, em que o comunismo aparece alegoricamente; em *A Sombra do Patriarca*, pela primeira vez, o Partido aparece explicitamente em seus romances. Na figura de Gertrudes, uma professora experiente que no passado havia trabalhado no Rio de Janeiro e se filiado ao PCB, Alina Paim cria uma personagem que busca “a ampliação da solidariedade humana, da abertura de espaço para o Outro, do amor e da virtude entre as pessoas”³²⁶, influenciando Leonor “que sem saber, também era comunista”³²⁷. Ao utilizar essa estratégia de escrita, a romancista situa sua obra, em uma das características básicas dos romances amadiano: a representação de um agente que, ligado ao comunismo, oferece possibilidades de transformação e conscientização da realidade social³²⁸.

Elogiando as particularidades que o romance apresenta, o artigo publicado no nº 44 da *Revista da Semana*³²⁹, em novembro de 1950 assim o descreveu:

³²¹ ALMEIDA, Daniele Barbara de Souza. *Op. Cit.* p. 175.

³²² BOURDIEU, Pierre. *Op. Cit.* 2002. p.46.

³²³ PAIM, Alina. *Op. Cit.* 1950. p. 145.

³²⁴ *Ibid.* p. 171.

³²⁵ ALMEIDA, Daniele Barbara de Souza. *Op. Cit.* p.176-177.

³²⁶ PAIM, Alina. *Op. Cit.* 1950. p. 195.

³²⁷ *Ibid.* p. 205.

³²⁸ FERNANDES NETTO, Carlos Eduardo. *Êxtase e Catástrofe da ficção ecumênica de José Geraldo Vieira*. In. *UNAR*, Araras (SP), v.1, n.1, p.26-36, 2007.

³²⁹ *Revista da Semana* foi fundada por Álvaro Tefé, no Rio de Janeiro, em 1900, circulando até 1959. Embora voltada para conteúdos de arte e cultura, o periódico não se omitiu de assuntos sociais e políticos em sua trajetória,

Aqui, neste esplêndido romance, ardente de vida, Alina aborda um caso fascinante, isto é, o do patriarcado rural. É este, um fenômeno muito brasileiro, uma espécie de pajelança hereditária e cuja influência persiste, através do tempo, atenuada apenas na orla civilizada do mar, nos grandes centros industriais, nas cidades mais adiantadas. Aí, por esses Brasis das extensas zonas agrícolas e pastoris, esse patriarcado permanece, como uma das forças de agregação doméstica, quase sempre de influências deformativas, nas famílias numerosas³³⁰.

Leitura contrária à supracitada é realizada pelo escritor carioca José Geraldo Vieira³³¹. Em coluna publicada no nº 189 do jornal *Letras e Artes*³³², em dezembro de 1950, o autor destaca que, *A Sombra do Patriarca*, por se tratar de “obra já de alguns anos, não sendo, pois, a veracidade de sua atual condição”³³³. Os dois pareceres anteriores, embora tratem sobre as representações patriarcais no romance de Alina Paim, apresentam leituras distintas. De acordo com Ângela Almeida, a partir do processo de industrialização da segunda metade do século XX, o modelo de família patriarcal começa a ceder lugar para a família moderna, ampliando a participação das mulheres na dinâmica social. Contudo, isso ocorre predominantemente nos grandes centros urbanos, enquanto da sociedade ruralista, o sistema patriarcalista persiste dominando os núcleos familiares³³⁴. Desse modo, ao que tudo indica, enquanto a da *Revista da Semana* refletia as especificidades da lógica patriarcal no ambiente agrário; a segunda leitura, de José Geraldo Vieira, trata a temática em ordem geral e, como o poeta residia no Distrito Federal, a questão foi apropriada por ele de maneira ampla.

Diante disso, as duas obras que marcaram o retorno de Alina Paim ao cenário literário nacional, embora diferentes em sua narrativa, apresentam semelhanças por tratarem da condição feminina em diversos planos. Ao ser perguntada se o fato de a mulher sempre estar presente em sua obra tinha alguma relação com sua infância, a escritora respondeu: “A mulher

sendo, por exemplo, o único meio de comunicação brasileiro a publicar fotografias da Revolta da Vacina, em 1904. Cf. DANTAS, Carolina Viana. *Revista da Semana*. In. *Fundação Getúlio Vargas (FGV-CPDOC)*. Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVISTA%20DA%20SEMANA.pdf>. Acesso em: 03/11/2020.

³³⁰ FORA do Prelo. In. *Revista da Semana*, Ano LI, nº 44, Rio de Janeiro, 04 de Nov. 1950. p. 45.

³³¹ GARCIA, Márcia Aparecida. *José Geraldo Vieira (1897-1977): fortuna crítica*. 2003. 247 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, Assis-SP. 2003.

³³² *Letras e Artes* foi um jornal carioca, vinculado ao periódico *A Manhã* e dirigido por Jorge Lacerda. Em sua trajetória, teceu várias críticas aos escritores comunistas, principalmente através das colaborações de Rachel de Queiroz, Adonias Filho e seu pseudônimo Djalma Viana. Cf. PINHO, Adeílato Manoel. *Adonias Filho e Djalma Viana: uma crítica de duas faces*. In. *Letras de Hoje*, v. 37, nº 2, Porto Alegre-RS, jun. 2001. p. 9-16.

³³³ VIEIRA, José Geraldo. *Cidade Enferma*. In. *Letras e Artes: Suplemento de A Manhã*, Ano 5º, nº 200, Rio de Janeiro, 01 de dez. 1950. p. 08.

³³⁴ ALMEIDA, Ângela. *Notas sobre a Família no Brasil*. In: ALMEIDA, A.M.et al (orgs.) *Pensando a Família no Brasil*. Rio: Espaço e Tempo/UFRJ, p. 53- 66.

está sempre presente em minha obra, mas não tem relação com minha infância, apenas com a compreensão que tem da vida. A mulher era muito importante por isso deveria estar presente”³³⁵. Obviamente, observa-se que ambas as obras tratadas nesta seção, principalmente *A Sombra do Patriarca*, demonstram um amadurecimento da escritora em sua técnica narrativa e de suas visões de mundo, mesmo que neste contexto a autora ainda tivesse seus poucos 30 anos. Contudo, em *Simão Dias*, ainda persiste a escrita de si, marcando sim, a influência da sua infância e experiências pessoais em sua produção cultural.

Não obstante, ao analisar a relação entre os dois romances e a influência comunista personificada em Alina Paim, alguns vínculos para além da explicitação ao PCB, foram estrategicamente descritos pela escritora em *A Sombra do Patriarca*. Desde a clássica obra de Friedrich Engels, *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*³³⁶, demonstrando que a libertação social partiria da substituição dos valores burgueses que materializam a dominação e, estando dentre eles, o casamento indissolúvel, as mudanças vislumbradas pelos comunistas visavam novos arranjos sociais que atingiam diretamente as mulheres, como os sentidos do matrimônio, da estrutura familiar e da relação entre os sexos. Nesse sentido, com a promessa de libertar o feminino do tradicionalismo burguês e cristão, concedendo-as direitos iguais aos dos homens, como às funções de trabalho que eram relativas ao masculino e criando medidas legais para o divórcio e o aborto, o Estado soviético não somente prometia mais autonomia às mulheres, como também investiu na publicidade de “uma nova mulher”, atraindo-as consideravelmente às causas comunistas. Por outro lado, questões como o comportamento sexual e erotismo ligado ao feminino, eram contidos pelo PC’s diante do temor da acentuação do imaginário anticomunista³³⁷.

Muitas dessas temáticas foram abordadas por Alina Paim nas duas obras tratadas nesta seção, inclusive, indo além daquilo que a cultura política comunista prezava naquele contexto. Aos olhos de muitos leitores, as considerações sobre a condição feminina realizada pela escritora nos dois romances, oferecem indícios dos debates feministas contemporâneos. No entanto, vale ressaltar mais uma vez, que as mulheres pecebistas não se viam como aderentes ao movimento e, ao enquadrá-las neste aspecto, comete-se um anacronismo desnecessário para

³³⁵ GILFRANCISCO. *A Romancista Alina Paim*. Aracaju: Edições GFS: 2008. p. 40.

³³⁶ ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Tradução de Leandro Konder. In. MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. *Obras escolhidas*, Volume 3. São Paulo: Alfa-Omega, s/d, pp. 7-143.

³³⁷ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A cultura política comunista: alguns apontamentos*. In. NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. pp. 25-26.

esta análise. A própria romancista, quando perguntada se era uma feminista, respondeu que “claro que era a favor da afirmação feminina”³³⁸, mas não que era aderente ao feminismo. Enfim, mais que uma visão estritamente política e ligada ao comunismo, o que Alina Paim tentou e conseguiu realizar nos dois romances, foi demonstrar que, a partir das experiências individuais e coletivas, a mulher pode libertar-se das amarras sociais definidas pela sociedade androcêntrica, corroborando assim, para a afirmação de Simone de Beauvoir de que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”³³⁹.

Diante disso, a principal marca da escritora sergipana em *Simão Dias* e *A Sombra do Patriarca* é a sua própria mudança enquanto mulher e romancista. Alina não enxergava mais o mundo como uma jovem professora, tímida e com rosto de freira à paisana, mas sim, com olhos de “uma nova mulher”. Contudo, ainda no início da década de 1950, a produção cultural da autora acentua o seu teor político partidário. Embora suas três primeiras obras evidenciam características dos “romances sociais e/ou proletários”, com a intensificação e ampliação do realismo socialista no Brasil, Paim torna-se uma das intelectuais responsáveis por transfigurar em sua escrita, o modelo estético soviético. Assim, o próximo capítulo dedica-se à reflexão de como se configurou a implantação desse projeto no país e como se estabeleceu a colaboração de Alina Paim neste processo.

³³⁸ BONFIM, Beatriz. *Com Alina Paim voltam ao romance os temas do subúrbio carioca: A Correnteza*. In. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 jun., 1979. p. 1.

³³⁹ BEAUVOIR, Simone. *O segundo Sexo: a experiência vivida*. 2ª edição: Difusão Europeia do livro, 1967. p. 09.

CAPÍTULO II

POR UMA LITERATURA POLÍTICA: O REALISMO SOCIALISTA NO BRASIL

Escrevei obras de grande perfeição e de conteúdo ideológico e artístico elevado!
Sede os organizadores mais ativos da reeducação da consciência dos povos no espírito do socialismo!
Formai nas primeiras fileiras dos combatentes pela sociedade sem classes.³⁴⁰

O trecho acima, parte do discurso de Andrei Zhdanov por ocasião do I Congresso de Escritores do PCUS, em 1934, convida os escritores comunistas do mundo a fazerem de suas produções culturais, ferramentas políticas para conscientização das massas em direção à revolução. Tido como documento inaugural do realismo socialista, a convocação zhdanovista modificou as ações da intelectualidade da Internacional Comunista (IC), definindo os rumos das manifestações artísticas da militância comunista ao redor do mundo. No Brasil, o realismo socialista encontrou no meio literário um cenário fértil para seu desenvolvimento, obviamente, pelos intelectuais comunistas que acreditavam na existência de uma certa correspondência entre o modelo estético soviético e os romances sociais brasileiros, amplamente produzidos a partir de 1930. Contudo, apenas as denúncias das mazelas sociais promovidas pelos escritores comunistas da geração de 30 eram insuficientes para o enquadramento de seus produtos culturais dentro do realismo socialista, era preciso ir além, agregando em seus enredos representações da necessidade e/ou possibilidade da orientação partidária como caminho para a revolução proletária.

Em virtude disso, o presente capítulo busca analisar o processo de consolidação do realismo socialista pela intelectualidade pecebista. Para tanto, na primeira seção reflete-se sobre a formulação das políticas culturais soviéticas que culminaram no projeto zhdanovista e seu itinerário de implantação na literatura brasileira. Em seguida, destaca-se a trajetória das edições de livros comunistas no Brasil, com ênfase para a Editorial Vitória, maior e mais longeva experiência pecebista no mercado livreiro, responsável por editar e publicar a *Coleção Romances do Povo*, grande iniciativa literária em torno da estética realista socialista no país. Para o leitor, pode parecer que essa primeira parte do capítulo afasta um pouco Alina Paim das reflexões apresentadas. Contudo, tal análise é necessária para compreender o amplo processo

³⁴⁰ ZHDANOV. Andrei. *Sobre o realismo socialista*. In. Para Todos, Rio de Janeiro, n.º3, abril, 1950, p.5.

cultural iniciado em meados dos anos de 1930 e que contará com a participação ativa da romancista, apenas no final da década de 1940.

Por conseguinte, as duas últimas seções tratam exclusivamente do envolvimento de Alina Paim no período de acentuação política nas produções culturais da intelectualidade pecebista. Observa-se os caminhos que levaram à pesquisa e escrita de seu quarto romance, *A Hora Próxima*, obra de forte apelo político, encomendada pelo próprio Partido e elaborada a partir de um longo trabalho de campo da romancista. Consequentemente, pondera-se a respeito do atraso no lançamento do romance, desde seus primeiros anúncios, em 1952, até sua publicação, em 1955, levando-os a refletir sobre os limites entre a liberdade de criação da escritora e as possíveis intervenções partidárias em seu fazer literário.

2.1 Uma missão ideológica: o percurso da apropriação do realismo socialista no Brasil

Acalmem-se senhores! Antes de mais nada, trata-se de uma literatura de partido e de sua submissão ao controle do partido. Cada um é livre de escrever e de dizer o que bem lhe agrade, sem a menor limitação. Mas toda associação (incluído o partido) é livre também, para afastar os seus membros que se servem da bandeira do partido para pregar ideias contrárias a ele.³⁴¹

O trecho supracitado, um recorte do célebre artigo de Vladimir Lenin, *A organização do partido e a literatura do partido*, de 1905, apresenta as primeiras considerações sobre a organicidade das relações entre o Partido revolucionário e as produções culturais de sua intelectualidade. Consequentemente, o excerto expõe uma das principais contradições vinculadas ao itinerário das políticas culturais soviéticas. Por um lado, Lenin defende e estimula a criação de uma arte partidária, mas livre; por outro, aponta para liberdade do partido intervir em práticas intelectuais contrárias a ele. Desse modo, apresentando as ambiguidades clássicas do pensamento socialista, as ideias de Lenin acabaram por corroborar com a consolidação, décadas depois, da subordinação das ações intelectuais às razões de Estado.

De acordo com Dênis de Moraes, o comissário de Instrução leninista, Anatoli Vasilevitchh Lunatcharski, mobilizou substancialmente a intelectualidade pró-Estado, através de uma sistemática reestruturação cultural em vários setores artísticos. Nesse sentido, fizeram parte da política cultural soviética, desde o financiamento de produções cinematográficas e teatrais; passando pela expansão das artes gráficas e visuais; pelo o impulso editorial com a

³⁴¹ LENIN, Vladimir. *A organização do partido e a literatura do partido*. In: Obras Completas, volume 12. São Paulo: Alfa Ômega, 1980. p. 105.

criação das Edições de Estado; até o surgimento de grupos e/ou movimentos paralelos que buscavam criar uma nova identidade cultural³⁴². Assim, nos anos iniciais da Revolução, observa-se um período de entusiasmo e florescimento da arte soviética, mesmo diante das contradições impostas pelo centralismo político.

Desse modo, conforme afirma Homero Freitas de Andrade, de 1917 até 1921, algumas experimentações vanguardistas foram desenvolvidas pelos artistas revolucionários, obviamente, de acordo com as possibilidades de transformação social do período. Na poesia, autores neoclássicos como Osip Mandelstam e Anna Akhmátova incluíram elementos futuristas em suas obras. O também poeta Vladimir Maiakóvski, dedicou-se a versos e imagens para campanhas publicitárias de saneamento básico, no estilo cubofuturista, permeado de abstrações e representações geométricas. Ainda, o construtivismo marxista ganhava espaço nas expressões artísticas também futuristas, representando o cotidiano industrial como aliado ao mundo socialista. Nesse momento, os futuristas acreditavam que diante da experimentação revolucionária da vanguarda, poderiam, inclusive, se consolidar como a arte oficial do país.³⁴³

Concomitantemente, ainda em 1917, Aleksandr Bogdanov criou o *Proletkult*, movimento que prezava pela elaboração de uma nova cultura proletária, negando totalmente as heranças artísticas burguesas da Europa, em favor da valorização da vida social e da criação do “novo homem”³⁴⁴. Até 1920, o *Proletkult* atuou significativamente no espaço público soviético, agrupando escritores e artistas revolucionários e chegando a editar 15 jornais, publicar 10 milhões de exemplares de livros e oferecer oficinas e cursos de formação em cultura e política. Contudo, por não se tratar de um órgão subordinado ao Estado, mesmo diante das imprecisões de Lenin sobre a relação entre liberdade de criação e partidarismo, o líder bolchevique acreditava na conservação dos melhores aspectos da herança cultural, acusando o movimento de panfletarismo e oportunismo de esquerda, ordenando, inclusive, a sua suspensão³⁴⁵.

Por conseguinte, objetivando conter a exaltação do *Proletkult* e promover uma transição artística para a literatura soviética, Leon Trótski formou o *Popúttchiki* (companheiros de viagem). Formado por escritores partidários e não-partidários, o movimento buscava a criação

³⁴² MORAES, Dênis de. O Imaginário Vigiado: A Imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953). Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p. 112.

³⁴³ ANDRADE, Homero Freitas de. O realismo socialista e suas (in)definições. In: *Literatura e Sociedade*, 15(13). São Paulo. pp. 152-165. 2010. pp. 156-157.

³⁴⁴ STRADA, Vittorio. Da “revolução cultural” ao “realismo socialista”. In: HOBBSAWM, Eric J. (org.). História do marxismo; o marxismo na época da terceira internacional: problemas da cultura e da ideologia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 125.

³⁴⁵ MORAES, Dênis de. Op. Cit.

de uma modelo artístico como exemplo para próximas gerações, recuperando o padrão de qualidade dos anos dourados da literatura russa do século XIX, quando as produções de Lev Tolstói e Fiodor Dostoievski representavam o cartão de visitas das artes russa. Homero Freitas de Andrade destaca que, alinhando as experimentações modernistas à tradição literária russa, as obras produzidas pelos escritores do *Popútchiki* configuram o melhor da literatura russo-soviética no decorrer da década de 1920, principalmente pela qualidade e individualidade de cada texto³⁴⁶.

Nesse sentido, observa-se que mesmo com as intervenções partidárias, de 1917 até 1924, quando ocorreu o falecimento de Lenin, a literatura soviética passou por um período de variadas experimentações artísticas, algumas com maior liberdade de expressão e correlacionando as heranças literárias russas com as influências vanguardistas europeias; outras, já demonstrando um caminho para a radicalização e tentativa de criação de uma estética particular e ideológica. Contudo, diante da chegada de Stalin ao comando soviético, novos rumos foram tomados para as artes do país.

De acordo com Strada, o documento *Sobre a política do partido no campo literário*, publicado em 1925, apresentou o Partido como responsável pela orientação política e cultural em favor da revolução e, os “escritores proletários”, seriam os dirigentes da literatura soviética. No mesmo ano, surgiu a Associação Russa dos Escritores Proletários (RAPP), visando a união dos escritores e a busca de um novo método criador³⁴⁷. Em 1929, dentre os “escritores proletários”, encontrava-se Aleksandr Fadeiev, o primeiro a esboçar a estética do realismo socialista, mesmo que ainda chamado de “método realista”. Para Fadeiev, o escritor proletário seria o conscientizador das causas de transformação do mundo e da superação do novo em detrimento do velho, através da criação de “romances revolucionários”. O tom obreirista dos postulados de Fadeiev encontrou resistência dentro da própria RAPP, sendo os contrários a tal ortodoxia, apontados como “traidores”.³⁴⁸

Em 1932, com a expansão do romantismo revolucionário, pautado na perspectiva de transformação social promovida pela união proletária em favor da revolução, o PCUS dissolveu todos os órgãos literários, inclusive a RAPP, e criou a União dos Escritores Soviéticos, alegando a consolidação da literatura e arte proletária como modelo a ser seguido e, indiretamente, cerceando quaisquer possibilidades de surgimento de resistências e/ou conflitos internos nos

³⁴⁶ ANDRADE, Homero Freitas de. Op. Cit. p. 157.

³⁴⁷ STRADA, Vittorio. Op. Cit. p. 142.

³⁴⁸ MORAES, Dênis de. Op. Cit. p. 114.

organismos literários do país. Naquele ano, um editorial especial do *Gazeta Literária* da Federação da Unificação dos Escritores Soviéticos, definiu as diretrizes a serem seguidas pelos escritores: “As massas exigem do artista a sinceridade e a veracidade do realismo socialista, revolucionário na figuração da revolução proletária”³⁴⁹. Assim, substituindo as nomenclaturas “romantismo revolucionário” e/ou “realismo heroico”, a expressão “realismo socialista” foi cunhada e institucionalizada pelo Comitê Central do PCUS.

Não obstante, a unificação dos mecanismos culturais soviéticos está diretamente relacionada com as estratégias do primeiro Plano Quinquenal de Josef Stalin e sua “cartada final” em relação à literatura e as artes no país, quando em 17 de agosto de 1934, por ocasião do I Congresso de Escritores Soviéticos, coroou o realismo socialista como doutrina cultural oficial. Nesse sentido, Andrei Zhdanov e Máximo Gorki surgem como figuras importantes nos assuntos culturais soviéticos. De acordo com Ilka Maria de Oliveira, após acumular uma série de feitos em sua carreira militar, Zhdanov surgiu como importante agente político dentro do Comitê Central, chegando ao secretariado geral em 1934 e, em 1935, sendo nomeado por Stalin como governador de Leningrado³⁵⁰. Já Gorki, importante escritor e intelectual de prestígio internacional, após deixar o país em protesto às políticas culturais de Lenin, em 1920, retornou como um dos principais mentores do realismo socialista, embora tenha falecido em 1934, anteriormente ao ápice de consolidação do projeto.

Em seu discurso no I Congresso, considerado por muitos como a pedra fundamental do realismo socialista, Zhdanov delimita as diretrizes gerais e específicas para implantação do projeto cultural no país e no mundo, definindo-o, dentre outras atribuições, como responsável por apresentar a “verdade e o caráter histórico concreto da representação artística, unindo a tarefa da transformação ideológica e da educação dos trabalhadores no espírito do socialismo. Esse método da literatura e da crítica literária é o que nós chamamos de realismo socialista”³⁵¹. Fica claro no pronunciamento, a intencionalidade de uma literatura instrumental restrita, servindo como formadora e orientadora política em favor do socialismo. Por conseguinte, o orador ainda destaca que o novo método se trata de “representá-la [a vida] não de uma maneira escolástica, mona, não simplesmente como a realidade objetiva, mas representar a realidade em

³⁴⁹ *Ibid.* 115.

³⁵⁰ OLIVEIRA, Ilka Maria de. *A literatura da revolução: contribuições literárias de Astrojildo Pereira e Alina Paim para uma política cultural do PCB nos anos 50*. 1999. 168 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP: Campinas-SP, 1999. p. 31.

³⁵¹ ZHDANOV, Andrei. *Sobre o realismo socialista*. In. Para Todos, Rio de Janeiro, n.º3. abril, 1950, pp.5-6.

seu desenvolvimento revolucionário”³⁵². Nesse sentido, as representações do realismo socialista fazem parte de uma sistemática campanha ideológica e de educação das massas, sendo, seus heróis “os operários e operárias, membros do partido, administradores, engenheiros, jovens comunistas, pioneiros”³⁵³.

Dentre as questões ressaltadas por Zhdanov, deve-se ressaltar:

1 - Exploração da temática revolucionária: Narrativas que contemplem a organização, processo e/ou consolidação da revolução socialista. Nesse sentido, preconiza-se enredos que envolvem insurreições, rebeliões e/ou greves, primando-se pela valorização de histórias reais (realismo) e, quando inventadas ou modificadas, fazê-la em nome do otimismo (o que entra em contradição);

2 - Heróis positivos: Destacar personagens que despertem otimismo e sirvam como referência para o leitor. Obviamente, estes heróis são representados por agentes e/ou coletividades que, de alguma forma, estão relacionados com o socialismo, a luta de classes, ou seja, focalizando em personagens proletários que apresentem o “homem novo”;

3 - Difusão ideológica do partido: Apresentar o partido como arma revolucionária, capaz de orientar e formar pedagogicamente o agente político e torná-lo capaz de consolidar ações de transformação social.

4 - Evolução da arte: Elaboração de obras que rompem com padrões estéticos experimentalistas e não tratam do social dissociado do político, primando sempre, pelo coletivo em detrimento do individual.

Cabe aqui ressaltar como o realismo, que com a efervescência de diversos outros experimentalismos trazidos pelas vanguardas do início do século XX tornou-se sinônimo de conservadorismo estético, transformou-se na base para implementação da “nova arte soviética”. Como afirma Tânia Pellegrini, o realismo teria surgido em meados do século XIX, na França e, inicialmente esteve ligado a “qualquer tipo de representação artística que se disponha a “reproduzir” aspectos do mundo referencial, com matizes e gradações que vão desde a suave e inofensiva delicadeza até a crueldade mais atroz”³⁵⁴. Tais representações da realidade, obviamente, devem acompanhar as transformações que as relações entre indivíduo e sociedade apresentam, tornando-as assim, com múltiplos sentidos, sendo o principal deles, elaborar uma

³⁵² *Ibid.*

³⁵³ *Ibid.*

³⁵⁴ PELLEGRINI, Tânia. Realismo: postura e método. In: Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 4, pp. 137-155, dezembro 2007. pp. 137-138.

arte centrada em códigos estéticos facilmente reconhecidos e valorizados pelo público não-especializado, com a finalidade de permitir uma melhor comunicação da mensagem político-social desejada.

No caso soviético, esse realismo é apropriado em função de uma postura política e um método realista, tendo em vista seus objetivos em um contexto pós-revolucionário: a educação das massas para a criação do novo homem e nova mulher. Nesse sentido, se distancia de algumas vanguardas estéticas e manifestações artísticas experimentadas anteriormente, como o futurismo e o *Popúttchiki*, que embora bem desenvolvidas entre 1917 e 1924, sua significação sofisticada não atingiam de maneira clara o imaginário popular. Contudo, observa-se que o realismo socialista se apresenta, combinando algumas características estéticas anteriormente discutidas ou pensadas pela intelectualidade soviética. Além do melhor reconhecimento pelas massas advindo do realismo, são ressignificados elementos contidos nos escritos de Lenin, em 1905, quando se refere à uma literatura partidária; reabre o debate sobre valorização política/social do “homem novo” e a desvinculação com outras vanguardas propostas pelo *Proletkult*, entre 1917 e 1920; e, confirma ainda, a importância das representações da vida proletária, como nas ideias de Fadeiev. Enfim, a unificação de teorias e métodos que desde o início do século, compuseram as deliberações do Estado e da intelectualidade soviética em relação às artes no país, com objetivo de torná-la uma referência restrita aos artistas vinculados ao Partido.

Destarte, o desenvolvimento do realismo socialista como modelo estético a ser seguido, pode ser dividido em duas fases. A primeira, de 1934 (marcada pelo I Congresso), até 1945 (final da Segunda Guerra Mundial e início da Guerra Fria), caracteriza-se, conforme Vittorio Strada, por uma “natureza dúplce”. Nesse momento, a doutrina era, ao mesmo tempo, mecanismo de poder e ideologia de libertação. Por um lado, se impunha como único modelo cultural; por outro, justificava tal imposição como uma necessidade de transformação da ordem social. Na segunda, de 1945 até 1956 (por ocasião do relatório Kruschey), observa-se o rompimento dessa duplicidade, prevalecendo o ideal único e centralizador da produção de ideias. Tal período, de acentuação do stalinismo mundo afora, representa também, seu momento de maior apropriação pela intelectualidade brasileira, obviamente, realizada pelos intelectuais ligados ao PCB, principalmente após 1947, quando novamente colocado na clandestinidade, a militância partidária assumiu a radicalização proposta pelo Comitê Central soviético³⁵⁵.

³⁵⁵ STRADA, Vittorio. *Op. Cit.* p. 157-159.

Contudo, compreender o desenvolvimento do realismo socialista no Brasil, requer um exercício de maior sistematização. Embora o auge da aplicação da estética cultural soviética no país seja na década de 1950, sua apropriação pela intelectualidade brasileira ocorreu de maneira gradual, inclusive, aproveitando de métodos e estratégias utilizados pelos escritores brasileiros desde a década de 1930. Desse modo, faz-se necessário retornar às problematizações referentes aos romances produzidos no Brasil da "Geração de 30", e que já foram apresentadas, brevemente, no primeiro capítulo desta dissertação.

Nesse sentido, quem melhor apresenta os desdobramentos dos romances de 1930 no Brasil é Luis Bueno. Para o pesquisador, a polarização ideológica representa apenas um dos três momentos em que as produções literárias do período estão divididas. Em um primeiro momento, entre os anos de 1930 e 1932, existe uma "inquietação" entre os escritores e, embora suas obras ainda não apresentem sistematicamente um salto para o plano ideológico, representam o reconhecimento de mazelas sociais e superações de ceticismos presentes em outras obras do início do século XX³⁵⁶. Surgem, portanto, os romances sociais, explorando as contradições sociais e políticas, principalmente, com temas que priorizam o protagonismo dos setores marginalizados, diante das transformações causadas pela modernização econômica nacional. Sobretudo com temáticas regionalistas, tais romances incorporam à literatura o reconhecimento do atraso social do país, no entanto, sem grandes projeções ou possibilidades de soluções para o futuro³⁵⁷. São os casos, por exemplo, de romances como *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, em 1930, contando a história de Chico Bento, retirante nordestino que luta pela sobrevivência da família em um período de fome e miséria causado pela seca; e, *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, em 1932, tratando sobre a vida de Carlinhos no Engenho Santa Rosa, também assolado pelas consequências da estiagem.

No segundo momento dos romances de 1930, Bueno indica a polarização ideológica das produções literárias, principalmente pelos escritores comunistas, entre 1932 e 1935³⁵⁸. Embora as origens do PCB, em 1922, partam da união entre lideranças políticas da classe operária e a intelectualidade simpática da Revolução Russa de 1917, seu foco foi a consolidação do comunismo entre a massa trabalhadora, poucos esforços foram destinados à atuação nos debates literários e, quando existentes, se reduziram a difusão do marxismo e formação ideológica de

³⁵⁶ BUENO, Luis. *Op. Cit.* 256-257.

³⁵⁷ CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*. In: A Educação pela Noite e outros ensaios. SP: Ática. 1987. p 158.

³⁵⁸ BUENO, Luis. *Op. Cit.* p. 261.

seus membros³⁵⁹. No início da década de 1930, as discussões sobre a participação e intervenção pública de intelectuais comunistas surgem como assuntos centrais nos congressos da IC, como por exemplo, por ocasião do Bureau-Sul Americano (BSA/IC). Neste, foram tecidas duras críticas a ausência ou negligência das ações intelectuais de militantes ligados aos PC's, determinando, inclusive, o afastamento daqueles que não assumiam tal postura política³⁶⁰.

Desse modo, como destaca Carne Dalmás, a intelectualidade comunista é convocada a assumir o “frentismo cultural”, fazendo dos debates artísticos e literários, meios culturais de articulação entre as questões sociais e as propostas políticas do Partido³⁶¹. Não por acaso, entre 1930 a 1935, observa-se o primeiro surto de publicações e editoras relacionadas ao PCB. Neste contexto, casas editoriais como Marenglen, Lux, Caramuru, Selma, Alba, Soviet, Adersen, Cultura Brasileira, Unitas e Calvino, respondem direta ou indiretamente aos interesses do Partido, recebendo suportes financeiros e tendo como diretores, algum intelectual e/ou militante comunista. Nesse breve, mas significativo “boom” editorial, clássicos do marxismo traduzidos para o português e a literatura proletária chegam com maior frequência ao público leitor brasileiro³⁶².

Por conseguinte, apenas as denúncias promovidas pelos romances sociais tornam-se insuficientes para combater as desigualdades advindas do capitalismo. Era preciso ir além, representando necessidades ou possibilidades de superá-las. Os romances proletários, portanto, saltam para o plano da figuração do(s) outro(s) em caráter coletivo, valorizando as massas em detrimento do indivíduo e a rebeldia da organização proletária³⁶³. Nessa perspectiva, o escritor baiano Jorge Amado ascende como uma das grandes personificações do papel do intelectual comunista e suas produções culturais para a consolidação dessa proposta. Em 1932, quando ingressou no PCB, Jorge Amado já tinha no currículo seu romance de estreia, *O País do Carnaval*, publicado em 1931. Contudo, em 1933, com a publicação de *Cacau*, o romancista

³⁵⁹ RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido comunista, cultura e política cultural*. São Paulo, 1986. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. p. 337.

³⁶⁰ SILVA, Carine Neves Alves da. *Teoria marxista: o patrimônio histórico e intelectual produzido pelas instituições e intelectuais comunistas na América Latina*. In: Anais Eletrônicos do XIV Encontro Regional de História-ANPUH-RJ. Rio de Janeiro, 2010.

³⁶¹ DALMÁS, Carine. “*O Partido Comunista e a Liberdade de Criação*”: frentismo cultural em tempos de democratização. In: Antíteses, Londrina, v.12, n. 24, jul-dez, 2019. p. 341.

³⁶² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *verdadeira pátria dos trabalhadores: a URSS e as edições comunistas*. In: ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson (org.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado de Letras, v. 1, 2005. p. 346.

³⁶³ BUENO, Luis. *Op. Cit.* p. 262.

expandiu seu prestígio e reconhecimento na literatura nacional e, principalmente, entre a intelectualidade comunista.

Em *Cacau*, Jorge Amado narra a trajetória do sergipano José Cordeiro, filho de um industrial, mas que se torna trabalhador braçal nos campos cacauzeiros de Ilhéus, na Bahia. Posteriormente, a dura vida na Fazenda Fraternidade é substituída pelo despertar de uma consciência de classe no Rio de Janeiro³⁶⁴. Segundo o Boletim Ariel, a obra foi a “primeira tentativa séria de romance proletário no Brasil”³⁶⁵. Essa constatação é corroborada pelo próprio autor, descrevendo sua produção como:

Não é um livro bonito, de fraseado, sem repetição de palavras. (...) Demais não tive preocupação literária ao compor essas páginas. Procurei contar a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau. (...) Este livro está em seguimento. Mas é que ele não tem propriamente enredo e essas lembranças da vida da roça eu as vou compondo no papel à proporção que me vêm à memória. Li uns romances antes de começar *Cacau* e bem vejo que este não se parece nada com eles. Vai assim mesmo. Quis apenas contar a vida da roça. Por vezes tive ímpeto de fazer panfleto. Talvez nem o romance tenha saído. (...) Tentei contar neste livro, com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade, a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau no sul da Bahia. Será um romance proletário?³⁶⁶

Mais que a própria intencionalidade do escritor baiano em apontar seu romance como “proletário”, observa-se o objetivo de tornar a literatura um mecanismo de denúncia das mazelas sociais, sendo sua solução a conscientização do trabalhador. Assim, cada vez mais surgem obras que apresentam o “eu” proletário, representando a opressão do proletariado, dando-lhe voz e, conseqüentemente, caminhos para sua organização enquanto classe.

Outro romance de significativa importância neste contexto é *Parque Industrial*, publicado em 1933 por Mara Lobo, pseudônimo adotado pela militante comunista Patrícia Galvão. Ao contrário de Jorge Amado, que tinha como cenário de exploração do trabalhador rural, Pagu narra o cotidiano operário no ascendente processo de modernização urbana de São Paulo. No bairro do Brás, o Parque Industrial torna-se a personificação da exploração dos trabalhadores das tecelagens, enfatizando o operariado feminino e, obviamente, a esperança de transformação social com o surgimento do Partido Comunista e suas propostas para a luta de classes³⁶⁷.

Por conseguinte, em 1934, Jorge Amado retorna ao núcleo da vida literária com seu

³⁶⁴ AMADO, Jorge. *Cacau*. Rio de Janeiro: Editora Ariel. 1933.

³⁶⁵ COSTA, Dias da. *Cacau*. In: Boletim de Ariel. Rio de Janeiro, 36. nov/1933. p. 2.

³⁶⁶ AMADO, Jorge. *Op. Cit.* 1933. pp. 124-128.

³⁶⁷ LOBO, Mara (Patrícia Galvão). *Parque Industrial*. São Paulo: Edição Particular. 1933.

terceiro romance, *Suor*. Neste, o autor confirma a direção estética de sua produção revolucionária. Tendo como cenário a dura vida dos trabalhadores que viviam nos cortiços do Pelourinho, o romance em tons trágicos, aponta o modelo capitalista como principal fator das mazelas sociais. Claramente, o objetivo do romance é demonstrar a revolução como arma de combate ao grande vilão da narrativa, o capital. Assim, a narrativa é fortalecida com personagens típicos do universo proletário, como por exemplo, os agitadores da massa trabalhadora, representados por um espanhol anarquista e um operário comunista, obviamente, conhecedores das causas materiais da opressão e, conseqüentemente, orientadores de sua superação através da revolução³⁶⁸.

Pelos exemplos anteriormente apresentados, os romances *Cacau* e *Suor* de Jorge Amado, ainda *Parque Industrial* de Patrícia Galvão, observa-se como, gradualmente, a temática proletária foi apropriada pelos romancistas pecebistas. Essa reordenação na escrita de romances, iniciada pelos romances sociais e seguida pela proletarização das produções, faz parte de um processo de estruturação de novas políticas culturais nacionais, desde a geração de 1930 e suas intervenções nos debates literários locais; e as orientações internacionais, baseadas nas concepções da literatura soviética através das ações da IC, principalmente após as diretrizes zhdanovistas apresentadas no I Congresso de Escritores Soviéticos, realizado em Moscou em 1934³⁶⁹.

Contudo, em meio a ascensão dos romances proletários no Brasil, uma nova frente democrática surge nos debates literários internacionais. Ainda em 1934, durante a Conferência Latino-americana de Partidos Comunistas, realizada em Moscou, o PCUS orienta os PC's da região a adotarem uma frente antifascista em seus debates e intervenções públicas. Tal determinação, corroborada no VII Congresso da Internacional Comunista, em agosto de 1935, promoveu mais um horizonte revolucionário para a intelectualidade comunista, pautado em suas ações para a defesa democrática e criação de alianças. Nesse sentido, o frentismo cultural comunista se ramifica em duas vertentes: A Frente Única e a Frente Popular³⁷⁰.

Conforme apresenta Carine Dalmás, a Frente Única, embora iniciada nos debates do III Congresso da IC, em 1921, foi adotada oficialmente apenas no final de 1934. Nesse sentido, os PC's passaram a promover alianças com organizações de trabalhadores, buscando a hegemonia

³⁶⁸ AMADO, Jorge. *Suor*. Rio de Janeiro: Editora Ariel. 1934.

³⁶⁹ DALMÁS, Carine. *Frentismo cultural dos comunistas no Brasil e no Chile: Literatura, escritores e virada aliancista* (1935-1936). In: Projeto História, São Paulo, n. 47, Ago. 2013. p. 226.

³⁷⁰ *Ibid.* pp. 226-227.

comunista no interior da classe proletária. Por outro lado, a Frente Popular, criada por ocasião do já referido VII Congresso da IC, em 1935, tendo por base a luta contra o avanço do nazifascismo, buscou estender as alianças políticas comunistas com outros setores, principalmente, nos meios intelectuais e artísticos. No Brasil, durante os anos que sucederam a criação das duas frentes, o PCB e sua militância promoveu um intenso debate sobre o papel dos intelectuais nos assuntos públicos, utilizando suas produções culturais como mecanismos de difusão de ideias³⁷¹.

Nesse sentido, em maio de 1935, buscando a consolidação de uma Frente Popular, os comunistas, juntamente com tenentistas e outros setores sociais, como jornalistas, escritores e professores, integraram a Aliança Nacional Libertadora (ANL). O movimento, uma das maiores manifestações políticas da história brasileira, unificou suas ações em combate ao imperialismo e, principalmente, contra o integralismo, a vertente brasileira do fascismo. Entretanto, em junho daquele mesmo ano, com a aprovação da Lei de Segurança Nacional, o governo varguista travou as mobilizações na ANL, perseguindo seus membros e obrigando a organização a agir na clandestinidade. Com isso, as estratégias comunistas por uma Frente Popular, entenderam que o momento era propício para uma transformação social baseada na revolução armada. Não por acaso, em novembro de 1935 membros da ANL organizaram o levante armado da Intentona Comunista, iniciado em Natal, passando por Recife, até ser reprimido pelas forças policiais do governo Vargas no Rio de Janeiro.

Dada a forte perseguição e repressão aos comunistas após os acontecimentos da Intentona, foi necessária uma reorganização estratégica para a manutenção do frentismo cultural pecebista. Na clandestinidade, órgãos paralelos ao Partido são criados para abrigar os debates políticos e culturais, como por exemplo, a Liga de Defesa da Cultura e o Clube de Cultura Moderna³⁷². Nesse momento, os projetos literários comunistas ganham as páginas dos periódicos, tendo como eixo central, a defesa, estruturação e divulgação dos romances proletários como mecanismo de frentismo cultural. Dentre estes periódicos, o suplemento cultural do jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro, torna-se um expoente veículo em publicações antifascistas e/ou comunistas. Nesse sentido, as diretrizes apresentadas no I Congresso de Escritores Soviéticos são amplamente divulgadas:

E foi no decorrer da mais livre discussão, que durou cinco dias, sempre assistida por

³⁷¹ *Ibid.*

³⁷² AMARAL, Aracy. *Arte pra que? A preocupação social na arte brasileira (1930-1970): subsídios para uma história social da arte no Brasil*. São Paulo. Nobel, 1987.

numeroso público, que esses “mestres da cultura reconheceram que o único sucessor e detentor de tudo quanto há de melhor e de mais precioso na literatura mundial é a classe revolucionária contemporânea e que a literatura deve desenvolver-se segundo a orientação do realismo e do humanismo socialistas.” Posição nitidamente contra o fascismo inimigo da cultura e do progresso³⁷³.

Para além de apontar o modelo literário soviético como a ser seguido, as publicações se esforçam para legitimar a sua relação no combate ao fascismo, ou seja, como se as orientações culturais vindas da União Soviética fossem sinônimas de produções de comunistas e/ou antifascistas. Desse modo, as obras lançadas a partir de 1935 passaram por rigoroso debate e crítica no meio intelectual. Nesse período, mais uma vez um romance de Jorge Amado ganha destaque no cenário literário. Trata-se de *Jubiabá*, publicado em 1935, relatando a trajetória de Antônio Balduino, um personagem negro, pobre e que após viver como mendigo, torna-se operário e árduo defensor da classe trabalhadora³⁷⁴. Contudo, o maior impacto da obra, de acordo com seus críticos, foi criar uma sobreposição do que seria um romance proletário em relação aos romances sociais. Portanto, as obras que denunciavam os problemas sociais, deveriam evoluir para narrativas que também apresentassem como suas soluções as possibilidades revolucionárias do proletariado. Desse modo, a crítica literária comunista logo elevou *Jubiabá* como o “primeiro grande romance proletário brasileiro”, comparando-o, inclusive, aos clássicos internacionais do realismo socialista, como *Cimento*, de Gladkov; *Judeus sem dinheiro*, de Michael Gold; *Condição Humana*, de André Malraux, dentre outros³⁷⁵.

Contudo, quase que simultaneamente à consolidação de *Jubiabá* como cânone da literatura proletária no Brasil, observa-se um reordenamento do movimento literário no país. Após o episódio da Intentona Comunista, em novembro de 1935, acentuou-se a repressão e perseguição aos rebeldes da ANL, principalmente os comunistas. O anticomunismo disseminado pelo Estado interferiu diretamente nas produções literárias dos intelectuais militantes, com o fechamento de jornais, revistas e editoras direta ou indiretamente alinhadas ao comunismo. Os reflexos da desmobilização pecebista atingiu diretamente a continuidade de expansão dos romances proletários, abrindo espaço para uma segunda via nas produções literárias, principalmente daqueles discordantes as representações coletivas.

Desse modo, de 1935 até 1939, Bueno define o terceiro momento dos romances de 1930: a polarização entre romance sociais/proletários e os romances psicológicos. Retornam, portanto, e com grande intensidade, o interesse pelo indivíduo em detrimento das massas. A

³⁷³ A voz coletiva da literatura mundial. A Manhã. N.º 86, Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1935. p. 2.

³⁷⁴ AMADO, Jorge. *Jubiabá*. Rio de Janeiro: Editora Livraria José Olympio. 1935.

³⁷⁵ DALMÁS, Carine. *Op. Cit.* 2013. p. 239.

literatura intimista surge como lado oposto aos romances sociais e/ou proletários. Com características burguesas e, muitas vezes, apelando à religiosidade, as tramas se afastam do outro em função da particularidade. Exemplo significativo é *Tragédia Burguesa*, trilogia escrita por Octávio de Faria, em 1937. Todo enredo do romance desenrola-se na reflexão da manutenção dos valores burgueses em um cenário repleto de prazeres mundanos, acentuados ainda, pela dualidade entre os desejos de Deus, contra a negação ao demônio³⁷⁶.

No início da década de 1940, novamente o quadro político nacional e internacional torna-se favorável à intensificação das atividades literárias dos comunistas brasileiros. Em 1942, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos aliados, os esforços conjuntos em defesa da democracia e contra o nazifascismo, enfraquecem os sentimentos anticomunistas, principalmente após as ações vitoriosas da União Soviética diante das tropas nazistas. Enquanto o PCB se organiza visando o retorno à legalidade, articula-se também a reestruturação de seus meios de comunicação. Em poucos anos, a rede comunicacional comunista, chamada de Imprensa Popular, tornou-se uma das maiores e mais importantes do país. Quanto à edição de livros, Jorge Amado, mesmo em exílio, publicou a biografia poética de Luís Carlos Prestes, *O Cavaleiro da Esperança*, pela Editora Martins, em 1942. Já em 1943, a Calvino, remanescente das editoras ligadas ao Partido na década de 1930, reaparece explorando o mercado com a publicação de obras relacionadas à URSS. Com a legalização do PCB em 1944, inicia-se um segundo “boom” de publicações comunistas no país, influenciado pela enorme adesão de intelectuais aos quadros do Partido e pelas novas estratégias editoriais por ele adotadas³⁷⁷.

Visando expandir a circulação de obras alinhadas às diretrizes partidárias e dificultar possíveis repressões, a estratégia pecebista baseou-se em não fixar sua estrutura editorial em apenas um órgão. Desse modo, entre 1944 e 1945, são criadas pelo Partido as Editoras Leitura, Horizonte e Vitória. Contudo, mesmo com a fragmentação das ações, apenas a Vitória resistiu às investidas do governo Dutra, entre 1946 e 1947. De qualquer forma, as atividades editoriais do Partido tornaram-se substanciais, levando em consideração que em meados da década de 1940, o quadro partidário apresentava cerca de 50.000 militantes, outros milhares de simpatizantes, sendo assim, um número significativo de leitores em potencial³⁷⁸.

³⁷⁶ BUENO, Luis. *Op. Cit.* pp. 271 -275.

³⁷⁷ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. Cit.* 2005. p. 347.

³⁷⁸ *Ibid.* pp. 348-349.

Por conseguinte, entre 1945 e 1947, as publicações de escritores comunistas não se enquadram a um modelo estético padrão, prevalecendo a liberdade criativa e, que de certa forma, justifica o grande número de escritores filiados ao Partido neste período. Contudo, assim como ocorreu no início da década de 1930, observa-se a prevalência de temáticas sociais. A exemplo disso, em 1944, pela Editora Martins, foi lançado *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado, destacando o trabalho análogo a escravidão nas plantações de cacau do sul da Bahia. No mesmo ano, Alina Paim estreou com *Estrada da Liberdade*, publicado pela *Leitura*, refletindo sobre a formação educacional religiosa e pública no Nordeste brasileiro. Além do livro de contos, *Histórias de Alexandre*, escrito por Graciliano Ramos e lançado pela *Leitura*, denunciando a miséria e condenando o capitalismo.

Em 1946, surgem os primeiros indícios de uma mudança na orientação cultural dos membros do PCB. Naquele mesmo ano, foi publicado pela Editora Horizonte, uma compilação de discursos de Jorge Amado, Pedro Pomar e Pablo Neruda, intitulado *O Partido Comunista e a liberdade de criação*. Em síntese, os textos indicavam que as diretrizes políticas deveriam orientar a produção artística³⁷⁹. Tal discussão, acentuou-se ainda mais após o TSE suspender o registro do Partido, em abril de 1947, sob acusação de ligação direta com comunismo internacional. Novamente na ilegalidade, o quadro cultural no PCB mudou radicalmente, prevalecendo o centralismo e submissão ao modelo cultural stalinista, sitiando, assim, a liberdade de criação da intelectualidade comunista³⁸⁰.

Dessa forma, de 1947 até 1956, o realismo socialista aparece como modelo estético oficial da cultura política comunista. Para continuar circulando suas propostas para a sociedade brasileira, o Partido intensifica a intervenção pública de seus intelectuais em outros órgãos, como na ABDE, que conforme exposto no primeiro capítulo desta dissertação, tornou-se uma extensão do Partido, em 1949. Não obstante, o endurecimento das ações intelectuais toma conta dos meios de comunicação vinculados ao PCB que ainda se encontravam abertos. Os discursos que originaram a estética realista socialista, proferidos por Andrei Zhdanov, em 1934, são republicados sistematicamente³⁸¹; além de diversos artigos políticos-pedagógicos e, que apenas pelos títulos, indicam suas intencionalidades: “Alguns traços da literatura soviética”; “Papel e

³⁷⁹ DALMÁS, Carine. *Op. Cit.* 2019. p. 431.

³⁸⁰ MORAES, Dênis de. *O Imaginário Vigiado: A Imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p. 134.

³⁸¹ OLIVEIRA, Ilka Maria de. *Op. Cit.* p. 42.

tarefas do escritor soviético”, “A literatura soviética, a conquista do povo”, “A arte e a literatura da URSS”³⁸².

Como visto ao longo desta seção, compreender as apropriações do realismo socialista no Brasil necessita uma sistematização complexa. Ao final da década de 1940 e na primeira metade dos anos 1950, quando o realismo socialista atinge seu ápice no Brasil, a literatura nacional havia passado por experiências que auxiliaram na implantação da estética cultural soviética no país. Neste momento, não existe a negação das denúncias da realidade social e da valorização coletiva da luta proletária representadas pelos romances de 1930. Contudo, o realismo socialista acentua, de maneira radical, a importância do Partido para a formação da consciência revolucionária do proletariado e superação das mazelas sociais vivenciadas pelas massas.

Sistematicamente, a consolidação do realismo socialista no Brasil tem uma trajetória bem semelhante ao seu desenvolvimento na URSS. Após as experimentações vanguardistas e outras tentativas na criação de manifestações estéticas nos primeiros anos após a Revolução, o realismo socialista surge como modo de restringir as produções culturais da intelectualidade revolucionária, dando-lhe uma identidade que se afastava das antecessoras e a vinculava diretamente ao Partido. No Brasil, os romances sociais e, posteriormente a literatura proletária, passaram por um processo de insuficiência para as pretensões pecebistas. Tratar dos problemas sociais ou ter o trabalhador como pano de fundo das obras literárias, não estava condicionado à uma exclusividade das produções comunistas. Por outro lado, condicionar o Partido como responsável pela formação educacional do “novo homem”, como preconizava o realismo socialista, reservava a intelectualidade pecebista uma estética única e identitária.

Nesse sentido, a próxima seção deste capítulo, dedica-se à análise do que para muitos historiadores representa a maior tentativa editorial brasileira quando se refere à implantação prática do realismo socialista no Brasil. Desde 1948, quando absorve a *Horizonte*, a Editorial Vitória torna-se o principal órgão na publicação da literatura de orientação comunista no país. Com uma estrutura substancial, os intelectuais responsáveis pela Editora promoveram diversos projetos na divulgação de obras clássicas da teoria marxista e da literatura soviética nos moldes do realismo socialista. No início da década de 1950, sob a direção de Jorge Amado, a Vitória anunciou a *Coleção Romances do Povo*, uma coletânea de obras destinada exclusivamente às

³⁸² MORAES, Dênis de. *Op. Cit.* pp. 142-150.

classes populares, por um baixo custo, combinando assim, um meio centralizador na produção de ideias, justificado por efeitos de um fim popular.

2.2 Edições comunistas no Brasil: Editorial Vitória e a *Coleção Romances do Povo*

(...) constituirá a venda de livros não só uma apreciável fonte de renda para o Partido, como principalmente um dos mais poderosos meios de propaganda e difusão das doutrinas comunistas³⁸³.

O trecho acima, escrito por Astrojildo Pereira e publicado pelo periódico *Movimento Comunista*, em julho de 1922, poucos meses após a fundação do PCB, demonstra a intencionalidade partidária em utilizar as potencialidades econômicas, culturais e políticas que o mercado livreiro poderia oferecer. As considerações do fundador do Partido, corroboram, inclusive, com a natureza dúplice que acompanha a *História do Livro*, compreendida, conforme Roger Chartier, ao mesmo tempo como mercadoria e também veículo cultural³⁸⁴. Nesse sentido, a economia do livro proporcionou a criação de um “circuito comunicacional”, incluindo ao autor, outros agentes intermediários como tipógrafos, editores, livreiros e leitores³⁸⁵. Assim, a questão editorial tornou-se importante mecanismo na disseminação de ideias, propaganda e, no caso do imaginário comunista, organização e agitação partidária.³⁸⁶

De acordo com Edgard Carone, os livros marxistas começaram a circular no Brasil após a Revolução bolchevique, seguindo as determinações da IC ainda em 1919. Em um primeiro estágio, as obras circularam predominantemente em francês e espanhol, cenário modificado gradualmente, somente após a fundação do PCB, em 1922. De sua criação até 1930, raras foram as publicações vinculadas diretamente ao Partido, algumas vezes pelo caráter financeiro, outras pelo fator organizacional ainda frágil e, os poucos títulos veiculados neste período, muitas das vezes, partiam de ações individuais dos militantes comunistas³⁸⁷. Com a Revolução de 1930, agregado às desilusões capitalistas após a crise de 1929, as edições comunistas atingem seu

³⁸³ PEREIRA, Astrojildo. *Construindo o PCB (1922-1924)*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980 p. 16.

³⁸⁴ CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. *O Livro: Uma mudança de perspectiva*. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.), *História: Novos Objetos*, Rio de Janeiro, 1986. P. 109.

³⁸⁵ DARNTON, Robert. O que é a história dos livros. In. *O Beijo de Lamourette. Mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2010. pp. 121-128.

³⁸⁶ PANKRATOVA, A. *Lênin Como Propagandista*. Problemas - Revista Mensal de Cultura Política nº 26, maio de 1950. P. 02.

³⁸⁷ CARONE, Edgard. *Literatura e Público*. In: SECCO, Lincoln; DEAECTO, Marisa Midori. Edgard Carone, Leituras Marxistas e Outros Ensaios. São Paulo: Xamã, 2004. p. 39.

primeiro bom momento no Brasil, destacando-se as publicações organizadas pela Editorial Calvino, dirigida pelo militante comunista Calvino Filho. O cenário positivo no mercado livreiro é acompanhado pela ascensão dos romances sociais e/ou proletários, tornado cânones os membros da geração de 1930 na literatura nacional. Contudo, após a falha do Levante Comunista em 1935, e conseqüentemente a instauração do Estado Novo, em 1937, a forte repressão à militância comunista faz com que a literatura partidária seja interrompida³⁸⁸.

O programa editorial comunista no Brasil retornou com força, apenas na década de 1940. A participação do país na Segunda Guerra, o envolvimento à causa antifascista e a decisiva participação soviética nos campos de batalha, promoveram um relaxamento nas ações anticomunistas e, conseqüentemente, a reorganização do PCB após o fim do regime estadonovista. Nesse sentido, inicia-se a segunda fase dourada do mercado editorial comunista, tendo como norte a organização de suas próprias editoras. Em 1944, surge a *Leitura*, oriunda da revista de mesmo nome e voltando-se, inicialmente, para produção de romances e, na década de 1960, editando clássicos de Marx e Engels. Ainda em 1944, desponta a *Vitória*, com um catálogo amplo, variando entre romances e obras ideológicas. Em 1945, criou-se a *Horizonte*, dedicando-se a obras de teorias políticas internacionais e dos militantes do Partido³⁸⁹.

De acordo com Rodrigo Patto Sá Motta, distribuir as atividades entre as três editoras representava atingir um grau maior na circulação de obras e, principalmente, dificultar possíveis trabalhos de repressão policial. Contudo, em 1947, com o Partido sendo novamente colocado na ilegalidade durante o governo Dutra, a *Leitura* diminui drasticamente sua intensidade de edições; a *Horizonte* não resiste à repressão estatal e é absorvida pela *Vitória*, tornando, esta última, a mais representativa editora comunista no Brasil³⁹⁰. Conforme Flamarion Maués, em seus longevos 20 anos de trajetória, a Editorial *Vitória* publicou mais de 170 títulos, desde clássicos da teoria internacional, como Marx, Engels, Lenin e Stalin; passando por grandes nomes do comunismo nacional, como Luiz Carlos Prestes e Carlos Marighella; até romances internacionais e nacionais, como a *Coleção Romances do Povo*, coletânea de títulos da literatura realista socialista, dirigida por Jorge Amado³⁹¹.

³⁸⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A verdadeira pátria dos trabalhadores: a URSS e as edições comunistas*. In: ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson (org.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado de Letras, v. 1, 2005. pp. 346-347.

³⁸⁹ CARONE, Edgard. *O Marxismo no Brasil (Das Origens a 1964)*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986. p. 332.

³⁹⁰ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. Cit.* 2005. p. 347.

³⁹¹ MAUÉS, Flamarion. *A editorial Vitória e a Divulgação das Ideias Comunistas no Brasil (1944-1964)*. In: DEAECTO, Marisa Midori; MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e Revolução: Leituras Comunistas no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 122.

Fundada em maio de 1944, a Editorial Vitória é considerada a mais significativa experiência editorial comunista no Brasil, resistindo a pelo menos quatro ações repressivas (1949, 1950, 1954 e 1956), até ser finalmente fechada em 1º de abril de 1964, como uma das primeiras ações dos militares após o golpe³⁹². Indicado pelo Partido, a tarefa de organizar o início dos trabalhos da editora foi do militante Leôncio Basbaum. Figura conhecida quando se trata de militância comunista no país, Basbaum apresentava experiência no setor editorial, tendo trabalhado como tradutor nas editoras Guanabara e Freitas Bastos, além de ter ocupado a direção da Lojas Brasileiras. Conforme o próprio militante, o capital inicial para a criação da Vitória contou com 170 mil cruzeiros, arrecadados através da concessão de cotas, sendo ele o majoritário e as demais frações, divididas entre outros membros do PCB³⁹³. Delegar militantes para tarefas desta natureza era uma estratégia comum do Partido, tanto em seu período de ilegalidade, quando encontrava-se impossibilitado de tais ações; quanto na legalidade, visando a segurança de seus órgãos contra possíveis repressões.

Por conseguinte, mesmo tendo pessoas físicas como representantes legais, a editora sempre seguiu as diretrizes gerais do Partido. De acordo com Antonio Albino Canellas Rubim, existia, inclusive, uma direção oficial, formada pelo próprio Basbaum e também por nomes como Pedro Mota Lima e Benito Papi; e uma direção “subterrânea”, que efetivamente tomava as decisões relativas às publicações da editora³⁹⁴. Neste segundo grupo, conforme aponta Ana Paula Palamartchuk, estavam os militantes pertencentes a Secretaria Nacional de Agitação e Propaganda (SNAP), tendo à frente de sua Comissão de Literatura nomes como Graciliano Ramos, Lia Corrêa, Dutra, Édison Carneiro, Raymundo Souza Dantas, Jorge Medauar, Floriano Gonçalves, Egídio Squeff, Dias da Costa, Oswaldo Alves, Alberto Passos Guimarães, Ana Montenegro, Laura Austragésilo, Alina Paim e Joaquim Silveira³⁹⁵.

Rodrigo Patto Sá Motta destaca que os balancetes da Vitória no ano de 1946 apontam para uma movimentação financeira de 600 mil cruzeiros e, considerando que o preço médio das obras era de 10 cruzeiros, pode-se estimar a venda de aproximadamente 60 mil livros naquele ano. Ainda segundo o autor, após absorver a editora Horizontes, em 1949, os números da Vitória a condicionam como editora de médio porte, contando com nove funcionários e um

³⁹² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. Cit.* 2005. p. 348.

³⁹³ MAUÉS, Flamarion. *Op. Cit.* p. 124.

³⁹⁴ RUBIM, Antonio Albino Canella. *Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil*. In: História do Marxismo no Brasil. Campinas: Editora UNICAMP, 1998. p. 328.

³⁹⁵ PALAMARTCHUCK, Ana Paula. *Intelectuais comunistas e a experiência democrática: Guerra Fria e projeto editorial (1945-1956)*. In: Política, Cultura e Memória: (Des)caminhos na História Social Contemporânea. Maceió: Edufal, 2019. p. 178-179.

gerente³⁹⁶. Do final da década de 1950 até 1964, quando foi fechada, a editora havia crescido substancialmente, tendo além de sua sede no Rio de Janeiro, um escritório na cidade de São Paulo, ocupando a 19ª posição em títulos por estoque no Brasil, segundo os levantamentos de Hallewell³⁹⁷.

Quanto às estratégias de publicidade, venda e distribuição de suas edições, Rodrigo Patto Sá Motta aponta a importante participação da imprensa comunista neste processo. A Imprensa Popular, não apenas divulgava os lançamentos, como também publicava trechos das obras, visando atingir diretamente o público alvo. Quanto às vendas, inicialmente se realizaram por reembolso postal, com os formulários publicados nos jornais e revistas vinculados ao PCB; posteriormente, a editora investiu na criação de uma rede de agentes de vendas, firmando um contrato com esses sujeitos e buscando interiorizar a circulação de seus livros, que em maior número, acontecia nas capitais³⁹⁸.

Em relação aos objetivos, Flamarion Maués aponta quatro pontos essenciais buscados pelas edições do Editorial Vitória. Primeiro, a divulgação das doutrinas comunistas através de livros teóricos e políticos; segundo, atingir a grande cultura de massa, publicando livros a baixo custo e, em alguns casos, modificando seus textos originais a fim de torná-los mais simples e populares, visando favorecer a simpatia e adesão de novos militantes; terceiro, estabelecer um órgão ou canal oficial de sociabilidade para a intelectualidade comunista; e, quarto, gerar uma fonte de renda para o Partido, conforme vislumbrado por Astrojildo Pereira ainda na década de 1920³⁹⁹. Dentro deste escopo, de 1944 até 1964, a Vitória editou, publicou e lançou aproximadamente 179 obras, priorizando suas escolhas diante dos contextos sociais e políticos que o Brasil e o mundo vivenciavam⁴⁰⁰.

Em 1944, seu primeiro ano editorial, a Vitória voltou-se para edições que promovessem o combate ao nazifascismo, aproveitando-se do contexto político internacional que unia a intelectualidade contra um “inimigo” comum. Neste momento, com o PCB ainda na ilegalidade, não houveram condições iniciais em promover a literatura marxista nas suas publicações, como ocorreria nos anos posteriores. Desse modo, a editora comunista dedicou suas ações a clássicos

³⁹⁶ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. Cit.* 2005. pp. 348-349.

³⁹⁷ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. (Maria da Penha Villalobos; Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza - tradutores). 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. p. 536.

³⁹⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. Cit.* 2005. p. 350.

³⁹⁹ MAUÉS, Flamarion. *Op. Cit.* pp. 127-128.

⁴⁰⁰ *Ibid.* p. 131.

na literatura mundial, como *Morte ao Invasor Alemão*, de Ilya Ehrenburg; e, *O Espião*, de Máximo Gorki⁴⁰¹.

Entre 1945 e 1946, obras explicitamente políticas e ideológicas dominaram o quadro editorial da Vitória. O sucesso dos aliados na Segunda Guerra Mundial e o fim do regime estadonovista, promoveram situação propícia para retomada de edições comunistas no Brasil. Com o Partido novamente na legalidade e um promissor cenário democrático no país, a editora aproveitou-se para publicar obras como *A Cultura Soviética*, de Alexei Tolstoi; *A Luta pela Unidade da Classe Operária contra o Fascismo*, de Georgi Dimitrof; *O estado e a Revolução: A Doutrina Marxista de Estado e as Tarefas do Proletariado na Revolução*, de Vladimir Lenin; *O Marxismo e os Problemas Nacional e Colonial*, de Stalin; dentre outros títulos de autores ligados às teorias políticas e culturais soviéticas⁴⁰².

De 1947 à 1952, a Editorial Vitória expande ainda mais suas ações em edições soviéticas, com destaque para obras de Lenin, como *O Socialismo e a Guerra*; Stalin, com *O Partido*; e o *Manifesto do Partido Comunista*, de Karl Marx e Friedrich Engels. Contudo, as publicações do período, também abrem espaço para obras de grandes nomes do comunismo nacional, como *Frente Nacional para a Salvação da Pátria*, de Luiz Carlos Prestes; *O Estudante Marighella nas Prisões do Estado Novo*, de Carlos Marighella; *O Mundo da Paz: União Soviética e Democracias Populares*, de Jorge Amado, dentre outros. Já na literatura, o destaque vai para as publicações de *Zé Brasil*, de Monteiro Lobato e *Sete História Verdadeiras*, de Graciliano Ramos⁴⁰³.

No período entre 1953 e 1956, observa-se um grande fortalecimento de produção na Editorial Vitória, atingindo a marca de 57 títulos, o maior número de edições nos 20 anos de trajetória da editora comunista. O fator preponderante para o “boom” editorial foi, de acordo com Flamarion Maués, a intensificação na publicação de literatura popular, no entanto, sem deixar de lado as edições de teoria marxista. Neste sentido, a principal iniciativa literária da Vitória foi a *Coleção Romances do Povo*, colocada sob a responsabilidade do principal escritor do gênero no país e, até então, um dos mais significativos intelectuais dos quadros do PCB: Jorge Amado⁴⁰⁴.

⁴⁰¹ *Ibid.* p. 132.

⁴⁰² *Ibid.* pp. 133-135.

⁴⁰³ *Ibid.* pp. 135-138.

⁴⁰⁴ *Ibid.* pp. 139.

Em 1953, quando recebe do Partido a tarefa de dirigir a Coleção, Jorge Amado já acumulava uma longa trajetória profissional e partidária. Consagrado no cenário literário nacional, o escritor baiano também apresentava em seu currículo um mandato como deputado federal pelo PCB, entre 1945 e 1948; uma substancial participação como colaborador e diretor de órgãos ligados à Imprensa Popular; além de uma significativa experiência internacional, oriunda dos anos em que viveu exilado, principalmente em Paris e Praga. No exílio, o autor desfrutou da sociabilidade com alguns grandes nomes da literatura mundial, como Anna Seghers, Ferreira de Castro, Bóris Polevói e Ilya Ehrenburg. Não por acaso, ao escolher os títulos que fizeram parte da *Coleção Romances do Povo*, Amado privilegiou os autores que, de alguma forma, mantinha laços afetivos⁴⁰⁵.

Por conseguinte, em 16 de janeiro de 1953, a 1320ª edição da *Imprensa Popular* publicou uma carta-apresentação da *Coleção Romances do Povo*, assinada por Jorge Amado e intitulada “Uma audaciosa iniciativa no terreno cultural: A Editorial Vitória abre novas oportunidades aos autores nacionais”. Nesta, alguns pontos merecem ser explorados:

Devidamente credenciada pelos seus últimos empreendimentos editoriais, com os quais colocou ao alcance do povo livros de alta cultura política como, por exemplo, as obras de Stalin, a Editorial Vitória empenha-se no presente ano num programa destinado a ampliar suas edições e, desse modo, prestar relevante serviço à cultura nacional. A Coleção Romances do Povo, dispõe-se a apresentar ao público brasileiro livros de real importância, de autoria dos maiores nomes da literatura progressista mundial, assim como de autores nacionais identificados a construção de um mundo novo e a luta por uma vida feliz. [...] Quando se fala em crise editorial, deixa-se de mencionar um dos fatores dessa crise: a qualidade dos livros, que em geral refletem uma literatura decadente, suicida e impopular, sem qualquer interesse para a grande massa de leitores. Estamos certos de que a coleção que ora apresentamos irá obter um grande êxito de livraria. O público brasileiro encontrará nela exatamente o oposto daquela literatura de decadência e de fuga da vida, produzida por uma sociedade moribunda. Encontrará os romances diretamente nascidos do povo, inspirados em sua caminhada para a construção da felicidade do homem sobre a terra⁴⁰⁶.

Diversos termos e/ou expressões da carta-apresentação chamam atenção, dando ao texto, um tom de discurso oficial. Quando se refere a Coleção como um compilado de “livros de real importância” ou como uma “literatura progressista”, Jorge Amado faz questão apontá-la como superação de uma “literatura decadente, suicida e impopular”, referindo-se claramente à “literatura burguesa”. Portanto, trata-se da defesa de uma literatura seguindo a estética do realismo socialista e, como destaca o diretor da Coleção, com “romances nascidos do povo,

⁴⁰⁵ AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992. p. 196.

⁴⁰⁶ AMADO, Jorge. *Uma audaciosa iniciativa no terreno cultural: A Editorial Vitória abre novas oportunidades aos autores nacionais*. In: *Imprensa Popular*, ano VI, nº 1320. Rio de Janeiro: 16 de Jan. 1953. p. 03.

inspirados em sua caminhada para a construção da felicidade do homem sobre a terra”. Prosseguindo, o escritor comunista ainda destaca que:

Uma bem cuidada feição gráfica, ilustrações assinadas pelos maiores nomes das nossas artes plásticas, concorrerão para dar digna apresentação a esses romances do povo que provam ser a literatura é realmente um poderoso instrumento do homem na criação de um mundo de fraternidade entre todos os povos, os romances da paz e da esperança⁴⁰⁷.

Em relação a parte gráfica, esta ficou sob responsabilidade do artista plástico, Percy Deane. Encarregado de criar as ilustrações de capa de toda a Coleção, o membro ativo do PCB, pintor, desenhista e arquiteto gozava de grande prestígio nas artes visuais, graças às suas parcerias profissionais com Oscar Niemeyer e Cândido Portinari, ambos, também militantes do Partido⁴⁰⁸. Em formato aproximado de 120x180 mm, cada título seria lançado mensalmente e com uma tiragem inicial de 10 mil exemplares⁴⁰⁹. Número considerável, tendo em vista que a média nacional de tiragens na década de 1950 era, de acordo com Hallewell, de aproximadamente quatro mil exemplares por título⁴¹⁰. Quanto ao preço, independentemente do número de páginas, cada exemplar era vendido por Cr\$60,00, em um período que o salário mínimo do brasileiro variou entre Cr\$1.200,00 a Cr\$3.8000,00⁴¹¹. Por fim, a Coleção seria financiada em parceria entre a Editora, que arcaria com 30% do capital necessário; sendo os 70% restantes, divididos em quotas de seus sócios, sob o direito de resgate de crédito e lucros em moeda e/ou em livros da Coleção⁴¹². Ademais, a carta-apresentação afirma que:

Pretendem a Editora e o Diretor desta coleção dar ao público brasileiro uma visão da universalidade dessa literatura, apresentando, ao lado dos mestres do romance soviético, os novos romancistas dos países da democracia popular e os combativos escritores da vanguarda do mundo capitalista. [...] Sem esquecer os novos romancistas brasileiros que tentam levar a nossa novelística mais além dos limites por ela já atingidos, colocando-a a serviço das causas mais belas e generosas do nosso povo. ⁴¹³

⁴⁰⁷ *Ibid.*

⁴⁰⁸ ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. *Percy Deane*. Rio de Janeiro: 18/01/2016. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8861/percy-deane#>. Acesso em: 13/02/2021.

⁴⁰⁹ CARMO, Rodrigo Reis do. *Romances do povo: a política cultural do PCB e a negação da esfera pública popular*. Orientador: William Dias Braga. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2007. 96 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Produção Editorial). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2007. p. 57.

⁴¹⁰ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. (Maria da Penha Villalobos; Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza - tradutores). 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. p. 519.

⁴¹¹ CARMO, Rodrigo Reis do. *Op. Cit.* p. 57.

⁴¹² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. Cit.* 2005. pp. 349-350.

⁴¹³ AMADO, Jorge. *Op. Cit.* 1953. p. 03.

Neste trecho, observa-se a tentativa de promover um caráter universal da literatura defendida pela Coleção, exaltando os autores de “vanguarda”, considerando o novo sentido conferido ao termo, que das correntes de renovação estética modernistas passava a ser apresentado com um sentido político e social estrito, sendo identificada como sinônimo de comunistas, de diferentes nacionalidades. Na carta, inicialmente são apresentados 37 títulos que deveriam compor a Coleção, sendo 20 de escritores soviéticos, três estadunidenses, dois romenos, dois tchecos, um grego, um haitiano, um francês, um português, um cubano, um chinês e quatro brasileiros. Dentre as obras nacionais estariam, *Companheiros*, de Dalcídio Jurandir; *Ferrovários*, de Alina Paim; *O Posto*, de James Amado; e, um romance não especificado de Jorge Amado, que encerraria a Coleção.

Contudo, dos 37 títulos anunciados, apenas 19 são efetivamente publicados pela editora, com seu último livro sendo lançado em 1956⁴¹⁴. O principal motivo que determinou a interrupção dos lançamentos e, conseqüentemente da Coleção, foram as transformações internas que atingiram o PCB após as denúncias promovidas pelo “Relatório Krushev”, durante o XX Congresso do PCUS. Diante das fortes acusações contra Stalin, muitos intelectuais abandonaram as determinações da política cultural do realismo socialista, outros desligaram-se até do Partido, como foi o caso do próprio Jorge Amado⁴¹⁵.

Com o cenário internacional e nacional desfavorável devido a “desestalinização”, sem seu diretor e com problemas financeiros, a *Coleção Romances do Povo* foi encerrada pela Editorial Vitória. Dentre os títulos anunciados pelos meio de comunicação do Partido como posteriores lançamentos da Coleção, mas que não chegaram a ser editados, estão *Um verão extraordinário*, de Fédin; *Fronteiras ao vento*, de Alfredo Gravina; *Gente Independente*, de Hallder Laxness (Prêmio Nobel de 1955); *Longe de Moscou*, de V. Ajaev; *O cavaleiro da estrela de ouro*, de Babaievsky; *O tormentoso caminho*, de Aleksis Tolstói; *Celulose*, de Igor Neverly; *Ana*, de Ivan Olbracht; *Crônica dos pobres amantes*, de Vasco Pratolini; *A aldeia natal*, de V. Nekrassov; *A rena veloz*, de Nikolai Chundik; *Descalços*, de Stancu⁴¹⁶. Em relação às obras brasileiras, dos quatro livros anteriormente citados, apenas o romance de Alina Paim foi publicado pela iniciativa literária.

⁴¹⁴ JUBERTE, Vinícius. *A construção de um mundo novo e a luta por uma vida feliz: Jorge Amado e a Coleção Romances do Povo*. In: ANPUH-Brasil - 30] Simpósio Nacional de História. Recife, 2019. pp. 10-11.

⁴¹⁵ MAUÉS, Flamarion. *Op. Cit.* p. 143.

⁴¹⁶ CARMO, Rodrigo Reis do. *Op. Cit.* p. 67.

Nesse sentido, a Coleção Romances do Povo é formada pelos seguintes títulos⁴¹⁷:

Quadro 1: *Coleção Romances do Povo*

Ordem	Título	Autor (a)	País	Ano
1º	Um Homem de Verdade	Bóris Polevói	URSS	1953
2º	Assim foi Temperado o Aço	Nikolai Ostrowski	URSS	1954
3º	A Lã e a Neve	Ferreira de Castro	Portugal	1954
4º	O Grande Norte	Tikhon Siomúchkin	URSS	1954
5º	Os Donos do Orvalho	Jacques Roumain	Haiti	1954
6º	Tchapáiev	Dmitri Furmanov	URSS	1954
7º	A Colheita	Galina Nikolaieva	URSS	1954
8º	A Tempestade (vol. 1)	Ilya Ehrenburg	URSS	1954
-	A Tempestade (vol. 2)	Ilya Ehrenburg	URSS	1954
9º	Espártaco	Howard Fast	EUA	1955
10º	A Hora Próxima	Alina Paim	Brasil	1955
11º	A Felicidade	Piotr Pavlenko	URSS	1955
12º	A Estrada de Volokolansk	Alexandr Bek	URSS	1955
13º	A Tragédia de Sacco e Vanzetti	Howard Fast	EUA	1955
14º	Primeiras Alegrias	Konstantin Fédin	URSS	1955
15º	A Torrente de Ferro	Alexandre Serafimovitch	URSS	1955
16º	Sol Sobre o Rio Sangkan	Ting Ling	China	1955
17º	Coolie	Mulk Raj Anand	Índia	1955
18º	Os Mortos Permanecem Jovens	Anna Seghers	Alemanha	1955
19º	Terra e Sangue	Mikhail Cholokov	URSS	1956

Fonte: Elaboração própria.

⁴¹⁷ Tabela elaborada de acordo como o levantamento de: MAUÉS, Flamarion. *Op. Cit.* pp. 138-143.

Observa-se que dos 19 títulos lançados, um português, um haitiano, um chinês, um indiano, um alemão, um brasileiro, dois estadunidenses, e 11 são de escritores soviéticos. Conforme Rodrigo Patto Sá Motta, a “sovietofolia” ou “sovietolatria” demonstra o quão impactante foi a influência das edições soviéticas no Brasil, principalmente por vislumbrar em tais obras literárias o modelo a ser seguido e o objetivo o qual se pretende alcançar⁴¹⁸.

A exemplo disso, os romances soviéticos contemplados pela Coleção apresentam muitas semelhanças, tanto em relação às suas temáticas, quanto em sua estética. Em geral, se desenvolvem a partir da Revolução de 1917, relacionando-se direta ou indiretamente com as duas grandes guerras mundiais. A luta revolucionária é tomada para combater as mazelas sociais promovidas pelas imposições burguesas, induzindo ao leitor a percepção de um lado bom e outro ruim. Obviamente, tudo isso narrado sob epopeias heroicas, cujos protagonistas apresentam características destemidas de liderança e são norteados para a consolidação de uma nova sociedade, livre dos sofrimentos e baseada no partidarismo⁴¹⁹.

Em *Um Homem de Verdade*, Boris Plevói apresenta ao leitor a história real de Alexis Meressiev, piloto da força aérea soviética na Segunda Guerra Mundial. Após um grave acidente com seu avião, o personagem, agonizando de dores, é resgatado depois de rastejar um longo percurso em busca de socorro. A gravidade das lesões, fazem com suas duas pernas sejam amputadas e, mesmo nestas condições, Meressiev continua sua luta contra as forças nazistas, reafirmando ao leitor a ideia de conscientização pela causa e heroificando suas ações⁴²⁰.

No romance biográfico *Assim foi Temperado o Aço*, Nikolai Ostrowski narra as aventuras de Pável Kortcháguin, filho de operários e que se engaja na cavalaria do exército revolucionário. Ferido em batalha, o protagonista fica cego e, através de seus relatos, descreve suas experiências na revolução⁴²¹.

Tikhon Siomúchkin, em *O Grande Norte*, foca sua narrativa em uma vila ártica da União Soviética, em que seus moradores vivem da caça e da pesca. A chegada de exploradores do mercado de peles estadunidenses, causam conflito para os nativos da região. Os conflitos só são cessados com a chegada do Comitê Soviético no local, fazendo dos comunistas os grandes libertadores da vila no combate ao capitalismo norte-americano⁴²².

⁴¹⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. Cit.* 2005. p. 352.

⁴¹⁹ SANTOS, Nilza Nanci Pereira. *Coleção Romances do Povo: a babel proletária*. Salvador: UFBA, 1996. 173 f. (Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 1996). p. 82.

⁴²⁰ CARMO, Rodrigo Reis do. *Op. Cit.* p. 62.

⁴²¹ *Ibid.*

⁴²² *Ibid.* p. 63.

Tchapáiev, trata-se de uma epopeia biográfica de seu autor, Dmitri Furmanov. Neste, o escritor narra suas experiências de vida, demonstrando como um simples carpinteiro, transformou-se em um dos mais significativos e respeitados comandantes do Exército Vermelho durante a Revolução⁴²³.

Galina Nikolaieva em *A Colheita*, tem como cenário os trabalhadores rurais de uma fazenda Coletiva, chamada Primeiro de Maio. O enredo do romance, desenvolve-se através do casal Avdótia e Vassali. Este último, após incorporar-se ao Exército Vermelho é gravemente ferido em batalha, passando dois anos em um hospital militar. Ao retornar, deparou-se com a fazenda passando por sérios problemas e, sua esposa, casada com outro homem, após terem o considerado morto no *front*. A partir de então, o protagonista dedica-se à recuperação econômica da fazenda e à reconquista da mulher⁴²⁴.

Em *A Felicidade*, Pitor Pavlenko narra a história do coronel Voropáiev, conduzido a reserva após ser ferido em batalha. Vivendo em um *kolkhoz* com o filho pequeno, o personagem não consegue colaborar com os trabalhos nas terras coletivas, devido às mutilações sofridas na guerra. Em busca da felicidade, Voropáiev encontra-a dentro do Partido Comunista, tornando-se o porta voz da comunidade e atraindo novos militantes⁴²⁵.

Alexandr Bek, em *A Estrada de Valokolansk*, trata das ações heroicas da divisão comandada pelo general Panfilov, durante a famosa batalha de Moscou. A obra narra as estratégias realizadas pelo batalhão a fim de conter os avanços do exército alemão, instalando uma defesa militar próximo a estrada de Valokolansk. Situação semelhante encontrada em *A Torrente de Ferro*, de Alexandre Serafimovitch, descrevendo como o simples povo da aldeia de Stiblievskaia, transforma-se em um forte e disciplinado exército⁴²⁶.

Primeiras Alegrias, de Konstantin Fédin, desenvolve a vida na cidade de Saratov, em um período próximo ao início da Primeira Guerra Mundial. Dentre os diversos personagens da narrativa, destacam-se Izvekov, representando a jovialidade revolucionária; e Ragozin, personificando a experiência da luta operária. A obra é o primeiro volume de uma trilogia focalizada na sociedade soviética entre 1910 e 1914. O segundo título da tríade, *Um Verão Extraordinário*, chegou a ser anunciado como integrante da *Coleção Romances do Povo*, no entanto, não foi publicado⁴²⁷.

⁴²³ *Ibid.*

⁴²⁴ *Ibid.* pp. 63-64.

⁴²⁵ *Ibid.* p. 65.

⁴²⁶ *Ibid.* pp. 65-66.

⁴²⁷ *Ibid.* p. 66.

Terra e Sangue, de Mikhail Cholokov, o último título publicado pela Coleção, desenvolve uma narrativa sobre o processo de reforma agrária na URSS. O destaque da obra é dado aos personagens André e Davidov, que ao partirem para guerra, doam suas terras para a coletivização estatal. Contudo, existem conflitos entre os grandes latifundiários, contrários à reforma e o compartilhamento proposto pelos comunistas⁴²⁸.

Fechando os representantes soviéticos, Ilya Ehreburg, com *A Tempestade*. Publicada em dois volumes na Coleção, a obra tem como cenário França, Alemanha e URSS. Nesta, o engenheiro russo Serguei Petrovitch, vivencia os acontecimentos relativos ao período entre guerras e a eclosão da Segunda Grande Guerra. Das obras soviéticas, é a que mais escapa da narrativa de um herói positivo, apresentando conflitos existenciais de seu protagonista. Mesmo após ingressar ao exército e partir para a guerra, o personagem não apresenta o triunfalismo comunista como é natural nas outras obras da Coleção. Pelo contrário, demonstra as monstruosidades do conflito, inclusive, levando-o a pensar na deserção⁴²⁹.

As demais obras da Coleção, de autores "não-soviéticos", cada qual com suas particularidades, apontam diferentes versões, de acordo com seus cenários espaciais, que culminam e/ou se desenvolvem no processo de conscientização de classe e espírito revolucionário⁴³⁰.

De autoria do português Ferreira de Castro, *A Lã e a Neve* trata dos conflitos entre os pastores de ovelha lusitanos e o processo de industrialização. As grandes fábricas concorrem e substituem as antigas cooperativas pastoris, fazendo com que estes se tornem operários. Neste cenário, surge Horácio, um trabalhador fabril e ex-pastor de ovelhas, que juntamente com outro operário, Marreta, começam a despertar uma consciência de classe entre os demais trabalhadores⁴³¹.

Do haitiano Jacques Roumain, *Os Donos do Orvalho* narra a miséria vivida pela comunidade rural de negros *Fouds-Rouge*. O protagonismo fica a cargo de Manoel que, retornando ao local após longos anos trabalhando em canaviais cubanos, carrega consigo conhecimentos relativos ao desenvolvimento do trabalho comunitário. A particularidade do romance é o tratamento da questão racial, denunciando a exploração do trabalho negro e promovendo a valorização de sua cultura⁴³².

⁴²⁸ *Ibid.* p. 67.

⁴²⁹ *Ibid.* p. 64.

⁴³⁰ SANTOS, Nilza Nanci Pereira. *Op. Cit.* p. 108.

⁴³¹ CARMO, Rodrigo Reis do. *Op. Cit.* pp. 62-63.

⁴³² *Ibid.* p. 63.

Howard Fast, dos Estados Unidos da América, tem duas obras publicadas pela Coleção. A primeira, *Espártaco*, descreve a trajetória do gladiador que dá nome ao livro, no ano I a.C. Ao revoltar-se contra as injustiças provocadas pela escravidão, o herói organiza uma fuga de escravos e os lidera na resistência contra o Império Romano. Já o segundo título de Fast, *A Tragédia de Sacco e Vanzetti*, narra a vida de dois imigrantes italianos e anarquistas, Niccola Sacco e Bartolomeo Vanzetti. Na trama, baseada em fatos reais, os protagonistas são acusados, julgados e condenados à morte por um homicídio em Massachusetts, EUA. O caso ganhou as páginas dos jornais, fazendo dos protagonistas, que eram inocentes, o centro da opinião pública⁴³³.

Da chinesa Tink Ling, *Sol sobre o Rio Sangkan* é um romance bem próximo dos moldes soviéticos anteriormente apresentados. Com forte culto à Mao-Tsé Tung, a narrativa trata do processo da coletivização de terras e do conflito entre a tradição cultural do país e as transformações causadas pela Revolução⁴³⁴.

Coolie, do indiano Mulk Raj Anand é talvez o romance que apresenta o enredo mais diversificado da Coleção. Na década de 1930, o jovem Miúnu, oriundo da minoria hindu, tenta fugir da miséria condicionada pelo sistema de castas. As imposições religiosas e as explorações causadas pelo colonialismo britânico, são alguns dos problemas vividos pelo protagonista em busca de um trabalho digno⁴³⁵.

Em *Os Mortos Permanecem Jovens*, a alemã Anna Seghers, promove uma narrativa que apresenta a ascensão e queda do nazismo. O início da trama é o assassinato do soldado alemão Ervin, apontado como traidor por seu envolvimento com o comunismo, ainda durante a I Guerra Mundial. A partir de então, o foco passa a ser Maria, esposa do soldado morto, que mesmo estando grávida, é perseguida pelos nazistas⁴³⁶.

Por fim, Alina Paim é a representante brasileira na Coleção, com o romance *A Hora Próxima*. Inicialmente anunciado com o título “Ferroviários”, a obra é resultado de um trabalho de campo realizado pela escritora comunista, tendo em seu enredo, os acontecimentos relativos às greves dos trabalhadores ferroviários vinculados à Rede Mineira de Viação (RMV), na década de 1950. Buscando seguir os métodos do realismo socialista, o romance evidencia a conscientização do operariado enquanto classe; as ações do PCB como mediador do

⁴³³ *Ibid.* pp. 64-66.

⁴³⁴ *Ibid.* p. 66.

⁴³⁵ *Ibid.* pp. 66-67.

⁴³⁶ *Ibid.* p. 67.

movimento, tendo em seus militantes a figura do herói positivo; além de promover a participação feminina ao protagonismo das greves⁴³⁷.

Após a interrupção da Coleção, em 1956, a Editorial Vitória continuou atuando no mercado livreiro, mas com uma reorientação ideológica em suas edições. Entre 1957 e 1959, os efeitos das denúncias de Kruschov no XX Congresso de Escritores da PUCS, causaram grande impacto nas ações comunistas pelo mundo, atingindo diretamente a atuação da Vitória. Se entre 1953 e 1956 a editora lançou 57 títulos, nos três anos seguintes apenas dez obras foram publicadas. Em sua maioria, são editados livros teóricos, como *A Situação Política e a Luta por um Governo Nacionalista e Democrático*, de Luiz Carlos Prestes. Quanto aos romances, a orientação da Editora passou das determinações estéticas do realismo socialista, para o realismo crítico que, durante anos, foi tido como limitado, por apenas assumir e/ou criticar os problemas sociais sem indicar uma solução⁴³⁸. Neste escopo, encontra-se *Linha do Parque*, de Dalcídio Jurandir⁴³⁹, que ainda sob o título "Companheiros", chegou a ser anunciado como integrante da *Coleção Romances do Povo*, porém não foi publicado.

Entre 1960 e 1964, a Editora retoma um ritmo mais acentuado em suas edições, publicando 46 títulos. As obras soviéticas dominam as publicações desse período, com destaque para os trabalhos do então grande líder da URSS, Nikita Kruschov, dentre eles, *O Imperialismo, inimigo dos povos, inimigo da paz; O movimento revolucionário operário e comunista; Impedir a guerra é tarefa fundamental e Socialismo e Comunismo*⁴⁴⁰.

Em 1964, após resistir a algumas tentativas de dissolução, uma das primeiras ações dos militares após o golpe, foi determinar o encerramento das atividades da Editorial Vitória. De acordo com documento da Delegacia de Ordem e Política Social (DOPS) do Rio de Janeiro, a interdição configurou-se por ser a editora "o maior centro de difusão de obras marxistas no Brasil, estando ainda vinculada ao PCB pela divulgação de informes que dizem respeito às suas atividades extremistas"⁴⁴¹. Desse modo, em 3 de abril de 1964, dois dias após o golpe, chegava ao fim os 20 anos de trajetória da maior e mais significativa experiência editorial comunista no Brasil.

⁴³⁷ *Ibid.* pp. 64-65.

⁴³⁸ ANDRADE, Homero Freitas de. O realismo socialista e suas (in)definições. In: *Literatura e Sociedade*, 15(13). São Paulo. pp. 152-165. 2010. p. 161.

⁴³⁹ MAUÉS, Flamarion. *Op. Cit.* pp. 143-144.

⁴⁴⁰ *Ibid.* pp. 145-148.

⁴⁴¹ PEREIRA, Luciana Lombardo Costa. *A Lista Negra dos Livros Vermelhos: Uma Análise Etnográfica dos Livros Apreendidos pela Política Política no Rio de Janeiro*. 2010. Tese (doutorado em Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010. pp. 144-145.

Observando os princípios que levaram a criação da Editorial Vitória, pode-se afirmar que, mesmo com o encerramento de suas atividades, seus objetivos foram atingidos. Suas edições foram um importante mecanismo de divulgação dos ideais pecebistas para a sociedade brasileira. Os romances em específico, com suas tramas populares e próximas da realidade, disseminaram no imaginário dos leitores, características elementares da cultura política comunista, de uma maneira mais suave que os densos e pragmáticos textos teóricos. O Partido como norteador para um futuro bom e de nossas possibilidades; o heroísmo do homem e/ou da mulher comunista, enfrentando as opressões sociais da sociedade burguesa; os trabalhadores, conscientes e unidos enquanto classe; enfim, enredos, personagens e temáticas que faziam com que os leitores se identificassem com cada história.

Como afirma Rodrigo Patto Sá Motta, “os comunistas empreenderam trabalho editorial notável, especialmente se considerarmos a longa duração do projeto, o volume do material publicado e a quantidade de pessoas atingidas”⁴⁴². Nesse sentido, há de se destacar a representatividade da Editorial Vitória enquanto estrutura de sociabilidade para a intelectualidade comunista. Através de suas ações, as edições publicadas proporcionaram a atração e formação de novos militantes, além de um grande canal para o intercâmbio intelectual daqueles que já faziam parte dos quadros do Partido.

Conforme apresentado anteriormente, Alina Paim fazia parte da Comissão de Literatura da Editorial Vitória, mais especificamente, do grupo de literatos responsáveis pela tradução dos títulos estrangeiros lançados. *História da Época do Capitalismo Industrial*, de A. Efimov e N. Freiberg; *A Luta pela Unidade da Classe Operária contra o Fascismo*, de G. Dimitrof; *Que fazer? Problemas candentes do nosso Movimento*, e, *Um passo adiante, dois passos atrás*, de V. Lenin, são algumas das obras traduzidas pela escritora sergipana⁴⁴³. Contudo, sua contribuição mais significativa, sem dúvidas, foi o romance *A Hora Próxima*, publicado em 1955, na *Coleção Romances do Povo*.

Diante do exposto, a próxima seção desta dissertação, dedica-se à análise das condições sociais vivenciadas por Alina Paim durante a escrita de *A Hora Próxima*. A partir de 1950, momento em que a escritora inicia a pesquisa para elaboração do romance, é também o período que se tornam mais claras as intenções e definições do realismo socialista ocupar o centro da

⁴⁴² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. Cit.* 2005. p. 356.

⁴⁴³ MAUÉS, Flamarion. *Op. Cit.* pp. 132-148.

política cultural do PCB⁴⁴⁴. Sendo assim, observa-se a presença e influência do Partido em grande parte do processo de escritura da obra, auxiliando e oferecendo o respaldo necessário, inclusive, transformando a visão da escritora em relação aos objetivos do fazer literário.

2.3 A escritora vai ao povo: condições sociais, pesquisa e escrita de *A Hora Próxima*

Penso, segundo minha experiência pessoal, que os romancistas precisam sair de seus gabinetes e da autocontemplação. Devem olhar a vida brasileira, ver profunda e apaixonadamente a vida de nosso povo⁴⁴⁵.

O trecho supracitado, foi a resposta dada por Alina Paim ao jornalista Mauritoni Meira, do periódico *Última Hora*, do Rio de Janeiro, quando perguntada sobre o principal “mal” dos romancistas brasileiros no início da década de 1950. Em um primeiro momento, sabendo do caráter social dos romances da escritora sergipana, analisados no capítulo anterior, tal afirmação não apresenta novidades na forma como a romancista vê o papel do escritor e, principalmente, da Literatura. No entanto, as transformações na política cultural do PCB modificaram também o fazer intelectual da militância comunista, condicionando-os a politizar ainda mais suas produções culturais, conforme as diretrizes do realismo socialista.

Conforme afirma Dênis de Moraes, no início da década de 1940, o Partido foi ponto magnético de sociabilidade para intelectualidade, criando uma proposta unificada na luta contra o nazifascismo. Contudo, de 1947 a 1956, com PCB na ilegalidade, o rompimento das alianças no pós-guerra e o advento da Guerra Fria, esse quadro se modificou, incentivando a intensificação de suas ações e, conseqüentemente, sitiando sua intelectualidade partidária⁴⁴⁶. A clara radicalização política e cultural do Partido foi materializada por dois Manifestos nacionais externados à sua militância. O primeiro, em janeiro de 1948, chamando atenção para o imaginário anticomunista instaurado pelo governo Dutra, conclamava a reorganização da grande massa em prol de grandes transformações, como a reforma agrária. O segundo, em agosto de 1950, assumia o radicalismo revolucionário, convocando a criação da Frente Democrática de Libertação Nacional, através de um programa nacional em nove pontos: governo popular democrático, oposição à guerra imperialista, nacionalização das empresas

⁴⁴⁴ MORAES, Dênis de. *O Imaginário Vigiado: A Imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. pp. 131-198.

⁴⁴⁵ MEIRA, Mauritoni. *Alina Paim* (escritora com rosto de adolescente) faz romance (social) com a participação do povo!. In: *Última Hora*, nº 999, Ano IV. Rio de Janeiro: 18 de set. 1954. p. 14.

⁴⁴⁶ MORAES, Dênis de. *O Imaginário Vigiado: A Imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p. 138.

estrangeiras, reforma agrária, desenvolvimento da economia nacional, liberdades democráticas para o povo, aumento e equiparação salarial de trabalhadores e trabalhadoras, educação obrigatória e gratuita e formação de um exército popular de libertação nacional.⁴⁴⁷

No campo cultural, conforme afirma Antonio Albino Canelas Rubim, um acontecimento específico foi essencial para determinar os rumos das ações do Partido: uma reunião clandestina de intelectuais comunistas⁴⁴⁸. Em entrevista concedida à historiadora Ilka Maria de Oliveira, Jacob Gorender, nome forte do PCB e pessoa de confiança de Prestes, declarou que o encontro aconteceu em meados do ano de 1950, em um apartamento no Rio de Janeiro e contou com a participação de cerca de 30 intelectuais militantes. Dentre os presentes estavam, James Amado, José Eduardo Fernandes, Osvaldino Marques, Carrera Guerra, Arnaldo Estrela, Moacir Werneck de Castro, Astrojildo Pereira, Alina Paim e Dalcídio Jurandir. Gorender destaca ainda que, no geral, buscava-se a implantação do realismo socialista no fazer intelectual da militância partidária, sendo formada uma Comissão Nacional de Cultura, responsável por toda rede de comunicação cultural do Partido. Ademais, dois escritores saíram da reunião com tarefas pontualmente determinadas: Alina Paim e Dalcídio Jurandir, financiados pelo Comitê Central, deveriam escrever romances dentro da ótica do realismo socialista⁴⁴⁹.

Em 1950, Alina Paim já era uma escritora reconhecida nos âmbitos da sociabilidade intelectual comunista. No ano corrente, havia publicado seu terceiro romance, *A Sombra do Patriarca* e, no ano anterior, lançou *Simão Dias*. Contudo, a missão agora era outra: pesquisar e, posteriormente, romancear os acontecimentos relativos às greves dos trabalhadores ferroviários ligados à Rede Mineira de Viação (RMV), instituição que, neste contexto, passava por uma profunda crise econômica.

Formada pela aglutinação de diversas redes ferroviárias⁴⁵⁰, a RMV surgiu em 19 de janeiro de 1931, quando por decreto do governo federal, foi arrendada ao Estado de Minas Gerais, sob a então administração do interventor Benedito Valadares. Com extensão de

⁴⁴⁷ PRESTES, Luís Carlos. *O Manifesto de Agosto de 1950*. In: VINHAS, M. *O Partidão: a luta por um partido de massas*. SP: HUCITEC. 1982

⁴⁴⁸ RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Partido Comunista: Cultura e Política Cultural*. 1986. Tese (Doutorado em Sociologia). FFLCH-USP. São Paulo, 1986. p. 169.

⁴⁴⁹ OLIVEIRA, Ilka Maria de. *A literatura da revolução: contribuições literárias de Astrojildo Pereira e Alina Paim para uma política cultural do PCB nos anos 50*. 1999. 168 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP: Campinas-SP, 1999. p. 15.

⁴⁵⁰ CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa. *Pelos caminhos da Maria Fumaça: o trabalho ferroviário – formação e resistência pelo trabalho*. 1989. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: Gráfica e Editora O Lutador, 2014. p. 35. De acordo com a pesquisadora, a RMV formou-se a partir da junção da Estrada de Ferro Oeste de Minas; Estrada de Ferro de Paracatu; Rede Sul Mineira e Estrada de Ferro Goiás.

3.989,099 Km, percorria os estados Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, desde a cidade Goiandira, interior de goiano, até o Porto fluminense de Angra dos Reis. Seus principais entroncamentos eram localizados na cidade de Cruzeiro (SP), Divinópolis (MG) e Barra Mansa (RJ). Os gêneros transportados eram divididos em: 30% em alimentos; 28% em matéria-prima (com destaque para calcário e minério de ferro); 15% em materiais de construção; sendo os 27% restantes, dedicados ao transporte de passageiros⁴⁵¹.

Após o final da Segunda Guerra Mundial, o projeto de ampliação do sistema rodoviário brasileiro submeteu a RMV em uma profunda crise. Entre 1945 e 1954, ano em que a empresa deixou de existir, as receitas não cobriam as despesas operacionais, chegando a um déficit de aproximadamente Cr\$444.000.000,00, apenas em seu último ano de ações⁴⁵². Com a situação financeira em colapso e atrasos de salários, a negligência na assistência ao trabalhador ferroviário tornou-se comum.

Contudo, tais ocorrências foram preponderantes para que, através das greves, se materializasse a consciência de classe e resistência do operariado. É nesse cenário que as trajetórias de Alina Paim e dos movimentos grevistas ferroviários se cruzam. Em entrevista concedida ao periódico *Imprensa Popular*, a escritora sergipana destaca:

A Rede Mineira de Viação – explica-nos Alina Paim – é a mais extensa ferrovia da América Latina, nela trabalham mais de 14 mil homens, distribuídos em quatro estados, é um pedaço importante da vida brasileira. Os acontecimentos da greve, a conduta de seus participantes, as emoções que se produzem, tudo isso me levou a fazer dela o centro do meu livro. Não se tratava apenas de uma descrição da greve, mas também do mundo interior de seus participantes, suas paixões, o seu sentimento de luta em plena e profunda ligação com a experiência cotidiana. O novo da sociedade brasileira, que está no crescimento do movimento operário e no seu poderoso impulso revolucionário, surge não isoladamente, mas em meio dos costumes, das tradições, de todos os elementos que constituem a vida do nosso povo⁴⁵³.

O enaltecimento de Alina Paim ao poder do movimento operário transparece os objetivos de fazer de seu livro, não apenas um produto cultural, mas também, um objeto político-pedagógico. Todavia, a escritora salienta que trata-se de um romance do povo e para o povo, não apenas de um compilado de acontecimentos isolados da greve, mas um resultado de ações da experiência humana, motivadas por sentimentos e desejos novos, orientados por uma

⁴⁵¹ *Ibid.* pp. 35-42.

⁴⁵² *Ibid.* p. 61.

⁴⁵³ UM livro de Luta e de Esperança. In: *Imprensa Popular*, ano VII, nº 1283. Rio de Janeiro: 22 de Ago. 1954. p. 11.

sociedade trabalhadora e em processo de conscientização. Desse modo, duas questões, que na verdade se inter-relacionam, são essenciais para a abordagem do processo de escrita de *A Hora Próxima*: a imagem que Alina Paim busca apresentar seu livro ao grande público e a questão de sua função como autora.

Ao ressaltar que seu romance surge do povo, a romancista enaltece que o mérito da obra não é somente seu, mas, principalmente, da classe trabalhadora por ela representada. Metodologicamente, Alina Paim está corroborando com a redefinição da noção de autoria, assumindo - conscientemente ou não - uma atitude fundamental: dar voz a outros enunciadores. Baseado nas formulações de Michel de Foucault, Sírío Possenti destaca o deslocamento da autoria individualista e subjetiva, para a conscientização de um sujeito que, na função de autor(a), representa o discurso do outro⁴⁵⁴. Na cultura política comunista e, principalmente na estética realista socialista, a coletividade é um dos pilares representativos do fazer artístico, enquanto a individualidade é combatida por seu aburguesamento. Contudo, mais que dar voz ao outro, no caso de *A Hora Próxima* os trabalhadores ferroviários e suas famílias, torna-se mais importante compreender “como” Alina Paim o fez na função de autora. Do conforto de seu gabinete não seria possível fazer o ferroviário sentir-se representado pela obra. Assim, foi necessária uma imersão, em seu sentido antropológico, ao “campo de pesquisa”:

Viajei pela Rede Mineira de Viação para conhecer mais a vida e a história dos ferroviários, impulsionada pelos acontecimentos da greve. Aquele gesto heroico das mulheres em Cruzeiro, em setembro de 1949, me impressionou profundamente. Parti do Rio com o desejo de aproximar-me dessas mulheres, de ouvi-las, de surpreendê-las em seus afazeres cotidianos. Quem sabe não iria contar algumas de suas histórias e desse encontro sair um romance?⁴⁵⁵

Percebe-se que o movimento grevista reunia duas questões de extremo interesse para Alina Paim: a primeira, a greve em si, como um ato de resistência da classe trabalhadora; a segunda, as ações femininas no processo, tema sempre presente nos romances anteriores da escritora. Não por acaso, em entrevista ao jornalista Milton Pedrosa, do periódico carioca *Para Todos*, ainda em 1950, a escritora declarou estar “escrevendo um romance sobre a participação

⁴⁵⁴ POSSENTI, Sírío. Índícios de autoria. In: *Perspectiva*, Florianópolis, 1-20, n.01, p.105-124, jan./ un. 2002. p. 115.

⁴⁵⁵ UM livro de Luta e de Esperança. In: *Imprensa Popular*, ano VII, nº 1283. Rio de Janeiro: 22 de Ago. 1954. p. 11.

das mulheres brasileiras nas lutas que vem travando o proletariado de todo o mundo por melhores condições de vida e por um futuro melhor”⁴⁵⁶.

No caso específico da greve na cidade de Cruzeiro, citada pela escritora, as manifestações começaram em 22 de dezembro de 1949, quando as mulheres (esposas, mães, filhas...) dos ferroviários, sentaram-se nos trilhos e impediram a passagem das máquinas da RMV, reivindicando o pagamento de três meses de salários atrasados, reajuste dos vencimentos e o abastecimento dos armazéns da cooperativa ferroviária, onde as famílias adquiriram produtos para sua subsistência. Poucos dias depois, a notícia estendeu-se aos demais entroncamentos e os trabalhadores das demais cidades vinculadas à empresa também aderiram à greve⁴⁵⁷. Desse modo, a expansão do movimento levou consigo a romancista para outras localidades:

Não se tratava de simples colheita de material, pois isso não explica por si só a criação de um romance. Não se colhem paixões humanas como se colhem cogumelos – disse Ehrenburg. Era necessário, para que se desenvolvesse a ideia do romance, ter o sentimento dele, vivendo ou pelo menos tentando compreender aquele gesto das mulheres. Percorri primeiro os entroncamentos da Rede em Minas: Divinópolis, Soledade de Minas, Três Corações e Itajubá. Onde chegava não fazia nenhum segredo de meus objetivos. Falava-lhes francamente de minha ideia, de meu desejo. Não sabia ainda se daria certo. Muitas vezes, ouvi com pequenas variantes essas frases: “É da greve? Dá um romance, nem se duvida”. Foi então que recebi dos ferroviários e de suas companheiras a maior contribuição e estímulo. Contavam-me sua vida, seus sentimentos, iam buscar velhos retratos de família, dos bairros ferroviários.⁴⁵⁸

Conforme relatado por Alina Paim, sua pesquisa não se deu no momento exato das greves, tampouco iniciou-se na gênese do movimento, na cidade de Cruzeiro. Inicialmente, a escritora visitou as cidades mineiras que participaram das manifestações, aproximando-se de agentes que direta ou indiretamente contribuíram com a causa. Para a romancista, não se tratava apenas de coleta de dados para seu romance, mesmo deixando claro o seu objetivo em fazê-lo. Sobretudo, era a oportunidade de dar voz aos próprios trabalhadores e suas famílias. Dessa forma, a literatura estaria contribuindo para o fortalecimento da luta operária, levando aos leitores a ideia de sua organização enquanto classe, formação indispensável para a ideologia partidária.

⁴⁵⁶ PAIM, Alina. *Os caminhos de Alina Paim* - Entrevista a Milton Pedrosa. In: Para Todos, Rio de Janeiro, março de 1951. p 13.

⁴⁵⁷ Reclamando o salário dos maridos sentaram-se nos trilhos da Rede Mineira. In: Correio da Manhã. São Paulo: 22 de setembro de 1949. p. 1.

⁴⁵⁸ UM livro de Luta e de Esperança. In: Imprensa Popular, ano VII, nº 1283. Rio de Janeiro: 22 de ago. 1954. p. 11.

Retornando de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, Alina Paim dedicou dois meses à organização das anotações que havia realizado. Posteriormente, seguiu para Cruzeiro, a fim de conhecer as mulheres que iniciaram o movimento, em 1949. Em entrevista à jornalista Ana Lúcia, do semanário *Momento Feminino*, sobre a socialização com as protagonistas daquela greve, a escritora afirmou:

Imagine, diz ela, que as famílias se abastecem na cooperativa. Atrasando o pagamento, a cooperativa também não pode se reabastecer, a fome instala-se nos lares. Qual a mãe que pode ver morrer de fome seus filhos? Só há um recurso. É ir à greve. Daí a parte ativa que as mulheres tomaram na greve dos ferroviários⁴⁵⁹.

Apontando as circunstâncias precárias ocasionadas pelos atrasos salariais, como cerne da questão que motivou as mulheres a participarem do movimento, Alina Paim encontra espaço propício para a vinculação da situação a luta contra carestia, presente na linha de ação pecebista pelo *Manifesto de Agosto de 1950*. Contudo, há de se destacar, que a resistência feminina durante as greves da RMV, representa um processo experiencial de atuação pública dessas mulheres, condicionadas, até então, à uma vida doméstica. Desse modo, se do ponto de vista econômico as ações das mulheres grevistas demonstram um caminho para melhores condições de vida familiar; pelo viés político e social, seus atos representam a conquista do espaço público em um exercício de cidadania.

Por conseguinte, com a presença constante de Alina Paim entre as famílias ferroviárias, logo a notícia de um romance sobre a greve tomou conta do imaginário dos trabalhadores. Ainda durante sua primeira visita à Cruzeiro, a escritora destaca que:

Um guarda-freios me estendeu uma tira de papel indagando: “Veja se o endereço confere”. Diante minha surpresa ao ler meu próprio endereço, acrescentou: “A senhora demorou muito para vir. Um maquinista de Soledade me falou do romance. Espalhei a conversa e todo mundo ficou esperando. Se não aparecesse logo receberia um telegrama chamando, que Cruzeiro tem história. Foi a gente que encabeçou a greve de setembro...Cruzeiro sozinho dá um romance inteiro”. E tudo isso foi me puxando para dentro de suas vidas, fazendo nascer em mim a necessidade de escrever aquela história. Sem essa necessidade íntima não seria possível fazer o romance. As conversas e a correspondência mantidas com eles me alimentaram o trabalho⁴⁶⁰.

Nesse momento, observa-se um reordenamento no processo de pesquisa e, conseqüentemente, na elaboração do romance. Inicialmente, a aproximação de Alina Paim com

⁴⁵⁹ LÚCIA, A. *O romance de uma romancista*. In: O Momento Feminino. Rio de Janeiro, no 110, 1955. p. 06.

⁴⁶⁰ UM livro de Luta e de Esperança. In: Imprensa Popular, ano VII, nº 1283. Rio de Janeiro: 22 de Ago. 1954. p. 11.

o universo ferroviário, tinha por objetivo conhecer o cotidiano dos agentes, a fim de ser aceita por e com eles. Contudo, essa relação atingiu um outro nível, o reconhecimento dos grevistas, interessados em ser representados pela escritora em sua obra. A reciprocidade entre as partes tomou características ainda mais peculiares, quando, sendo a autora:

Recebi em meu trabalho a participação direta dos personagens. Entre o período das viagens (ao local) e a saída do livro, sempre que algum ferroviário vinha ao Rio me procurava. Pedia para ver como se faz um livro, me enchia de perguntas, queria ouvir uma cena em que figurasse, trazia recados, sugestões, acréscimos, alguma história que julgava importante. Essa colaboração espontânea e consciente enriquece o nosso trabalho, torna mais legítimo nosso objetivo. Os ferroviários sentiam que a obra era também sua⁴⁶¹.

Se em um momento Alina Paim foi até a greve, em outro, a greve foi até a autora. Da mesma forma que a romancista era cada vez mais atraída para as histórias de vida dos ferroviários e suas famílias, seus colaboradores sentiam a necessidade de estarem presentes no romance em elaboração. Nem Partido, tampouco escritora, imaginavam que literalmente, aquele seria um “Romance do Povo”. No entanto, se por um lado a pesquisa e relação com os ferroviários eram satisfatórias; por outro, a presença e contato de Alina Paim com os movimentos grevistas, não passou despercebida pelos órgãos de vigilância competentes.

De acordo com o prontuário de Alina Paim no Departamento de Ordem Política e Social (DeOPS), o juiz da cidade de Cruzeiro-SP decretou a prisão preventiva da escritora, acusando-a de inspirar intelectualmente o movimento grevista. No documento, além da nítida representação do monitoramento policial diante das ações comunistas, o magistrado descreve a romancista como “adepta do credo vermelho, uma moça comunista, viva e inteligente, antiga militante que muito brilhou no I Congresso de Escritores, no qual foi delegada do PC”⁴⁶².

Concomitantemente, em 30 de março de 1951, o jornal *Imprensa Popular*, do Rio de Janeiro, publicou uma matéria intitulada “O UKASE contra Alina Paim”. Fazendo referência ao termo que definia o poder arbitrário das ordens czarianas no Império Russo, a reportagem trata sobre a ordem de prisão contra a escritora. Obviamente, por tratar-se de um jornal do Partido, o artigo convoca a intelectualidade comunista a manifestar-se a favor de Alina Paim, reforçando ainda, a defesa do pensamento democrático:

⁴⁶¹ MEIRA, Mauritoni. *Alina Paim* (escritora com rosto de adolescente) faz romance (social) com a participação do povo!. In: Última Hora, nº 999, Ano IV. Rio de Janeiro: 18 de Set. 1954. pp. 13-14

⁴⁶² DEOPS - Departamento de Ordem Política e Social. Prontuário Alina Paim. São Paulo: nº 107813, 1949. pp.2-4.

Pelo fato de ter visitado a cidade ferroviária de Cruzeiro, convivendo com as heroicas mulheres de trabalhadores que se lançavam à frente dos trens para impedir a partida dos mesmos, em auxílio aos maridos grevistas, está Alina Paim ameaçada de prisão. Acusam-na de “fomentadora de distúrbios”, a essa jovem, serena e digna escritora que foi buscar motivos para um novo romance entre aqueles trabalhadores. O que esta justiça inquisitorial procura impedir é a ligação entre os escritores e a classe operária, numa luta comum. Assim procedendo, o juiz de Cruzeiro atenta contra um direito sagrado. É necessário que se faça uma mobilização urgente para anular esse ato monstruoso, garantindo a Alina Paim a liberdade e o direito de escrever⁴⁶³.

Embora a reportagem tente ampliar o caso de Alina Paim, como um exemplo de coerção da atividade intelectual de maneira geral, o processo “inquisitorial” o qual se refere, faz alusão às ações de um grupo específico: os comunistas. Desde a década de 1930, quando se cristalizou no imaginário social brasileiro as representações anticomunistas, a intelectualidade pecebista tornou-se alvo de perseguições. Com o advento da Guerra Fria e a influência cultural estadunidense no Brasil, intensificou-se as ações contra a “ameaça vermelha”, com a organização de grupos, como a Cruzada Brasileira Anticomunista; e até pesquisas, buscando sondar a opinião pública sobre assuntos políticos com ênfase para a temática comunista⁴⁶⁴. Em abril de 1951, solidarizando-se com Alina Paim, o *Momento Feminino* corrobora com essa questão:

Protestamos contra essa medida nitidamente fascista copiada dos julgamentos de opinião nos Estados Unidos e, nos solidarizamos com Alina Paim, a quem nos habituamos a querer bem pela sua modéstia e bondade, e a quem admiramos pela sua firmeza em defender o direito de fazer literatura popular⁴⁶⁵.

A defesa pelo direito de escrever é a base das manifestações públicas em favor de Alina Paim. Contudo, os protestos sempre apresentam algum termo, neste caso “fazer literatura popular”, que condiciona a restrição de suas ações, ao fato de a escritora ser comunista e querer escrever sobre o povo. Moacir Werneck de Castro, por exemplo, em manifesto publicado pela *Imprensa Popular*, em 8 de abril de 1951, compara o caso com outras perseguições sofridas por

⁴⁶³ TÓPICOS: *O UKASE contra Alina Paim*: In: *Imprensa Popular*, ano IV, nº 655. Rio de Janeiro: 30 de Mar. 1951. p. 3.

⁴⁶⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O anticomunismo nas pesquisas de opinião*: Brasil, 1955-1964. In: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Colloques, mis en ligne le 14 janvier 2016. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/68817>. Acesso em: 17/01/2021.

⁴⁶⁵ NOSSA Solidariedade a Alina Paim. In: *Momento Feminino*, Rio de Janeiro, abr 1951. p. 8.

intelectuais comunistas em um passado recente, como Graciliano Ramos, Otávio Brandão, Jorge Amado, Astrojildo Pereira e Luiz Carlos Prestes⁴⁶⁶

Outras declarações, utilizam o quadro para exemplificar a Guerra Fria cultural no país, como no artigo de James Amado, publicado pela *Imprensa Popular*, ainda em abril de 1951:

Alina Paim foi a Cruzeiro, conhecer a cidade cenário de seu novo livro, ver de perto os ferroviários e suas heroicas companheiras, conviver um pouco com eles, penetrar o amargo cotidiano de sua vida difícil, caber-lhes a realidade para recriá-la com realismo. (...) Esta ligação direta do artista com o povo – fundamental para nós – é uma das coisas que a ditadura procura impedir com este novo golpe. Nos países da democracia popular o governo zela e anima este contacto, tomando a iniciativa, como na Polônia, de enviar escritores aos centros operários para que ali vivam algum tempo. (...) Nos países sujeitos à influência do imperialismo ianque, as ditaduras locais processam e mandam prender os artistas que se aproximam da classe operária para escrever sobre sua vida e sua luta. É que a ditadura somente interessa proteger a literatura que a defende⁴⁶⁷.

Nota-se que a determinação da prisão preventiva de Alina Paim, atinge uma proporção política mais geral que específica. Além do repúdio ao fato em si, a intelectualidade comunista aproveitou-se para elevar as discussões ao âmbito das relações de poder típicas do contexto da Guerra Fria. Para os pecebistas, apresentar o caso como reflexo da bipolaridade política que atingia o Brasil e o mundo, apontando um lado opressor e outro oprimido, também reforçava a intensificação das suas ações, conforme objetivado no Manifesto de Agosto de 1950. Corroborando com essa perspectiva, em abril de 1951, o periódico *Voz Operária*, do Rio de Janeiro, publicou:

A justiça das classes dominantes teme cada vez mais o despertar do povo. O juiz que mandou prender Alina Paim, condenaria Zola, não pelo “crime” de escrever o “*Germinal*”, mas pelo de conviver com os mineiros colhendo material para seu livro célebre. Contra essa decisão em estilo fascista americano, pois é nos Estados Unidos de hoje que escritores como Howard Fast vão para o cárcere, urge que se levantem os mais enérgicos protestos por cima da vontade dos dominadores.⁴⁶⁸

A analogia apresentada entre Alina Paim e Émile Zola, dá-se pelo processo de escritura de seus romances. Conhecido pelas intervenções públicas relativas ao caso Dreyfus, em 1898, o escritor francês em seu romance *Germinal*, publicado em 1885, relata os desdobramentos de

⁴⁶⁶ CASTRO, Moacir Werneck de. *O Caso Alina Paim*. In: *Imprensa Popular*, ano IV, nº 661. Rio de Janeiro: 8 de abr. 1951. p. 3.

⁴⁶⁷ AMADO, James. *Solidariedade a Alina Paim*. In: *Imprensa Popular*, ano IV, nº 669. Rio de Janeiro: 18 de abr. 1951. p. 2.

⁴⁶⁸ A Ordem de Prisão contra Alina Paim. In: *Voz Operária*, Ano III, nº 98. Rio de Janeiro: 07 de abr. de 1951. p. 03.

uma greve de mineradores do norte da França, provocada pela redução de seus salários e más condições de trabalho. Embora Zola não tenha sido repreendido por isso, a obra é produto das experiências do romancista após viver dois meses entre os trabalhadores, nas minas de carvão⁴⁶⁹, processo semelhante ao realizado por Alina Paim. Já Howard Fast, escritor estadunidense também citado no artigo, foi acusado de subversão e preso, por seu envolvimento com movimentos sindicais nos Estados Unidos, em 1950. Inclusive, é no cárcere que Fast inicia a escrita de *Spartacus*, obra publicada na *Coleção Romances do Povo*. Ademais as referências, a publicação salienta a ordem de prisão como uma reação da classe dominante, não contra Alina Paim, mas contra suas ideias e a classe operária.

Em um tom mais amigável e pessoal, tendo em vista sua proximidade com Alina Paim, Graciliano Ramos foi outro intelectual a manifestar-se sobre o ocorrido, através da *Imprensa Popular*, em abril de 1951:

Alina Paim deve pesar uns quarenta e dois quilos, ou menos. É distraída, silenciosa, tem um sorriso tímido. Ninguém diria que uma pessoa tão leve, de modos tão inofensivos, se resolvesse a cometer um crime. Ninguém – exceto um juiz de direito, em Cruzeiro. Esse homem extraordinário ordenou a prisão de Alina Paim, que, no parecer dele, se embrulhou em atividades subversivas lá pela comarca. A moça é uma agitadora perigosa, merece cadeia. (...) Não tínhamos notícia de fato igual no Brasil. Passámos tempos duros anos atrás e qualquer denúncia podia arremessar um indivíduo para lá das grades. No entanto, ninguém se lembrou, nos piores dias, de excomungar uma obra literária em projeto. Sim, o mais curioso é esse esquisito magistrado condenar um livro que ainda não foi escrito⁴⁷⁰.

De início, Ramos sarcasticamente apresenta o “crime” cometido pela “perigosa” Alina Paim. Fazendo referências às décadas anteriores, quando a repressão aos comunistas foi mais acentuada, o escritor questiona a censura prévia ao romance ainda em fase de elaboração. A escritora sergipana era acusada de fomentar uma greve que, na verdade, já transcorria antes mesmo de sua presença na cidade de Cruzeiro. Além de seu repúdio particular, Graciliano Ramos, então presidente da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), que desde 1949 havia sido tomada pelos comunistas, deliberou um protesto em nome da instituição, referindo-se a ordem de prisão como “uma medida que fere os direitos do escritor e as liberdades consagradas

⁴⁶⁹ Segundo o enredo da obra, uma das influências para a eclosão das greves, foi inspirada pelas ideias disseminadas pela Primeira Internacional (Associação Internacional de Trabalhadores), fundada em Londres, no ano de 1864 e tendo como um de seus líderes, Karl Marx, com objetivos de promover a “libertação da classe operária”. Ver: GOMES, Mônica dos Santos. *As traduções e recepção de Germinal, de Émile Zola, no Brasil*. 2013. 157 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2013. p. 96.

⁴⁷⁰ RAMOS, Graciliano. *O último romance de Alina Paim*. In: *Imprensa Popular*, ano IV, nº 662. Rio de Janeiro: 10 de abr. 1951. p. 2.

na Constituição"⁴⁷¹. Ainda em apoio e solidariedade a Alina Paim, a romancista foi homenageada pela ABDE com a nomeação para o Conselho Fiscal da associação⁴⁷².

Em poucos dias, o “Caso Alina Paim”, como ficou conhecido nos noticiários, tornou-se o principal assunto entre a intelectualidade comunista. Conforme demonstrado, com diversos pontos de vista e aproveitando-se para inserir outras pautas transversais, a ação judicial direcionada à escritora tornou-se símbolo dos direitos ao fazer literário. Se por algum momento o ocorrido objetivou o cerceamento da liberdade intelectual da romancista, isso não se efetivou. Pelo contrário, a repercussão e apoio de seus pares, motivou Alina Paim a prosseguir com seu projeto:

Defender Alina Paim, portanto, é defender a própria literatura. Querem impedi-la de escrever seu livro, promover um estado de terror que impeça o aparecimento de outros livros nascidos do povo. Está claro que isto é impossível, não há brutalidade de justiça ou polícia que o consiga. Na clandestinidade ou onde quer que seja, Alina Paim escreverá o seu romance. Ela está escrevendo neste momento. Mas a ameaça continua de pé⁴⁷³.

Diante da repercussão e da solidariedade intelectual em defesa de Alina Paim, no dia 15 de abril de 1951, a ordem de prisão contra a escritora foi revogada. Contudo, o juiz de Cruzeiro manteve a romancista nos processos contra os ferroviários grevistas, embora nos autos, a escritora seja descrita com três nomes distintos e características físicas incompatíveis com as suas⁴⁷⁴. Ademais, a perseguição sofrida por Alina Paim tornou-se exemplo no combate à repressão vivida por outros intelectuais comunistas na América Latina e no mundo.

Episódios de perseguição contra a atividade intelectual comunista, como ocorrido com Alina Paim, foram comuns na década de 1950. Em 1952, o escritor argentino e militante do Partido Comunista da Argentina, Alfredo Varela, foi detido pela ditadura peronista por suas ações políticas. No mesmo ano, o educador, escritor e membro do Partido Socialista Popular, Juan Marinello, é detido em Cuba, até então, governada por Fulgêncio Batista. Ainda em 1952, Jacques Duclos, então secretário geral do Partido Comunista Francês, é privado de sua liberdade por oposição ao governo liderado pelo primeiro-ministro Antoine Pinay. Nas três ocorrências,

⁴⁷¹ LITERATURA e Arte. *Em defesa de Alina Paim*. In: Imprensa Popular, ano IV, nº 656. Rio de Janeiro: 1 de abr. 1951. p. 3.

⁴⁷² NOVA Diretoria da ABDE. In: Diário de Notícias, nº 8760, Ano XXI. Rio de Janeiro: 17 de mai. 1951. p. 09.

⁴⁷³ CASTRO, Moacir Werneck de. *O Caso Alina Paim*. In: Imprensa Popular, ano IV, nº 661. Rio de Janeiro: 8 de abr. 1951. p. 3.

⁴⁷⁴ REVOGADA a ordem contra Alina Paim. In: Imprensa Popular, ano IV, nº 667. Rio de Janeiro: 15 de abr. 1951. p. 2.

a intelectualidade comunista brasileira se manifestou, recordando o caso de Alina Paim, condenando as prisões e relacionando-as às ações intervencionistas estadunidenses⁴⁷⁵.

Superado o obstáculo judicial, Alina Paim dedicou-se ainda mais ao projeto literário e atividades políticas, explicitando cada vez mais, seu compromisso partidário com o realismo socialista. O envolvimento de Alina Paim no processo de pesquisa e seus desdobramentos, influenciaram significativamente sua posição sobre a literatura e enquanto romancista. Conforme demonstrado no primeiro capítulo desta dissertação, em *Estrada da Liberdade*, *Simão Dias* e *A Sombra do Patriarca*, as questões políticas relativas à cultura política comunista, são introjetadas em suas narrativas de forma suave, em alguns momentos intertextualmente, em outros, com breves representações diretas. Tal constatação é justificada pelo caráter testemunhal e subjetivo que caracteriza a escrita de si presente em seus três primeiros romances. Por outro lado, em *A Hora Próxima*, observa-se uma reordenação no fazer literário de Alina Paim, tendo em vista a suspensão de sua subjetividade em favor das representações da classe trabalhadora e de sua função enquanto autora de um romance realista socialista:

Nos meus primeiros romances – disse – tentei fixar a realidade brasileira, sem perspectivas. Sem querer, dava em meus livros uma visão miúda da vida e dos homens, entregava-me a métodos de análise em que via mais o negativo, sobretudo o intencionalmente “complicado” do homem. Pensava mais nos dramas individuais, com se estes fossem desligados das causas que os determinam, isolando-os até certo ponto da vida social⁴⁷⁶.

Revisitar as antigas obras e seu conteúdo, foram ações comuns dos romancistas e críticos literários comunistas após a implementação do realismo socialista como diretriz cultural oficial do Partido. O romance *Calunga*, por exemplo, escrito por Jorge de Lima e publicado em 1935, inicialmente foi valorizado pela intelectualidade comunista, pois realizava uma denúncia social, em um momento que a literatura deveria demonstrar aos leitores, os problemas e mazelas do país. Posteriormente, alguns aspectos da obra passaram por uma reavaliação crítica, como o fatídico fim de seu protagonista e as mudanças na orientação política de seu autor. Nesse sentido, embora a recepção especializada dos primeiros romances de Alina Paim seja

⁴⁷⁵ SOLIDARIEDADE a Alfredo Varela. In: Imprensa Popular, nº 1017. Rio de Janeiro: 30 de Mar. 1952. p. 12; AVOLUMAN-SE os protestos contra a prisão de Duclos. In: Imprensa Popular, ano IV, nº 1072. Rio de Janeiro: 06 de jun. 1952. p. 01; PROTESTAM os intelectuais contra a prisão de Juan Marinello. In: Imprensa Popular, ano VII, nº 1835. Rio de Janeiro: 27 de jun. 1952. p. 11.

⁴⁷⁶ MEIRA, Mauritoni. *Alina Paim* (escritora com rosto de adolescente) faz romance (social) com a participação do povo!. In: Última Hora, nº 999, Ano IV. Rio de Janeiro: 18 de set. 1954. pp. 13-14.

satisfatória, com o passar dos anos a própria escritora os descreve como "miudezas da vida", por se tratarem de narrativas individualizadas, que algumas vezes, negativaram seus personagens.

Isso me levou a um beco sem saída. Abandonei este caminho para tentar o realismo socialista, que julgo uma forma qualitativamente nova e mais elevada de realismo artístico, expressando a realidade em constante movimento e renovação que lhe são naturais. Isto exige uma ligação mais íntima do escritor com seu povo, uma participação mais direta do escritor na vida e nas lutas de seu povo⁴⁷⁷.

Embora o tratamento da autora na citação acima trate a vinculação ao realismo socialista como “abandono” das características de seus romances anteriores, torna-se mais assertivo considerar como um deslocamento em seu fazer literário. Diante de uma nova noção de autoria e dos objetivos estéticos de *A Hora Próxima*, a romancista conscientiza-se que sua obra não é mais uma construção individual, mas sim, de uma intelectual que na função de autora, utilizando o termo foucaultiano, dá voz a uma coletividade⁴⁷⁸. Ainda de acordo com a romancista, essa mudança começou “quando verifiquei que a vida do escritor deve estar ajustada à do militante. Não há literatura sem partido e sem classe e, sendo assim, coloquei minha arte a serviço do proletariado e da revolução, como minha contribuição para a luta”⁴⁷⁹. Nesse sentido, o coletivo deveria superar o individual; o pessimismo e negativismo, daria lugar a figura otimista do herói positivo; enfim, não seria mais prudente isolar ou minimizar os problemas sociais, sem relacioná-los com as questões políticas. Desse modo, a romancista acreditava que através do partidarismo literário, estaria contribuindo para conscientização da participação popular na construção do novo mundo. Sendo assim:

Meu romance “A Hora Próxima” é uma tentativa no caminho do realismo socialista. A literatura está intimamente ligada à vida da sociedade, por isso se diz que arte é uma forma da consciência social. O artista não está situado acima das paixões que agitam seu povo. Logo, sua arte expressa – que ele queira, quer não – este e aquele estado de espírito de grupos humanos definidos, acontecimentos e mudanças da vida social e política. Considero o livro o ponto de partida de uma nova fase em meu trabalho literário⁴⁸⁰.

⁴⁷⁷ *Ibid.*

⁴⁷⁸ FOUCAULT, M. "O que é um autor". [S.L.] Garrido e Lino Ltda, 1992. p. 29-87.

⁴⁷⁹ PAIM, Alina. *Os caminhos de Alina Paim* - Entrevista a Milton Pedrosa. In: Para Todos, Rio de Janeiro, março de 1951. p. 19.

⁴⁸⁰ MEIRA, Mauritoni. *Alina Paim* (escritora com rosto de adolescente) faz romance (social) com a participação do povo!. In: Última Hora, nº 999, Ano IV. Rio de Janeiro: 18 de Set. 1954. pp. 13-14.

Em *A Hora Próxima*, Alina Paim busca seguir as diretrizes apontadas pelo realismo socialista. Na greve dos ferroviários, observa-se a temática revolucionária; o Partido, está presente na organização do movimento e na mediação entre os grevistas e a RMV; a figura do herói positivo, é representada por diversos personagens populares e/ou militantes, que lideram e acreditam na transformação social através de suas ações, em favor da coletividade. Assim, como descrito pela escritora, a “nova fase em seu trabalho literário”, transita na dualidade entre povo e Partido, buscando a primazia pela verossimilhança com a realidade, tendo em vista o contato com os ferroviários e suas famílias na elaboração do romance; porém, correlacionando tal realidade ao cotidiano e ideologia do Partido e, principalmente, como um mecanismo de orientação e formação pedagógica.

Enfim, durante todo o processo de escrita, o “novo romance” de Alina Paim é amplamente divulgado pelos meios de comunicação vinculados ao PCB. Em um primeiro momento, isso pode ser relacionado como maneira de propagandear a obra, mantendo-a no imaginário dos leitores e promovendo a expectativa para sua publicação. Contudo, ao analisar os anúncios, observa-se uma constante prorrogação nas datas de seu real lançamento, inicialmente anunciado para 1952, mas publicado apenas em 1955.

Tal fato, leva-nos a refletir sobre até que ponto, essas divulgações representaram estratégias de promoção da obra, ou, esse atraso foi resultado de interferências partidárias em seu conteúdo. Sabe-se que, historicamente, a relação entre o PCB e sua militância foi marcada por conflitos, contradições e ambiguidades, inclusive com relação à coerção de suas liberdades de criação. Desse modo, na próxima seção, serão analisados os motivos que levaram à postergação do lançamento de *A Hora Próxima*, procurando compreender qual estratégia editorial foi utilizada pelo Partido: a publicidade ou a censura.

2.4 Publicidade ou censura: divulgação e publicação de *A Hora Próxima*

31. A condição de militante no intelectual empobrece sua capacidade criadora?

AP – A condição de militante não empobreceu minha capacidade criadora, pois não quis modificar a realidade para encaixar ideias e ficar forte, fazer propaganda⁴⁸¹.

Embora na fala supracitada, Alina Paim afirme que a militância não interferiu em sua produção cultural, sabe-se que, conflitos e tensões orientaram as relações entre o PCB e sua intelectualidade, ora pelas imposições e restrições estéticas partidária, outras, pelo uso

⁴⁸¹ GILFRANCISCO. *A Romancista Alina Paim*. Aracaju: Edições GFS, 2008, p. 38.

sistemático da imagem do intelectual junto ao povo. No início da década de 1930, Rachel de Queiroz rompeu com o Partido, após seus dirigentes exigirem que a escritora modificasse o enredo de seu romance, *João Miguel*, apontando-o como conteúdo burguês⁴⁸². No mesmo período, buscando uma dedicação exclusiva de Patrícia Galvão à militância, o PCB orientou-a a afastar-se do marido, Oswald Andrade, visto que este mantinha laços burgueses⁴⁸³. Já na década de 1950, foi a vez de Graciliano Ramos, acometido por uma censura prévia de *Memórias do Cárcere*, pois sua narrativa não heroificava as ações comunistas no Levante de 1935⁴⁸⁴. Enfim, situações que demonstram diferentes formas de coerção ideológica, promovidas pelo Partido e que, em alguns casos, resultaram em dissidências no seu quadro intelectual.

Nesse sentido, Dênis de Moraes destaca que, inclusive as obras encomendadas, também sofreram com censura do Partido, dentre elas, *A Hora Próxima*, de Alina Paim. Sem desenvolver substancialmente sua afirmação, Moraes aponta que o romance, inicialmente anunciado para 1952, foi lançado apenas em 1955, graças às diversas intervenções partidárias⁴⁸⁵. Obviamente, a postergação na publicação da obra, sugere que o texto já concluído, possa realmente ter sofrido interferências internas que resultaram em reelaborações e, conseqüentemente, no atraso de seu lançamento. Contudo, outras variáveis neste processo e que não foram consideradas pelo pesquisador, corroboram para a ampliação dessa reflexão.

Se por um lado a coerção da liberdade intelectual é historicamente comprovada nos quadros do PCB; por outro, muitos intelectuais fizeram uso do aparelho cultural do Partido, para promoção da influência social de suas obras. Quando Alina Paim escreve seu romance, a estrutura cultural partidária está consolidada, sendo seus jornais, revistas e editora, importantes mecanismos para a construção e legitimação do imaginário comunista no interior das massas populares. Nesse sentido, o que pode ser observado como atraso e censura no processo de lançamento de *A Hora Próxima*, também pode ser visto como estratégia editorial, mobilizando um discurso crítico e preparando um caminho de expectativa para sua publicação.

Como apresentado na seção anterior, o projeto do romance de Alina Paim focalizado nas greves ferroviárias da RMV, tem sua gênese na reunião clandestina de militantes

⁴⁸² GUERELLUS, Natália de Santanna. *Como um castelo de cartas: culturas políticas e trajetória de Rachel de Queiroz (1910-1964)*. 2015. 388 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói/RJ, 2015. pp. 140-142.

⁴⁸³ MORAES, Leticia Nunes de. *Histórias de Pagu: Memória, feminismo e cultura política*. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X. 1-8 pp.

⁴⁸⁴ MORAES, Dênis de. *O Imaginário Vigiado: A Imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. pp. 205-211.

⁴⁸⁵ *Ibid.* p. 162.

comunistas em meados de 1950, na qual se discutiu a implantação do realismo socialista entre os intelectuais. Em dezembro do mesmo ano, o jornal *Voz Operária*, do Rio de Janeiro, publicou um artigo assinado pela escritora sergipana, intitulado “O Comunismo é como vento”. Neste, Paim promove um monólogo dedicado a Velho Tião, ferroviário aposentado da RMV e um dos personagens “reais” de seu romance. No texto, a romancista relembra o encontro com o ferroviário e militante comunista, na cidade de Itajubá-MG, recordando os comentários do mesmo em relação ao Manifesto de Agosto, principalmente sobre a “alforria das terras”, como Tião chamava a reforma agrária⁴⁸⁶. Mesmo sem referência direta ao romance, tal matéria indica o envolvimento da escritora com a pesquisa de campo, sendo esta, a primeira exposição pública relacionada à sua elaboração.

Em janeiro de 1951, a coluna Literatura e Artes do jornal *Imprensa Popular*, noticiava que Alina Paim estava em processo de escrita de seu novo romance, tendo como foco as ações femininas nas greves ferroviárias⁴⁸⁷. Ainda em março daquele ano, o periódico carioca *Para Todos*, seria o responsável pela grande apresentação do romance, publicando o conto “O encontro”, com trechos da obra; além de uma entrevista, realizada por Milton Pedrosa, logo após a romancista retornar de uma de suas visitas nas cidades grevistas de Minas Gerais. Nesta, Pedrosa exalta o entusiasmo de Alina Paim com o novo projeto, articulando o nome da escritora, ao de grandes autores do comunismo nacional, como Jorge Amado, Dalcídio Jurandir e Ibiapaba Martins. O ápice da entrevista dá-se quando se trata sobre a coleta fontes para a escritura do romance:

Escrevendo este romance, sinto-me apoiada pelos personagens e pelos futuros leitores. Na realidade, não o estou escrevendo sozinha. Sinto toda gente com a qual entrei em contacto estimulando-me, apoiando-me e exigindo de mim que realize o livro. Não um livro qualquer. Mas um livro que fale de seus problemas, retrate as suas lutas, o seu heroísmo e no qual a visão da vida e das coisas corresponda ao que eles sentem, como povo, como o grande fator do mundo futuro.⁴⁸⁸

Percebe-se que o principal objetivo da entrevista era criar a expectativa do público leitor para um novo modo de se fazer literatura, redefinindo a noção de autoria ao negar seu individualismo, e aproximando a imagem do romance e da romancista às causas populares. Na

⁴⁸⁶ PAIM, Alina. *O Comunismo é Como Vento*. In: *Voz Operária*, Ano II, nº 82. Rio de Janeiro: 16 de Dez de 1950. p. 11.

⁴⁸⁷ ALINA Paim está escrevendo um romance que tem como tema central as lutas das mulheres dos trabalhadores ferroviários. In: *Imprensa Popular*: Rio de Janeiro, 21 jan. 1951. p 3.

⁴⁸⁸ PAIM, Alina. *Os caminhos de Alina Paim* - Entrevista a Milton Pedrosa. In: *Para Todos*, Rio de Janeiro, mar. de 1951. p. 13.

verdade, o esforço em popularizar a romancista e a forma como conduzia sua obra, acompanhou todo o processo de divulgação do romance, espalhando-se pelos meios de comunicação do Partido e fixando-se cada vez mais ao imaginário popular, através das variáveis situações que se apresentavam.

Em abril de 1951, observa-se o momento de maior fervor e apelo público à Alina Paim e seu romance em construção. Com a decretação da prisão preventiva da romancista, feita pelo juiz da cidade de Cruzeiro, acusando-a de atividades subversivas junto aos ferroviários, inúmeras referências sobre a obra tomam conta da opinião pública. Conforme demonstrado na seção anterior, os diversos manifestos em solidariedade à escritora, são acompanhados pelo repúdio ao caso, taxado como ação repressiva contra a autora e o povo. Claramente relacionado à uma atitude política e anticomunista, o objetivo do magistrado não só falhou, como também ajudou na promoção do romance, instigando a curiosidade e expectativa do público leitor e favorecendo a imagem de militância comunista junto a resistência popular.

Aproveitando-se do cenário promovido pela repercussão da ordem de prisão contra Alina Paim, a *Imprensa Popular*, em abril de 1951, declarou que o novo romance da escritora, sobre as greves ferroviárias no Sudeste brasileiro, já se encontrava com mais de 100 páginas escritas⁴⁸⁹. Instigando ainda mais a espera do público, dois trechos da obra são publicados, ainda em 1951, em formato de contos: “A outra lição”, pela revista *Horizontes* de Porto Alegre-RS, em maio; e, pela *Fundamentos* de São Paulo, “A terceira noite de greve”, em dezembro⁴⁹⁰. Nos últimos dias daquele ano, a *Imprensa Popular* anuncia o novo romance de Alina Paim já em fase de finalização, no entanto, ainda sem um título escolhido⁴⁹¹.

Por conseguinte, em maio de 1952, o assunto do romance reaparece nas páginas da *Imprensa Popular*, destacando:

A romancista Alina Paim vem de concluir seu novo romance, em que descreve o movimento grevista, que ficou famoso, das mulheres dos ferroviários da Rede Mineira de Viação. Tendo colhido um farto material nos próprios locais em que se desenvolvem as cenas do seu livro, convivendo entre a massa trabalhadora (o que lhe valeu um processo absurdo movido pelo governo) a romancista trabalhou incessantemente na confecção do livro, estando a dar os últimos retoques⁴⁹².

⁴⁸⁹ NOVO romance de Alina Paim. In: *Imprensa Popular*: Rio de Janeiro, 1/abril/1951, p 3.

⁴⁹⁰ Ver: *Horizonte*, Porto Alegre-RS, fev-mar/1951. pp 107-8.; SEIVA. In: *Fundamentos*, Ano IV, nº 23. São Paulo: dez. de 1951. p. 30.

⁴⁹¹ HOMENS e Fatos. In: *Imprensa Popular*, ano IV, nº 949. Rio de Janeiro: 23 de dez. 1951. p. 9.

⁴⁹² HOMENS e Fatos. In: *Imprensa Popular*, ano IV, nº 1048. Rio de Janeiro: 04 de mai. 1952. p. 11.

O anúncio indica que, em 1952, restavam detalhes, incluindo o título que não é mencionado, para a escritora concluir o aguardado romance. Contudo, em nenhum momento até então, havia-se apresentado uma provável data para o lançamento, sendo, portanto, contraditório afirmar um atraso. Neste momento, inclusive, nem a *Coleção Romances do Povo*, da qual a obra faria parte, havia sido anunciada oficialmente, o que ocorreu somente no início de 1953.

Nesse sentido, a partir da carta de apresentação da Coleção Romances do Povo, assinada pelo seu diretor, Jorge Amado e publicada pela *Imprensa Popular*, em janeiro de 1953, inicia-se uma nova fase do processo de publicação do novo romance de Alina Paim. O documento, além de anunciar para o mês seguinte, *Um homem de verdade*, de Boris Polevoi, como primeiro volume da Coleção, também indica a programação de obras que seriam lançadas pela iniciativa. Mesmo sem data confirmada, aparece na lista o romance *Ferrovários*, de Alina Paim⁴⁹³. Contudo, a tão esperada coletânea de romances nos moldes do realismo socialista, não iniciou suas publicações em ritmo acelerado, pois naquele ano, apenas o romance de Polevoi foi efetivamente lançado.

Em 1954, um acontecimento em específico restabelece o debate em relação à literatura partidária pecebista. Neste ano, Jorge Amado publica pela Editora Martins, a trilogia *Os Subterrâneos da Liberdade*, retratando a resistência política durante a Era Vargas. Recebida com louvor pelo Partido, pois exaltava as ações comunistas contra o governo varguista, a obra realista socialista, influencia diretamente na intensificação dos lançamentos da *Coleção Romances do Povo* e, conseqüentemente, na promoção do romance de Alina Paim.

Nesse sentido, na edição de junho de 1954, a *Revista da Semana*, do Rio de Janeiro, anunciava que, “uma das mais talentosas romancistas da nova geração, autora de ‘Simão Dias’, já entregou à Editorial Vitória seu novo romance, ‘Ferrovários’, de intenso fundo revolucionário”⁴⁹⁴. Com o romance entregue à Editora, a expectativa voltava-se para sua publicação e, em sua próxima aparição nos jornais pecebistas, observa-se duas novidades. Um mês após o último anúncio, ao tratar sobre os lançamentos previstos para o segundo semestre daquele ano, a *Imprensa Popular* divulgava que a “Vitória programa para setembro *A Hora Próxima*, de Alina Paim. A romancista sergipana trata do tema da participação das mulheres

⁴⁹³ UMA audaciosa iniciativa no terreno cultural: A Editorial Vitória abre novas oportunidades aos autores nacionais. In: *Imprensa Popular*, ano VI, nº 1320. Rio de Janeiro: 16 de jan. 1953. p. 03.

⁴⁹⁴ FICHÁRIO. In: *Revista da Semana*, Ano LI, nº 26. Rio de Janeiro: 26 de jun. 1954. p. 49

operárias na greve dos ferroviários da Rede Mineira de Viação”⁴⁹⁵. Pela primeira vez o romance tinha uma previsão de lançamento, setembro de 1954; além disso, apresentava também um novo título.

As fontes não permitem afirmar os motivos que levaram Alina Paim modificar o título do romance de *Ferrovários*, para *A Hora Próxima*. Contudo, com base nos estudos de Batistina Maria de Sousa Corgozinho, contendo depoimentos dos ferroviários que participaram dos movimentos grevistas da RMV, em Divinópolis-MG, sabe-se que “a hora próxima” foi uma senha interna comumente utilizada, para espalhar secretamente entre os trabalhadores, que naquele dia, ao final da última hora de trabalho, se iniciaria a greve⁴⁹⁶.

Com novo título e data para seu lançamento, durante o mês de agosto de 1954, observa-se o período de maior evidência da publicidade em torno de *A Hora Próxima*. Através da *Imprensa Popular*, o trabalho de campo da escritora e o tema da obra é exaltado, definindo-a como “uma história nacional, em que surgem como heróis tipos antes não tão destacados na literatura brasileira, escolhido por Jorge Amado para o 5º volume da Coleção Romances do Povo, que dirige para a Editorial Vitória”⁴⁹⁷. Contudo, a quinta obra lançada pela Coleção, acaba sendo *Os Donos do Orvalho*, do haitiano Jacques Roumain. A partir de então, inicia-se uma sucessão de adiamentos no lançamento do romance de Alina Paim, corroborando para a hipótese de uma censura partidária.

No lançamento oficial do sexto volume da Coleção, *Tchapaiev*, do soviético Dmitri Furmanov, *A Hora Próxima* volta a ser anunciado, como o subsequente título da coletânea⁴⁹⁸. No entanto, mais uma vez o romance não chega às bancas e livrarias. Ainda em 1954, para conter os ânimos e manter Alina Paim e seu romance no imaginário do público leitor, são publicadas duas grandes entrevistas com a romancista: uma pela *Imprensa Popular*, tratando da trajetória cultural e política da escritora, e suas experiências ao conviver com as famílias dos ferroviários grevistas⁴⁹⁹; outra, pela *Última Hora*, focando exclusivamente na estética literária de *A Hora Próxima*, que segundo Paim, foi escrito:

⁴⁹⁵ J. A. *Literatura*: O Romance em 1954. In: *Imprensa Popular*, ano VII, nº 1248. Rio de Janeiro: 13 de jul. 1954. p. 04.

⁴⁹⁶ CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa. *Pelos caminhos da Maria Fumaça: o trabalho ferroviário – formação e resistência pelo trabalho*. 1989. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: Gráfica e Editora O Lutador, 2014. p. 334.

⁴⁹⁷ ALINA Paim na Coleção Romances do Povo. In: *Imprensa Popular*, ano VII, nº 1271. Rio de Janeiro: 08 de ago. 1954. p. 11.

⁴⁹⁸ LITERATURA: *Tchapaiev*. In: *Imprensa Popular*, ano VII, nº 1284. Rio de Janeiro: 24 de ago. 1954. p. 04

⁴⁹⁹ UM livro de Luta e de Esperança. In: *Imprensa Popular*, ano VII, nº 1283. Rio de Janeiro: 22 de ago. 1954. p. 11.

(...) procurando captar na ação, nos caracteres, no estilo a humanidade exuberante do povo brasileiro, no que ele tem de mais novo e poderoso, o impulso e o crescimento do movimento operário. A greve da Rede Mineira de Viação é o centro do romance. E por ser assim um tema da vida proletária, é que presumo filiar meu romance na corrente do realismo socialista⁵⁰⁰.

Observa-se na fala de Alina Paim a manutenção do caráter dualista de seu romance, explicitando seu propósito político, com a estética do realismo socialista, mas também, evidenciando sua preocupação com as representações do povo, via movimento operário. Não obstante, o ano de 1954 termina com mais duas obras, ambas de escritoras soviéticas, publicadas pela *Coleção Romances do Povo: A Colheita*, de Galina Nikolaieva; e, *A Tempestade*, de Ilya Ehrenburg, esta última, editada em dois volumes.

Em janeiro de 1955, em anúncio do romance de Ilya Ehrenburg, publicado no final do ano anterior, a *Imprensa Popular* anuncia que “em março próximo, finalmente, estará nas livrarias A Hora Próxima, quarto romance de Alina Paim”⁵⁰¹. Todavia, o volume lançado em março daquele ano pela Coleção foi *Espártaco*, do estadunidense Howard Fast. Desse modo, a aguardada publicação do representante da literatura nacional foi novamente adiada, desta vez, para o mês de maio de 1955, como 11º volume da *Coleção Romances do Povo*.⁵⁰²

Finalmente, em 5 de maio de 1955, a edição nº 1493 da *Imprensa Popular*, do Rio de Janeiro, anunciava:

Estará hoje, em todas as livrarias, o novo romance de Alina Paim, que tem o título sugestivo de A Hora Próxima, uma página de luta e do heroísmo dos nossos ferroviários. O livro da autora de Simão Dias, vinha sendo aguardado com extraordinário interesse do público, tanto que já há pedidos para seis mil exemplares. A Hora Próxima (Editora Vitória), será distribuído pela Livraria Independência, em cuja sede, à Rua do Carmo, 38, sobreloja, hoje à tarde, às 5:30 horas, será oferecido um “cock-tail” por motivo do lançamento de Alina Paim. A autora, na ocasião, assinará autógrafos.⁵⁰³

As fontes demonstram que *A Hora Próxima* era aguardada ansiosamente pelo público leitor. A demora no lançamento do romance, juntamente ao intenso trabalho de publicidade em torno de sua temática, que além da propaganda nos jornais e revistas pecebistas, promoveu a

⁵⁰⁰ MEIRA, Mauritoni. Alina Paim (escritora com rosto de adolescente) faz romance (social) com a participação do povo!. In: Última Hora, nº 999, Ano IV. Rio de Janeiro: 18 de set. 1954. pp. 13-14

⁵⁰¹ LITERATURA: Grande êxito de A Tempestade. In: Imprensa Popular, ano VIII, nº 1404. Rio de Janeiro: 15 de jan. 1955. p. 04.

⁵⁰² LITERATURA: A Hora Próxima. In: Imprensa Popular, ano VIII, nº 1488. Rio de Janeiro: 23 de abr. 1955. p. 04.

⁵⁰³ HOJE, o novo romance de Alina Paim. In: Imprensa Popular, ano VIII, nº 1493. Rio de Janeiro: 05 de maio 1955. p. 03

instalação de cartazes⁵⁰⁴ da obra nas ruas do Rio de Janeiro, criou um vínculo de expectativa popular. Tal constatação, pode ser afirmada pela quantidade de exemplares pedidos em seu ato de estreia: seis mil. Para grau de comparação, a média nacional nas tiragens de livros durante a década de 1950 era de quatro mil⁵⁰⁵. No dia seguinte ao evento inaugural, surgiam as primeiras repercussões sobre o romance:

O aparecimento de *A Hora Próxima*, de Alina Paim, é um fato de viva significação na história do romance brasileiro. Trata-se de um livro extraordinariamente novo pelo seu conteúdo, escrito de uma forma simples e precisa, trazendo, pela primeira vez, à ficção brasileira cenas e quadros da vida dos ferroviários. A Coleção Romances do Povo, da Editorial Vitória, que tanto êxito vem alcançando, inaugura assim a série nacional de seus livros e isso deve ser saudado calorosamente por todos aqueles interessados em conhecer os novos caminhos do realismo brasileiro, nesta fase de lutas e mudanças, dentro da sociedade brasileira. O heroísmo, a dedicação, as virtudes do povo, a capacidade combativa dos operários, a participação das mulheres na greve, costumes, sentimentos, a ação, eis o que vamos encontrar nas páginas de *A Hora Próxima*.⁵⁰⁶

Em uma primeira análise, a fonte apresenta questões importantes sobre os objetivos políticos e culturais do romance. De modo leve, podem ser observadas características fundamentais da estética do realismo socialista na matéria supracitada: com a greve ferroviária, busca-se explorar a temática revolucionária e a difusão ideológica partidária; o herói positivo, através das ações do operariado e suas esposas; a evolução da arte, indicada pela importância do fato para a literatura nacional e seu caráter coletivo. Diante da representação social, cultural e política que o lançamento de *A Hora Próxima* demonstrava, no segundo dia de circulação do romance, em uma sessão de autógrafos de Alina Paim na calçada da Livraria Independência, os quase 10 mil exemplares da tiragem inicial já haviam sido vendidos, sendo providenciados outros oito mil, devido a demanda⁵⁰⁷.

Como exposto até aqui nesta seção, o processo de lançamento de *A Hora Próxima* é bastante controverso. As fontes indicam que, embora Alina Paim tenha terminado sua escrita em meados de 1952, a primeira provável data de sua publicação foi em 1954. Nesse sentido, ao ser publicado em 1955, a chegada do romance ao público leitor foi adiada em um ano. Não

⁵⁰⁴ A ditadura estética. In: Revista IstoÉ. São Paulo: 15/08/1984. pp. 56-58.

⁵⁰⁵ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. (Maria da Penha Villalobos; Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza - tradutores). 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. p. 519.

⁵⁰⁶ LANÇADO *A Hora Próxima* novo romance de Alina Paim. In: Imprensa Popular, ano VIII, nº 1494. Rio de Janeiro: 06 de maio 1955. p. 03

⁵⁰⁷ UM fato inédito na vida cultural brasileira. In: Imprensa Popular, ano VIII, nº 1495. Rio de Janeiro: 07 de Mai. 1955. p. 01.

obstante, além da possibilidade de estratégia de propaganda editorial, outras variáveis, se não justificam o atraso em sua publicação, problematizam ainda mais essa questão.

Profissionalmente, no mesmo período em que escrevia *A Hora Próxima*, Alina Paim esteve envolvida na divulgação de outros dois romances seus, *Simão Dias* e *A Sombra do Patriarca*, lançados em 1949 e 1950, respectivamente. Outrossim, no decorrer de toda primeira metade da década de 1950, a escritora mantinha seus trabalhos como novelista, criando os roteiros do programa infantil *No Reino da Alegria*, transmitido semanalmente pela Rádio do MEC. Além disso, Alina Paim ocupou-se de diversas atribuições partidárias enquanto redigia e, posteriormente, aguardava o lançamento de *A Hora Próxima*. Enfim, atividades intelectuais que, de alguma forma, exigiram tempo e dedicação da romancista, determinado assim, a fragmentação de seus afazeres.

Para a intelectualidade comunista, o início dos anos 1950 foi marcado pelo restabelecimento de seu aparato comunicacional, extremamente defasado pelas ações do governo Dutra contra o Partido. Nos estudos sobre a imprensa pecebista realizados por Antônio Albino Canelas Rubim, observa-se um significativo refluxo na imprensa popular, com a diminuição no quantitativo de edições de alguns jornais e o fechamento de tantos outros⁵⁰⁸. Em fevereiro de 1950, buscando revitalizar esse importante mecanismo de disseminação das ações comunistas, o PCB mobilizou sua intelectualidade em uma grande campanha, cujo objetivo foi a arrecadação de 10 milhões de cruzeiros, que seriam destinados aos órgãos da imprensa. Com experiência na administração institucional financeira, desde os tempos que ocupou os cargos de tesoureira e conselheira fiscal na ADBE, Alina Paim ficou responsável pela comissão organizadora da Campanha que, em pouco tempo, conseguiu fundos necessários para reanimar as atividades jornalísticas do Partido⁵⁰⁹. Ademais, enquanto o PCB se organizava e formalizava a radicalização de suas ações com o Manifesto de Agosto de 1950, a escritora sergipana foi indicada, por votação, como delegada carioca na organização do III Congresso Brasileiro de Escritoras da ABDE, realizado em Salvador-BA, em abril do ano seguinte, em um momento em que a Associação já era dominada pela intelectualidade comunista⁵¹⁰.

⁵⁰⁸RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Partido Comunista: Cultura e Política Cultural*. 1986. Tese (Doutorado em Sociologia). FFLCH-USP. São Paulo, 1986. p.44.

⁵⁰⁹ COMISSÃO Nacional Patrocinadora da Campanha da Voz Operária. In: *Voz Operária*, Ano III, nº 89. Rio de Janeiro: 03 de fev. de 1950. p. 11.

⁵¹⁰ ELEITA a delegação carioca ao III Congresso Brasileiro de Escritores. In: *Diário de Notícias*, nº 8407, Ano XX. Rio de Janeiro: 19 de ago. 1950. p. 12.

Em julho de 1951, dois meses após a realização do III Congresso de Escritores, a ABDE mobilizou a 4ª edição do evento, mais uma vez com Alina Paim na comissão organizadora⁵¹¹. No encontro realizado em setembro daquele ano, na cidade de Porto de Alegre-RS, a escritora sergipana apresentou a tese “Relações do escritor com o povo: direito de locomoção para ir às fontes colher material”. O discurso, como seu título indica, discorre sobre a experiência de campo da romancista, focalizando em suas relações com os agentes envolvidos nas greves da RMV; bem como, denunciava a repressão intelectual, recordando a ordem de prisão contra a autora. De acordo com Alina Paim, a reflexão apresentada no Congresso representava, “um grande caminho para uma literatura de maior vigor nacional e popular humana e universal no conteúdo”.⁵¹²

No ano de 1952, Alina Paim dedicou-se a diversas atividades intelectuais determinadas pelo Comitê Central do Partido. Em janeiro do ano corrente, juntamente com Aydano do Couto Ferraz, Isaac Akcelrud e Dalcídio Jurandir, a escritora participou da comissão julgadora do concurso de artigos em memória de Vladimir Lenin, Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo. A iniciativa intitulada “Os 3 L’s, na luta pela Paz”, buscava homenagear a contribuição dos três líderes socialistas, como “símbolo dos ideais de paz e de confraternização dos trabalhadores dos povos de todos os países”⁵¹³. Os melhores artigos, de no máximo três laudas datilografadas, seriam publicados pela *Imprensa Popular* e premiados com obras literárias de Lenin, Stalin, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Alina Paim. Ainda em março do mesmo ano, um novo certame literário, novamente contou com a romancista sergipana como parecerista. A comissão que contava com outros nomes, como Dias da Costa, Egídio Squeff, Moacir Werneck de Castro e Paulo Motta Lima, recebeu e julgou trabalho (poemas, contos e reportagens), que exaltavam as Comemorações do 30º aniversário do PCB. Os vencedores de cada categoria, além de serem publicados pela imprensa comunista, seriam agraciados com uma máquina de escrever portátil, caneta tinteiro e uma coleção de obras progressistas⁵¹⁴.

Simultaneamente às funções como julgadora dos dois concursos literários e envolvida com a escrita de *A Hora Próxima*, Alina Paim tem ainda a sua primeira experiência internacional representando o PCB. Em companhia de diversos outros intelectuais comunistas,

⁵¹¹ CONVOCADO o 4º Congresso Brasileiro de Escritores. In: Diário de Notícias, nº 8824, Ano XXII. Rio de Janeiro: 28 de jul. 1951. p. 09.

⁵¹² PAIM, Alina. *Relações do escritor com o povo: direito de locomoção para ir às fontes colher material*. In: Para Todos. Rio de Janeiro, ago./1951, p.14.

⁵¹³ CONCURSO de artigos sobre os “3 L”. In: Imprensa Popular, nº 955. Rio de Janeiro: 13 de jan. 1952. p. 4

⁵¹⁴ BASES do concurso em homenagem ao 30º Aniversário do PCB. In: Imprensa Popular, ano IV, nº 998. Rio de Janeiro: 07 de mar. 1952. p.

a romancista foi indicada pelo Partido como membra da delegação brasileira na Conferência Continental em favor da Paz e da Cultura, realizada na cidade uruguaia de Montevideu, em março de 1952⁵¹⁵. Reunindo a intelectualidade comunista de diversos países da América Latina, a referida Conferência buscava dois objetivos claros: o primeiro, a defesa pela paz, mediante a uma crítica às políticas nucleares estadunidenses durante a Guerra Fria; segundo, a defesa pela cultura, diante dos diversos casos de repressão às atividades intelectuais da militância comunista no continente. Durante os discursos, as teses chamavam atenção para a ameaça de uma terceira Guerra Mundial, obviamente tendo como inimigo maior os EUA e omitindo a parte relacionada à URSS no conflito. Ademais, refletiam sobre o crescimento das ações anticomunistas contra a militância intelectual, recordando os casos vividos por Alfredo Varela, na Argentina; e, Alina Paim, no Brasil⁵¹⁶.

Em 1953, ano de lançamento da *Coleção Romances do Povo*, alguns acontecimentos de ordem internacional mobilizam as atividades políticas da militância comunista no Brasil. Primeiramente, o movimento comunista internacional perde a figura de seu principal líder, com a morte de Stalin, em março daquele ano. Obviamente, homenagens pela memória do chefe de Estado comunista tomam conta das páginas da imprensa popular, em sua maioria, manifestações em solidariedade ao povo soviético, alguns deles, tendo Alina Paim entre seus signatários⁵¹⁷. No mesmo mês, a militância pecebista também se despede de um grande nome do seu quadro intelectual nas últimas décadas: Graciliano Ramos. Embora a relação entre PCB e o escritor estivessem desgastadas, principalmente pelo fato de o romancista negar-se a seguir as imposições partidárias em relação ao realismo socialista, sua importante trajetória enquanto militante era indiscutível. Indubitavelmente, o falecimento de “mestre Graça” causou forte impacto em Alina Paim, tendo em visto a amizade existente entre os dois, desde os tempos das tutorias literárias nas primeiras obras da romancista sergipana.

Em meio as dores pelas perdas de figuras importantes para o comunismo nacional, em fevereiro de 1953, Alina Paim e outros militantes pecebistas, foram convidados pela VOKS, -

⁵¹⁵ DELEGAÇÃO Brasileira à Conferência da Paz. In: Imprensa Popular, nº 1002. Rio de Janeiro: 12 de mar. 1952. p. 3

⁵¹⁶ CASTRO, Moacir Werneck de. *Mensagem da Conferência de Montevideu aos escritores e artistas de todo o Mundo*. In: Imprensa Popular, ano IV, nº 1012. Rio de Janeiro: 23 de mar. 1952. p. 03.

⁵¹⁷ MENSAGEM de Artistas e Escritores. In: Imprensa Popular, ano VI, nº 1363. Rio de Janeiro: 08 de Mar. 1953. p. 01. “A União dos Escritores Soviéticos – Moscou: Escritores e Artistas brasileiros associam-se à tristeza e à ansiedade do povo soviético e de todos os povos por motivo da grave moléstia que atingiu o generalíssimo Stálin, cujos serviços prestados à humanidade devem continuar para a glória e felicidade dos povos”. Assinam: Astrojildo Pereira; Graciliano Ramos; Cândido Portinari; Oscar Niemeyer; Dalcídio Jurandir; Alina Paim; James Amado; Floriano Gonçalves; Lídia Ripoli; Edíson Carneiro; Afonso Schmidt; Claudio Santoro; Egídio Squeff; Modesto de Souza; Quirino Campofiorito.

órgão de relações culturais internacionais da URSS - para participar das festividades do 1º de Maio, em Moscou⁵¹⁸. Embora a relação do 1º de Maio com as festividades do dia do trabalhador tenha origem nos protestos operários de Chicago-EUA, em 1886, sua apropriação pela população russa é precedente à própria Revolução de 1917. Ainda durante o Império Russo, as comemorações pela data eram proibidas e temidas pelo governo, pois eram comuns greves e confrontos entre os trabalhadores e a polícia. Após a Revolução Bolchevique, o 1º de Maio tornou-se uma das principais datas festivas no país, perdendo em importância, apenas para as comemorações de aniversário da própria Revolução. A partir de então, as festividades foram marcadas por discursos dos líderes soviéticos, desfiles e louvores, concentrados na Praça Vermelha, em Moscou⁵¹⁹.

No entanto, antes de seguir rumo à União Soviética, Alina Paim passou por um “treinamento”, comum aos militantes pecebistas que iriam representar o Partido em viagens à pátria mãe do comunismo: os Cursos Stalin. Na clandestinidade, o PCB realizava cursos secretos para sua militância mais engajada. De acordo com Jorge Amado, o qual realizou o curso juntamente com Alina Paim, no trajeto para o local, uma zona rural, os participantes foram vendidos e conduzidos ao evento, que durou aproximadamente um mês. Nesse período, diversas lições políticas foram ministradas pelos dirigentes do Partido, como aulas sobre as Revoluções Russa e Chinesa; estudos das determinações da Internacional Comunista; enfim, diferentes diligências na preparação intelectual daqueles que seriam a imagem do Partido perante o Comitê Central soviético⁵²⁰. Feito o curso, a delegação seguiu para União Soviética, passando também pela Tchecoslováquia, participando das festividades do 1º de Maio, em 1953 e, permanecendo em solo europeu por quase um mês. Parte das despesas da viagem de Alina Paim, foram pagas pelo artista, amigo e militante comunista, Cândido Portinari, que além de roupas de inverno, presenteou a romancista com uma quantia de 15 mil réis⁵²¹.

Retornando dos compromissos internacionais, Alina Paim dedicou-se à organização das comemorações anuais do aniversário da Revolução Bolchevique de 1917, através da tradução

⁵¹⁸ A caminho da União Soviética mais uma delegação do Brasil. In: *Imprensa Popular*, ano VI, nº 1396. Rio de Janeiro: 15 de fev. 1953. p. 03. Participaram da excursão à URSS: José Geraldo Vieira, James Amado, João Batista Lima e Silva, Carlos Ortiz, Lídia Ripoli, Bernardo Ellis, Miécio Tati, Alina Paim, Olímpio Guilherme, Dias Gomes, Mário Donato, Cláudio Santoro, Jackson de Souza.

⁵¹⁹ EGOROV, Oleg. Por que os russos são tão apegados ao feriado de 1º de maio. In: *Russia Beyond*. Moscou: 1º de maio de 2019. Disponível em: <https://br.rbth.com/historia/82212-por-que-russos-apegados-1-maio>. Acesso em: 22 de jan. de 2021.

⁵²⁰ AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992. p. 245.

⁵²¹ CARDOSO, Ana Maria Leal. *Alina Paim: uma romancista esquecida nos labirintos do tempo*. In: *Aletria*, Belo Horizonte: FALE/UFMG, vol. 20, p. 125-132, 2010. p. 129.

de textos clássicos de Lenin e outros intelectuais ligados ao movimento⁵²². Em janeiro de 1954, a romancista integrou a comissão organizadora do I Congresso Nacional de Intelectuais, marcada para o final daquele mês, na cidade de Goiânia⁵²³. Contudo, o grande encontro que reuniu poetas, escritores, cientistas, juristas, educadores, cineastas, jornalistas, artistas, pesquisadores, editores, profissionais liberais, técnicos universitários, musicistas, radialistas, com objetivo de discutir os problemas vivenciados pela intelectualidade brasileira, ocorreu apenas em março de 1954 e em outra sede, tendo o Rio de Janeiro substituído a capital do estado de Goiás⁵²⁴.

Diante disso, é apenas no segundo semestre de 1954, quando pela primeira vez, a Editorial Vitória indica uma possível data para o lançamento de *A Hora Próxima*, que Alina Paim começa a dedicar-se exclusivamente na divulgação de seu romance. Conforme exposto nesta seção, entre 1950, quando iniciou as pesquisas para elaboração do romance; e 1954, quando entrega o texto final para editora, a romancista esteve envolvida em outras atividades profissionais e políticas, além é claro, do projeto literário em desenvolvimento. Nesse sentido, não existem fontes sólidas o suficiente para concluir uma real intervenção do Partido em *A Hora Próxima*, apenas o atraso em sua publicação e o histórico de coerção da liberdade de criação intelectual com outros militantes pecebistas. Analisar e considerar tais questões, indicam que o adiamento tem maior relação com as estratégias de promoção do romance, do que uma possível censura partidária.

Com efeito, as diversas variáveis que envolvem a escrita e o lançamento de *A Hora Próxima*, corroboram para afirmar o enquadramento de Alina Paim ao sistema hierárquico do Partido e suas relações do PCB com a militância intelectual. No próximo capítulo, quando se amplia essa análise para o conteúdo da narrativa do romance e observando sua recepção na crítica especializada, - comunista ou não - busca-se refletir as formas em que o realismo socialista foi apropriado pela escritora, surgindo novas nuances que ajuda-nos a compreender o contraditório universo da literatura partidária comunista.

⁵²² SAUDANDO a grande Revolução de Outubro. In: Imprensa Popular, ano VI, nº 1645. Rio de Janeiro: 08 de nov. 1953. p. 03.

⁵²³ Iº Congresso Nacional de Intelectuais. In: Fundamentos, Ano VI, nº 34. São Paulo: jan. de 1954. p. 42.

⁵²⁴ A Conferência dos Intelectuais. In: Imprensa Popular, ano VII, nº 1759. Rio de Janeiro: 26 de mar. 1954. p. 03.

CAPÍTULO III

A HORA PRÓXIMA: REPRESENTAÇÕES POLÍTICAS E SOCIAIS EM UM ROMANCE REVOLUCIONÁRIO

Estalaram as primeiras plantas esmagadas, da terra enegrecida pelo carvão subiu um rumor surdo. orvalho e poeira misturando-se nas solas das alpercatas como no céu a luz mortiça das últimas estrelas se confundia com as cores da aurora em sua investida sobre os montes. Centenas de pés subiam e desciam imprimindo em seu avanço uma história no chão. Nem uma palavra, um riso ou choro de criança, somente as centenas de pés de homens e mulheres falavam, abafando o leve sopro do vento, o bater de asas e a sinfonia, a algaravia dos pássaros assustados nos arbustos do barranco. A força dos passos dominava todos os corpos, o ímpeto da marcha enrijecia aquelas pernas, contraía os punhos, levantava as cabeças de bocas cerradas e olhar firme. Desde as mulheres que iam à frente até os piquetes de ferroviários na retaguarda, unia-os o mesmo sentimento, a mesma decisão.⁵²⁵

A transcrição acima representa, exatamente, o primeiro parágrafo do romance *A Hora Próxima*. Ao invés de seguir uma ordem linear, Alina Paim imediatamente apresenta o *clímax* de seu enredo, partindo do ponto de maior tensão no conflito, para em função dele, desenvolver a sua exposição e complicação⁵²⁶. Estrategicamente, a primeira descrição estimula os sentidos do leitor, criando uma atmosfera de sons e cores naturais, e, embora a cena destaque a ausência do diálogo entre os personagens, as ações de seus corpos transmitem a ideia de um momento decisivo. O tom épico da marcha de mulheres e ferroviários unidos pelo "mesmo sentimento e mesma decisão", corrobora para representação do começo de uma luta, em que o longo combate, seria travado sob os trilhos do trem. Assim, a cena inicial prenuncia a intenção epopeica do romance, como um exército solidário, os personagens rumam heroicamente para o enfrentamento, buscando na greve, a representação da resistência ferroviária.

As 364 páginas de *A Hora Próxima*, são fragmentadas em 12 capítulos não lineares, utilizando como estratégia de escrita, a narradora-testemunha não identificada. Embora Alina Paim tome a cidade de Cruzeiro como gênese da greve, os acontecimentos são ampliados para Soledade de Minas, Itajubá, Divinópolis e, em alguns momentos, com menções do desdobramento em Três Corações, Lavras e Barra Mansa, configurando o romance em um conflito coletivo. Em cada cidade, surgem novos personagens e novas histórias, que embora autônomas, são unidos pela causa em comum: a greve. Por sua característica multifocalizada, o romance é composto por *flashes*, diluídos em dois planos: o presente, com a greve da RMV;

⁵²⁵ PAIM, Alina. *A hora próxima*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1955. p.7

⁵²⁶ GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Editora Ática, 2002. p. 11.

e o passado, com recordações de experiências vividas pelos militantes comunista, ferroviários e suas famílias. Desse modo, as tensões e conflitos do movimento são construídos por várias partes que formam um todo, divididos entre representações de suas histórias de vida e condições de trabalho, sempre articulados pela influência do Partido Comunista entre as mulheres e os ferroviários.

Em virtude disso, as análises seguintes buscam refletir tais representações, diante das premissas orientadas pela estética cultural soviética. Assim, observa-se como a romancista representou a difusão ideológica do Partido, através da temática revolucionária e seus heróis positivos. Para tanto, as três primeiras partes do capítulo, analisam as representações da participação feminina nas greves e da influência do Partido juntos aos ferroviários, em *A Hora Próxima*. Com isso, busca-se compreender o quanto a literatura atende aos objetivos da estética realista socialista e, conseqüentemente, quanto os propósitos revolucionários se materializam na literatura. Por fim, a última seção destina-se para apresentação da crítica literária do romance, pois, assim como as representações, as posições sociais e políticas dos pareceristas, influenciam em suas leituras e na forma como são consideradas suas apreciações.

3.1 Parem as máquinas: as mulheres nos trilhos da greve

Apito claro e prolongado, vindo dos lados da Rotunda, fustigou aqueles pés e o imenso bloco humano dobrou a curva da estrada, em direção à Estação. Rente à plataforma quase deserta, a composição do misto esperava a máquina “473”, que naquele instante descia a Rotunda em marcha lenta para o desvio. A trepidação dos trilhos e dormentes, todo aquele tremor no chão castigado comunicou-se à carne humana. O farol da locomotiva, na altura da fábrica de Vagões, abrindo num relâmpago, fez nascer da bruma os primeiros rostos. Jandira, Angélica, D. Palmira, Margarida, Dolores, Rita e Leonor marchavam na primeira fila ao encontro da máquina, mães e filhos soldados num aperto de mão, ombros unidos, os peitos formando muralha. O clarão passou sobre as cabeças dissolvendo-se no espaço. Começou o combate. Falavam os pés, respondiam os trilhos rangendo. Avançavam as mulheres, avançava a locomotiva, a distância estreitando-se, o choque cada vez mais próximo. Levantou o braço de Jandira, de sua garganta partiu a ordem.
- Para! Para a máquina!⁵²⁷

Assim como em seus romances anteriores, *Estrada da Liberdade*, *Simão Dias* e *A Sombra do Patriarca*, em *A Hora Próxima*, Alina Paim dá atenção especial à participação das mulheres em sua narrativa, apresentando já no segundo parágrafo da obra, várias personagens femininas. Jandira, Angélica, D. Palmira, Margarida, Dolores, Rita e Leonor, são as protagonistas da primeira parte da história, ambientada na cidade de Cruzeiro-SP. O

⁵²⁷ PAIM, Alina. *A hora próxima*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1955. pp. 7-8.

objetivo inicial do grupo de mulheres é conter a locomotiva 437, vinda de Belo Horizonte e que se tornará um símbolo do movimento. A estratégia, de parar ou sentar-se com seus filhos frente à máquina, demonstra uma organização primária, embora, inicialmente a ordem de parada não tenha sido atendida pelo maquinista. Ao som dos brados “É fome! É miséria! É greve!”, o trem para e, completamente tomado pelas mulheres grevistas, tem sua fornalha apagada. Enquanto uma parte do grupo cuida da locomotiva recém apropriada, outra fração ocupa a estação administrativa da Rede Mineira de Viação (RMV) e tomam seu telégrafo⁵²⁸. Ao mesmo tempo em que serve para estabelecer a transmissão das notícias da greve com outras estações de RMV, o telégrafo aparece como elemento de ligação entre os descontínuos capítulos do romance.

No entorno da locomotiva “437”, apelidada de Joana, em referência a guerreira francesa Joana D’Arc e que se torna um símbolo da resistência, aos poucos vai surgindo um acampamento montado pelos ferroviários, onde “iria deitar raízes com a greve, converter-se em reduto onde homens e mulheres combateriam até a vitória”⁵²⁹. Nesse momento, a narrativa apresenta elementos importantes para a compreensão do romance. Pela primeira vez o Partido Comunista é citado, na representação de Sílvio Ferreira, antigo ferroviário, vereador e militante partidário, inclusive, é o pecebista quem orienta a criação de comissões grevistas, formada somente por mulheres. Nesse sentido, um grupo fica responsável por pedir auxílio financeiro e de alimentos na comunidade; outro, sob a liderança de Jandira, formaria a Comissão Central das Mulheres Grevistas, cuidando das negociações com a empresa e forças policiais, que chegariam a qualquer momento.

Outro componente crucial do enredo é a explicitação das razões que motivaram o início da greve. Embora as palavras “fome” e “miséria” estivessem presentes nos primeiros brados das mulheres grevistas, somente na página 16 do romance, quando narra o diálogo entre a Comissão Central e o delegado da cidade, João Ranali, tais motivações são realmente apresentadas. “Queremos que nossos maridos sejam pagos! Queremos o abastecimento da Cooperativa!”, foram as reclamações de Jandira. “Meus filhos precisam de pão!”, ecoou no meio do grupo⁵³⁰. A organização de greves como forma de resistência em relação à questão salarial, fazem parte também, das determinações pecebistas orientadas pelo *Manifesto de Agosto de 1950*. No documento, o Partido convoca os operários a lutarem “por maiores salários.

⁵²⁸ *Ibid.* pp. 9-11.

⁵²⁹ *Ibid.* p. 12.

⁵³⁰ *Ibid.* pp. 16-17.

Vossas mulheres e filhos não podem morrer de fome para que enriqueçam os patrões. Defendi na prática o direito de greve e lutei pelas liberdades civis”⁵³¹

Desse modo, chega-se a um ponto central do romance: durante toda narrativa as ações femininas estão associadas à influência do Partido Comunista. À luz do pensamento contemporâneo, tal relação pode facilmente indicar um sufocamento do protagonismo feminino. Contudo, para as mulheres comunistas da década de 1950, submeter-se às determinações partidárias, significava, pensar primeiramente na transformação do *status quo*, tendo na revolução, o caminho para a liberdade feminina. No episódio citado no parágrafo anterior, que inaugura a relação entre as mulheres grevistas e o Partido no romance, a instrução do militante Sílvio em formar Comissões femininas à frente da greve, tem objetivos claramente políticos. Primeiro, como não eram as mulheres as funcionárias da RMV, não poderiam ser demitidas pela empresa; segundo, como elas estavam nos movimentos com seus filhos pequenos, de alguma forma, isso inibiria a repressão arbitrária. No entanto, a atuação do Partido em nada diminui o caráter feminino do movimento grevista, que organizadas e com firmeza, apenas corroboram para os objetivos estéticos do realismo socialista: a valorização do coletivo em detrimento do individual.

Assim, a representação feminina no romance pode ser dividida nas seguintes formas: o grupo de mulheres grevistas que tomam a greve como condição familiar, devido a precarização causada pelos salários atrasados de seus maridos e pelo desabastecimento dos armazéns da Cooperativa; e as mulheres militantes, que aderem aos movimentos por razões políticas. Obviamente, devido à forte influência do Partido nas ações, algumas mulheres transitam entre os dois planos, fazendo da greve um movimento de luta e subsistência.

As mulheres de Cruzeiro, responsáveis pelo início da greve, são exemplos de personagens que fazem da greve, uma atitude de sacrifício pela proteção dos filhos. Jandira, líder da Comissão Central, em tons metafóricos sintetizava, “que acontece a quem vai mexer com a abelha? Recebe ferroadada, sai de cara escaldando. Mãe de família tem de guerrear para defender as crianças com a mesma valentia das abelhas quando lhe vão roubar o mel”⁵³². Essa mobilização de significado da temática maternal, relacionando-a à defesa dos filhos e da família, torna-se essencial para o fácil reconhecimento do público leitor.

Por conseguinte, quando acompanhadas por Sílvio, o grupo feminino vai procurar apoio do prefeito da cidade, D. Palmira, ao ser questionada o que queriam com a greve, responde:

⁵³¹ PRESTES, Luiz Carlos. *Manifesto ao povo*. In: Voz Operária. Rio de Janeiro, 5 de ago. 1950. p. 6.

⁵³² PAIM. Alina. *Op. Cit.* 1955. p. 133.

O que queremos sempre, que a Estrada pague os salários. O bairro nunca viveu dias de maior miséria, em todas as casas o mesmo quadro, fome e choro de criança. A Cooperativa está sem gêneros e o comércio a negar crédito por causa das dívidas. Diante de tudo isso, a Administração da Rede tem promessas evasivas, o trem de pagamento já partiu, já partiu... Por duas vezes, aguardamos a chegada desse trem. As mulheres desenganaram-se e para não e para não ver os filhos morrerem à míngua, pararam o tráfego, acamparam, na linha. (...) A cidade de Cruzeiro está com duzentas famílias de ferroviários acampadas junto à plataforma, nas mesmas condições que estavam em suas casas. Duzentas famílias de Cruzeiro, com seus filhos passando fome diante de toda a cidade. E são pessoas honestas, trabalhadores desumanamente explorados pela Rede Mineira de Viação, mulheres e crianças que definham, sem plena cidade, como se fossem flagelados⁵³³.

Observa-se que o pagamento dos salários atrasados não é mobilizado como um direito do trabalhador, mas como uma necessidade de sobrevivência familiar. Tal discurso, pode transparecer apelativo, usando do teor sentimental que uma criança faminta causa no imaginário popular. Contudo, essa figura da mãe protetora do lar, relaciona-se diretamente com as determinações partidárias presentes no *Manifesto de Agosto de 1950*, convocando "operárias e camponesas, donas de casa, mães e esposas! Sois vós que primeiro sentis as agruras produzidas pela fome em vossos lares. Organizai-vos para a luta contra a fome e a carestia da vida"⁵³⁴. Desse modo, o sentido reivindicatório na luta contra a carestia, ganha espaço ao longo do romance, justificando de diferentes formas, a adesão feminina aos movimentos em diversas cidades, sendo elas militantes ou não.

Além da preocupação de mães com o sustento de seus filhos, famílias em formação também são representadas no romance. Após as notícias da greve chegarem em Divinópolis, as esposas dos ferroviários se reúnem para decidirem se aderem ou não ao movimento. Na reunião, Conceição, a mais antiga do grupo, recebe um bilhete de outra mulher presente nas discussões:

Abrindo passagem, uma mulher pálida, de gravidez avançada, aproximou-se de Conceição. Seus lábios tremiam e a mão insegura mergulhou na gola do vestido, retirando do seio um papel dobrado e úmido. mulher ia acompanhando a leitura, pesando cada raciocínio. Sim, aquele papel tinha razão, tudo aquilo era verdade. Os milhares de ferroviários estavam se acabando de fome com suas famílias. Para a Rede Mineira, as locomotivas, vagões, trilhos, casas e dormentes valiam mais do que os seres vivos. Um pedaço de ferro velho contava mais do que um trabalhador. Contava mais do que o seu filho que estava para nascer, sem um camisolinho pronto, sem uma fralda. O papel tinha razão, era preciso fazer a greve, arrancar os atrasados, exigir mantimentos para a Cooperativa, conseguir aumento⁵³⁵.

⁵³³ *Ibid.* pp. 37-38.

⁵³⁴ PRESTES, Luiz Carlos. *Manifesto ao povo*. In: Voz Operária. Rio de Janeiro, 5 de ago 1950. p. 4.

⁵³⁵ PAIM. Alina. *Op. Cit.* 1955. p. 176.

Desse modo, a sensibilização em apoio à greve, não ocorre apenas pelas razões presentes, mas também, pelo medo e falta de expectativas em um futuro melhor. A futura mãe, desesperada com a conjuntura atual, pensa, e faz as demais mulheres refletirem sobre o amanhã, vislumbrando no movimento uma possibilidade de transformação. Ademais, surge em pauta uma nova reivindicação. Aliado ao pagamento dos vencimentos atrasados e o abastecimento da Cooperativa de alimentos, o aumento da remuneração dos ferroviários ganha espaço nas demandas grevistas.

Por conseguinte, a representação mais impactante relacionada à figura da mulher grevista, protetora do filho e na luta contra a carestia, encontra-se já nos últimos acontecimentos da greve, quando o movimento se desenrola na cidade de Barra Mansa-RJ. Em um diálogo entre alguns ferroviários grevistas, o maquinista Clóvis diz:

- Vi uma criancinha morrer no colo da mãe, bem no meio do acampamento. Foi a dor dessa mãe que fez o pessoal lutar peito a peito com a polícia e não ceder uma polegada do pátio.

Morreu uma criancinha. Uma criança, tão frágil, tão pequena, que não se atrevia a chamar de outra maneira senão pelo diminutivo - criancinha.

- E a mãe? - perguntou Castorino.

- Não queria deixar o acampamento, mas a polícia proibiu que o enterro saísse da Estação. Ela entregou os outros meninos às grevistas e foi para a casa com o anjo nos braços. Depois do enterro, ela veio do cemitério para o acampamento. Os olhos da mulher estavam secos⁵³⁶.

A atitude da personagem não identificada pelo romance, a princípio denota uma frieza excessiva ao imaginar uma mãe que acaba de perder o seu filho, morto pela fome. No entanto, ao pensar tal representação em um romance político alinhado ao realismo socialista, mais uma vez, torna-se impossível não pensar em sua relação com as diretrizes propostas pelo Partido no *Manifesto de Agosto*. Ao retornar para o acampamento grevista após enterrar a criança, aquela mãe reafirma seu compromisso na luta pela transformação social, através da luta proletária. Além do mais, vale destacar a estratégia romanesca de Alina Paim que, deixando o episódio para as últimas páginas da obra, quando a greve caminhava para seu desfecho, estabelece o sentimento de que a luta revolucionária não terminaria com o fim do movimento.

Encerrando as representações de mulheres grevistas não militantes, o romance apresenta Laura, personagem do enredo desenvolvido em Itajubá-MG. Além de ser esposa de um superintendente da RMV, Laura distingue-se dos demais exemplos já explorados, por um outro motivo: ela não tem filhos. Inclusive, as duas particularidades citadas, são questionadas por seu

⁵³⁶ *Ibid.* pp. 359-360.

próprio marido, quando descobre seu envolvimento no movimento, pois “não precisa da greve, não tem filhos, o dinheiro rende mais”. Contudo, sua resposta é incisiva: “Não tenho filhos, mas não sou de ferro para ver os filhos das companheiras morrendo de fome. Traição da minha parte, a greve não sofre. Nessa hora, o senhor está de um lado e eu de outro”⁵³⁷. Portanto, não existe em Laura, o vínculo maternal que a faria aderir à greve, porém, ocorre uma solidariedade enquanto mulher, fazendo-a romper com as opiniões do esposo e juntar-se aquelas tantas mães, que lutavam pela sobrevivência de suas crianças.

Ao analisar as personagens comunistas de *A Hora Próxima*, observa-se a clara caracterização da heroína positiva, marcada pelo temperamento forte, boa índole e, principalmente, dedicação pelas causas coletivas. Não obstante, enquanto as ações de um grupo de mulheres grevistas são influenciadas e, de certa forma, supervisionadas por homens do Partido; um segundo grupo, representado por mulheres comunistas, possui mais poder de mobilização e organização durante os desdobramentos do movimento.

Nesse sentido, Marta é a grande liderança das mulheres na greve de Itajubá-MG. Para a personagem, o comunismo era uma herança familiar, pois era filha de Velho Tião e Malvina, antigos militantes do Partido. O pai, inclusive, tratava-a como “companheira Marta”, cumprimento simbólico entre a militância pecebista. Antes do estopim da greve na cidade, Marta buscou negociar com a RMV as reivindicações dos grevistas, apresentando à Administração um abaixo-assinado dos ferroviários e suas famílias. Sem sucesso, o movimento eclodiu:

Hasteada no primeiro carro da composição, a bandeira nacional inclinava-se sobre as mulheres que montavam a guarda na Estação de Itajubá. Das pequenas barracas, cedidas aos grevistas pelo Parque de Diversões armado na entrada do Bairro Chic, subia a fumaça dos fogões improvisados. As mulheres cercavam Marta e as nove companheiras da Comissão Central da Greve, que resistiam às investidas do delegado, trazido pelo engenheiro residente com o intuito de desalojá-las das posições conquistadas com tanto esforço, naquela tarde⁵³⁸.

Marta acreditava que, por sua experiência política no Partido, “sua responsabilidade era maior que a das companheiras, porque comunista é a primeira que entra e a última que sai”⁵³⁹. A própria militante, havia tomado iniciativa na parada da locomotiva e, posteriormente, liderou as negociações com o delegado de polícia e com os representantes da RMV. Fato interessante

⁵³⁷ *Ibid.* p. 340.

⁵³⁸ *Ibid.* p. 114.

⁵³⁹ *Ibid.* p. 115.

na passagem da greve por Itajubá, foi o envolvimento de alguns soldados na greve. Convidados por Marta e Felisberta, outra grevista da Comissão Central, um número considerável de militares, filhos ou parentes de ferroviários, deixaram de lado seus fuzis e, em solidariedade, juntaram-se ao movimento.

Em Divinópolis, quem impulsiona e coloca em prática as ideias comunistas é Nina. Natural de Belo Horizonte, a militante havia se mudado para a cidade há pouco tempo. Desde sua chegada, juntamente com o irmão mais novo, Milton, recebe exemplares do jornal *A Classe Operária* e distribui nos bairros divinopolitanos. Com a greve deflagrada nas outras estações da RMV, Nina é instruída pelo Partido a articular o movimento entre as mulheres dos ferroviários. Anos atrás, recebeu uma tarefa semelhante, em uma greve tecelã em Juiz de Fora. Inicialmente, a estratégia em Divinópolis, foi mobilizar o movimento através da panfletagem de um boletim informativo:

Não tardava amanhecer e a madrugada seria curta para enfiar sob as portas todos aqueles boletins. Simples papel dobrado, um bilhete inocente que vindo na hora exata, e poderoso, traz dentro de si uma greve ou um combate de rua. Um sinal e toda essa força acumulada se precipita⁵⁴⁰.

A princípio, as funções de Nina na greve são estimulantes. Com a leitura dos boletins informativos a reunião das mulheres dos ferroviários é convocada e, sob a liderança de Conceição, o movimento se inicia. Em Divinópolis, a greve tem contornos mais conflituosos que em outros cenários do romance. Diante dos acontecimentos paredistas em outras estações da RMV, as forças policiais esperavam que o movimento atingisse a cidade e se mobilizaram. Quando as mulheres grevistas se dirigiram para a estação ferroviária, no bairro Esplanada, o destacamento policial já as esperava. Primeiramente, foi parado o trem que seguia para São João del-Rei e, depois, o de Belo Horizonte. Enquanto a polícia determinava “o trem sai!”, as mulheres retrucavam, “o trem não sai!”. Para impedir que o trem seguisse seu caminho, foram arrancados trilhos e peças do desvio da linha ferroviária. Ao som de “daqui não saio, daqui ninguém me tira!” a estação de Divinópolis estava tomada pelas grevistas⁵⁴¹.

Com o sucesso inicial da greve ferroviária, o movimento estendeu-se também para indústria têxtil da cidade, a qual abrigava um significativo número de mulheres operárias. Nesse momento, retorna a participação de Nina junto às mulheres grevistas. Pensando no futuro e no

⁵⁴⁰ *Ibid.* p. 170.

⁵⁴¹ *Ibid.* pp. 180-188.

legado que a greve poderia deixar para o operariado da cidade, a militante comunista, apontada pelos grevistas como “a moça que ensina greve”, orienta-os a se organizarem por instituições, “uma Sociedade de Ferroviários em toda a Estrada e uma Liga Feminina em cada cidade. Se vocês resolverem, o pessoal fica com responsabilidade, no tempo de serviço como durante as Greves”⁵⁴². Portanto, observa-se uma atenção na organização dos trabalhadores não apenas em momentos de greve, mas de forma contínua, despertando nos trabalhadores a consciência enquanto classe, com a criação de um órgão sindical; e, no feminino, a oportunidade de ampliar suas reivindicações, com a formação das Ligas.

Esse processo de tomada de consciência é muito bem representado pela personagem Clotilde, na cidade de Cruzeiro. Desde o início das greves, a professora vive um dilema pessoal, entre acompanhar o noivo Heitor e assumir a militância comunista, no entanto, receosa com as consequências que a vida política poderia apresentar:

Tinha medo da primeira decisão. Exigiria sacrifícios, muita coragem e audácia para enfrentar o abandono dos colegas, o isolamento no meio em que vivia e trabalhava; teria que encarar também a hipótese da polícia, se os comunistas andavam sempre perseguidos, presos e espancados. Por outro lado, a luta exige tudo, não se pode aceitar uma doutrina pela metade, sob o perigo de não se estar acreditando em nada e trabalhando contra o que pensa em defender⁵⁴³.

Mesmo diante da dúvida entre o racional e passional, Clotilde sempre deu indícios de sua opção pela militância. Como frequente colaboradora do jornal da cidade, já havia publicado artigos em apoio às campanhas pecebistas pela paz e contra a carestia. Com a eclosão da greve, manteve-se ao lado das grevistas e do noivo comunista, fazendo parte das Comissões e, pedagogicamente, formando-se enquanto militante. Ao final da greve, com a posição como comunista já assumida, Clotilde torna-se a responsável por fundar e presidir a célula da Liga Feminina em Cruzeiro, mesmo sabendo que, “nesse novo caminho teria que aprender tudo, levando ainda uma desvantagem, começava tarde”⁵⁴⁴.

Não obstante, o romance também apresenta o saudosismo às antigas mulheres pecebistas, apontando-as como exemplo de compromisso e companheirismo militante. Nesse sentido, em diversas passagens são representadas as ações da comunista, já falecida, Julieta. Em um dos episódios lembrados pelos personagens, Julieta articulou um grande esquema estratégico para libertar o esposo e também comunista, Hermogênio, o qual havia sido preso

⁵⁴² *Ibid.* p. 202.

⁵⁴³ *Ibid.* p. 306.

⁵⁴⁴ *Ibid.* p. 308.

por subversão, após organizar manifestações sindicais junto aos ferroviários. No diálogo com Rita, filha de Julieta, o militante Zé de Barros recorda-se:

As horas corriam. Julieta, agoniada, procurava aquietar as crianças. Quando julgava que os meninos tinham adormecido, abriam os olhos para indagar se o pai já voltara. Não, aquilo não podia continuar, era preciso dar um jeito. De repente, Julieta se lembrou das luzes. Se as luzes apagassem... O marido era eletricitista, só ele entendia de luzes. Se acontecesse alguma coisa ... Julieta gritou pela vizinha. Quando a mulher acudiu, entregou-lhe os filhos, jogou o xale sobre os ombros e saiu. Foi procurar os ajudantes do marido, homens de confiança, dois lutadores provados. Explicou-lhes a ideia e eles compreenderam. Escondendo-se nas moitas, saltando cercas, fugindo de encontros, os homens avançaram três quilômetros. Trecho deserto. Enquanto um vigiava a estrada, o outro atirou o fio com os pesos sobre o cabo de alta tensão. Cachoeira e Cruzeiro afundaram na escuridão. O telefone gritava e o medo saltava de uma cidade a outra. Que teria acontecido? Revolta? Princípio de greve? Os diretores da Rede, os diretores da Bocaina e as autoridades, nas trevas de seus escritórios, começavam a tremer. Eram poucos, muito poucos. Talvez até o instante não tivessem notado como era reduzido o seu grupo e fácil de ser dominado. Grita de novo o telefone. Descobriram alguma coisa? Greve? Revolta? Como poderiam saber se estavam sós e no escuro! E se os operários estivessem tomando a cidade? Rapidamente poderiam subjugar-los e vingar a "União Operária 1º de Maio". Luz! Era preciso que a luz voltasse sem demora. Pálidos de terror, o delegado, o prefeito e o Diretor da Rede foram à cadeia retirar o eletricitista. Ofereceram-lhe cavalo e escolta de doze homens. Compondo cortêsias, indagavam se era preciso mais alguma coisa (...) Para não fazer suspeita disse que só precisava de um soldado. Seu pai desligou a chave e mandou os ajudantes tocarem na frente para desimpedir os cabos de alta tensão. A luz voltou. Mulheres corajosas só naquele tempo. Mulher de operário não abandonava o companheiro na hora difícil.⁵⁴⁵

Observa-se os tons heroicos e revolucionários das ações de Julieta, colocando-a como modelo de esposa e militante para as mulheres grevistas. Contudo, ao final da descrição de Zé de Barros, o discurso apresenta características comparativas que, de certa forma, enaltecem as façanhas da militância feminina no passado e, conseqüentemente, diminui a participação de outras no contexto das greves. No entanto, no desfecho do episódio, Rita, herdeira da tradição familiar comunista, desde os tempos que, ainda criança acompanhava os pais nas manifestações políticas, carregando a bandeira do Partido e cantando “A Internacional”, contrapõe a fala de Zé de Barros e engrandece a atuação das mulheres grevistas de Cruzeiro, concluindo que “também agora as mulheres sabem combater. Se naquele tempo não abandonavam os companheiros, agora fazem muito mais, vão com os filhos parar o trem, tomar o telégrafo. Estão ombro a ombro com os maridos, dentro da greve”⁵⁴⁶.

Em grande parte do romance as mulheres grevistas são responsáveis por sustentar o movimento, seja por suas ações iniciais, ao tomarem as locomotivas; ou pelo frentismo nas

⁵⁴⁵ *Ibid.* pp. 257-258.

⁵⁴⁶ *Ibid.* p. 258.

Comissões de negociações junto a Administração da empresa ferroviária. Contudo, nem todas as personagens do sexo feminino são representadas positivamente, principalmente nos episódios que formam o final da greve. No desenrolar do movimento em Soledade, ao ser formada a Comissão Geral das mulheres, fazem parte do grupo: Hortência, Marieta, Maria José, Iracema e Lourdes. As três últimas, embora tenham se juntado ao movimento desde seu início, eram esposas do agente geral, do gerente da Cooperativa e do conferente, funções de maior prestígio na empresa e que não tinham seus salários atrasados. Desse modo, as diferenças nos perfis e nos interesses das membras da Comissão, foram determinantes para que no desfecho da greve, as reivindicações dos ferroviários não fossem atendidas em sua totalidade. Assim, percebendo a fragilidade da Comissão, em reunião com a Administração:

O Superintendente entendeu a situação, deixou a gente de lado [Hortência e Marieta] e foi falando só para elas três [Maria José, Iracema e Lourdes]. A Administração encarregava ele de fazer acordo; cedia, dava os atrasados. Dona Maria José, se virou para nós e disse: “Por que não se faz logo esse acordo? É o atrasado mesmo que vocês querem”. Vocês, ela disse vocês, está entendendo? Já estava fora, tinha se chegado para o banco da alta roda. O Superintendente fez proposta de votação, eram cinco na Comissão, logo não havia perigo de empate. Foi contagem a favor dele⁵⁴⁷.

Dessa forma, em um momento de pressão por parte da RMV, as esposas dos funcionários de maiores cargos, são representadas pela figura de “mulheres pouco proletárias”, por não se manterem firmes na luta pelo cumprimento integral das reivindicações iniciais do movimento. A partir da aceitação do acordo, que previa somente o pagamento dos salários atrasados, as demais pautas levantadas pelas grevistas, como o abastecimento da Cooperativa e aumento dos vencimentos, inviabilizaram a resistência em outras cidades paredistas, levando à desestabilização e, conseqüentemente, o fim das greves. No entanto, tal fato é representado de forma pedagógica, demonstrando o quão necessário é a conscientização do trabalhador enquanto classe e, caso isso não ocorra, a causa é facilmente sufocada pela opressão dos detentores dos meios de produção.

Desde os primeiros acontecimentos, o movimento grevista narrado por Alina Paim foi noticiado de maneira singular. A capa do jornal paulista *Folha da Manhã*, no dia 23 de setembro de 1949, estampava “Greve original deflagrada na Rede Mineira de Viação: Mulheres e crianças sentadas ao longo da ferrovia impedem a partida do comboio na cidade de Cruzeiro”⁵⁴⁸. Dessa

⁵⁴⁷ *Ibid.* p. 349.

⁵⁴⁸ GREVE original deflagrada na Rede Mineira de Viação. In: *Folha da Manhã*. São Paulo: 23 de setembro de 1949. p. 1.

forma, a primeira nota oficial da imprensa, não salienta a greve em si, tendo em vista a reincidência de movimentos paredistas naquele contexto, no entanto, evidencia a particularidade e originalidade da participação feminina. Diante das representações das ações femininas promovida por Alina Paim em *A Hora Próxima*, observa-se no geral, a organização e firmeza das mulheres grevistas junto aos ferroviários, mesmo que, na maioria dos cenários, tal mobilização esteja acompanhada pelas influências do Partido, sejam as mulheres filiadas ou não.

Em maio de 1949, alguns meses antes da eclosão das greves que inspiraram o romance, durante a Conferência Nacional Feminina, realizada no Rio de Janeiro, foi fundada a Federação de Mulheres do Brasil (FMB). Embora definida como organização apartidária, as mulheres pecebistas, dentre elas Alina Paim, formavam o maior grupo da instituição que, no geral, objetivava “organizar a ação de mulheres nas questões relativas à proteção, à infância e à paz mundial, mas principalmente mobilizar campanhas contra a carestia de vida”⁵⁴⁹. No ano seguinte, o discurso promovido pelo PCB através do *Manifesto de Agosto*, convocava as mulheres, conhecedoras de seus lares, no combate à carestia e defesa de suas famílias⁵⁵⁰. A princípio, tal mobilização transmite a ideia de circunscrever as ações femininas ao âmbito privado, voltando-se a preocupações referentes ao lar e/ou a família. Contudo, como afirma Rachel Soihet, questões da vida doméstica feminina são indissociáveis de sua vida social⁵⁵¹.

Para Nancy Fraser, as representações de que o ambiente privado está condicionado ao espaço físico da casa e, conseqüentemente, o público fora dela, serviram como base para personificar os interesses do universo feminino aos problemas do lar. Contudo, a autora indica a necessidade da ampliação de tais análises, destacando que muitas pautas originárias ao âmbito privado das mulheres, foram determinantes para a construção de seus discursos políticos na esfera pública⁵⁵². Tal constatação, ajuda-nos a compreender as representações femininas de Alina Paim em *A Hora Próxima*. As motivações das mulheres nas greves, tem sua origem nos impactos que o atraso dos salários de seus maridos causava em seus lares, atingindo toda a família e não apenas o próprio trabalhador ferroviário. No entanto, ao organizarem e

⁵⁴⁹ SCHUMA, Schumacher; BRASIL, Érico Vidal (Orgs.). *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 226.

⁵⁵⁰ PRESTES, Luiz Carlos. *Manifesto ao povo*. In: Voz Operária. Rio de Janeiro, 5 de ago 1950. p. 6.

⁵⁵¹ SOIHET, Rachel. *Feminismos e antifeminismos: mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. p. 32.

⁵⁵² FRASER, Nancy. *Repensar el ámbito público: uma contribución a la crítica da democracia realmente existente*. In: Debate Feminista, v. 7, mar. 1993. pp. 24-55.

participarem do movimento paredista, as mesmas mulheres, em coletividade rompem com os limites do doméstico e assumem sua posição política na vida pública.

A transformação social das ações públicas daquelas mulheres, não cessou com o final das greves, pelo contrário, o movimento de 1949 foi o grande impulsionador para a conscientização e organização feminina nas cidades grevistas. Em Barra Mansa, por exemplo, ainda no final daquele ano, fundou-se a União Feminina de Barra Mansa, tendo entre suas sócias, várias mulheres que haviam participado das paralisações na RMV e com objetivo de “exigir o cumprimento das leis vigentes, no que se refere aos direitos das mulheres, proteção à infância e pugnar por novos direitos”⁵⁵³. Já em Divinópolis, aproveitando-se do espaço público conquistado a partir dos movimentos grevistas, muitas mulheres ingressaram em uma atividade profissional que se tornaria o grande motor da economia municipal na segunda metade da década de 1950, a indústria do vestuário⁵⁵⁴.

De maneira geral, as representações femininas de Alina Paim em *A Hora Próxima*, seguem as linhas propostas pela combinação do realismo socialista e do Manifesto de Agosto de 1950. O heroísmo positivo é compartilhado entre várias personagens que, por diferentes motivações aderem ao movimento grevista: das mulheres de Cruzeiro, tem-se a imagem da mãe protetora do lar e da família, capaz de deitar nos trilhos dos trens para reivindicar os direitos dos ferroviários; em Itajubá e Divinópolis, Marta e Nina, respectivamente, organizam e mobilizam as massas femininas; na formação das Comissões, estão aquelas que, em nome todos, negociam com a administração da RMV. Contudo, como grande norte das ações heroicas das mulheres grevistas, sendo elas militantes ou não, está o Partido.

Por conseguinte, quando o foco são as representações específicas do Partido, as características da cultura política comunista são propositalmente mais evidentes. A memória pecebista, os feitos de seus líderes feitos, a ideologia partidária e toda a simbologia da luta proletária pela revolução, tornam-se epopeias clássicas. Pela intensa pesquisa de campo realizada por Alina Paim, quando viveu com personagens que, posteriormente, fariam parte do romance; combinada a sua experiência enquanto militante comunista, a obra toma contornos de expressão da dualidade entre Partido e Povo, que juntos, carregam a esperança pela vitória do proletariado.

⁵⁵³ OLIVEIRA, Ilka Maria de. *A literatura da revolução: contribuições literárias de Astrojildo Pereira e Alina Paim para uma política cultural do PCB nos anos 50*. 1999. 168 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP: Campinas-SP, 1999. p. 131.

⁵⁵⁴ BARRETO, Joalice Maria. *Tramando pequenos fios de um longo tecido: as costureiras de Divinópolis*. 89 f. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais). PUC-SP. São Paulo, 2010. pp. 30-41.

Em virtude disso, a próxima seção encarrega-se de refletir sobre as representações políticas do Partido em *A Hora Próxima*. Como um grande e único “personagem”, o PCB e a cultura política comunista são constantemente apresentados ao longo do romance, ora como experiência de militância; outra, como possibilidade de ação. Desse modo, Alina Paim faz de seu romance, uma narrativa dual entre a opressão vivida pelo trabalhador ferroviário e uma história não-oficial do PCB frente a conscientização de classe, relacionadas aos cotidianos do trabalhador e do Partido, como mecanismo de denúncia, identidade e propaganda. Enfim, trata-se de representações de um projeto que acredita no poder mobilizador da literatura, caracterizado pelo heroísmo de seus personagens e engajamento político de seu enredo.

3.2 A greve continua: a ação do PCB junto aos ferroviários

Hoje a gente faz greve e apanha os atrasados e algum aumento. Um dia a gente faz a revolução e toma logo tudo. Sem operário teria tudo isso: estrada, dormente, trilho, casa da estação, locomotiva? Não tinha coisa nenhuma, era mata selvagem. A Civilização só chega onde o operário pisa. Se o operário faz tudo, ele é dono de tudo. É para resolver essa questão que o comunismo virá. Ele não demora, o comunismo é invencível. O comunismo é como o vento. Quem segura o vento quando ele começa a soprar?⁵⁵⁵

A citação acima, um trecho de *A Hora Próxima* e que inspirou o título desta dissertação, trata-se de parte de um dos discursos de velho Tião, ferroviário aposentado da RMV, militante comunista, um dos líderes do movimento grevista na cidade mineira de Itajubá e personagem real do romance. A exaltação do pensamento comunista como norteador para a liberdade do operariado através da revolução, obviamente, é o eixo central das representações partidárias no romance. Velho Tião, como outros personagens que serão apresentados, são representados por Alina Paim como agentes de formação político-pedagógica no enredo, transitando suas ações entre as instruções dadas às mulheres grevistas do presente e as recordações da tradição pecebista do passado. Nesse sentido, a estratégia de Alina Paim é utilizar das histórias contadas pelos militantes comunistas, para construir uma representação do Partido e suas ações nas greves.

Logo nos primeiros acontecimentos do romance, quando as mulheres tomam os trilhos e param as locomotivas, a figura de Sílvio, ferroviário e vereador na cidade de Cruzeiro-SP, coloca-o como um dos principais organizadores da gênese do movimento paredista.

⁵⁵⁵ PAIM, Alina. *A Hora Próxima*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1955. p. 123.

Inicialmente, as próprias mulheres conclamaram o antigo militante comunista como representante dos grevistas, porém ele instruiu-as a formarem a Comissão totalmente feminina. Sílvio sabia como fazer greve, tinha experiência enquanto operário e também como militante comunista. Contudo, o personagem vivia um conflito familiar que envolviam diretamente, Partido e Igreja. Tal antagonismo dava-se pelas críticas feitas por Sílvio, em relação à crença religiosa de sua esposa, Adélia, sendo que aos poucos, “ela se fechava no orgulho, concentrando no Partido todo seu ressentimento, acusando-o da infelicidade de sua vida”⁵⁵⁶. Nesse momento, Alina Paim promove uma interessante representação sobre a força religiosa no combate ao comunismo, sendo no Brasil, a Igreja Católica, uma das principais instituições responsável pela disseminação no imaginário anticomunista junto a sociedade⁵⁵⁷. Todavia, no romance, Sílvio vislumbrava na greve e seus objetivos em favor das famílias dos ferroviários, uma oportunidade de mudar a opinião de Adélia sobre o Partido e, pelo seu histórico como militante e pelo amor pela esposa, buscava o "equilíbrio entre o político e o homem, ser sóbrio nas duas coisas”.⁵⁵⁸

Sílvio ingressou no trabalho ferroviário ainda jovem, aos 14 anos de idade, como torneiro mecânico. Nessa época, o irmão mais velho “já falava em exploração, domar a burguesia e virar o mundo pelo avesso, com os operários trabalhando e governando”⁵⁵⁹, incentivando-o a ler as notícias do Partido no jornal *Classe Operária* e estudar o *Manifesto Comunista*. Diante disso, Sílvio foi se interessando pelos ideais partidários e, influenciado por outro ferroviário, levado a fazer parte da Juventude Comunista. Para além das representações revolucionárias apresentadas pelo irmão e da recepção a textos de orientação comunista, chama atenção o indivíduo responsável por levar Sílvio para a célula de jovens comunistas: Hermogênio da Silva.

Quando se trata da trajetória do Partido Comunista do Brasil, o nome de Hermogênio da Silva é carregado de representatividade. Após flertar com os ideais anarquistas, aproximou-se das correntes socialistas e, em março de 1922, juntamente com Manuel Cendon, Joaquim Barbosa, Astrojildo Pereira, João da Costa Pimenta, Luís Peres, José Elias da Silva, Abílio de Nequete e Cristiano Cordeiro, foi um dos fundadores do PCB⁵⁶⁰. Trata-se, portanto, de um

⁵⁵⁶ *Ibid.* p. 288.

⁵⁵⁷ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Editora Perspectiva, 2002. pp. 35-49.

⁵⁵⁸ PAIM, Alina. *Op. Cit.* 1955. p. 303.

⁵⁵⁹ *Ibid.* p. 110-111.

⁵⁶⁰ ABREU, Alzira Alves de. Verbete PCB. In: *Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV)*. Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-brasileiro-pcb>. Acesso em: 22/10/2021.

personagem real/histórico, um dos grandes líderes do Partido em seus primeiros anos de ação, mas, que no romance é inserido através de relatos de outros personagens, algumas vezes fictícios, outras, também reais.

Na narrativa de *A Hora Próxima*, a chegada de Hermogênio na cidade de Cruzeiro, em 1913, é recordada por outra liderança pecebista da cidade no contexto das greves, o também personagem real, Zé de Barros. Este último, destaca que:

O negócio de atrasado não é invenção de hoje, a gente naquele tempo estava com oito meses na gaveta. Havia armazém da Estrada e o salário corria como vale, sem ferroviário ver a cor do dinheiro. (...) Ninguém aguentava mais aquela vida e, como Hermogênio vivia falando de sindicato, de operário por abaixo a escravidão, fomos numa noite os três, o finado José Mendes, o finado Francisco Borges e o próprio, perguntar o que se devia fazer. “Greve! Levantar o pessoal e fazer a greve!” Dali mesmo se saiu reunindo gente, combinando a coisa e, no dia seguinte, pronto, estourou a greve. Parou tudo, oficina e tração.⁵⁶¹

Além de sua participação enquanto liderança operária na organização dos primeiros movimentos grevistas na cidade, posteriormente, Zé de Barros também indica a participação de Hermogênio na fundação do Partido:

Nesse tempo (1917) ainda não existia o Partido, a luta operária era feita por grupos de anarquistas, era o anarco-sindicalismo. Depois da Revolução, surgiram os primeiros grupos comunistas. Cruzeiro foi um deles. No Congresso Comunista de 1922, entre os nove representantes de Uniões Operárias, estava Hermogênio, delegado de Cruzeiro. Desse congresso saiu o Partido Comunista⁵⁶².

Por conseguinte, após a fundação nacional do Partido, Hermogênio também é representado no romance, como responsável pela criação de células comunistas entre os ferroviários. No romance, mais uma vez, o fato é tratado por Zé de Barros, dizendo que, “quando ele voltou [da fundação nacional], se fez a primeira célula comunista de Cruzeiro, oito militantes, mas que semente boa! Se tratou de fundar o Partido em toda a Estrada”⁵⁶³. Observa-se que para além de uma representação histórica do PCB, Alina Paim busca na figura de Hermogênio o modelo de comunista a ser seguido, tanto no que refere a organização partidária, criando células do Partido e influenciando novos militantes, como o fez com Sílvio; como também, sendo exemplo de otimismo e defesa do ideal revolucionário. Embora o líder pecebista não vivesse mais em Cruzeiro no contexto das greves narradas pelo romance, sua imagem é

⁵⁶¹ PAIM, Alina. *Op. Cit.* 1955. pp. 238-239.

⁵⁶² *Ibid.* p. 98.

⁵⁶³ *Ibid.* p. 318. (Grifo nosso)

constantemente recordada pelos personagens, sempre como protagonista das causas operárias em outros momentos de luta. Nesse sentido, tratando de um movimento grevista na década de 1930, Sílvio relembra a atitude de Hermogênio durante uma abordagem policial:

O coronel examinou nós três [Sílvio, Zé de Barros e Hermogênio] da cabeça aos pés, calado e sisudo. Encarou Hermogênio e fez a pergunta: “Por que são comunistas?” Não trastejou o Hermogênio, levantou a cabeça e disse com a voz forte: “Porque somos operários e queremos ter liberdade. Comunismo é o nosso governo.” O coronel pensou e foi direto: “Então vocês querem tomar conta da Rede?” O coração da gente se encheu com a resposta que veio dessa vez: “A Rede é pouco, coronel. Nós tomaremos conta de tudo. A classe operária vai ser dona do mundo”.⁵⁶⁴

Mesmo se tratando de recordações de ações da militância partidária em outros tempos, as representações da cultura política comunista promovidas por Alina Paim, acontecem através dos diálogos entre os líderes pecebistas e os ferroviários grevistas, incluindo, obviamente, as mulheres que iniciaram os movimentos. Desse modo, tratam-se de estratégias de escrita que, para o leitor, passam a ideia de formação político-pedagógica e construção de uma identidade comunista. Tal artifício, não é utilizado apenas tendo Hermogênio da Silva como personagem, mas também, com outra grande personalidade real do comunismo nacional: Luiz Carlos Prestes. Segundo a narrativa:

Esquentava o sangue ouvir o Zé de Barros falar do Cavaleiro, suas façanhas precisam estar ali na sala só à lembrança de seu nome. “Luiz, o Cavaleiro, dividiu o tempo. A façanha da Coluna serve de reparo na vida duma criatura. O próprio que dê exemplo. Casei antes do Luiz andar, minha Odete nasceu quando ele derrotou a Força no sertão de Pernambuco. Façanha do Cavaleiro vai ser na hora próxima.”⁵⁶⁵

O culto à personalidade do Prestes, comum aos militantes comunistas, parte de Zé de Barros como forma de contar sua história de vida, relacionando-a ao enaltecimento à imagem de Cavaleiro. Observa-se a utilização dos termos “antes do Luiz andar” e “quando ele derrotou a Força do sertão de Pernambuco”, enunciados que remetem às ações Coluna Prestes, tendo-as como exemplo para a conscientização do operariado para a importância da “hora próxima”, a revolução. “Nossa luta é contra a fome e miséria, [...] também fora essa a luta do Cavaleiro frente a Coluna”⁵⁶⁶, dizia Zé de Barros. Embora Prestes tenha se tornado comunista após os desdobramentos da Coluna, a força de sua imagem com Partido no imaginário dos ferroviários, é apropriada pelo personagem grevista em favor do movimento. Nesse sentido, semelhante ao

⁵⁶⁴ *Ibid.* p. 242. (Grifo nosso)

⁵⁶⁵ *Ibid.* p. 312.

⁵⁶⁶ *Ibid.* p. 364.

que ocorre com Hermogênio, o passado de luta e resistência de Prestes, são tomados como representações da figura do herói positivo, otimista e referência para a causa operária, característica essencial para a estética do realismo socialista. Contudo, estrategicamente, Alina Paim não detém apenas na representação dos grandes e conhecidos nomes do comunismo, expandindo-as para figuras importantes para a história das organizações pecebistas nas cidades grevistas.

Quando as notícias da greve chegam em de Soledade de Minas, Benjamin, um personagem ficcional que representa um ferroviário membro da célula do Partido na cidade, toma a frente das ações partidárias em favor do movimento. Contudo, o militante recorda-se das consequências que as movimentações grevistas refletiam no quadro do Partido, pois, sempre ao final das paralisações, a administração da RMV transferia os ferroviários tidos como “cabeças” da resistência. Nesse sentido, surge a lembrança do ferroviário e comunista Agostinho Dias que, após liderar a última greve na cidade, foi removido para Ibiá:

Para onde a Rede o mandaria [Agostinho] quando percebesse que estava estruturando uma célula em Ibiá e os resultados de seu trabalho surgissem na próxima greve? [...] Este, amarrado e amordaçado, continuaria falando, a firmeza de seu olhar chicoteando os inimigos do Partido, dizendo-lhes com desprezo que seus dias estavam contados. Onde Agostinho fosse, chegaria o Partido, nasceria uma célula, começariam a propaganda e a agitação. Quem conhecesse Agostinho não pensaria nele de braços cruzados e boca fechada, havia de vê-lo improvisando comícios-relâmpagos, distribuindo boletins, vendendo “A Classe Operária”. Ótimo camarada, acostumou nos dez anos trabalho com ele, a contar com suas sugestões e somar sua própria certeza com que esperava o triunfo do Partido, a vitória da classe operária.⁵⁶⁷

Ao representar o personagem real Agostinho Dias através das recordações de Benjamin, Alina Paim toca em uma questão importante para a organização partidária. Em um primeiro momento, o enunciado indica para a repressão da administração da RMV em relação aos ferroviários militantes que lideravam as greves que, transferindo-os, desestruturava em certa medida, as ações do Partido junto aos trabalhadores. No entanto, da remoção tida como punição política, nascia uma nova estrutura pecebista em outra cidade, expandindo assim, os ideais comunistas. Dessa forma, a romancista transmite a reflexão que a opressão da Rede ao remover os militantes para outras estações, em certo sentido, ajudava o Partido a ampliar os horizontes de suas ações junto ao operariado, tornando assim, vivas e mais forte as possibilidades revolucionárias.

⁵⁶⁷ *Ibid.* p. 65.

Até aqui, tem-se a dimensão das representações da cultura política comunista através de recordações que alguns personagens fazem, colocando em evidência os exemplos de militância partidária em favor da classe operária. Ao fazê-las, Alina Paim resgata a memória pecebista através de suas lideranças históricas, nacionais ou locais, estabelecendo o culto à importância histórica que as ações de tais figuras representam para o imaginário comunista. Além disso, a estratégia da romancista condiciona a imagem do Partido como defensor do povo trabalhador. Contudo, as ações comunistas no romance não se resumem a isso, existem também aqueles que, em suas práticas diretas durante as greves, evidenciam os ideais vermelhos.

Seguindo pelos trilhos da greve, na cidade de Itajubá, observa-se talvez, o perfil de militante comunista mais profundo e comprometido com a expansão das práticas partidárias. Trata-se do eletricitista ferroviário Velho Tião que, conforme o romance:

Numa esquina de Itajubá, num lugarejo distante onde fosse escalado para concertos no prédio da Estação, assentar esquadrias ou substituir caibros, em toda parte, velho Tião ia puxando conversa, primeiro com indagações sobre a vida e os salários, depois guiando o assunto para o que se devia fazer, sempre a mesma coisa: derrubar os exploradores, acabar com o egoísmo do mundo.⁵⁶⁸

De início, observa-se na apresentação do personagem real, sua “vocação” questionadora em favor dos oprimidos. Na verdade, em velho Tião, Alina Paim destaca o comunista que mais representa, em suas práticas e discursos, a cultura política do Partido e a vontade de transformação social através da luta operária. Tal ligação entre personagem e comunismo, aparece indissociável em todo romance:

Nas oficinas havia o preto Sebastião, o velho Tião, que sabia de cor o “Manifesto”. [...] Em torno do preto, reuniam-se quase sempre os analfabetos e sua voz se fazia ouvir horas seguidas. “Proletários de todos os países uni-vos”. E dentro do silêncio pesado de emoção, mais forte que a miséria era a esperança que nascia. Quando o preto se levantava para dispersar, os outros ainda sentados fixavam-se como se em lugar de Sebastião um gigante se tivesse posto. “Homens livres e escravos, patrícios e plebeus, mestres e oficiais, em uma palavra, opressores e oprimidos...” e a luta se desencadeava pelos séculos até chegar a hora deles, do homem que falava e dos que que o escutavam contendo a respiração. A voz do negro vencia horas, entrava pela noite e a madrugada, e muitas vezes, a aurora escutou suas derradeiras palavras. “Que tremam as classes dirigentes ante a revolução comunista. Os proletários nada têm a perder, a não ser as suas cadeias. Tem um mundo a ganha”. Fora, a aurora ia iluminando este mundo.⁵⁶⁹

⁵⁶⁸ *Ibid.* p. 121.

⁵⁶⁹ *Ibid.* p. 111.

Mais que uma referência direta ao *Manifesto Comunista*, velho Tião cumpre a função de educador da massa operária. Seu conhecimento em relação à cultura política comunista é transmitido para aqueles que sequer sabem ler, mas, por sua condição enquanto trabalhadores, tornam-se ouvintes em potencial. Para Tião, o maior analfabeto não era dado pela falta de leitura, mas pela ausência de consciência política. Nesse sentido, em uma outra passagem do romance, enquanto conversa com Olavo, um jovem ferroviário que não tinha leitura, mas começava a se interessar pelos pensamentos comunista, velho Tião, mesmo o incentivando a aprender ler, destaca:

Um homem tosco, se é comunista, pode deixar sem resposta até um doutor. Sabe por que? O Partido abre o olho e o ouvido da criatura, ensina o “estudo da cabeça”. A gente não engole mais tudo o que dizem por aí, a gente para, vira o palavreado do avesso e tem explicação. [...] Qualquer história hoje em dia só tem um enredo e duas figuras. O enredo é o comunismo chegando, as duas figuras, o operário e o patrão. A gente só tem que descobrir de que lado está o contador da história. Se a gente descobre esse senão, está senhor da última história⁵⁷⁰.

Velho Tião sempre aparece acompanhado de personagens que, por função de fragilidades em suas formações educacionais, encontram nas lições do militante comunista um caminho para o esclarecimento de suas dúvidas. Nesse sentido, em algumas passagens do romance, observa-se que as intervenções de velho Tião, passam por adequações específicas, visando tornar mais didáticas àquele público alvo, as instruções político-pedagógicas desejadas. A exemplo disso, estão as considerações do personagem quanto se trata das reflexões sobre a reforma agrária:

Esse negócio de “latifúndio” e “reforma agrária” é coisa difícil para agregado. Tome a segunda classe [se referindo ao trem de passageiros] e puxa esses nomes, ninguém entende. Agora fale em “fazenda de léguas” e “alforria das terras”, todo mundo pega logo o assunto. Quem não se lembra de “alforria”? Escravo inda não é coisa muito longe. Agregado sabe que a terra está no cativo, presa na mão do coronel. Quando se diz “alforria da terra” quem é que não descobre que é dar liberdade à terra, chegar um pedaço de roça para cada um?⁵⁷¹

Ao tratar dessa problemática, além da preocupação do personagem em fazer com que seus ouvintes compreendessem seus ensinamentos, Alina Paim apresenta duas questões interessantes em relação às representações da política comunista em seu romance. Primeiramente, existe a preocupação de que as reflexões da importância da reforma agrária para

⁵⁷⁰ *Ibid.* p. 124.

⁵⁷¹ *Ibid.* p. 122.

as pretensões partidárias, cheguem a um leitor mais humilde, menos conhecedor do projeto e sem maiores instruções políticas. Fato importante, tendo em vista que uma das características do realismo socialista é que a mensagem discursiva atinja as massas de forma didática. A segunda observação, encontra-se em virtude das determinações pecebistas promovidas pelo *Manifesto de 1950*, documento que acentuou as bases políticas do Partido em relação a “confiscação das grandes propriedades latifundiárias, [...] sem indenização e imediata entrega gratuita aos camponeses sem terra ou possuidores de pouca terra e a todos os demais trabalhadores agrícolas que queiram se dedicar à agricultura”⁵⁷². Nesse sentido, por intermédio de velho Tião, Alina Paim buscou representar diversas faces das ações comunistas, desde as características exemplares do personagem em relação ao conhecimento da teoria partidária; passando pela sensibilidade em fazer de sua sabedoria uma ponte para instrução dos ferroviários; até, as reflexões didáticas em torno da reforma agrária, tida como um dos pilares de transformações sociais para o pensamento pecebista daquele contexto.

Para além das representações em torno de velho Tião, Alberto é outro militante comunista que aparece significativamente no romance. Sabendo que a greve chegaria em outras estações da Estrada, o personagem surge como responsável por articular a organização partidária com os ferroviários de outras cidades. Para tanto, desloca-se de Itajubá, que já estava paralisada, para Três Corações, visando orientar as ações dos trabalhadores:

[...] havia ido a Três Corações, com o projeto de continuar viagem no trecho da Rede, no Sul de Minas, que lhe competia orientar: começara a coordenar o movimento e fazer o estudo das condições para fixar o começo da greve. Dentro de três dias ou uma semana no máximo, julgava possível ter tudo planejado e um levantamento completo das reivindicações comuns aos principais entroncamentos, o que cimentaria a unidade e direção. Errara no cálculo: as condições para a luta estavam mais amadurecidas e a luta desencadeara-se brusca, vigorosa e espontânea, independente quase do comando do Partido.⁵⁷³

Em Alberto, o romance representa a preocupação da orientação partidária para a organização da greve de forma consistente. Ao estudar a trajetória grevista em outras cidades, suas características e reivindicações, o personagem buscava nortear as ações dos trabalhadores em Três Corações. Contudo, para frustração do militante comunista, o movimento havia eclodido antes mesmo de sua chegada e das intervenções partidárias. Diante disso, suas tarefas em favor da luta dos ferroviários ganharam novos rumos:

⁵⁷² PRESTES, Luiz Carlos. *Manifesto ao povo*. In: Voz Operária. Rio de Janeiro, 5 de ago. 1950. p. 6.

⁵⁷³ PAIM, Alina. *Op. Cit.* 1955. p. 141.

O Partido teria de suprir durante a própria luta as deficiências de organização e guiar o movimento para o fim vitorioso, reunindo com firmeza em suas mãos as diversas pontas da meada; se isto não acontecesse, correria o perigo de ficar a reboque da combatividade dos ferroviários. Sua responsabilidade de dirigente aumentara: estava em jogo o comando do Partido, o desempenho de seu papel de vanguarda na defesa dos interesses da classe operária.⁵⁷⁴

O papel de Alberto no romance torna-se importante mecanismo de articulação entre o Partido e os ferroviários. Embora a greve tenha se espalhado por diversas Estações da RMV e o telégrafo mantivesse a comunicação entre elas, existiam algumas particularidades nas reivindicações de uma cidade para outra. Por exemplo, em Cruzeiro, o foco dos grevistas era o pagamento dos atrasados e abastecimento dos armazéns da Cooperativa; em Divinópolis, acrescentava-se um aumento de 50% dos vencimentos e uma cota mensal de transporte gratuito no trem de passageiros; em Itajubá, solicitaram ainda que o acordo envolvesse o pagamento dos dias de greve; por fim, em Soledade de Minas, exigiam a garantia de não perseguição, por parte da RMV, aos cabeças da greve. Nesse sentido, Alberto era encarregado pela direção estadual do Partido a continuar sua peregrinação pelas Estações grevistas em território mineiro, coletando informações e sendo responsável por unificar o movimento e suas pautas.

Não obstante, ressalta-se ainda as representações da militância comunista feminina no romance. Conforme destacado na seção anterior, as mulheres pecebistas se fazem presentes na narrativa, conjuntamente com as esposas dos ferroviários que tomam as máquinas. As ações de Marta, em Itajubá, e Nina, em Divinópolis, representam a mobilização de militantes já pertencentes aos quadros do Partido, tendo substancial contribuição na organização do movimento grevista em suas respectivas cidades. Ademais, em Clotilde, professora de Cruzeiro que adere à greve junto aos ferroviários, encontra-se o despertar da consciência política e conversão à militância comunista, inclusive, ficando responsável pela organização e presidência da célula da Liga Feminina da cidade.

No mesmo sentido de Clotilde, o romance apresenta outros personagens que, após conviver e participar das ações grevistas, ao final do movimento, aderem ao comunismo e se filiam ao Partido. Em Cruzeiro, Telésforo e Castorino são exemplos do “surgimento” de um novo comunista. O primeiro, como também era vereador, acompanhava a constante luta de Sílvio, na defesa dos direitos dos trabalhadores durante as sessões da Câmara. Com a eclosão da greve, aparece sempre ao lado do vereador comunista nas reuniões com o prefeito e com a

⁵⁷⁴ *Ibid.*

administração da Rede e, no último dia de ações grevistas, entra para o Partido. Já Castorino, filho de um ferroviário morto em trabalho devido às más condições de segurança no trabalho oferecidas pela RMV, torna-se o representante de Cruzeiro na Juventude Comunista do estado, sendo visto por Zé de Barros, como o futuro do Partido na cidade.

Em Soledade de Minas, quem decide pela militância durante as greves é Benedito, filho do já partidário, Benjamin. Desde jovem, esteve envolvido nos assuntos relacionados ao Partido, “participando das greves, de olho nos “tiras” que rondavam o Depósito, anotando as pessoas que entravam em sua casa”⁵⁷⁵. Diante disso e da herança familiar, durante as greves narradas pelo romance, se junta ao pai nos quadros partidários e inicia sua trajetória oficial como comunista. Por fim, em Itajubá, Olavo, o fiel ouvinte dos ensinamentos de velho Tião, torna-se um dos principais representantes dos trabalhadores ferroviários durante as reuniões e ações práticas do Partido no decorrer e após a greve.

Diante do exposto, pode-se refletir sobre a substancialidade das representações em torno da cultura política comunista realizadas por Alina Paim em *A Hora Próxima*, principalmente, em até que ponto, seu romance cumpriu com as características estéticas do realismo socialista, tendo em vista que este foi seu grande objetivo. Primeiramente, se tratando da estratégia de escrita, a descontinuidade do texto transmite uma ideia de construção coletiva de seu enredo. Por um lado, isso pode ser tratado de maneira conflituosa para o leitor, principalmente aqueles mais simples, pois, tanto o realismo socialista, quanto a *Coleção Romances do Povo*, prezavam por uma construção literária de fácil apropriação pelas massas populares. Por outro, ao fazê-lo, a romancista consegue deslocar o protagonismo de sua narrativa à uma coletividade, não fixando-a apenas a um personagem, mas em diversos agentes que se relacionam e lutam por objetivo em comum: as greves.

Apenas nesse sentido, dimensiona-se características essenciais preconizadas pelo realismo socialista e realizadas por Alina Paim, em *A Hora Próxima*. A exploração da temática revolucionária, representada em torno das ações grevistas, ocorre da primeira até a última página do romance. Através de vários personagens, o movimento grevista é tratado como possibilidade de conscientização política daqueles que dele participam, principalmente, dos que, até então, não são militantes partidários. Consequentemente, por intermédio da militância pecebista, a revolução proletária é apresentada de maneira otimista, esperançosa e como possibilidade futura.

⁵⁷⁵ *Ibid.* p. 66.

Outra questão preponderante que se torna possível graças à estratégia de escrita multifacetada de Alina Paim, é a construção de seus heróis positivos. Como dito, isso não ocorre de forma individualizada, mas sim, em torno da classe trabalhadora, representada pelos ferroviários, suas esposas e, obviamente, pelas intervenções do Partido em favor destes. Desse modo, não existe um ou dois heróis positivos em *A Hora Próxima*, mas o direcionamento do heroísmo recai sobre a união coletiva dos trabalhadores ferroviários e suas famílias, como preza o realismo socialista. Obviamente, alguns personagens cumprem importantes funções representativas no romance, contudo, isso não os determina como protagonistas únicos, na maioria dos casos, estes surgem com intuito de consolidar outra característica importante buscada pela romancista, a difusão ideológica do Partido.

Nesse sentido, pode-se apontar alguns personagens determinantes para transmissão dos ideais do Partido como arma para organização do movimento grevista e despertar do desejo revolucionário. Zé de Barros, em suas recordações, representa o militante saudosista pelos feitos de grandes nomes da História do Partido, como Hermogênio da Silva e Luiz Carlos Prestes. Para o enredo do romance, esse resgate da memória partidária, tem a função de enaltecer e/ou cultuar figuras ilustres do comunismo nacional, como também, influenciar na atração de novos militantes que se reconhecem em suas lutas coletivas. Já para o leitor, são maneiras de representar a militância comunista, através de agentes que são facilmente reconhecidos pelo grande público.

Por conseguinte, Alina Paim destaca o militante ativo, conhecedor das teorias políticas comunistas e das diretrizes do Partido, o ferroviário velho Tião. O personagem é o educador das massas; quem ensina o *Manifesto Comunista* e a importância da reforma agrária, preocupado com a forma correta de ser compreendido pelo povo; quem divulga e distribui o jornal *Classe Operária* entre os ferroviários; quem coloca a esperança da revolução como arma para liberdade do trabalhador. Um clássico exemplo de personagem dos romances enquadrados no realismo socialista e promovedor da cultura política comunista. De maneira geral, velho Tião é o exemplo de comunista que Alina Paim tenta induzir o leitor para que se torne. Não por acaso, a romancista dedicou um artigo ao personagem, publicado pela *Voz Operária*, do Rio de Janeiro, ainda em dezembro de 1950, cinco anos antes do lançamento do romance:

Velho amigo, no ponto da estrada em que estejas, no coração de Minas, tira o boné, solta teu cabelo ao vento e canta a canção. Velho Tião, faz a festa cantando, faz a festa distribuindo o *Manifesto de Agosto*. No programa da Frente Popular de Libertação Nacional está o fim da escravidão de nosso povo, estão a terra para o camponês, a fábrica para o trabalhador, a liberdade para a mulher, a instrução para todas as

crianças. Levanta bem alto a bandeira da revolução, solta nas estradas a palavra de Prestes. Tu disseste, velho Tião: “O comunismo é como o vento”. Quem poderá segurar o vento quando ele estiver solto entre nós?⁵⁷⁶

No artigo dedicado a velho Tião, Alina Paim reforça a importância da representação do militante que viria a fazer em seu romance. Chama a atenção os elementos textuais, referindo-se ao *Manifesto de Agosto* e a Frente de Libertação Nacional, assunto em evidência na sociabilidade comunista do período. Além disso, observa-se a exaltação e otimismo relacionado à libertação da classe trabalhadora diante da possibilidade de consolidação da revolução comunista. Enfim, o texto revela o quanto a romancista vivia a elaboração de seu romance e via nele as potencialidades de uma literatura popular e transformadora.

Em virtude disso, a próxima seção dedica-se à análise das formas como Alina Paim representou em *A Hora Próxima*, as dificuldades de ação sofridas pelos ferroviários, suas famílias e pelo Partido durante as ações grevistas. Nesse sentido, atenta-se para questões importantes sobre a atuação partidária na clandestinidade, como na divulgação de seus informativos impressos, postura diante de repressões policiais e oposições políticas que tentavam impedir o movimento. Além disso, reflete-se também, sobre as circunstâncias que levaram o final das greves, buscando observar sua relação com os objetivos estéticos do realismo socialista.

3.3 Os inimigos da greve: a resistência dos trabalhadores à espera da “hora próxima”

João Olímpio, pela primeira vez naquela manhã, sentiu um sopro de esperança. Nem tudo estava perdido. Se as coisas se resolvessem a contento, sua atuação aumentaria de valor aos olhos do Superintendente. Que significava mais, impedir um acontecimento de começar ou sufocá-lo depois de nascido? Nem era preciso pesar muito, a dificuldade maior estava - é claro - no segundo caso. Seria o ponto final dos cinco anos escalante. Com sua prática de espionagem bem podia sonhar com as regalias de itinerante, num trecho da Oeste, onde ninguém o conhecesse.⁵⁷⁷

O trecho de *A Hora Próxima* supracitado, destaca um dos primeiros “inimigos da greve” indicados pelo romance. Trata-se de João Olímpio, funcionário da RMV encarregado das escalas de serviços dos ferroviários e árduo defensor da administração da Rede. Logo quando as mulheres tomam as locomotivas em Cruzeiro, o personagem é contrário às ações grevistas e, inconformado, dedica-se ao sufocamento do movimento, visando ser beneficiado pelo

⁵⁷⁶ PAIM, Alina. O Comunismo é Como Vento. In: Voz Operária, Ano II, nº 82. Rio de Janeiro: 16 de Dez de 1950. p. 11.

⁵⁷⁷ PAIM, Alina. *Op. Cit.* 1955. p. 30.

Superintendente Regional. Nesse sentido, João Olímpio representa o típico anti-herói buscado pela estética do realismo socialista, pois, como um “fura-greves” age em favor do empregador e, desejando regalias e recompensas, torna-se um traidor de sua própria classe, os trabalhadores ferroviários.

Outro personagem com atuação semelhante a João Olímpio é Manuel Barulho. Assim como Sílvio, Barulho é ferroviário e vereador na cidade de Cruzeiro. Contudo, diferente do parlamentar comunista que atua em favor de seus pares trabalhadores, suas ações demonstram o perfil do político que, em função do poder, negligencia as demandas daqueles que, de alguma forma, deveria representar. Ao se infiltrar no acampamento grevista, Barulho percebe que a desarticulação da participação feminina no movimento, era a chave para seu sufocamento. Sendo assim, tenta interferir com ameaças maquiavélicas:

Como vereador, tenho a experiência de um político e também essa experiência trago para o acampamento. [...] Falo como vereador e como ferroviário. Soube que se preparam reforços [policiais], um destacamento de 50 homens de Taubaté e, talvez, tropas de Lorena. As crianças no acampamento correm perigo, a greve é questão para adultos, para homens e mulheres.⁵⁷⁸

Diante das ponderações de Barulho, Sílvio, o seu grande adversário político nas sessões da Câmara, conscientiza as mulheres sobre a hipótese de retirar as crianças do acampamento. Nas palavras do personagem:

Vamos refletir um pouco. O que significa a retirada das crianças de nosso acampamento? Viria como consequência a retirada das mulheres, porque os garotos não podem ficar sozinhos em casa. O que significa a saída das mulheres do acampamento? É um golpe de morte na greve, porque o movimento está se baseando em grande parte na ação das mulheres⁵⁷⁹.

A tentativa de Manuel Barulho em enfraquecer as ações grevistas com a retirada das mulheres e crianças não funciona. Os ferroviários, por intermédio do conhecimento político de Sílvio, não sucumbem às ameaças do vereador traídos de sua classe. Ao longo de todo romance, a presença feminina e de seus filhos se mantém, inclusive, com representações emblemáticas, como a criança que morre de fome nos braços da mãe em pleno acampamento, conforme apresentado na primeira seção deste capítulo. Contudo, as ações de Barulho são apenas o

⁵⁷⁸ *Ibid.* p. 33.

⁵⁷⁹ *Ibid.* p. 52.

começo das diversas tentativas de repressão sofridas pelos grevistas ao longo das Estações que aderiram ao movimento.

Por conseguinte, em Itajubá, os responsáveis pela tentativa de encerrar as ações grevistas são os líderes da Liga Católica da cidade. Em posse de um documento afirmando que, após o contato dos sacerdotes, a administração da RMV já estava enviando um trem pagador para acertar os vencimentos atrasados, os chefes religiosos desejam que os manifestantes liberem os trens e voltem para suas casas. Contudo, sob a representação da militante comunista Marta, a respostas dos grevistas não acompanha os desejos dos representantes da Igreja: “A gente não duvida da palavra do vigário, mas o documento não serve. A gente só acaba com o dinheiro aqui debaixo das vistas. Se espera o trem, quando o trem chegar se acaba a greve, depois do pagamento”.⁵⁸⁰ Não obstante, o apelo religioso é tomado como forma de inquisitória diante da decisão dos trabalhadores:

- Acabou a visita. levo de volta o documento. Deus é testemunha da boa intenção e dos esforços que fizemos. Querem ficar na estrada, fiquem. Sua figura cresceu, o peito e o ventre mais estufados, rosto sombrio e braço acusador. - Mas não se esqueçam: na sagrada escritura, o Senhor já disse: quem com ferro fere com ferro será ferido. A greve é o caminho para a revolta, violência puxa violência. Vocês estão cegas e surdas, não querem ouvir.⁵⁸¹

Nesse momento, Alina Paim reabre as problematizações sobre as relações conflituosas existentes entre a Igreja e o comunismo. Embora o temor das lideranças católicas se revele em períodos anteriores, a partir da década de 1930 acentua-se a preocupação de infiltração do credo vermelho entre os fiéis cristãos. Nesse sentido, o discurso anticomunista ganha contornos de combate ao inimigo que “pretendia substituir a moral cristã e destruir a instituição da família, defendia a igualdade absoluta contra as noções de hierarquia e ordem embasadas em Deus”⁵⁸². Desse modo, a intervenção da Liga Católica nos acontecimentos narrados em *A Hora Próxima*, cumprem a função de representar a atenuação do imaginário anticomunista presente naquele contexto, tendo em vista que, o sucesso da greve, poderia sensibilizar a população cristã em favor das pautas defendidas pelos comunistas.

Não obstante, as principais representações em torno da repressão aos comunistas em *A Hora Próxima*, são observadas nas passagens da greve em Divinópolis. Por questão estratégica, era essencial a adesão do movimento pela Estação da cidade mineira que, naquele contexto,

⁵⁸⁰ *Ibid.* p. 270.

⁵⁸¹ *Ibid.* p. 271.

⁵⁸² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. Cit.* 2002. p. 20.

representava a maior oficina de vagões da RMV, sendo assim, o entroncamento que possuía mais funcionários. Inclusive, a transferência das oficinas de Cruzeiro para Divinópolis, aparece de maneira conflituosa no imaginário dos trabalhadores ferroviários:

Dez anos atrás, toda essa gente morava em Cruzeiro, a oficina funcionando nos barracões da Fábrica Nacional de Vagões. Cruzeiro ressentir-se com a transferência das oficinas para Divinópolis, os companheiros viram-se de uma hora para outra, empurrados da cidade, tiveram de cortar as raízes que os prendiam ali, meter os trastes nos vagões e acomodar a família nos bancos de segunda classe, para começar desde o princípio, com a procura de casa, tão rara e de aluguel elevado. [...] Zé de Barros, quando se referia à mudança das oficinas, caracterizava bem o golpe sofrido por Cruzeiro:

- “A mudança da oficina para Divinópolis foi a morte dum chefe de família, desmantelou tudo, fez operários mais pobres venderem o que tinham e tocar para longe se não queriam abandonar a Estrada. Para quem ficou, também foi um desastre, se foi!”⁵⁸³

Embora o deslocamento das oficinas para Divinópolis seja narrado de maneira ressentida, tendo em vista os transtornos que a mudança causou na vida dos ferroviários, as demais cidades grevistas reconheciam o papel decisivo que aquela Estação representava para o sucesso do movimento. O Partido, por sua vez, acompanhava tal pensamento, sabendo que uma insurreição forte e bem organizada, chamaria a atenção da administração Central da Rede, localizada em Belo Horizonte. Para tanto, em Divinópolis, a intervenção partidária para a fomentação das greves, aconteceu de maneira clandestina, realizadas pelos militantes indicados pela direção estadual do Partido: Orlando, Gomes, Milton e Nina.

Após mobilizar os ferroviários e suas famílias através de panfletos distribuídos pela madrugada na cidade, os militantes comunistas fizeram reuniões secretas com os trabalhadores para organização das ações grevistas. De acordo com os relatórios de Nina e Milton, durante os encontros com a célula ferroviária, dois elementos suspeitos já rondavam a rua. O monitoramento das atividades partidárias ocorria pois, com o movimento deflagrado em outras Estações, tanto a Rede quanto as forças policiais, sabiam da possibilidade de acontecer o mesmo em Divinópolis, o que certamente envolveria os militantes pecebistas. Mesmo assim, a greve chegou às oficinas divinopolitanas e, no dia de sua eclosão, as forças policiais já sabiam do movimento. Desse modo, no momento em que as mulheres começam a tomar a locomotiva:

A respiração dos soldados bafejaram-lhes as faces, tremiam as narinas dos homens como tremiam seus olhos surpresos diante dessa arremetida inesperada. Depois do

⁵⁸³ PAIM, Alina. *Op. Cit.* 1955. p. 110.

desafio fez-se um silêncio carregado de expectativa, varado bruscamente pela ordem [do tenente] vinda do barranco:

- Fogo! Fogo!

Aquela voz áspera, pesada de ódio, teve um resultado impressionante. Baixaram-se os braços armados, como se à explosão daquele grito alguma força adormecida tivesse despertado no sangue dos soldados, colocando-os de repente, no mesmo plano das mulheres.⁵⁸⁴

Embora no romance as forças policiais não entrem em conflitos com as mulheres, nem com os ferroviários grevistas, demonstrando, de certa forma, sensibilidade às causas dos trabalhadores e suas famílias, outro personagem surge como inimigo do movimento, o engenheiro da RMV na cidade. A narrativa não apresenta o nome do engenheiro, apenas o seu apelido, colocado pelos próprios ferroviários: Dr. Cadeado, em referência à sua atitude de trancar os galpões das oficinas, para que os trabalhadores não ficassem transitando pelas dependências da Estação e se dedicassem, exaustivamente, ao trabalho. Quando Dr. Cadeado percebe que as forças policiais não entrariam em confronto com os grevistas, comenta com o engenheiro auxiliar: “A Administração me dê carta branca e eu boto essa gente na canga, no passo acertado. Ferroviário da Rede só tingindo o chicote, como negro escravo. Como se pode mandar nessa terra, se o governo com leis trabalhistas deu asas a esses animais.”⁵⁸⁵

Contudo, sua valentia não serviu para nada. Pelo contrário, para deixar a Estação teve de ser escoltado por um destacamento de policiais. Não obstante, em meio ao êxtase pelo sucesso na tomada das oficinas, chegava a notícia da prisão de três grevistas. Para não acirrar mais ainda os ânimos no pátio da Rede, entrando em confronto e prendendo as mulheres e os ferroviários, a estratégia da repressão policial foi voltar-se aos militantes comunistas que ajudaram na organização das greves. Orlando, Gomes e Milton foram detidos, sendo este último, quem narra o acontecimento no romance:

Uma onda de poeira e palha tornou o ar da sala irrespirável. Iam começar um debate, pouco antes, quando Orlando pedira água; ele [Milton], o mais jovem, fora com a lata até a cisterna. [...] os soldados saltaram sobre ele vindos dos dois lados da casa. Soltou a lata, mas o passo estava tomado, gritou e a mão do policial fechou-lhe a boca. Era preciso avisar, avisar. Debateu-se, deu pontapés, cotoveladas, forcejou a cabeça para libertar-se da mordida áspera e com cheiro de sumo de laranja. Conservaram-no imobilizado na cozinha enquanto os outros homens invadiam a casa. Chegaram-lhe os protestos de Gomes e a mão abandonou seu rosto, o cano do revólver fustigou-lhe as costelas, empurrando-o pelo corredor. [...] Foi nessa hora que distingui os vultos de Gomes e Orlando, escorados nas paredes, entre dois soldados cada um. Seus rostos retratavam indignação e desprezo. Também ele sentiu o mesmo ao ver as baionetas mergulharem nos colchões, virando tudo pelo avesso na sanha de encontrar armas e

⁵⁸⁴ *Ibid.* p. 181.

⁵⁸⁵ *Ibid.* p. 196.

documentos subversivos. Arrancaram o cinto e o empurraram pelo corredor a caminho da Delegacia.⁵⁸⁶

Para além das representações sobre como se configurou a abordagem policial e as agressões físicas sofridas pelos militantes comunistas, a maior reflexão que Alina Paim promove em torno do acontecido, são os motivos que levaram a fácil apreensão e, conseqüente repressão aos membros do Partido em Divinópolis. Afinal, qual foi o erro estratégico em relação a organização das manifestações? Pois bem, ao realizar um exame de consciência, Gomes chega à conclusão que o grande equívoco foi isolar o comando partidário, distanciando-o dos grevistas, pois, se tivessem se fixado no acampamento junto aos manifestantes, a polícia, para evitar conflitos maiores, dificilmente os prenderia.

Em um primeiro momento, a representação realizada por Alina Paim apresenta-se contraditória. Distanciando as ações partidárias das manifestações grevistas, a romancista deixa de cumprir a tarefa de demonstrar o Partido como aliado da classe operária, característica essencial em uma obra vinculada ao realismo socialista e, preponderante no que tange às diretrizes pecebista, contidas no *Manifesto de Agosto*. Contudo, a estratégia de Alina Paim é refletir sobre as prioridades de ação que a célula partidária em Divinópolis vinha desenvolvendo nos últimos anos. Adiante, o romance destaca que:

Era ainda recente a renovação do Partido, justamente para corrigir o afastamento levado ao extremo pelos "espíritas", tão cegos de anticlericalismo que não enxergavam mais a luta do operário contra o patrão, atolados na campanha sistemática contra o padre. [...] E tendo-se diante de este exemplo, caíra-se em erro semelhante de instalar o comando fora da greve. A consequência não se fizera esperar, a reação pressentira a fraqueza e agora os escoltava para a delegacia. Até a reação sabia que o isolamento era prejudicial à luta. Mas enganava-se a reação se acreditava que a luta sofrendo um revés ficava sangrando até esvair-se; ao contrário, se fortalecia com a experiência e o expurgo do erro. Para isso, os comunistas têm uma norma: encarar pela frente tanto as vitórias como os reveses, sem temor de reconhecer o erro, porque, muitas vezes, num passo atrás se acumula energia de dois passos para adiante.⁵⁸⁷

Nesse sentido, ao explicitar os erros estratégicos cometidos pelo comando do Partido em Divinópolis, Alina Paim chama atenção para a importância na manutenção do princípio fundamental da causa partidária: a função do Partido na orientação e participação ativa junto a classe operária. Não que as pautas transversais, como no exemplo do romance, a luta anticlerical

⁵⁸⁶ *Ibid.* pp. 334-335.

⁵⁸⁷ *Ibid.* p. 338.

seja desconsiderada. Contudo, deve ser priorizada, antes de tudo, as ações do Partido em favor das massas.

Outra questão interessante tratada em *A Hora Próxima*, ainda em torno de estratégias para fugir das ações repressivas é a utilização de senhas entre os ferroviários, principalmente, durante a comunicação entre as estações via telégrafo. Como tratado anteriormente, no início das ações, o código usado pelos trabalhadores para circular a notícia que a greve seria deflagrada em Cruzeiro, foi “Joana vai casar, na hora próxima”⁵⁸⁸. Joana, em referência a locomotiva 437 que seria parada pelas mulheres; hora próxima, em analogia à paralisação das atividades logo a máquina tomada. No entanto, a cada nova adesão de outra cidade ao movimento, a mensagem era enviada pelo telégrafo, também de maneira codificada. Quando Divinópolis entra em greve, o telegrafista anuncia “A madrasta de João adoeceu”, sendo Sílvio, o primeiro a compreender o sentido do enunciado: “Mas pessoal, isto é uma senha! Madrasta de ferroviário é a Estrada. Se a Estrada adoeceu... está parada, minha gente, está em greve”.⁵⁸⁹

Diante dos obstáculos enfrentados pelos grevistas, as histórias de Zé de Barros também se apresentam como forma de acentuar a importância da resistência da classe operária na esperança pela revolução. Para tanto, mais uma vez, o personagem recorre a Luiz Carlos Prestes:

A história de D. Leocádia, a avó da pequena Anita, a percorrer o mundo em defesa do filho prisioneiro e condenado, levantando os povos da terra para arrancar seu filho da cadeia, abalaria seu coração. E depois, d. Leocádia lutando pela nora e pela neta, recebendo nos braços a criança que nascera e engatinhara na cela de uma prisão e trazia nos joelhos os calos feitos pelas pedras. [...] Procurou guiar o pensamento para noutro rumo, mas voltavam sempre D. Leocádia, Anita e o Cavaleiro. Veio-lhe à mente um rosto de mulher, sereno, de olhos muito abertos. Não fora na luta que a conheceu? Não era prova de amor alguém se jogar na frente de um revólver para salvar outra pessoa? E Olga, destemida, cobrira-o com seu corpo, cobrira-o com sua vida, na hora da prisão quando a polícia tinha ordem de matá-lo.⁵⁹⁰

Nesse sentido, Zé de Barros recupera os acontecimentos que culminaram na prisão de Prestes e sua esposa, Olga Benário, naquela ocasião grávida. A coragem e companheirismo de Olga que, em um ato de resistência, coloca em risco a própria vida e de sua filha, para evitar o assassinato do marido. Depois, a intensa e dolorosa peregrinação de D. Leocádia, mãe de Prestes, para reaver a guarda da neta, Anita Prestes, nascida em uma prisão nazista após sua

⁵⁸⁸ *Ibid.* p. 47.

⁵⁸⁹ *Ibid.* p. 213.

⁵⁹⁰ *Ibid.* pp. 363-364.

mãe ser deportada e, posteriormente executada na câmara de gás de um campo de concentração. Enfim, uma história de amor, dor, esperança e, sobretudo, resistência comunista.

Não obstante, se por um lado existiam pessoas e instituições que se opunham e dificultavam as ações grevistas, por outro, o romance apresenta aqueles que apoiaram e ajudaram, de alguma forma, a continuidade do movimento, como por exemplo, o comércio local. Na cidade de Cruzeiro, logo nas primeiras movimentações da greve, enquanto os ferroviários organizavam o acampamento, ocorre o seguinte fato:

Zé de Barros atravessou o bar e foi depositar a escada de encontro ao muro do quintal. Na volta, parou junto ao balcão onde seu Inácio partia os pães com agilidade, amontoando-os na bandeja.

- O pessoal gostou?

- Só podia gostar, seu Inácio. As duas cestas de pão e o café com leite chegaram em boa hora, foi o almoço da gente.

Seu Inácio descansou a mão ágil sobre o balcão e acrescentou com a voz segura, sem admitir desacordo.

- Já deviam ter feito isso antes. Se eu vendo, quero receber pagamento; com vocês é o mesmo, se trabalham, devem ter dinheiro no bolso. Apreciei tudo da porta do estabelecimento. Que coragem, seu Zé de Barros! Vi a coisa feia, se a máquina não freasse. Nem é bom pensar...⁵⁹¹

O apoio da comunidade se dá também em outros momentos do romance. No caso específico do comércio local, o auxílio tinha dois sentidos. Por um lado, partia da sensibilidade dos comerciantes, diante das dificuldades passadas pelos ferroviários e suas famílias em decorrência dos salários atrasados. Por outro, os próprios donos dos estabelecimentos eram prejudicados pela situação, pois sem dinheiro, os trabalhadores não podiam comprar em seus comércios, fragilizando também, seu sustento familiar.

Por conseguinte, mesmo diante dos desafios em relação a superação dos conflitos de oposição que atrapalhavam os percursos da greve, o real motivo para seu desfecho, sem o atendimento a todas as reivindicações dos ferroviários, foi um erro de ordem estratégica. No transcorrer do movimento, Alberto, militante do Partido responsável por percorrer os entroncamentos, orientando os grevistas e realizando relatórios, apontou o que, para ele, era o ponto vulnerável da greve: a Comissão de Senhoras Grevistas de Soledade de Minas, formada por “três pequenas burguesas e duas mulheres operárias”⁵⁹². Conforme exposto na primeira seção deste capítulo, três das cinco mulheres que compunham a Comissão na cidade eram, respectivamente, esposas do agente geral, do gerente da Cooperativa e do conferente, cargos que recebiam salários maiores e tinham maior estabilidade financeira. Desse modo, em uma

⁵⁹¹ *Ibid.* p. 13.

⁵⁹² *Ibid.* p. 13.

reunião com a Administração da Estação, concordaram em retornar às atividades mediante, apenas, ao pagamento dos atrasados e abastecimento dos armazéns, abrindo mão de outras pautas, como o aumento de salários e os vales de transporte gratuito nos trens de passageiros.

Obviamente, o sentido dado por Alina Paim sobre o acontecido, faz parte de uma crítica ao pensamento individualista burguês, concordando com apenas o que era obrigação da RMV e perdendo a oportunidade de alcançar conquistas que beneficiariam a maior parte dos ferroviários e suas famílias. No entanto, como observou Sílvio, enquanto esperavam o trem pagador:

Faltou à Estrada uma direção única para a greve, faltou uma União Ferroviária, que falasse por todos os entroncamentos, sustentando com firmeza a tabela de nossas reivindicações. De nossa greve tem de sair essa organização, para da próxima vez a vitória ser completa.⁵⁹³

Para o leitor, em um primeiro momento, o desfecho de *A Hora Próxima* pode transparecer um sentimento de fracasso da greve e dos objetivos da romancista. Contudo, o romance termina com uma mensagem de otimismo e esperança. Embora as pautas dos ferroviários não tenham sido atendidas em sua totalidade, existe o aprendizado e, principalmente, desejo de reparar os erros e falhas cometidas durante o movimento. Antes mesmo da locomotiva 107 chegar com os pagamentos atrasados e pensando na próxima greve, Zé de Barros já tem em mãos, uma lista de pontos essenciais para serem desenvolvidos pelo Partido: “uma Comissão de Greve permanente; um boletim sobre as ocorrências da greve que se encerrava e que já estava sendo escrito; a União Ferroviária e a Organização feminina e a orientação sobre os procedimentos dos grevistas em caso de prisões”⁵⁹⁴.

Por fim, Alina Paim reforça a esperança revolucionária através da organização da classe trabalhadora. Em tons alegóricos, sob a perspectiva de Zé de Barros, a principal mensagem passada pelo romance e pela romancista reflete-se em um pequeno diálogo:

- A classe operária vai mesmo ser dona do mundo?
Zé de Barros levantou-se.
- Vai. Tão certo como o sol há de nascer daquela serra.
- Mas quando? Quando, Zé de Barros?
- Na hora próxima!⁵⁹⁵

⁵⁹³ *Ibid.* p. 354.

⁵⁹⁴ *Ibid.* p. 322.

⁵⁹⁵ *Ibid.* p. 243.

Nesse sentido, quando se imagina que *A Hora Próxima* se trata de um romance encomendado pelo Partido, com claras intenções políticas diante de seu enquadramento estético ao realismo socialista, inevitavelmente, tem-se a ideia que seu enredo priorize o enaltecimento das ações comunistas como soluções utópicas para problemas complexos. Obviamente, isso é uma parte do que realmente se materializa. Contudo, diante do exposto, observa-se que as representações realizadas por Alina Paim no romance, em alguns momentos, promovem uma análise crítica sobre a função do Partido enquanto orientador de classe operária no Brasil. Desse modo, ao representar os erros e acertos ocorridos durante as movimentações das greves ferroviárias da RMV, a romancista não estabelece o esperado triunfalismo das ações partidárias junto aos trabalhadores, mas sim, que desta relação, consolida-se um passo fundamental em direção da esperada “hora próxima”: a revolução.

Diante disso, resta-nos analisar como *A Hora Próxima* foi recepcionado pela crítica literária após seu lançamento, em 1955. Obviamente, os pareceres especializados partem de uma postura política daqueles que os fazem, sendo, portanto, produtos de apropriações individuais, mas que também envolvem um pensamento coletivo. Desse modo, busca-se na próxima seção, compreender o quanto tais posicionamentos corroboram para uma reflexão do romance de Alina Paim, enquanto uma produção vinculada ao realismo socialista.

3.4 A fortuna crítica: diferentes leituras de uma estética em decadência

Era a greve.
 Greve na Rede Mineira:
 -"Nossa luta é contra a miséria!"
 E as mulheres se repetiam.
 Hoje em Soledade,
 amanhã em Itajubá
 depois em Três Corações,
 (quem é que pode acreditar?)
 Divinópolis, Barra Mansa,
 rajada de vento levando canções.⁵⁹⁶

O texto supracitado trata-se de um trecho do poema *Era a Greve!*, publicado pelo *Momento Feminino*, em junho de 1955. Juntamente aos versos, encontra-se a descrição: “Em homenagem às heroicas mulheres de Minas Gerais, inspirada após a leitura do livro de Alina

⁵⁹⁶ GUERRA, Maria Júlia Coutinho. Era a Greve!. In. *Momento Feminino*, Ano VII, nº 112. Rio de Janeiro: Junho de 1955. p. 19.

Paim, *A Hora Próxima*⁵⁹⁷. Infelizmente, embora a publicação indique a autora do texto, Maria Júlia Coutinho Guerra, não foram encontradas informações adicionais sobre de quem se trata. Uma simples leitora, talvez? Quem sabe, uma militante do Partido? Ou ainda, uma criação editorial para estimular o livro e sua leitura, tendo em vista que foi veiculado por um órgão da Imprensa Popular comunista? Perguntas que se tornam apenas hipóteses, dada a insuficiência das fontes analisadas em respondê-las. Independente disso, publicado um mês após o lançamento de *A Hora Próxima*, o poema torna-se um importante indicativo para se refletir a recepção do romance de Alina Paim.

Para Michel de Certeau, a leitura é uma operação clandestina, uma “caça” em terras alheias. Isso significa, que o leitor age de maneira subversiva, apropriando-se dos textos e dando-lhes significados até então desconhecidos⁵⁹⁸. Contudo, para que seja possível captar tais operações, necessita-se que o leitor, enquanto criador de novos textos, os materialize através de registros. Nesse sentido, ao pensar nos leitores “comuns” de *A Hora Próxima*, a carência de fontes, como o poema citado anteriormente, ou cartas, dificultam o trabalho de analisar a recepção de seu romance. No entanto, por intermédio dos periódicos, pode-se ter uma ideia das diferentes formas de leitura realizadas pela crítica literária, obviamente, considerando os interesses específicos de seus autores.

Ao tratar da recepção do leitor brasileiro em relação ao romance abolicionista *A Cabana de Pai Tomás*, Danilo José Zioni Ferretti destaca diferentes grupos de modos de leitura. Um dos grupos, indicam “leituras refratárias”, desqualificando as representações da obra; outro grupo, de “leituras entusiásticas”, reconhecendo e, muitas vezes exaltando, os méritos representativos do romance⁵⁹⁹. Além das duas perspectivas apresentadas, os pareceres da crítica literária em relação ao romance *A Hora Próxima*, apresentam ainda um terceiro grupo de “leitoras matizadas”, que indicam uma posição geral favorável e elogiosa da obra, mas fazendo algumas observações mais críticas, reforçando ainda mais a pluralidade de apropriações que a prática da leitura representa.

⁵⁹⁷ *Ibid.*

⁵⁹⁸ CERTEAU, Michel de. Ler: uma operação de caça. In. *A invenção do cotidiano*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 17ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011. pp. 236-248.

⁵⁹⁹ FERRETTI, Danilo José Zioni. *A escravidão e a “verdade” do romance: primeiras leituras e usos públicos de A cabana do pai Tomás no Brasil (1852-1858)*. In: *Revista de História*, v. 179, pp.1-24. São Paulo, 2020. pp. 21-22. O autor ainda apresenta um terceiro grupo de modos de leitura: as ambíguas, reprovando alguns aspectos do livro, porém aprovando outros. Contudo, pelos objetivos deste trabalho, tal perspectiva não será utilizada, sendo substituída por um outro grupo de leitores.

Em relação às leituras refratárias, encontra-se a crítica “Notas de Leitura: A Hora Próxima”, publicada em 15 de agosto de 1955, pelo periódico *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro. Assinado pelo jornalista, advogado, escritor e crítico literário, Heráclio Salles, o parecer não poupa em desvalorizar a estética e temáticas do romance, bem como as estratégias de escrita de Alina Paim:

A leitura do novo livro da sra. Alina Paim, ao menos até que ela nos dê em contrário a prova de um segundo romance do mesmo tipo, deixou-me convencido de uma completa inadequação da escritora ao assunto escolhido e ao método a que se obrigou no seu tratamento. *A Hora Próxima*, (Coleção Romances do Povo, Editorial Vitória) é a história de uma greve de mulheres, iniciada em São Paulo, na cidade de Cruzeiro, para obrigar uma empresa ferroviária a pagar salários atrasados. O estilo adjetivo e empapado de uma essência romântica que o tema não forneceria, constitui quase um programa: a romancista deve transformar o movimento grevista até a uma extra limitação por meio do qual o leitor possa vê-lo como uma antecipação do futuro – a ante-hora de uma “hora próxima”, que seria a substituição do regime político-econômico motivador dos sofrimentos e da luta das personagens: Uma “façanha assombrosa”.⁶⁰⁰

Desde as primeiras palavras, observa-se o tom político que a leitura de Salles apresenta sobre *A Hora Próxima*. O *Diário de Notícias*, veículo que publicou a crítica supracitada, apresenta uma trajetória de aversão à tendência políticas de esquerda, tanto que seu fundador e diretor, Orlando Dantas defendia: “Comunistas no meu jornal? De jeito nenhum!”⁶⁰¹. O desprezo pelo comunismo era acompanhado por Heráclio Salles, este, inclusive, apoiaria a tomada do poder pelos militares em 1964, sendo ainda, em 1967, nomeado Secretário de Imprensa, pelo próprio presidente Costa e Silva, de quem era amigo pessoal⁶⁰². Desse modo, o perfil político do jornal e do crítico literário, influenciam sua leitura sobre a obra da romancista comunista, tanto que indica o enredo, como uma “façanha assombrosa”, em virtude de suas representações do movimento grevista como anúncio do fortalecimento das causas em favor da revolução. Nesse sentido, prossegue Salles:

Essa supervalorização de uma greve de importância secundária, através de uma narrativa substancialmente gongórica, já seria, em si, um elemento negativo do romance e bastaria para condená-lo ao malogro, se considerássemos segundo a escola a que se filia, e segundo a sua destinação. O ímpeto artificial das palavras não corresponde à natureza da história, que se arrasta em ritmo enervante pela sua

⁶⁰⁰ SALLES, Heraclio. Notas de Leitura: A Hora Próxima. In: *Diário de Notícias*, nº 10054, Ano XXVI. Rio de Janeiro: 15 de ago. 1955. p. 58.

⁶⁰¹ DIÁRIO de Notícias: a luta por um país soberano. Caderno de Comunicação: Série Memória. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2006. p. 32.

⁶⁰² MARTINS, Marisângela T. A. A esquerda de seu tempo: escritores e o Partido Comunista do Brasil (Porto Alegre - 1927-1957). São Paulo: Verona, 2014.

lentidão. É um mural que aspira ao grandioso e é apenas extenso; que promete a representação de uma epopeia e exhibe uma massa indistinta de figuras idênticas no seu tamanho pequeno, na sua falta de relevo colorido e autenticidade artística. [...] Pela sua natureza, pelas suas intenções mais sensíveis e até por estar filiado a uma escola a que se chama “realismo socialista” – sobrepondo o social ao individual – o romance da sra. Alina Paim não deve ser tomado como um “romance de caracteres”, mas como um romance “de crítica social”. [...] Em “A Hora Próxima” não há criação ou recriação, mas simplesmente figuração de vida no plano horizontal em que se colocam os jornalistas para contar um episódio qualquer.⁶⁰³

Em um dos pontos tratados por Heráclio, chama atenção sua leitura sobre o exagero narrativo de uma greve, que segundo ele, não justificava a exaltação literária da romancista. Ao desvalorizar o movimento em questão, o crítico não reconhece a legitimidade de suas ações, condenando-o como insuficiente para as pretensões estéticas do realismo socialista. Para Salles, existe uma falha na técnica de Alina Paim, principalmente, na construção planejada de seus personagens, deixando sua narrativa extensa, porém repetitiva e não condizente com a realidade, apenas descritiva. Nesse sentido, o parecer nega, inclusive, o enquadramento estético do romance ao realismo socialista, apontando-o como uma mera “crítica social” com caracteres jornalísticos e propaganda partidária. Este último ponto, inclusive, é retomado pelo literato ao final de sua leitura, quando define *A Hora Próxima* como “uma história arrastada entre trechos de reportagem, de panfleto e discurso político. E reforço a convicção de que o conteúdo político ou ideológico da literatura só a prejudica”⁶⁰⁴.

Por conseguinte, outros pareceres sobre *A Hora Próxima* apresentam um certo grau de conflito em suas ponderações. As leituras matizadas, embora priorizem a adjetivação positiva do romance, também promovem críticas, sendo assim, um grupo com mais exemplos de registros. Em 14, 19 e 21 de agosto de 1955, respectivamente, o jornal comunista *Imprensa Popular*, do Rio de Janeiro, publicou em três partes, o texto “O novo romance de Alina Paim”, assinado pelo escritor, militante comunista e crítico literário, Fernando Guedes. Iniciando sua leitura sobre o romance, assim trata o literato:

A publicação do romance de Alina Paim, *A Hora Próxima*, deve ser saudada com entusiasmo por todos os que se interessam pelo progresso da literatura brasileira. Ela significou uma vitória do método do realismo socialista, pelo fato de este ter conquistado mais um escritor de talento. A autora merece nossas congratulações, porque soube resolver, em parte, o difícil problema da realização de seu romance. Principalmente na descrição das ações, que formam o conjunto da greve da Rede

⁶⁰³ SALLES, Heraclio. *Op. Cit.*

⁶⁰⁴ *Ibid.*

Mineira de Viação, a autora nos revela que domina a técnica da ficção, não tem dificuldades ao lidar com palavras e frases.⁶⁰⁵

Inicialmente, a análise de Guedes enaltece o trabalho de Alina Paim, exaltando também a publicação de *A Hora Próxima* como um importante acontecimento para o desenvolvimento do realismo socialista no Brasil. O escritor destaca ainda a técnica literária da romancista e valoriza a temática da greve de seu enredo. Obviamente, o entusiasmo do crítico relaciona-se à sua posição enquanto militante comunista. Contudo, já de início, anuncia-se a característica ambígua de seu parecer, indicando que Alina Paim “soube resolver, em parte, o difícil problema da realização de seu romance”. Tal problema, segundo Fernando Guedes, trata-se de um esquematismo, que se revela através dos:

[...] personagens que dizem a mesma coisa, com variantes nos diálogos, é verdade: falam em exploração, miséria, salários atrasados, vigilância, etc. É natural que isto aconteça, pois a greve já está eclodida, a greve é, por assim dizer, o personagem principal do romance e os demais giram em torno dela, agem para garantir sua firmeza e sua vitória. O mesmo acontece com os diversos comunistas que intervêm nesta greve e lutam pela vitória. A autora os apanha unicamente nas reuniões e agindo, como não podia deixar de ser, em função da greve e das medidas necessárias para o reforçamento do Partido.⁶⁰⁶

De certa forma, em um ponto a leitura de Guedes se aproxima da análise refratária apresentada anteriormente, quando se refere a repetição narrativa no trato da greve, através dos seus personagens. Além disso, para o escritor, a forma como as ações dos comunistas é representada pela romancista dão uma ideia que o Partido tomou a greve como possibilidade de agitação partidária e não como instrumento de conscientização da classe trabalhadora. Na segunda parte de seu parecer, o crítico literário expande mais essa questão:

É preciso não esquecer que a frase de Stalin de que no socialismo o capital mais precioso é o homem, tem grande aplicação no romance revolucionário. E se a tem no sentido de que este capital precioso, o que tem mais valor é a sua consciência. Isto não quer dizer exigência de romance psicológico, no sentido, do esquadramento de certos recantos do psíquico de cada um. Trata-se de mostrar como a realidade existente atua na consciência de cada um e a transforma a tal ponto, que o personagem varre de sua cabeça as velhas ideias e passe a lutar por outras, que tenham por objetivo a transformação desta realidade. No caso em apreço, tratava-se de mostrar como a realidade da Rede Mineira foi atuando na consciência dos ferroviários, a tal ponto que estes foram capazes de varrer de suas mentes as velhas ideias de respeito à ordem, ao patrão e à autoridade e se atiraram em uma greve. E, neste aspecto da transformação das consciências, como desempenhavam papel decisivo as ideias de fraternidade,

⁶⁰⁵ GUEDES, Fernando. O novo romance de Alina Paim. In: Imprensa Popular, ano VIII, nº 1580. Rio de Janeiro: 14 de ago. 1955. p. 12.

⁶⁰⁶ *Ibid.*

igualdade, solidariedade e luta por um mundo melhor, defendidos incansavelmente pelo Partido Comunista. E como o fato concreto da existência do socialismo, de repúblicas onde os trabalhadores estão no poder, é um poderoso fator de transformação da consciência não só dos trabalhadores, como de todos os homens simples e honrados.⁶⁰⁷

Na apropriação de Guedes, Alina Paim perdeu algumas oportunidades para elevação do caráter socialista de seu romance. Ao indicar que a romancista poderia aproveitar mais o desenvolvimento da consciência de classe em sua narrativa, a crítica do literato recai sobre dois aspectos. O primeiro, trata-se do *clímax* do romance. Ao apresentar logo de início a greve já em eclosão, a romancista não teria desenvolvido a construção da consciência de seus personagens para além da luta contra a exploração, miséria e fome. Isso influencia no segundo ponto da crítica, indicando que se a revolta tivesse sido tratada como um processo de despertar de consciência dos ferroviários através das ações do Partido, as pautas iniciais da greve, poderiam ser expandidas para a luta contra modelo capitalista e, conseqüentemente, em favor da revolução. Na verdade, Fernando Guedes esperava um romance mais radical, mais acentuado politicamente e com as ações do Partido voltadas para além do impulsionamento das greves, mas sim, para a construção do homem e da mulher comunista que luta pela transformação do *status quo* de maneira geral. Ao contrário disso, desde o início Alina Paim toma as greves como elemento central de seu enredo, já o Partido, aparece como mediador e organizador, inclusive, em alguns casos, apresenta erros de estratégia que o distancia das ações grevistas propriamente ditas e, ao final, a revolução torna-se uma esperança para o futuro. Não obstante, na última parte do parecer, Guedes retoma a importância da publicação de *A Hora Próxima* para o desenvolvimento da literatura nacional e, principalmente, do realismo socialista:

Estes são os reparos que desejaríamos fazer ao novo romance de Alina Paim. Eles têm o sentido, em primeiro lugar, de uma homenagem à autora e representam o desejo de contribuir, com nossa opinião, no indispensável debate que se deve travar entre nossos intelectuais, em torno dos problemas do romance brasileiro, nesta fase em que ele se encaminha para uma nova etapa – a do realismo socialista. O progresso do romance brasileiro, a aplicação adequada do método do realismo socialista entre nós, depende muito da íntima colaboração entre romancistas, críticos e leitores. Penso que o novo romance de Alina Paim, - tendo em vista o fato de que já existem a seu respeito diversas opiniões divergentes – pode ser o ponto de partida de um debate com o qual muito terá a lucrar nossa literatura.⁶⁰⁸

⁶⁰⁷ GUEDES, Fernando. O novo romance de Alina Paim. In: Imprensa Popular, ano VIII, nº 1584. Rio de Janeiro: 19 de ago. 1955. p. 04.

⁶⁰⁸ GUEDES, Fernando. O novo romance de Alina Paim. In: Imprensa Popular, ano VIII, nº 1586. Rio de Janeiro: 21 de Ago. 1955. p. 05.

Portanto, mais que uma leitura apontando os erros e acertos de Alina Paim em seu romance, Guedes viu em *A Hora Próxima*, um passo importante para os rumos do realismo socialista no Brasil, indicando ainda, que a partir das diferentes leituras críticas que surgiam sobre a obra, os escritores encontraram o amadurecimento de suas estratégias de escrita e, conseqüentemente, a estética ampliaria seu espaço de ação na literatura nacional.

Por conseguinte, outra leitura matizada do romance de Alina Paim, pode ser refletida no texto “Sobre A Hora Próxima”, publicado em 13 de novembro de 1955, pela *Imprensa Popular* e tendo o romancista e militante comunista, Dalcídio Jurandir, como seu autor. Semelhante ao ocorrido na leitura de Fernando Guedes, o parecer de início demonstra entusiasta:

Três romances publicou Alina Paim antes de *A Hora Próxima*, e este, sem dúvida, é seu melhor livro. Nos livros anteriores, a escritora, numa etapa de aprendizagem literária e unicamente preocupada em “desabafar” a sua experiência pessoal, ainda limitada e algo inconsciente, fechava as suas personagens dentro de uma realidade inerte e sem horizonte. É certo que nos mostra cenas e tipos da vida brasileira com veracidade como em *Simão Dias*, por exemplo. A escritora, neste mesmo romance, decerto ganhou domínio de expressão, mas perdeu a sã espontaneidade de escrever, retrocedia na escolha dos temas, na maneira de estudar e interpretar a realidade.⁶⁰⁹

Dalcídio começa suas considerações exaltando o avanço de Alina Paim enquanto romancista. Para ele, em *A Hora Próxima* a romancista afastou-se das narrativas introspectivas de seus primeiros romances, que embora apresentassem relevância social, não condiziam com sua capacidade em relatar experiências humanas mais amplas, complexas e coletivas. De certa forma, o escritor comunista está afirmando a existência de um deslocamento no fazer literário da escritora sergipana, ocorrido, sobretudo, a partir do momento que a romancista compreendeu que sua função enquanto escritora, consistia na divisão de suas criações com e para os outros. O crítico literário prossegue:

A Hora Próxima assume em nossa literatura um lugar histórico de incontestável relevo. Pela primeira vez, no romance brasileiro, é apresentado como tema dominante, podemos dizer único no livro de Alina Paim, a vida e problemas de um setor importante do proletariado, os ferroviários, até então desconhecidos pelos nossos romancistas. [...] Outro aspecto a notar no romance é o de uma experiência nova vivida pela romancista ao contato com os ferroviários da Rede Mineira de Viação. Experiência sugerida em debates sobre o problema da introdução do realismo socialista em nossa literatura, não como “escola”, que nunca foi, mas como um método fundamental de interpretação da realidade na criação literária. Esses debates indicaram a alguns escritores o caminho de camadas sociais onde será possível não só completar a visão da realidade brasileira como, sentir nesta, aquele processo de transformação, de que já falamos antes. Houve sim, uma aproximação, através do

⁶⁰⁹ JURANDIR, Dalcídio. Sobre “A Hora Próxima”. In: *Imprensa Popular*, ano VIII, nº 1657. Rio de Janeiro: 13 de Nov. 1955. p. 04.

trabalho literário, entre o escritor e parte considerável das massas trabalhadoras. Os ferroviários sentiram-se participantes do romance, animando a romancista a escrever a história, contando-lhe as experiências pessoais e coletivas determinadas pelo trabalho na estrada de ferro. Sejam quais forem as insuficiências do romance, o fato é que conseguiu atrair um novo tipo de leitor, despertar a atenção de numerosa camada de trabalhadores que é um acréscimo ao nosso público leitor. [...] Os ferroviários procuram ler um romance, que mal ou bem, não importa, reflete, pela primeira vez, os seus sentimentos, suas vidas, levando-os à descoberta da literatura, ajudando-os a conquistar a consciência política necessária às suas lutas.⁶¹⁰

Ao exaltar que as representações do trabalhador ferroviário em *A Hora Próxima*, são frutos das experiências da romancista em sua observação de campo, Dalcídio Jurandir busca aproximar-se do método de elaboração do romance realizado por Alina Paim. Conforme exposto no Capítulo 2 desta dissertação, o escritor comunista fez trabalho semelhante, quando, orientado pelo Partido, se inseriu no cotidiano dos trabalhadores fabris no Rio Grande do Sul. Como produto de tal experiência, surgiu o romance *Linha do Parque*, que, embora tenha sido anunciado como integrante da *Coleção Romances do Povo*, ainda sob o título de “Companheiros”, foi efetivamente publicado pela Editorial Vitória, apenas em 1959⁶¹¹. De qualquer forma, Jurandir enaltece um trabalho que, em certa medida, se aproxima com o seu, acentuando as novas perspectivas em torno da relação entre o escritor e o povo. Por outro lado, Dalcídio Jurandir também indica “problemas” na narrativa de *A Hora Próxima*. Assim como nos pareceres anteriores, o crítico questiona a construção dos personagens realizada por Alina Paim:

Há figuras femininas, por exemplo, em *A Hora Próxima*, que pouco se distinguem umas das outras. Situações nas diferentes plataformas da vida férrea também se repetem. Alina Paim teve preocupação, mais sentimental que objetiva, de querer transpor as mulheres em carne e osso para o romance, tal qual como viu e como a impressionaram nos primeiros momentos. Tentou fixar, como numa simples narrativa, a greve, simultaneamente declarada nas estações, com o cuidado de não faltar com a verdade dos fatos ocorridos. [...] de cem ferroviários, por exemplo, um ou quatro são ferroviários típicos; das muitas mulheres, vistas na vida real, apenas algumas personagens que as representam tipicamente.⁶¹²

De fato, conforme aponta Jurandir, são muitos personagens apresentados em *A Hora Próxima*. Em um levantamento aproximado, cerca de 150 nomes surgem durante a narrativa, muitos deles, apresentam uma ou duas participações em diálogos e depois desaparecem; outros,

⁶¹⁰ *Ibid.*

⁶¹¹ SANTOS, Alinnie Oliveira Andrade. A personagem feminina em *Linha do Parque*, de Dalcídio Jurandir. Dissertação (Mestrado em Letras) 114 f.. Universidade Federal do Pará: Belém, 2013.

⁶¹² JURANDIR, Dalcídio. *Op. Cit.* 1955.

aparecem apenas nas recordações de personagens mais ativos. Pode-se dizer que, na tentativa de dar uma dimensão coletiva ao romance, Alina Paim tenha pecado na quantidade de agentes descritos e, conseqüentemente, em alguns momentos, poderia ter desenvolvido mais o potencial representativo de outros. Contudo, após indicar os “deslizes” cometidos pela romancista, Dalcídio Jurandir encerra sua leitura afirmando que “A Hora Próxima é um bom romance, o melhor da autora e um dos mais significativos do ano que finda”.⁶¹³

Passada as leituras matizadas, chega-se agora ao seu grupo entusiasta. O primeiro dos pareceres, intitulado “O novo romance de Alina Paim”, foi publicado pela *Imprensa Popular* em 17 de julho de 1955. Quanto a autoria do texto, trata-se do escritor, militante comunista e um dos fundadores do PCB, Astrojildo Pereira. Inicialmente, apenas o fato de um dos principais líderes do Partido dedicar-se à tal análise, indica a representatividade que o romance apresentava para a cultura política comunista, sendo sua apreciação, um importante mecanismo de promoção da obra ao público leitor. Em virtude disso, Astrojildo Pereira destaca:

Uma observação preliminar se impõe, ao tratarmos do novo romance de Alina Paim, *A Hora Próxima*: a de que se trata realmente de um romance, um romance em toda a extensão da palavra, ou seja, a transposição literária e artística, em termos de romance, de certo acontecimento social contemporâneo – uma greve, não uma greve qualquer, mas uma greve determinada, uma certa greve de ferroviários. E romance em que a greve entra não como elemento necessário, ou como cenário da história, mas propriamente como centro da narrativa, como a sua substância dramática, a sua base, o seu começo e o seu fim.⁶¹⁴

Nas primeiras impressões do líder pecebista, observa-se o enaltecimento do teor social do romance, salientando sua capacidade romanesca em transpor os acontecimentos das greves ferroviárias em sua narrativa. Nesse sentido, Astrojildo preocupa-se em definir as características centrais de *A Hora Próxima*, sem ainda, defender seus aspectos estéticos e representações políticas que viriam a seguir. Desse modo, seguindo suas colocações, o crítico afirma:

Outro aspecto que devemos salientar no romance de Alina Paim, é o da autocrítica que se depreende implicitamente da narrativa. E esta verificação faz realçar ainda mais os méritos da romancista, a fidelidade com que soube captar a realidade em seu conjunto, a sua aguda capacidade de observação e também o seu faro político. Seria fácil “embelezar” certos fatos relacionados com o desenvolvimento da greve, inclusive o seu desfecho bastante frouxo, até mesmo no intuito de suprir de alguma forma a falta de densidade que se nota na conduta do movimento. Este seria

⁶¹³ *Ibid.*

⁶¹⁴ PEREIRA, Astrojildo. O novo romance de Alina Paim. In: *Imprensa Popular*, ano VIII, nº 1556. Rio de Janeiro: 17 de jul. 1955. pp. 09-10.

relativamente fácil e a rigor não diminuiria em nada a significação fundamental do movimento. Mas tiraria do livro o que ele possui de implicitamente autocrítico, diminuindo, aí sim, uma boa parte do seu valor educativo. Aliás, os próprios grevistas fazem, no final do romance, uma autocrítica explícita, se bem que parcial, apontando a falta de unidade da direção do movimento como o seu ponto mais débil, e por essa brecha precisamente é que forças adversárias penetraram, levando à conclusão de um acordo que atendia apenas a uma parte das reivindicações formuladas. Foi sem dúvida uma vitória para os grevistas, mas uma vitória pela metade, quando tudo fazia crer numa vitória total.⁶¹⁵

Preparando o leitor para seus apontamentos sobre a representação política de *A Hora Próxima*, Astrojildo Pereira defende o respeito de Alina Paim em relação à realidade apreendida pela romancista diante do tempo em que viveu entre os ferroviários e suas famílias. O líder comunista chama atenção, que a escritora poderia ter modificado a realidade em favor de dar ao romance, contornos mais triunfais, sobretudo a respeito do desfecho “frouxo” da greve. Contudo, destaca ainda, que ao priorizar a fidelidade aos fatos, a autora consegue dar um caráter educativo à obra, demonstrando, com criticidade, a conquista parcial das reivindicações dos grevistas e, indicando, que somente com a organização da classe trabalhadora, seus objetivos poderiam ser alcançados em sua plenitude. Nesse sentido, tomando como base o posicionamento autocrítico dos próprios ferroviários, que sabiam e admitiam os erros cometidos durante as ações da greve narradas pelo romance, Astrojildo prossegue:

E o Partido? Que papel desempenhou o Partido no desenvolvimento e na direção da greve? A autocrítica feita pelo dirigente de Cruzeiro – um comunista – se aplica igualmente e, principalmente aos comunistas, que não souberam forjar o aparelho de direção única do movimento, prevenindo com a necessária rapidez as debilidades que viriam a favorecer as manobras do adversário. Mas a presença do Partido se fez sentir desde o primeiro momento, e sem a presença e a participação ativa dos comunistas a greve não teria tomado caráter combativo e firme que tomou. [...] A presença do Partido, aparece ainda bem marcada, na pessoa de assistentes estaduais que se reúnem com os dirigentes locais.⁶¹⁶

Ao tratar das representações do Partido feitas por Alina Paim em seu romance, o escritor retoma a mesma autocrítica realizada pelos ferroviários em relação às debilidades do movimento grevista. Astrojildo não desqualifica a maneira como a romancista representou os militantes comunistas, pelo contrário, enxerga na reflexão sobre os erros estratégicos cometidos pelos membros do Partido, uma forma de reforçar a importância da organização partidária para o fortalecimento das causas pecebistas. Ademais, o crítico apresenta a articulação entre os Comitês Estaduais do Partido e os líderes das células locais, indicando a atenção do romance à

⁶¹⁵ *Ibid.*

⁶¹⁶ *Ibid.*

comunicação existente entre os órgãos partidários em diferentes graus hierárquicos, embora a falta deste aspecto, tenha sido um dos grandes fatores do desfecho pouco satisfatório do movimento. Não obstante, Astrojildo Pereira ainda se aproveita para proferir críticas políticas ao modo como a RMV conduzia suas atividades públicas:

Os motivos que tornaram a Rede uma ferrovia deficitária e em permanente dismantelo: é que ela só cuida de transportar minérios arrancados pelos imperialistas norte-americanos nas montanhas de Minas e destinados à preparação de uma nova guerra mundial. Esta explicação, dá aquela greve da Rede, uma importância política de caráter mundial, visto que se entrosava, objetivamente, com todo o crescente movimento dos trabalhadores no mundo inteiro contra os sinistros fatores de um novo conflito entre as nações, os incendiários da guerra açulados principalmente pelos monopólios imperialistas dos Estados Unidos.⁶¹⁷

Nesse sentido, intertextualmente, a leitura de Astrojildo indica um caminho que poderia ter sido explorado por Alina Paim. Ao ampliar a reflexão para um caráter global e tendo uma possível nova guerra como justificativa, o crítico acusa a Rede de entreguismo aos ideais imperialistas estadunidenses, explicitando em seu texto, os conflitos ideológicos presentes em um contexto de Guerra Fria. Desse modo, esse trecho do parecer realizado pelo líder pecebista, apropria-se do romance e, através de um novo texto, transfigura uma crítica de dimensões mundiais. Por fim, Astrojildo Pereira dedica-se à valorização da contribuição que Alina Paim, através do romance *A Hora Próxima* presta à literatura nacional:

Não hesitamos em afirmar que Alina Paim, com este romance, presta valiosa contribuição ao movimento progressista de renovação da novelística brasileira – e, portanto, da literatura nacional – ameaçada pela dupla pressão de ideologias decadentes e cosmopolitas. Tomando nas mãos, com inteligência e coragem, um tema cheio de sangue novo, vivendo-o honestamente em contato direto com a classe operária, buscando impregnar-se sem reservas da ideologia do proletariado, Alina Paim pode realizar uma obra que não só assinala uma nova fase na sua carreira literária, como ainda a coloca ao lado de Jorge Amado, Dalcídio Jurandir e outros, que estão também trabalhando, na primeira linha do que há de mais progressista e promissor em nossa literatura.⁶¹⁸

Nesse sentido, embora em nenhum momento, Astrojildo Pereira condicione sua análise à relação de *A Hora Próxima* com a noção de realismo socialista, para o crítico literário e líder comunista, o romance representou um avanço significativo para a literatura progressista, apresentando através da luta da classe operária, um tema substancial para as pretensões partidárias, que ainda sonhava com a revolução. Além disso, dá ao romance, uma perspectiva

⁶¹⁷ *Ibid.*

⁶¹⁸ *Ibid.*

de promoção para Alina Paim, elevando-a aos grandes nomes da literatura nacional que, assim como ela, dedicavam-se à consolidação da literatura progressista naquele contexto.

Encerrando as apreciações entusiásticas, em 11 de dezembro de 1955, a *Imprensa Popular* publicou o parecer do escritor e militante comunista tcheco, Zdenek Hampejs.

Em *A Hora Próxima* a romancista exprime a sua fé num futuro melhor para o Brasil e o romance pode ser considerado o prelúdio promissor para uma literatura fundada no realismo socialista no Brasil; representa, nos dias que correm, um acontecimento significativo para as literaturas dos países latino-americanos. [...] O romance de Alina Paim, bem construído e efetivamente dramático, empregando de simpatia para com o povo trabalhador e de uma solidariedade combativa em face dos seus sofrimentos, as penas e as dores dos ferroviários, descreve, segundo os requisitos expressos por Fadeiev “de modo verdadeiro e historicamente correto” a realidade brasileira no fim do governo de Vargas e na época do ascenso do movimento pela paz; justificou as esperanças que nela depositaram os escritores brasileiros que, em visita à Praga há alguns anos, em companhia da autora de *A Hora Próxima* se referiram auspiciosamente a este romance então apenas esboçado.⁶¹⁹

A leitura de Zdenek promove uma ampliação de *A Hora Próxima* para além da fronteira nacionais, dando ao romance um caráter de relevância cultural, não apenas para a literatura brasileira, mas sim, latino-americana. Destacando ainda que os requisitos da obra atendiam as formulações de Fadeiev que, como visto no Capítulo 2 deste estudo, foi um dos intelectuais responsáveis pelo desenvolvimento da literatura soviética na década de 1920, o escritor tcheco relembra a expectativa da intelectualidade pecebista em torno do romance, quando ainda estava em elaboração.

Por fim, no “Balanço Editorial” do ano de 1955, publicado pela *Imprensa Popular*, em 8 de janeiro de 1956, Astrojildo Pereira coloca *A Hora Próxima* e a *Coleção Romances do Povo*, como grandes destaques nas publicações literárias do ano anterior:

Duas palavras acerca deste último volume. É um romance que assinala enorme progresso na obra da autora e ao mesmo tempo nos mostra como e porque ao romance brasileiro se abrem novas e até aqui insuspeitas perspectivas de renovação, par a par, neste sentido, com o mais recente Jorge Amado. [...] Temos aliás observado que os críticos brasileiros (e mesmo os comentaristas, cronistas e noticiaristas literários, com poucas exceções) pretendem ou simulam ignorar por completo a *Coleção Romances do Povo*, especialmente os romances soviéticos. Pior para os críticos, que assim se omitem de opinar sobre um movimento literário de envergadura histórica. O romance soviético é realmente algo de novo, portador de poderosa força revitalizadora, e sua influência na moderna literatura está em consonância, nem podia ser de outro modo, com a influência da Grande Revolução de Outubro sobre os destinos históricos do mundo. Há também uma grande revolução do plano literário e estético, uma revolução

⁶¹⁹ HAMPEJS, Zdenek. *A Hora Próxima e a crítica tchecoslovaca: Um acontecimento significativo na literatura latino-americana*. In: *Imprensa Popular*, ano VIII, nº 1682. Rio de Janeiro: 11 de Dez. 1955. p. 05.

de natureza cultural, cujo avanço, pelo mundo, é bobagem querer tratar ou barrar mediante cortinas de ferro...ou de papel.⁶²⁰

O que mais chama atenção no texto de Astrojildo Pereira, para além da valorização da *A Hora Próxima* e da *Coleção Romances do Povo*, é a “certeza” que a literatura soviética e o realismo socialista marcariam os rumos do plano cultural em um futuro próximo. Porém, pouco mais de um mês após a publicação do artigo supracitado, as denúncias de Relatório de Nikita Krushev, durante o XX Congresso do PCUS, não corroboraram por materializar a previsão feita pelo líder pecebista. O realismo socialista entrou em decadência, até deixar de ser a estética oficial da IC. Consequentemente, a *Coleção Romances do Povo* interrompeu suas publicações com títulos ainda por lançar. Ademais, não fazia mais sentido para os intelectuais comunistas lançarem mão em suas produções culturais, uma estética em franco esquecimento.

Diante das leituras realizadas pela crítica literária apresentadas no decorrer desta seção, observa-se três modos de apropriação distintos sobre *A Hora Próxima*. O primeiro, tido como refratário e em menor número, como na crítica de Heráclio Salles, desvaloriza as representações realizadas pela romancista e também suas estratégias de escrita. O segundo, formado por leituras matizadas, como nos pareceres de Fernando Guedes e Dalcídio Jurandir, reconhecem os méritos do romance, principalmente seu caráter de temática inovadora, contudo, apontam também suas falhas, especialmente na construção narrativa de seus personagens. O terceiro, de maneira entusiástica, como nas apreciações de Astrojildo Pereira e Zdenek Hampejs, enaltece e valoriza os aspectos estéticos, representativos e críticos do romance. Contudo, nos três grupos, pode-se indicar que as leituras feitas pelos críticos, transmitem intenções específicas, tendo em vista a orientação política dos periódicos que os publicam e, principalmente, do perfil de quem os escreve.

A Hora Próxima ganharia ainda duas traduções estrangeiras: uma em russo, publicada pela Editora de Literatura Estrangeira de Moscou, em 1957; outra em chinês, lançada em 1959⁶²¹. No Brasil, sem novas edições, o romance foi esquecido, tornando-se desconhecido pela grande maioria do público em geral. Embora Alina Paim tenha seguido como militante comunista após 1956, diferente de muitos outros intelectuais pecebistas que abandonaram os quadros partidários após o Relatório Krushev, sua produção literária deixou de alinhar-se ao

⁶²⁰ PEREIRA, Astrojildo. Balanço Editorial. In: Imprensa Popular, ano IX, nº 1706. Rio de Janeiro: 08 de Jan. 1956. p. 05.

⁶²¹ GILFRANCISCO. *A Romancista Alina Paim*. Aracaju: Edições GFS, 2008. p. 73.

realismo socialista. Publicou ainda mais quatro obras infantis e quatro romances⁶²², que embora tratem de temáticas sociais, não apresentam representações ideológicas ou partidárias.

⁶²² Obras infantis: *A Casa da Coruja Verde* (1962); *Luzbela Vestida de Cigana* (1962); *O Lenço Encantado* (1962); *Flocos de Algodão* (1966). Romances: *Sol do Meio Dia* (1961), a trilogia de *Catarina* (1965) composta pelas obras: *O Sino e a Rosa*, *A Chave do Mundo* e *O Círculo*; *A Correnteza* (1979) e *A Sétima Vez* (1994).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como objetivo geral, esta dissertação visou analisar a trajetória da escritora Alina Paim através de sua produção cultural e atuação no espaço público, principalmente durante o ápice de seu engajamento como militante do Partido Comunista do Brasil (PCB), entre os anos de 1944 e 1956. No decorrer dos capítulos anteriores, buscou-se aprofundar a reflexão em torno dos conflitos e tensões entre a produção intelectual da escritora e sua relação com a cultura política comunista. Nesse cruzamento de itinerários, foi possível observar as contradições, ambiguidades e complexidade de um sistema bilateral de interesses e dependências que, de certa forma, acabou por beneficiar as imagens da intelectual, como também, do Partido.

A primeira questão que o estudo procurou responder, esteve relacionada à inserção e atuação de Alina Paim como militante do PCB. A hipótese inicial baseava-se que a romancista, recém chegada da Bahia ao Rio de Janeiro, procurou na militância partidária uma inspiração para seu fazer literário, bem como, encontrou na sociabilidade intelectual comunista um caminho para expansão de seu trabalho intelectual, através da estrutura cultural que o Partido poderia oferecer. Os desdobramentos destes dois aspectos foram analisados ao longo do texto, tendo em vista que a relação entre intelectual e Partido, determinou o núcleo analítico deste estudo.

No primeiro capítulo, foi possível acompanhar o percurso que levou Alina Paim de encontro ao comunismo. As fontes analisadas, não indicaram seu envolvimento com a ideologia comunista, tampouco com o Partido, quando a romancista ainda vivia no estado da Bahia. Por conseguinte, após casar-se com o médico Isaías Paim e se mudarem para o Rio de Janeiro, em 1943, já no ano seguinte, Alina Paim e comunismo se encontram. Todo o processo de publicação de seu primeiro romance, *Estrada da Liberdade*, em 1944, indica o início do envolvimento da escritora com as relações partidárias. Conforme apresentado na seção 2 do Capítulo 1, a tutoria intelectual de Graciliano Ramos e, principalmente, a questão editorial do romance, publicado pela editora comunista *Leitura*, promoveram Alina Paim à convivência direta e constante com a sociabilidade pecebista. Após o lançamento do livro, a escritora continuou colaborando com o jornal que era uma extensão da editora, também sob a orientação do Partido.

Contudo, como em 1944 o PCB ainda se encontrava na ilegalidade, oficialmente, a filiação de Alina Paim ocorreu em 1945, quando pelas determinações do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o Partido retomou suas ações legais. Isso demonstra que, quando recebe

juntamente com outros vários intelectuais, simbolicamente, o *carnet* de membra do PCB da mão de Luiz Carlos Prestes, em maio de 1945, Alina Paim já tinha um histórico de envolvimento com a sociabilidade comunista a pelo menos um ano, desde os tempos do acolhimento de seu fazer intelectual pelo grupo *Leitura*. Portanto, pode-se dizer que a comunista nasceu antes mesmo de sua adesão oficial ao comunismo.

A partir de então, em consonância com as reflexões apresentadas na seção 3 do Capítulo 1, Alina Paim dedicou-se a diversas intervenções no espaço público por meio de suas ações entre a sociabilidade pecebista. Assinou diversos manifestos e abaixo-assinados; colaborou com artigos e contos nas revistas e jornais do Partido; participou de eventos nacionais e internacionais representando o PCB; integrou, por diversas vezes, a direção da Associação Brasileira de Escritores (ABDE). Desse modo, através de seu engajamento político e de sua produção cultural, envolveu-se em polêmicas e debates públicos de maneira substancial.

Alina Paim retornaria ao cenário literário nacional no final da década de 1940, quando publicou mais dois romances: *Simão Dias*, em 1949, pela Editora Casa do Estudante do Brasil; e *A Sombra do Patriarca*, em 1950, pela Editora Globo. A publicação dos dois romances, quase que simultaneamente, nos permitiu indicar que, mesmo quando se dedicou às ações políticas enquanto militante do Partido, Alina Paim esteve ainda envolvida na escrita das duas obras, corroborando para a relação indissociável de suas grandes paixões: a literatura e a militância política.

Por conseguinte, à análise das representações realizadas em seus três primeiros romances, conforme destacadas ao longo do capítulo 1, possibilitou apreender alguns deslocamentos estéticos em seu fazer literário, muitos deles, em função de seu amadurecimento enquanto romancista e militante comunista. Com base nos fragmentos biográficos de Alina Paim expostos na seção 1 do primeiro capítulo, foi possível observar que em *Estrada da Liberdade* e *Simão Dias*, a romancista coloca em prática uma escrita de si, transpondo em seu texto, diversas representações de suas experiências de infância e juventude, como a orfandade; a discrepância entre os ensino religioso e o público; as desigualdades sociais existentes em uma mesma cidade; a sexualidade; o racismo; o patriarcalismo; enfim, uma série de críticas sociais feitas em tons autobiográficos e intimistas. Nessa fase, o Partido e, conseqüentemente a cultura política comunista, aparecem de maneira sutil, intertextualmente e em forma de alegorias, principalmente em seu primeiro romance. Por conseguinte, em *A Sombra do Patriarca*, embora a crítica central recaia sobre a ordem patriarcal vigente no meio rural e da exploração do trabalhador deste cenário, pela primeira vez, o Partido surge explicitamente na literatura

paimiana. Através de uma personagem, militante comunista, Alina Paim representa o despertar de uma consciência política em outras agentes da narrativa, transmitindo o papel pedagógico partidário defendido pela intelectualidade pecebista.

O fazer literário de Alina Paim em seus três primeiros romances e, principalmente, os deslocamentos em sua estratégia de escrita, estão diretamente relacionados com novas tendências surgidas e acompanhadas pela literatura brasileira, sobretudo dos intelectuais de esquerda, iniciadas na década de 1930. Conforme apresentado na seção 1 do Capítulo 2, procurando romper com a preocupação estética do modernismo, a partir do início dos anos de 1930, um grupo de escritores começam a narrar em suas produções culturais, uma crítica ao atraso social brasileiro diante de seu processo de modernização. Existe, portanto, a conscientização e denúncia dos problemas vividos pela sociedade através dos romances sociais. Nessa fase, os escritores de esquerda, tendo como maior representante, Jorge Amado, assumem o frentismo cultural na produção e promoção dos romances sociais entre a intelectualidade nacional. Contudo, em pouco tempo, apenas o reconhecimento e indicação das mazelas sociais se tornaram insuficientes para tornar a literatura um mecanismo de luta e, com as determinações da Internacional Comunista (IC), ocorreu um novo reordenamento literário do Brasil. Os romances proletários aparecem como desdobramento das ações anteriormente descritas, englobando em suas narrativas além da denúncia, o protagonismo da classe trabalhadora em seus enredos. Seguindo as determinações soviéticas, os escritores comunistas novamente assumem a frente das ações, criando uma certa polarização no ambiente literário.

Nesse sentido, os três primeiros romances de Alina Paim, *Estrada da Liberdade*, *Simão Dias* e *A Sombra do Patriarca*, embora publicados na década de 1940 e início dos anos de 1950, acompanham as tendências literárias promovidas pela geração de romancistas da década de 1930. Existem em seus enredos o reconhecimento dos problemas, como nos romances sociais e, em alguns momentos, a reflexão sobre o papel do trabalhador para romper com tais mazelas, como nos romances proletários. No entanto, com o cenário de clandestinidade do Partido retornando em 1947, o Comitê Central do PCB promoveu uma nova transformação nas ações de sua militância intelectual e, Alina Paim teve substancial participação nas novas ordens culturais do Partido: o realismo socialista.

Ainda na seção 1 do Capítulo 2, foram apresentados os itinerários que levaram a implantação do realismo socialista como estética cultural oficial do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Desse modo, foi observada a busca por uma nova identidade cultural soviética, enaltecendo as características básicas do socialismo e, conseqüentemente, afastando-

se de vanguardas experimentalistas e heranças artísticas burguesas. Surgido a partir dos discursos de Andrei Zhdanov, durante o I Congresso de Escritores Soviéticos, em 1934, o realismo socialista foi institucionalizado pelo Comitê Central como forma de padronizar as produções culturais do país em um único modelo estético, com as seguintes características: exploração da temática revolucionária; representação de heróis positivos; difusão ideológica do Partido e evolução da arte em função da coletividade.

No Brasil, embora tais formulações tenham chegado ainda na década de 1930, é somente no final dos anos de 1940 e início de 1950, após o PCB ser novamente conduzido à ilegalidade, que sua apropriação pela intelectualidade comunista atinge seu ápice. Obviamente, as bases artísticas promovidas pela participação dos comunistas na promoção dos romances sociais e/ou proletários, foi determinante para a consolidação da estética soviética em solo brasileiro. Contudo, não somente a crítica social, tampouco o proletariado como pano de fundo para os romances, eram suficientes para reproduzir nas produções culturais dos militantes pecebistas, as orientações estéticas vindas da pátria mãe do comunismo. Durante a década de 1940, as reflexões sobre os romances proletários assumiram destaque entre os escritores comunistas, acusando algumas obras que se diziam proletárias e que não eram produzidas por militantes, de aburguesamento das representações da classe trabalhadora. Nesse sentido, em trajetória semelhante à ocorrida na URSS, o realismo socialista adquiriu um carácter de estética restrita aos intelectuais comunista, pois, somente estes cumpriram a missão de representar fidedignamente o Partido, o herói proletário, a revolução e colocar a coletivo a frente do individual.

Conforme exposto da seção 3 do Capítulo 2, visando radicalizar suas ações após ser colocado na clandestinidade, o PCB orienta sua militância intelectual a seguirem em suas produções culturais, a estética do realismo socialista e, conseqüentemente, reproduzir as determinações partidárias do *Manifesto de Agosto de 1950*. Nesse sentido, em uma reunião “secreta” entre intelectuais comunistas, Alina Paim foi indicada a pesquisar e representar em um romance, as ações dos trabalhadores ferroviários em uma série de greves ocorridas no Sudeste brasileiro, iniciadas em 1949. Em virtude disso, a romancista passou a percorrer as Estações ferroviárias que fizeram parte do movimento, colhendo informações e aproximando-se do público que iria compor sua narrativa. O trabalho de campo e a vivência entre os ferroviários e suas famílias, que inclusive renderam à romancista uma ordem de prisão sob a acusação de agitação e subversão, promoveram também, um novo deslocamento em seu fazer literário, orientado pela modificação da percepção de Alina Paim em relação a sua função como

autora, abdicando das características intimistas e individuais de seus primeiros romances, em favor da representação coletiva do outro na obra em elaboração.

Por se tratar de um romance encomendado pelo Partido e com claras intenções políticas, o processo de escrita e publicação da obra inspirou a segunda questão que este estudo procurou refletir: as possíveis intervenções do Partido na liberdade de criação da romancista. De acordo com as informações apresentadas no tópico 4 do Capítulo 2, foi possível afirmar a hipótese inicialmente levantada, observando que, embora o lançamento do romance tenha atrasado, nenhuma das fontes analisadas indicaram, substancialmente, para a interferência do PCB no fazer literário da escritora. A documentação apresenta uma intensa campanha de promoção do livro, mantendo-o presente no imaginário popular e aumentando a expectativa do público leitor pela sua publicação. Ademais, de 1950, quando recebe do Partido a tarefa de pesquisar e romancear a greve; até 1954, quando assina o contrato de publicação da obra, Alina Paim manteve-se ativa em outras determinações partidárias, como na organização de concursos literários e nos congressos da ABDE, participação nos clandestinos cursos “Stalin” realizados pelo PCB, uma viagem internacional representando o Partido na URSS e Tchecoslováquia; além de suas funções profissionais, como na criação de roteiros para o programa *No Reino da Alegria*, veiculados pela Rádio do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Enfim, diversas variáveis que corroboram na afirmação que o atraso no lançamento do romance, encontra outros significados que não nos levaram à censura partidária.

Por conseguinte, a publicação do romance, inicialmente intitulado de “Ferroviários”, mas lançado sob o título de *A Hora Próxima*, ocorreu em 5 de maio de 1955, como 11º volume da *Coleção Romances do Povo*, da Editorial Vitória. Nessa perspectiva, a seção 2 do Capítulo 2, demonstrou o quão significativa foi a trajetória da Editora Vitória, a mais longeva e atuante organização editorial de livros vinculada ao Partido, tanto que seria, em 1964, um dos primeiros alvos repressivos da ditadura militar. Discutiu-se também neste tópico, a representatividade da *Coleção Romances do Povo* para a divulgação do realismo socialista no Brasil, traduzindo e lançando clássicos da literatura soviética e de outras nacionalidades que se dedicam à mesma estética.

Por fim, no terceiro e último capítulo, foi possível compreender e problematizar se as representações realizadas por Alina Paim em *A Hora Próxima*, realmente estão condizentes com as diretrizes estéticas do realismo socialista. Já na estrutura do romance, observou-se que, de maneira multifacetada, os acontecimentos da greve não obedecem a linearidade de seus acontecimentos, passando ao leitor, uma ideia de construção coletiva da narrativa ao não

privilegiar cenários e personagens em específico. Contudo, logo de início, surge uma importante problematização em relação ao realismo socialista, que a construção de narrativas de fácil leitura e compreensão do público alvo mais simples. Nesse sentido, ao tornar seu texto um constante ir e vir, em certa medida, a romancista dificulta a leitura da obra, tornando-a um desafio literário justamente para o público alvo a qual se destina: as massas populares.

Por conseguinte, nas seções 1, 2 e 3 do terceiro capítulo, refletiu-se até que ponto Alina conseguiu expressar em *A Hora Próxima*, as características principais do realismo socialista. Em relação à exploração da temática revolucionária, observa-se a tomada da greve como possibilidade de estimular os trabalhadores ferroviários a pensarem suas ações de maneira mais ampla. Nos discursos dos personagens, principalmente dos comunistas, a revolução não é tratada como sinônimo do movimento grevistas, mas como uma importante ação para a demonstração da força da classe operária quando compartilham um objetivo em comum. Nesse sentido, em nenhum momento, a revolução proletária é tida como meta para os grevistas, mas, em um sentido contrário, as greves apresentam-se como esperança para a organização revolucionária em uma “hora próxima”. Tendo como base os exemplos das demais obras do realismo socialista publicadas pela própria *Coleção Romances do Povo*, apenas alguns romances soviéticos, como *Assim foi Temperado o Aço*; de Nikolai Ostrowski; e, *Tchapáiev*, de Dmitri Furmanov, conseguem alcançar o feito de representar em suas narrativas os caminhos e a consolidação da revolução, claramente pelo seus enredos tratarem do próprio contexto de ação dos revolucionários bolcheviques.

Como a priorização do realismo é uma questão essencial para a estética cultural soviética, caso Alina Paim encerrasse a obra com a consolidação da revolução, consequentemente, estaria modificando a realidade e o sentido de construção coletiva de seu romance. Nesse sentido, conclui-se que, a temática revolucionária é explorada em *A Hora Próxima*, pois em todo o romance o otimismo pela vitória da classe operária é representado, obviamente, de acordo com as condições que sua temática propunha, a greve como caminho para o despertar da consciência dos trabalhadores enquanto classe e, posteriormente, quando organizados, rumo a revolução proletária. Narrativa semelhante pode ser observada em outros romances realistas socialistas da *Coleção Romances do Povo*, como *A Lã e a Neve*, do português Ferreira de Castro, e *Os Donos do Orvalho*, do haitiano Jacques Roumain, ambas as obras, dentro das especificidades de seus enredos, exploram a esperança pela revolução que não se consolida, mas desperta em seus personagens os desejos pela sua busca.

Por outro lado, as representações do herói positivo são amplamente representadas por Alina Paim em *A Hora Próxima*. Na verdade, o romance pluraliza essa perspectiva, ampliando-a para “heróis e/ou heroínas positivas”, em seu sentido coletivo. As ações femininas no romance, que direcionam o tópico 1 do Capítulo 3 desta dissertação, demonstram as representações das mulheres grevistas que percorrem todo o romance. Observa-se as mulheres “mães de famílias”, como nas personagens Jandira, Angélica, D. Palmira, Margarida, Dolores, Rita e Leonor, que pelo atraso no pagamento de seus esposos ferroviários, sentem na pele e de seus filhos as consequências da negligência da Rede Mineira de Viação (RMV) em relação aos seus trabalhadores. São estas mulheres que dominam as ações efetivas na narrativa, formando a Comissão de Senhoras Grevistas e negociando diretamente com a administração da Rede, o atendimento de suas reivindicações.

Não obstante, o coletivo de heróis e heroínas que compõem a narrativa de *A Hora Próxima*, está diretamente relacionado com outra característica importante para a estética do realismo socialista, a difusão ideológica do Partido. Primeiramente, através das mulheres do Partido, como Nina e Marta, que, em suas atribuições enquanto comunistas, fomentam e orientam as outras mulheres nas ações durante as greves e em sua organização posterior, visando a formação de Ligas Femininas nas cidades que se envolvem no movimento. Passando para o exposto na seção 2 do último Capítulo, a cultura política comunista no romance, encontra-se representada de duas formas: através de recordações de personagens que, enquanto militantes mais antigos, resgatam em seus discursos a história e memória pecebista; e por intermédio de ações de membros do Partido na organização e orientação das ações grevistas.

O primeiro grupo, personificados nas figuras de Zé de Barros e velho Tião, desempenha um importante papel na formação da consciência de classe entre os ferroviários, ensinando-lhes de maneira didática os princípios básicos da filosofia marxista, como o *Manifesto Comunista*; estimulando a leitura dos jornais partidários, como *A Classe Operária*; tratando de temáticas preconizadas pelo Partido no *Manifesto de Agosto*, como a reforma agrária; recuperando, através de líderes pecebistas, como Hermogênio da Silva e Luiz Carlos Prestes, a origem partidária entre os trabalhadores ferroviários e o modelo de militante comunista que luta, sem medo, pelas causas operárias. Enfim, personagens reais que, através de suas experiências como militantes, buscam estimular o despertar de novos comunistas por meio de suas histórias com o Partido.

O segundo grupo, são de representantes do Partido que buscam dar um caminho homogêneo para as greves, como o vereador Sílvio Ferreira, o dirigente Alberto, os militantes

Orlando, Gomes e Milton. Em um momento em que o PCB se encontrava na clandestinidade, são eles o elo que liga o Partido aos ferroviários, mobilizando suas ações através de reuniões secretas; panfletagens no meio na madrugada; estudando suas pautas a fim de unificá-las; orientando as ações grevistas para que se fortifiquem. Contudo, Alina Paim trata da atuação de maneira crítica, não demonstrando apenas seu caráter mágico e salvador como se esperava em um romance partidário, mas também, os erros estratégicos de seus agentes, suas fraquezas e instabilidades que, para se alcançar o objetivo último, a revolução, precisam ser erradicados. Mesmo assim, trata-se de uma representação que aponta para o futuro, reconhecendo nas falhas do presente, uma possibilidade de aprendizado para as próximas lutas. Para grau de comparação, em um dos clássicos do realismo socialista publicado pela *Coleção Romances do Povo, A Tempestade*, de Ilya Ehreburg, ocorre uma reflexão semelhante a realizada por Alina Paim, quando a escritora soviética abre mão do triunfalismo comunista, em favor da reflexão em torno das consequências devastadoras da Segunda Guerra para as nações.

Por conseguinte, o terceiro tópico do Capítulo 3, tratou das representações dos “inimigos da greve”. No decorrer do romance, observa-se o surgimento de personagens que, por motivos diversos, agem com o intuito de atrapalhar ou reprimir as ações grevistas. Nesse sentido, aparece o ferroviário “fura-greve”, que por interesses particulares, discorda do posicionamento de sua própria classe; o vereador da oposição, que tenta de todas as formas tirar as mulheres e as crianças do acampamento para enfraquecer o movimento; o engenheiro da RMV, defendendo o tratamento dos ferroviários como se fossem escravos da Empresa; a polícia, que temendo a acentuação da revolta, desloca sua repressão não para os trabalhadores, mas para os militantes comunista; a Igreja, em sua acintosa campanha anticomunista. Contudo, mesmo diante de vários agentes que, de alguma forma, buscam reprimir o movimento grevista, os principais motivos para o desfecho da greve sem alcançar o sucesso desejado, foi a carência de uma União Ferroviária e os erros estratégicos dos comunistas.

Por fim, na última seção do terceiro capítulo, foi apresentada a recepção de *A Hora Próxima* pela crítica literária de 1955. Com três diferentes apropriações do romance, as leituras dos críticos indicaram para um grupo refratário, que desmereceu a estética e as representações realizadas pela escritora em seu romance; outro grupo, de maneira matizada, considerou suas contribuições para o avanço da literatura nacional, porém, apontou para seus problemas estruturais; e um grupo entusiástico, vangloriando a obra de maneira explícita. Mais que diferentes formas de leitura, os pareceres demonstram um teor político, tocando em pontos essenciais para o enaltecimento e/ou depreciação da literatura de maneira geral e não apenas

em torno de Alina Paim e seu romance. Portanto, pode-se acusar o realismo socialista de tudo, menos de não acreditar no poder transformador da literatura para o imaginário popular.

Diante de todas as análises promovidas ao longo desta dissertação, surge ainda uma questão importante, a terceira que nos propomos a discutir: mesmo com substancial produção cultural e atuação no espaço público enquanto militante pecebista, Alina Paim é desconhecida da grande maioria do público na atualidade. Por mais que a existência de uma hierarquização no interior da intelectualidade comunista seja nítida, canonizando inclusive, agentes que em uma perspectiva ampla, tiveram uma atuação até menos significativa nos quadros partidários que Alina Paim, sem dúvidas a escritora sergipana fez parte do grupo de grandes nomes da intelectualidade comunista nas décadas de 1940 e 1950. Não obstante, para responder as causas que a levaram ao desconhecimento público atualmente, seria preciso ir além do recorte temporal proposto por esta dissertação. As décadas seguintes se apresentaram como um desafio para as ações públicas de intelectuais historicamente ligados ao comunismo, como no caso de Alina. Nesse sentido, como bem nos ensinou Michel de Certeau, “enquanto a pesquisa é interminável, o texto deve ter um fim”⁶²³. Contudo, isso não nos impede de indicar possibilidades para extensão desta pesquisa, ou de outras que também se interessem pelo estudo da trajetória intelectual de Alina Paim.

O ostracismo do realismo socialista enquanto estética oficial do Partido após 1956, não interrompeu a capacidade de criação literária de Alina Paim, tampouco sua atuação como militante comunista. Sem entrar nos méritos das representações e estética do livro, em 1961, a romancista reaparece no cenário literário com o romance *O Sol do Meio Dia*, publicado pela Associação Brasileira do Livro e vencedor do Prêmio Manuel Antônio de Almeida, daquele ano⁶²⁴. Por conseguinte, em 1962, tem três obras infantis publicadas pela Editora Conquista, *A Casa da Coruja Verde*; *Luzbela Vestida de Cigana* e *O Lenço Encantado*, sendo estas, adaptações dos roteiros que escreveu para o programa infantil *No Reino da Alegria*, transmitido pela Rádio MEC, entre 1945 e 1956⁶²⁵. No mesmo ano, representando o Partido, participou do Congresso de Mulheres de toda a América, realizado na capital cubana Havana, tendo como pautas: “importância da participação da mulher na luta pelo progresso dos povos; na conquista

⁶²³ CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 93.

⁶²⁴ ALINA Paim: novo lançamento. In: *Leitura*, nº 47, Nova Fase, Ano XIX. Rio de Janeiro: maio 1961. p. 64.

⁶²⁵ LITERATURA Infantil. In: *Jornal do Commercio*, Ano 132, nº 208. Rio de Janeiro: 05 de jun. de 1961. p. 07.

dos seus direitos como mãe trabalhadora e cidadã; à saúde, à educação, ao bem estar e à felicidade; na salvaguarda da soberania dos povos e da paz no mundo”.⁶²⁶

Em 1965, já durante os governos militares, Alina Paim publicou, simultaneamente, pela Editora Lidador, a trilogia *Catarina*, composta pelos romances *O Sino e a Rosa*; *A Chave do Mundo* e *O Círculo*, rendendo-lhe o prêmio Walmap de Literatura daquele ano⁶²⁷. Ainda, em 1966, seu quarto livro infantil, *Flocos de Algodão*, é publicado pelo Serviço de Informação Agrícola. Contudo, entre 1966 e 1979, a romancista desaparece da literatura nacional, remetendo-nos, sem dúvidas, a uma questão: O que fez Alina Paim nesse hiato de 13 anos? Algumas hipóteses surgem primariamente.

Embora Alina Paim tenha publicado sua trilogia de romances e um livro infantil já durante o regime militar, fontes do Arquivo Público Mineiro indicam o monitoramento das ações da romancista, especialmente em visitas aos ferroviários mineiros⁶²⁸ que, após o convívio durante as pesquisas que culminaram em *A Hora Próxima*, tornaram-se seus amigos. Ademais, a própria escritora, em uma das suas últimas entrevistas ainda em vida, quando perguntada se havia sofrido algum tipo de repressão durante a ditadura, respondeu:

Escapei do exílio, pois fiquei escondida por vinte e três dias. Houve uma greve na rede ferroviária sem preparação, tomei até um susto, estourou meio irresponsável. Um vereador telefonou e correram para dar um jeito que eu não fosse presa de manhã, foram lá em casa, me chamaram e disseram para abrir, pois era importante, disse-me para eu não sair de mala na mão. Por vinte e três dias fiquei num apartamento de uma pessoa que simpatizava com o Partido e se arriscou a me ajudar. Não posso dizer quem foi.⁶²⁹

Como dito, são apenas indicativos que podem ser tomados como ponto inicial para uma reflexão mais ampla, tendo como objetivo, as ações de uma militante historicamente vinculada ao comunismo, contudo, durante a ditadura militar. Nesse sentido, por um acaso ou não, Alina Paim só retorna ao espaço público após a Lei de Anistia, de 1979, quando, ao final daquele ano, tem seu romance *A Correnteza* publicado pela Editora Record. Depois disso, encerraria sua

⁶²⁶ CONGRESSO de Mulheres em Havana. In: Última Hora, nº 1015, Ano VII. Rio de Janeiro: 27 de nov. 1962. p. 29. Participaram do referido Congresso: Edna Lott; Elsa Soares Ribeiro; Helena Velasco; Marly Sorel Marion; Abigail Mara; Nora Ney; Carminha Mascarenhas; Jeanette Clair; Glauce Rocha; Maria Della Costa; Ruth de Souza; Maria Yedda Leite Linhares; **Alina Paim**; Zelinda Lee; Lygia Fagundes Telles; Helena Silveira; Helena Nioac Prado e Yvone Jean.

⁶²⁷ DAL FARRA, Maria Lúcia. O cerco rompido. (Leitura de O círculo, de Alina Paim). In: E-Letras com Vida. nº 1, julho/dezembro de 2018, pp. 31-50. Universidade de Lisboa: Lisboa. p. 32.

⁶²⁸ BOLETINS de Atividades Comunista. In: Arquivo Público Mineiro, fundo DOPS/MG, pasta 5306, documento 201, 1964-1970.

⁶²⁹ GILFRANCISCO. *A Romancista Alina Paim*. Aracaju: Edições GFS, 2008. p. 40.

carreira como escritora em 1994, com o romance *A Sétima Vez*, lançado pela Fundação Estadual de Cultura de Aracaju.

Não obstante, deve-se destacar que um dos grandes motivos de seu esquecimento público, está relacionado a carência de reedições de suas obras literárias. Durante anos, de toda a produção cultural de Alina Paim, apenas o romance *Simão Dias* foi contemplado por uma segunda edição, em 1979, pela Editora Cátedra. Tal cenário, só não se encontra mais desastroso, devido aos trabalhos promovidos pelos pesquisadores Gilfrancisco Santos e Ana Maria Leal Cardoso, que nos últimos anos, dedicaram-se a recuperação, ainda modesta, da obra paimiana, como no lançamento da segunda edição de *Estrada da Liberdade*, em 2014, publicado pela Assembleia Legislativa da Bahia; na terceira edição de *Simão Dias*, pela Editora Edise, em 2015; e na reedição do livro infantil *A Casa da Coruja Verde*, em 2019, pela Editora ArtNer Comunicação. Nesse sentido, para que Alina Paim não permaneça desconhecida por grande parte dos brasileiros, torna-se essencial um trabalho editorial que resgate sua produção literária, dando-lhe a visibilidade que o tempo abdicou.

Em suma, em 28 de fevereiro de 2011, em sua casa na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Alina Leite nos proporcionou suas últimas letras. Aos 91 anos de idade, vítima de insuficiência cardíaca e arterial crônica, a romancista sergipana partiu para o outro plano, deixando duas filhas e uma grandiosa contribuição cultural e política para a *História Intelectual* brasileira. Contudo, sua trajetória permanece entre nós e, como um castelo de cartas⁶³⁰, repleto de arestas, aguarda o sopro daqueles que, assim como este que vos escreve, acredita em sua reconstrução.

⁶³⁰ GUERELLUS, Natália de Santanna. *Como um castelo de cartas: culturas políticas e trajetória de Rachel de Queiroz (1910-1964)*. 2015. 388 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói/RJ, 2015. pp. 28-29.

REFERÊNCIAS

FONTES

Periódicos:

HEMEROTECA Digital Brasileira. Biblioteca Nacional. Seção: Periódicos. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

A Manhã. Rio de Janeiro.

Boletim Ariel. Rio de Janeiro.

Careta. Rio de Janeiro.

Correio da Manhã. Rio de Janeiro.

Diário Carioca. Rio de Janeiro.

Diário de Notícias. Rio de Janeiro.

Diretrizes. Rio de Janeiro.

Folha da Manhã. São Paulo.

Fundamentos. São Paulo.

Imprensa Popular. Rio de Janeiro.

IstoÉ. São Paulo.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro.

Leitura: crítica e informação bibliográfica. Rio de Janeiro.

Letras e Artes: Suplemento de A Manhã. Rio de Janeiro.

Momento Feminino. Rio de Janeiro.

O Cruzeiro. Rio de Janeiro.

O Jornal. Rio de Janeiro.

O Momento. Bahia.

Para Todos. Rio de Janeiro.

Revista da Semana. Rio de Janeiro.

Sombra. Rio de Janeiro.

Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro.

Tribuna Popular. Rio de Janeiro.

Última Hora. Rio de Janeiro.

Voz Operária. Rio de Janeiro.

Documentação Oficial:

BOLETINS de Atividades Comunista. In: *Arquivo Público Mineiro (APM)*. Fundo DOPS/MG, pasta 5306, documento 201, 1964-1970.

DIÁRIO Oficial da Bahia. In: *Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB)*, 18-19 mai., 1938.

PRONTUÁRIO Alina Paim. In: *Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP)*. Fundo DEOPS, nº 107813, 1949. pp.2-4.

RECRUTAMENTO para o Partido Comunista do Brasil. In: *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)*, Fundo Polícia Política; Série comunismo, notação 2-A, maço 03. fls. 104.

Biografias:

AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.

GILFRANCISCO. *A Romancista Alina Paim*. Aracaju: Edições GFS, 2008.

Literaturas:

AMADO, Jorge. *Cacau*. Rio de Janeiro: Editora Ariel. 1933.

AMADO, Jorge. *Suor*. Rio de Janeiro: Editora Ariel. 1934.

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. Rio de Janeiro: Editora Livraria José Olympio. 1935.

LOBO, Mara (Patrícia Galvão). *Parque Industrial*. São Paulo: Edição Particular. 1933.

PAIM, Alina. *Estrada da Liberdade*. Rio de Janeiro: Leitura, 1944.

PAIM, Alina. *Simão Dias*. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1949.

PAIM, Alina. *A Sombra do Patriarca*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1950.

PAIM, Alina. *Simão Dias*. 2a ed. Rio de Janeiro/Brasília: Cátedra/INL, 1979.

PAIM, Alina. *A Hora Próxima*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1955.

BIBLIOGRAFIA

Livros:

AMARAL, Aracy. *Arte pra que?* A preocupação social na arte brasileira (1930-1970): subsídios para uma história social da arte no Brasil. São Paulo. Nobel, 1987.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo Sexo: a experiência vivida*. 2ª edição: Difusão Europeia do livro, 1967.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Tradução: Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª edição, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. Renato Ortiz (organizador). São Paulo: Ática, 1983.

BUENO, Luis. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp: Unicamp, 2006.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARONE, Edgard. *O PCB: 1943-1964*. v.1. São Paulo: Difel, 1982.

CARONE, Edgard. *O Marxismo no Brasil (Das Origens a 1964)*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1837-1945)*. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1976.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHACON, Vamireh. *História dos Partidos Políticos Brasileiros*. 3ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. *Formas e sentido*. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Tradução de Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

CHILCOTE, Ronald H. *O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa. *Pelos caminhos da Maria Fumaça: o trabalho ferroviário – formação e resistência pelo trabalho*. 1989. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: Gráfica e Editora O Lutador, 2014.

DIÁRIO de Notícias: a luta por um país soberano. Caderno de Comunicação: Série Memória. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2006.

- DOSSE, François. La marcha de las ideas: historia de los intelectuales, historia intelectual. Valencia: Universidad de Valencia, 2007.
- FOREL, Augusto. *A Questão Sexual*. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1941.
- FOUCAULT, M. "O que é um autor". [S.L.] Garrido e Lino Ltda, 1992. p. 29-87.
- FREIRE, Renato; RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. *Confeitaria Colombo: Sabores de uma cidade*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.
- GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: Sua História*. (Maria da Penha Villalobos; Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza - tradutores). 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- HOBBSBAWN, E.J. *Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: A crítica e o modernismo*. Pref. Antônio Cândido. São Paulo: Duas Cidades Editora, 2000.
- MARTINS, Marisângela T. A. *A esquerda de seu tempo: escritores e o Partido Comunista do Brasil (Porto Alegre - 1927-1957)*. São Paulo: Verona, 2014.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MORAES, Dênis de. *O Imaginário Vigiado: A Imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- MORAES. *O velho Graça*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Editora Perspectiva, 2002.
- PEREIRA, Astrojildo. *Construindo o PCB (1922-1924)*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.
- RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções de subjetividade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- RUBIM, Antonio A. Canelas. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995.
- SANTANA, Marco Aurélio. *Homens partidos: comunistas e sindicatos no Brasil*. 1ª Edição. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2001.
- SCHMITT, Rogério. *Partidos políticos no Brasil (1945-2000)*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

SCHUMA, Schumacher; BRASIL, Érico Vidal (Orgs.). *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SEGATTO, José Antônio. *Breve História do PCB*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SHARPE, Peggy. *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis-SC: Editora Mulheres, 1997.

SIRINELLI, Jean-François & ORY, Pascal. *Les intellectuels en France: de l'affaire Dreyfus à nos jours*. Paris: Éditions Perrin, 2004.

SIRINELLI, Jean-François. *Abrir a História: novos olhares sobre o século XX francês - Um Ensaio*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

SOIHET, Rachel. *Feminismos e antifeminismos: mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. *Escrita de mulheres e a (des)construção do cânone literário na pós-modernidade: cenas paranaenses*. Guarapuava, PR: Unicentro, 2008.

XAVIER, Elódia. *Declínio do Patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 1998.

XAVIER. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

Capítulos de livros:

ALMEIDA, Ângela. *Notas sobre a Família no Brasil*. In: ALMEIDA, A.M.et al (orgs.) *Pensando a Família no Brasil*. Rio: Espaço e Tempo/UFRRJ, p. 53- 66.

AMAZONAS, João; GRABOIS, Maurício. *Cinquenta anos de luta*. In: Partido Comunista do Brasil: em defesa dos trabalhadores e do povo brasileiro. São Paulo: Anita Garibaldi, 2000.

BERSTEIN, Serge. *Os partidos*. In. REMOND, René. *Por uma História Política*. Tradução: Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. pp. 57-98.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. Maria Alice e Afrânio Catani (organizadores) – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, 2º edição. pp. 71-75. Publicado originalmente como: BOURDIEU, Pierre. *Les trois états du capital culturel*. In. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 30, novembro de 1979. pp. 3-6.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. pp. 183-192.

CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*. In: *A Educação pela Noite e outros ensaios*. SP: Ática. 1987.

CAPELATO, Maria Helena. *O Estado Novo: o que trouxe de novo?* In: FERREIRA, JORGE & DELGADO, Lucia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. pp. 109-143.

CARONE, Edgard. *Literatura e Público*. In: SECCO, Lincoln; DEAECTO, Marisa Midori. Edgard Carone, Leituras Marxistas e Outros Ensaios. São Paulo: Xamã, 2004.

CERTEAU, Michel de. *Introdução geral; Ler: uma operação de caça*. In: *A invenção do cotidiano*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 17ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011, pp. 37-51; 236-248.

CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. *O livro: uma mudança de perspectiva*. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Tradução de Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1974.

CORGOZINHO, Batistina Maria de Sousa. *A mulher rebelde: do privado ao público*. In: *Educação, cultura e organizações sociais*. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.

DARNTON, Robert. *O que é a história dos livros*. In: *O Beijo de Lamourette*. Mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia. Das Letras, 2010.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Tradução de Leandro Konder. In: MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. *Obras escolhidas*, Volume 3. São Paulo: Alfa-Omega, s/d, pp. 7-143.

LENIN, Vladimir. *A organização do partido e a literatura do partido*. In: *Obras Completas*, volume 12. São Paulo: Alfa Ômega, 1980.

MARLETTI, Carlo. *Intelectuais*. In: *Dicionário de Política A-K*. Volume 01. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

MAUÉS, Flamarion. *A editorial Vitória e a Divulgação das Ideias Comunistas no Brasil (1944-1964)*. In: DEAECTO, Marisa Midori; MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Edição e Revolução: Leituras Comunistas no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A cultura política comunista: alguns apontamentos*. In: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. pp. 15-37.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A verdadeira pátria dos trabalhadores: a URSS e as edições comunistas*. In: ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson (org.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado de Letras, v. 1, pp. 343-365, 2005.

NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Apresentação*. In: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. pp. 9-13.

PALAMARTCHUCK, Ana Paula. *Intelectuais comunistas e a experiência democrática: Guerra Fria e projeto editorial (1945-1956)*. In: Política, Cultura e Memória: (Des)caminhos na História Social Contemporânea. Maceió: Edufal, 2019.

PANDOLFI, Dulce Chaves. *Os anos 1930: as incertezas do regime*. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). *O Brasil Republicano*. 2v. Rio de Janeiro: Civilização, 2010. pp. 13-37.

PRESTES, Luís Carlos. *O Manifesto de Agosto de 1950*. In: VINHAS, M. *O Partidão: a luta por um partido de massas*. SP: HUCITEC. 1982.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Intelectuais e política nas fronteiras entre Reforma e Revolução*. In: *Intelectuais História e Política*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. pp. 11-34.

RIOUX, Jean-Pierre. *A associação em política*. In: REMOND, René. *Por uma História Política*. Tradução: Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. pp. 99-140.

RUBIM, Antonio Albino Canella. *Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil*. In: *História do Marxismo no Brasil*. Campinas: Editora UNICAMP, 1998.

SIRINELLI, Jean-François. *Os Intelectuais*. In: REMOND, René. *Por uma História Política*. Tradução: Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. pp. 231-270.

STRADA, Vittorio. Da “revolução cultural” ao “realismo socialista”. In: HOBBSAWM, Eric J. (org.). *História do marxismo; o marxismo na época da terceira internacional: problemas da cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Teses e Dissertações:

ALVES, Iracélli da Cruz. *A política no feminino: uma história das mulheres no Partido Comunista do Brasil – Seção Bahia (1942-1949)*. 2015. 477 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA, 2015.

BARRETO, Joanice Maria. *Tramando pequenos fios de um longo tecido: as costureiras de Divinópolis*. 89 f. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais). PUC-SP. São Paulo, 2010.

CARMO, Rodrigo Reis do. *Romances do povo: a política cultural do PCB e a negação da esfera pública popular*. Orientador: William Dias Braga. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2007. 96 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Produção Editorial). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2007.

DALMÁS, Carine. *Frentismo cultural em prosa e verso: comparações, conexões e circulação de ideias entre comunistas brasileiros e chilenos (1935-1948)*. 2012. 234 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

GARCIA, Márcia Aparecida. *José Geraldo Vieira (1897-1977): fortuna crítica*. 2003. 247 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, Assis-SP. 2003.

GOMES, Mônica dos Santos. *As traduções e recepção de Germinal, de Émile Zola, no Brasil*. 2013. 157 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2013.

GUERELLUS, Natália de Santanna. *Como um castelo de cartas: culturas políticas e trajetória de Rachel de Queiroz (1910-1964)*. 2015. 388 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói/RJ, 2015.

LIMA, Felipe Victor. *Literatura e Engajamento na trajetória da Associação Brasileira de Escritores (1942-1958)*. 2015. 380 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

MENEZES, Fabiana Lisboa Ramos. *Pelos trilhos da memória: Alina Paim e o realismo socialista em A hora próxima*. 130 f. Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2016. São Cristóvão, SE, 2016.

OLIVEIRA, Ilka Maria de. *A literatura da revolução: contribuições literárias de Astrojildo Pereira e Alina Paim para uma política cultural do PCB nos anos 50*. 1999. 168 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP: Campinas-SP, 1999.

PEREIRA, Luciana Lombardo Costa. *A Lista Negra dos Livros Vermelhos: Uma Análise Etnográfica dos Livros Apreendidos pela Política Política no Rio de Janeiro*. 2010. Tese (doutorado em Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

RANGEL, Jorge Antonio. *O Moderno Dom Quixote: Fernando Tude de Souza e o projeto roquetiano de educação popular através do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e Saúde nas décadas de 40 e 50*. 1998. s/n. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 1998.

RIOS, Venézia Durando Braga. *O Asylo de São João de Deus: as faces da loucura*. 2006. 251 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social, PUC, São Paulo, 2006.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. *O intelectual “feiticeiro”*: Édison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil. 2011. 221 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2011.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partido comunista, cultura e política cultural*. São Paulo, 1986. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.

SANTANA, Geferson. *O combate das ideias: estratégias dos intelectuais comunistas baianos na produção de um novo conhecimento sobre o Brasil (1920-1937)*. 2017. 336 f. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos-SP, 2017.

SANTOS, Alinnie Oliveira Andrade. *A personagem feminina em Linha do Parque*, de Dalcídio Jurandir. Dissertação (Mestrado em Letras) 114 f. Universidade Federal do Pará: Belém, 2013.

SANTOS, Nilza Nanci Pereira. *Coleção Romances do Povo: a babel proletária*. Salvador: UFBA, 1996. 173 f. (Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 1996.

SANTOS, Patriciane Xavier Moreira dos. *A escola era horrível e eu não podia negá-la, como negara o inferno: representações de escola na obra Infância*, de Graciliano Ramos. 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado em Processos Socioeducativos e Práticas Escolares) - Departamento de Ciências da Educação, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2017.

SERRA, Sônia. *O Momento: história de um jornal militante*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1987.

SOBREIRA, Íracles Andressa Pessoa de Andrade. *Literatura e mestiçagem religiosa: uma leitura de Capitães da Areia*, de Jorge Amado. 2015. 41 f. Monografia (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2015.

TADDEI, Ângela Maria Soares Mendes. *Uma & outras: memória social da maternidade em O cortiço (1890)*, de Aluísio Azevedo. 2007. 154 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

TAVARES, Betzaida Mata Machado. *Mulheres comunistas: representações e práticas no Partido Comunista Brasileiro*. Dissertação de Mestrado em História. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. *Uma cosmopolita nos trópicos: a trajetória de Yvonne Jean no jornalismo carioca (1940-1950)*. 2018. 166 f. Dissertação (Mestrado em História) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2018.

VELASQUES, Muza Clara Chaves. *Homens de Letras no Rio de Janeiro dos anos 30 e 40*. 2000. 204 f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói/RJ, 2000.

VERGARA, Anelize. *Rubem Braga: crônica e censura no estado Novo (1938-1939)*. 2014. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista. Assis-SP, 2014.

Artigos acadêmicos:

ALMEIDA, Daniele Barbara de Souza. *O corpo em A Sombra do Patriarca de Alina Paim*. In: *Interdisciplinar*, Ano 3, v. 5, n.º. 5, pp. 169-178, Jan – jun. de 2008.

AMADO, Jorge. *La literatura en el Brasil*. In: *El Siglo*, Santiago, n. 328, 27 jul. 1941.

ANDRADE, Homero Freitas de. O realismo socialista e suas (in)definições. In: *Literatura e Sociedade*, 15(13). São Paulo. pp. 152-165. 2010.

BOSI, Alfredo. *Uma caixa de surpresas: nota sobre a volta do romance de 30*. In: *Teresa: revista de Literatura Brasileira* [16]; São Paulo, 2015. pp. 15-19.

BUENO, Luis. *Os três tempos do romance de 30*. In: *Teresa: revista de Literatura Brasileira* [3]; São Paulo, 2002. pp. 254-283.

CARDOSO, Ana Maria Leal. *A obra de Alina Paim*. In: *Interdisciplinar*, Ano IV, v. 08, p. 35-45, jan.-jun. 2009.

CARDOSO, Ana Maria Leal. *Alina Paim: uma romancista esquecida nos labirintos do tempo*. In: *Aletria*, Belo Horizonte: FALE/UFMG, vol. 20, p. 125-132, 2010.

CARDOSO, Ana Maria Leal. *Uma leitura feminista da narrativa de Alina Paim*. In: *Anais do III Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades*. Campina Grande, Editora Universitária da UFPB, pp. 1-8, 2007.

CARDOSO, Ana Maria Leal. *Deusas, bruxas e serpentes: as faces do feminino da ficção de Alina Paim*. Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. pp. 1-11.

DAL FARRA, Maria Lúcia. O cerco rompido. (Leitura de O círculo, de Alina Paim). In: *E-Letras com Vida*. n.º 1, julho/dezembro de 2018, pp. 31-50. Universidade de Lisboa: Lisboa.

DALMÁS, Carine. *Jorge Amado, Pablo Neruda y la conformación del frentismo cultural de los comunistas en América Latina (1939-1945)*. In: HERRERAS GONZÁLEZ, Patricio (coord.). *El comunismo en América Latina: experiencias militantes, intelectuales y transnacionales (1917-1955)*. Valparaíso: Universidad de Valparaíso, 2017.

DALMÁS, Carine. “O Partido Comunista e a Liberdade de Criação”: frentismo cultural em tempos de democratização. In: *Antíteses*, Londrina, v.12, n. 24, pp. 428-458 jul-dez. 2019.

DALMÁS, Carine. *Frentismo cultural dos comunistas no Brasil e no Chile: Literatura, escritores e virada aliancista (1935-1936)*. In: *Projeto História*, São Paulo, n. 47, ago. 2013.

FALCÃO, José Frederico. *O “Relatório Secreto” de Krushev e o Partido Comunista do Brasil (PCB): Desestalinização e crise*. In: Usos do passado: XII Encontro Regional de História da Anpuh. Rio de Janeiro, 2006.

FERNANDES, Karina Pinheiro. *As dores do povo em texto e ilustração do jornal Tribuna Popular (1954-1947)*. In: *Anais do XV Encontro Regional da ANPUH-Rio*. s/d. pp. 1-10.

FERNANDES NETTO, Carlos Eduardo. *Êxtase e Catástrofe da ficção ecumênica de José Geraldo Vieira*. In: *UNAR*, Araras (SP), v.1, n.1, p.26-36, 2007.

FERRARI, Daniel Wenseslau. *Diretrizes: a primeira aventura de Samuel Wainer*. In: *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, n.31, 2008. pp. 1-9.

FERRETTI, Danilo José Zioni. *A escravidão e a “verdade” do romance: primeiras leituras e usos públicos de A cabana do pai Tomás no Brasil (1852-1858)*. In: *Revista de História*, v. 179, pp.1-24. São Paulo, 2020.

FRASER, Nancy. *Repensar el ámbito público: uma contribuição a la crítica da democracia realmente existente*. In: *Debate Feminista*, v. 7, mar. 1993. pp. 24-55.

GENS, Rosa. *Elementos da ficção infanto-juvenil de Alina Paim*. In: *Interdisciplinar*, V.8, pp. 47-55, jan.-jun. de 2009.

GOMES, Ângela de Castro. *Política: história, ciência, cultura etc*. In: *Estudos Históricos*, v. 9, no 17, p. 59-84, 1996.

HOWES, Robert. *Raça e Sexualidade transgressiva em Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha*. In: *Graphos: Revista da Pós-Graduação em Letras - UFPB, João Pessoa, Vol 7., N. 2/1, 2005*. pp. 171-190.

JUBERTE, Vinícius. *A construção de um mundo novo e a luta por uma vida feliz: Jorge Amado e a Coleção Romances do Povo*. In: *ANPUH-Brasil - 30] Simpósio Nacional de História*. Recife, 2019.

LEBENSZTAYN, Ieda. *Cartas inéditas de Graciliano Ramos: estilo, amizades, bastidores da criação literária e da história*. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 49, n. 2, pp. 145-153, abr.-jun. 2014.

MACIEL, Luciana. *As personagens femininas de Alina Paim: do lar à militância*. In: *Revista Eletrônica da Faculdade José Augusto Vieira*. Ano V, n. 7, p.1-15, 2012.

MEIRA, Esmeralda Guimarães. *Um lugar para o poeta baiano Camillo de Jesus Lima: entre nós*. In: *Tabuleiro de Letras: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens Universidade do Estado da Bahia – UNEB Departamento de Ciências Humanas – DCH*, s/d. pp. 1-18.

MORAES, Letícia Nunes de. *Histórias de Pagu: Memória, feminismo e cultura política*. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X. 1-8 pp.

- PANKRATOVA, A. *Lênin Como Propagandista*. In: Problemas - Revista Mensal de Cultura Política nº 26, maio de 1950.
- PELLEGRINI, Tânia. Realismo: postura e método. In: Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 4, pp. 137-155, dezembro de 2007.
- PINHO, Adeílato Manoel. *Adonias Filho e Djalma Viana: uma crítica de duas faces*. In. *Letras de Hoje*, v. 37, nº 2, Porto Alegre-RS, pp. 9-16, jun. 2001.
- PONTES, Heloísa. Círculos de intelectuais e experiência social. In. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, v. 12, n. 34. 2010.
- POSSENTI, Sírio. Índícios de autoria. In: Perspectiva, Florianópolis, 1-.20, n.01, p.105-124, jan. jun. 2002.
- RIO DOCE, Cláudia. *Leitura: entre a política cultural e a cultura política*. In. *Anais: XI Congresso Internacional da ABRALIC. Tessituras, Interações, Convergências*. USP, São Paulo, 13 a 17 de jul. de 2008.
- RIO DOCE, Cláudia. *Literatura e política cultural pelas páginas de Leitura*. In. *Revista IEB (USP)*, São Paulo, n. 54, set./mar., 2012. pp. 67-86.
- SILVA, Carine Neves Alves da. *Teoria marxista: o patrimônio histórico e intelectual produzido pelas instituições e intelectuais comunistas na América Latina*. In: Anais Eletrônicos do XIV Encontro Regional de História-ANPUH-RJ. Rio de Janeiro, 2010.
- SILVA, Cristiano Augusto da. *Jorge Medauar e a melancolia da “civilização cacauêira”*. In. *Litterata*, Ilhéus, vol. 9, n. 1, jan.-jun. 2019. pp. 79-98.
- TELES, E. L.; CARDOSO, A. M. L. *O imaginário mítico-simbólico na narrativa ficcional de Alina Paim*. In: Scientia Plena 6, 125701: Alagoas, 2010.
- VIEIRA, Renata Ferreira. *Figueiredo Pimentel e o romance O aborto (1893): uma história pouco conhecida do naturalismo no Brasil*. In. *SOLETRAS – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ Número 30 (jul.-dez 2015)*. pp. 103-117.
- WASSERMAN, Cláudia. *História Intelectual: origem e abordagens*. In. *Tempos Históricos*, Volume 19. Rio Grande do Sul, pp. 62-79, 2015.
- XAVIER, Elódia. *Alina Paim: as duas faces da mesma moeda*. In: XIII Seminário Nacional e IV Seminário Internacional Mulher e Literatura: memórias, representações, trajetórias. Universidade Potiguar, Natal, set., 2009.
- ZONABEND, Françoise. *A memória familiar: do individual ao coletivo*. (Dossiê Biografia e Patrimônio) In. *Sociologia: Problemas e Práticas*, Lisboa, nº 09, pp. 179-190, 1991.

Consultas eletrônicas:

ABREU, Alzira Alves de. Verbete PCB. In: *Fundação Getúlio Vargas* (CPDOC/FGV). Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-comunista-brasileiro-pcb>. Acesso em: 22 de out. 2021.

ALINA Paim recebe homenagem no XVIII Seminário Internacional Mulher e Literatura. Universidade Federal de Sergipe - UFS. Aracaju. 13 de agosto de 2019. Disponível em: <https://cech.ufs.br/conteudo/64003-alina-paim-recebe-homenagem-no-xviii-seminario-internacional-mulher-e-literatura>. Acesso em: 19 nov. 2021.

BIBLIOTECA do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. *Estância/Sergipe* (verbete). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/sergipe/estancia.pdf>. Acesso em: 18 de março de 2020.

BRASIL, Bruno. *A Manhã*. In. *Biblioteca Nacional Digital Brasil*. Rio de Janeiro, 28 de outubro de 2015. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-manha-rio-de-janeiro-1941/>. Acesso em: 03 nov. 2020

BRASIL, Bruno. *O Cruzeiro*. In. *Biblioteca Nacional Digital Brasil*. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 2015. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-cruzeiro/>. Acesso em: 01 nov. 2020.

CRUZADA Brasileira de Civismo (CBC). *Verbetes*. In. *Fundação Getúlio Vargas* (FGV-CPDOC). Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/cruzada-brasileira-de-civismo-cbc>. Acesso em: 21 de abril de 2020.

CUNHA, Luís Antônio. *Casa do Estudante do Brasil*. In. *Fundação Getúlio Vargas* (FGV-CPDOC). Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/casa-do-estudante-do-brasil>. Acesso em: 02 nov. 2020

DANTAS, Carolina Vianna. *Careta*. In. *Fundação Getúlio Vargas* (FGV-CPDOC), Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CARETA.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2020

DANTAS, Carolina Vianna. *Revista da Semana*. In. *Fundação Getúlio Vargas* (FGV-CPDOC). Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVISTA%20DA%20SEMANA.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2020

EGOROV, Oleg. Por que os russos são tão apegados ao feriado de 1º de maio. In: *Russia Beyond*. Moscou: 1º de maio de 2019. Disponível em: <https://br.rbth.com/historia/82212-por-que-russos-apegados-1-maio>. Acesso em: 22 de dezembro de 2021.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. *Percy Deane*. Rio de Janeiro: 18/01/2016. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8861/percy-deane#>. Acesso em: 13 de fev. de 2021.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Diário de Notícias (Rio de Janeiro)*. In. *Fundação Getúlio Vargas* (CPDOC/FGV). Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/DI%C3%81RIO%20DE%20NOT%C3%8DCIAS%20%28Rio%20de%20Janeiro%29.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2020. pp. 1-11.

JOSÉ Augusto Guerra. In. *Associação Nacional de Escritores*, Brasília, s/d. Disponível em: <https://anenet.com.br/jose-augusto-guerra-2/>. Acesso em: 02 nov. 2020.

LAMARÃO, Sérgio. *Liga da Defesa Nacional (LDN)*. In. *Fundação Getúlio Vargas* (FGV-CPDOC). Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/liga-da-defesa-nacional-ldn>. Acesso em: 21 de abril de 2020.

LEAL, Carlos Eduardo. *Correio da Manhã*. In. *Fundação Getúlio Vargas* (CPDOC/FGV). Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CORREIO%20DA%20MANH%C3%83.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2020.

LEAL, Carlos Eduardo. *O Jornal*. In. *Fundação Getúlio Vargas* (FGV/CPDOC), Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-o>. Acesso em: 3 nov. 2020.

LUCENA, Felipe. *Breve história da Restinga da Marambaia*. In. *Diário do Rio.com: O jornal 100% carioca*. Rio de Janeiro, 25 de agosto de 2018. Disponível em: <https://diariodorio.com/breve-historia-da-restinga-da-marambaia/>. Acesso em: 29 de maio de 2020.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O anticomunismo nas pesquisas de opinião: Brasil, 1955-1964*. In: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Colloques, mis en ligne le 14 janvier 2016. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/68817>. Acesso em: 17 jan. 2021.

SANTOS Moraes. In. *Antonio Miranda*, janeiro de 2009. Disponível em: http://www.antonimiranda.com.br/poesia_brasis/bahia/santos_moraes.html. Acesso em: 3 nov. 2020.

SOUZA, Juberty Antonio de; PICCININI, Walmor J. *História da Psiquiatria: Isaías Paim (1909-2004)*. In. *Psychiatry on line Brazil*, São Paulo, vol. 15, nº 1, jan. de 2010. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano10/wal0110.php>. Acesso em: 27 de maio de 2020.

ANEXOS

ANEXO I – Imagens

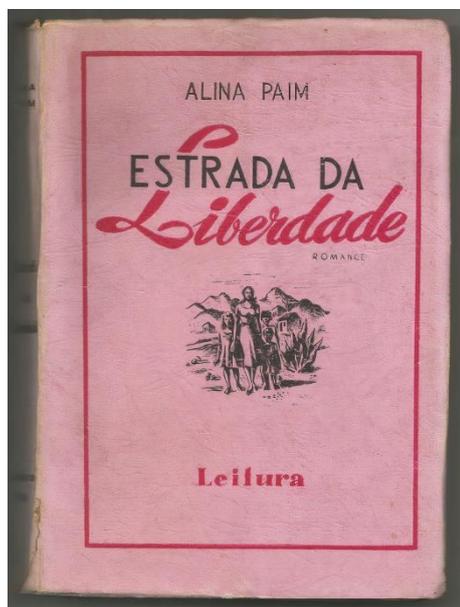


Figura 1: Capa da 1ª edição do romance *Estrada da Liberdade*, Editora Leitura, Rio de Janeiro, 1944.
Fonte: Acervo pessoal, 2022.

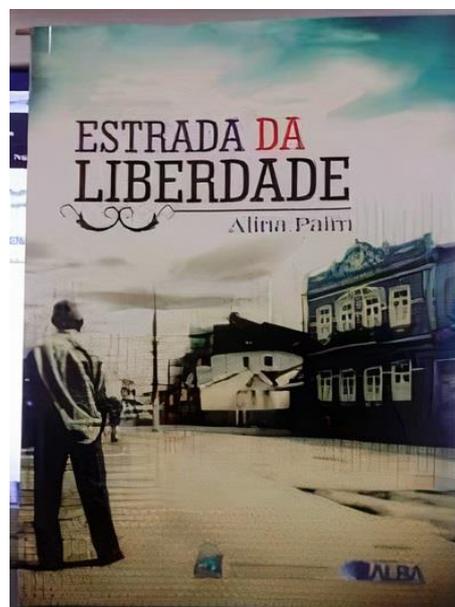


Figura 2: Capa da 2ª edição do romance *Estrada da Liberdade*, Editora Assembleia Legislativa da Bahia, Salvador, 2014.
Fonte: Acervo Editora ALBA, 2022.

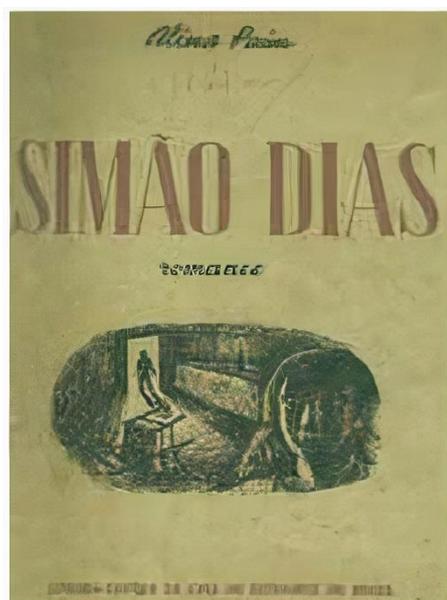


Figura 3: Capa da 1ª edição do romance *Simão Dias*, Livraria-Editora Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1949.
Fonte: Acervo pessoal, 2022.

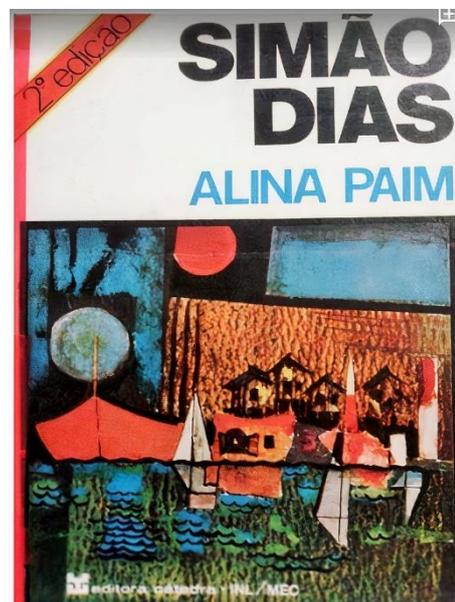


Figura 4: Capa da 2ª edição do romance *Simão Dias*, Editora Cátedra, Rio de Janeiro/Brasília, 1979.
Fonte: Acervo Gilfrancisco Santos, 2008.

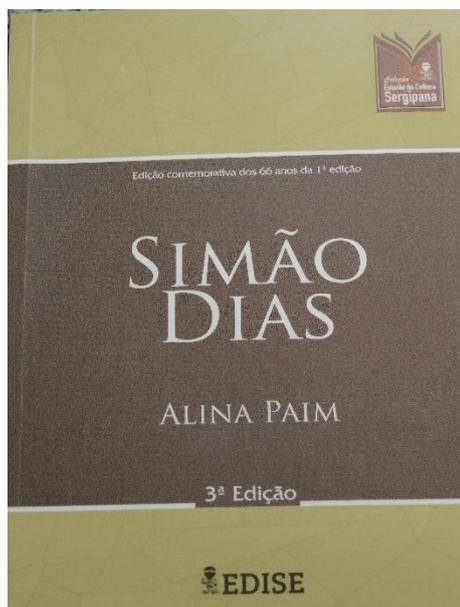


Figura 5: Capa da 3ª edição do romance *Simão Dias*, Editora Edise, Sergipe, 2015.
Fonte: Acervo Editora Edise, 2022.

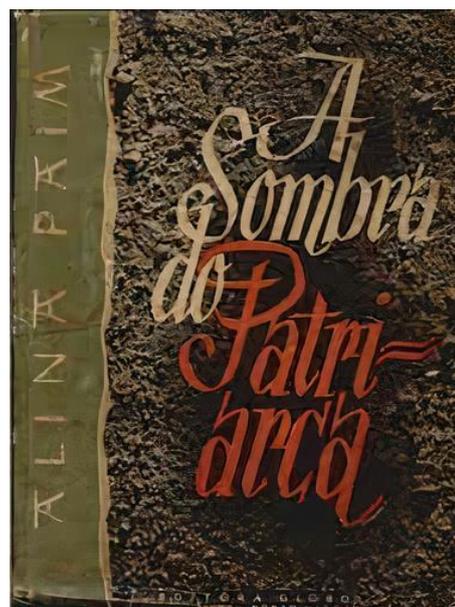


Figura 6: Capa do romance *A Sombra do Patriarca*, Editora Globo, Rio de Janeiro, 1950.
Fonte: Acervo pessoal, 2022.

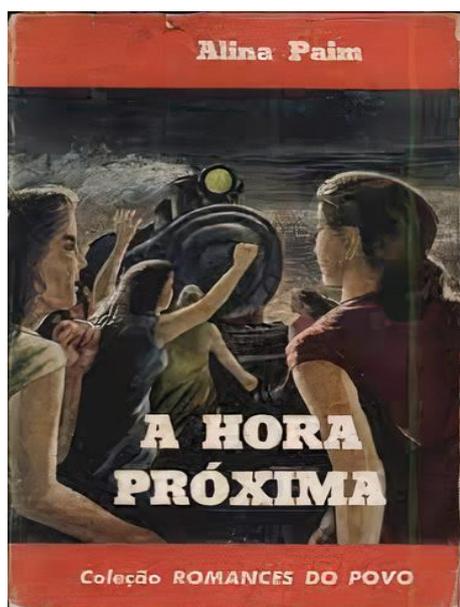


Figura 7: Capa do romance *A Hora Próxima*, Editorial Vitória, Rio de Janeiro, 1955.
Fonte: Acervo pessoal, 2022.



Figura 8: Capa do livro infantil *A Casa da Coruja Verde*, Editora Conquista, Rio de Janeiro, 1962.
Fonte: Acervo Ana Maria Leal Cardoso, 2021.

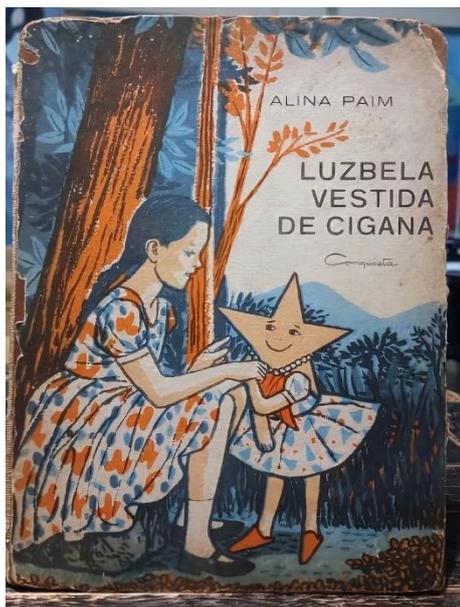


Figura 9: Capa do livro infantil *Luzbela Vestida de Cigana*, Editora Conquista, Rio de Janeiro, 1962.
Fonte: Acervo Monique Parente, 2021.



Figura 10: Capa do livro infantil *O Lenço Encantado*, Editora Conquista, Rio de Janeiro, 1962.
Fonte: Acervo Monique Parente, 2021.

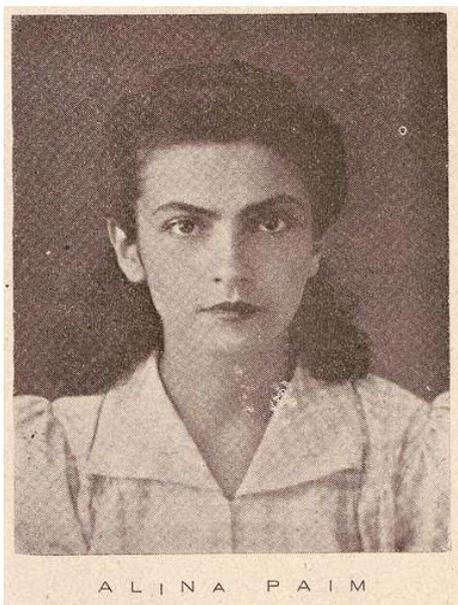


Figura 11: Alina Paim em publicidade sobre seu romance *Estrada da Liberdade*, em 1945.
Fonte: A Casa, Rio de Janeiro, setembro de 1945.



Figura 12: Alina Paim assinando o contrato de publicação de *A Hora Próxima*, em 1951.
Fonte: Imprensa Popular, Rio de Janeiro, dezembro de 1951.



Figura 13: Alina Paim e outros intelectuais em encontro da Célula Theodoro Dreiser, em 1946.
Fonte: Tribuna Popular, Rio de Janeiro, janeiro de 1946.



Figura 14: Alina Paim em entrevista sobre o romance *A Hora Próxima*, concedida à Mauritoni Meira, em 1954.
Fonte: Última Hora, Rio de Janeiro, setembro de 1954.

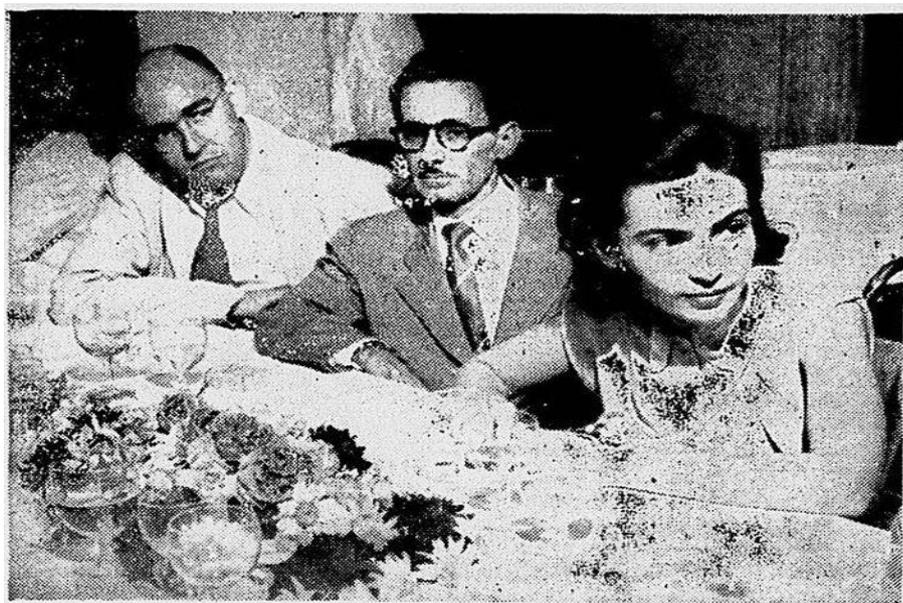


Figura 15: Alina Paim, Dias da Costa e Ary de Andrade nas comemorações do X aniversário da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), em 1952.

Fonte: Imprensa Popular, Rio de Janeiro, agosto de 1952.

**A HORA
PRÓXIMA**

de Alina Paim

Uma página da luta e
do heroísmo
dos nossos ferroviários

Primeiro lançamento de autor nacional da

Coleção Romances do Povo

(Direção de Jorge Amado)

A autora autografará seu livro
das 18 às 20 horas. na feira de livros
da Cinelândia.

EM TÔDAS AS LIVRARIAS

Figura 16: Anúncio de lançamento do romance *A Hora Próxima*, em 1955.

Fonte: Diário de Notícias, Rio de Janeiro, maio de 1955.



Figura 17: Locomotiva 437, apelidada de “Joana” pelos grevistas da Rede Mineira de Viação (RMV).
Fonte: Minas's Trains, 2022.

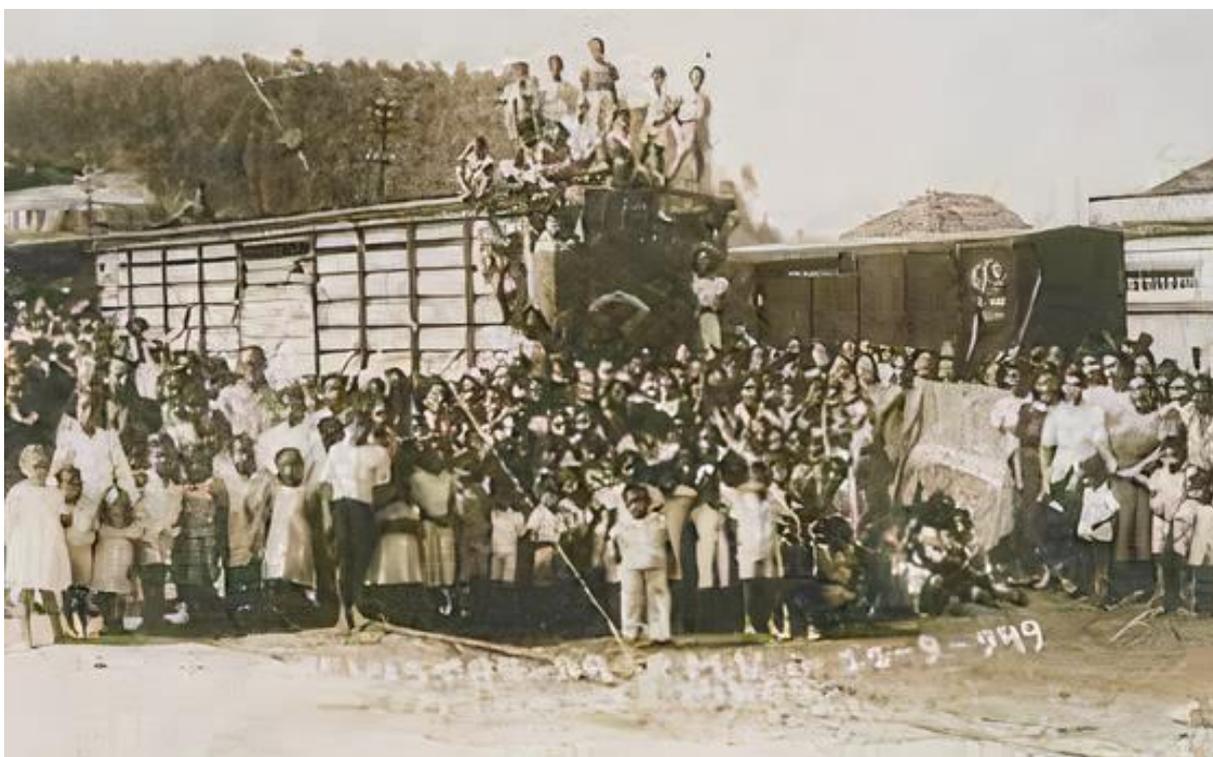


Figura 18: Famílias ferroviárias durante as greves da RMV de 1949, em Itajubá-MG.
Fonte: Estações Ferroviárias do Brasil, 2022.



Figura 20: Poema escrito por Maria Júlia Coutinho Guerra, em homenagem as mulheres grevistas retratadas por Alina Paim, em *A Hora Próxima*.

Fonte: Momento Feminino, Rio de Janeiro, junho de 1955.



Figura 21: Alina Paim com as duas filhas, Maria Luiza (adotiva) e Maria Tereza (biológica).
Fonte: Acervo Ana Maria Leal Cardoso, 2021.

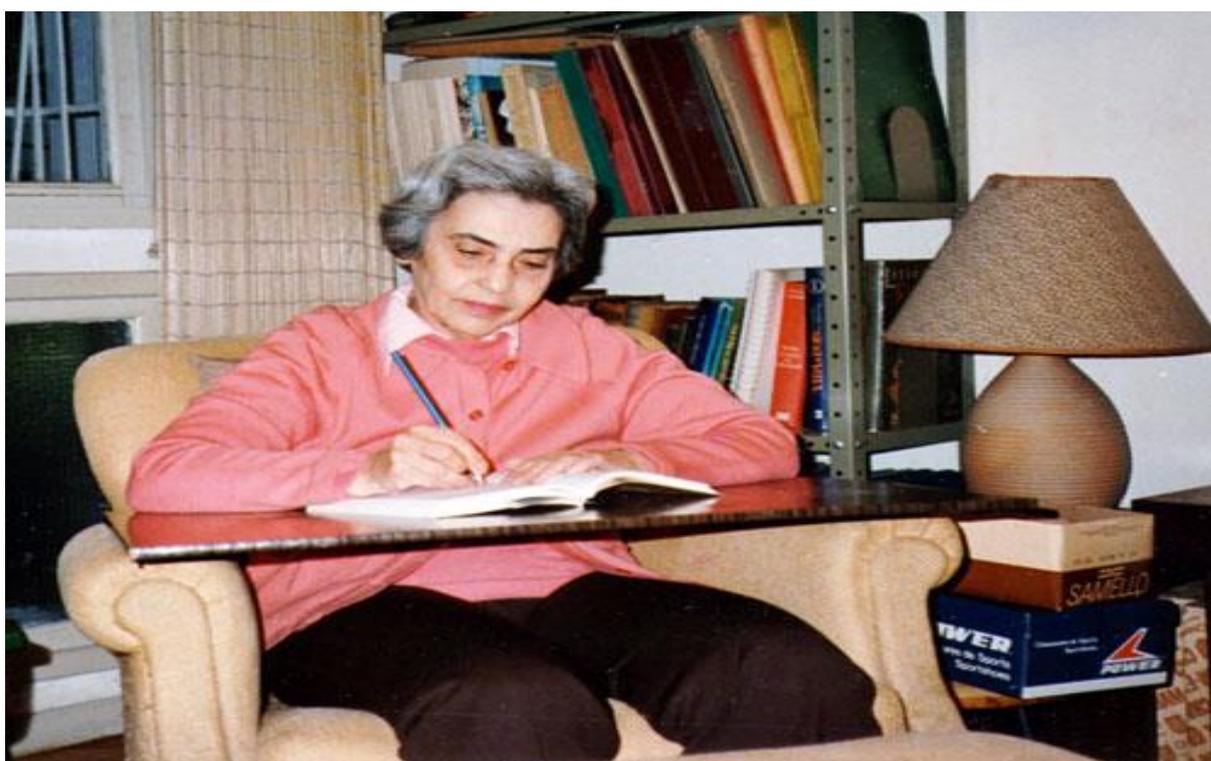


Figura 22: Alina Paim, já idosa, na biblioteca de sua residência.
Fonte: Acervo Gilfrancisco Santos, 2008.

ANEXO I – Declaração de Revisão



DECLARAÇÃO DE REVISÃO

A prestadora de serviço Equipe Atualize, declara que foi realizado o serviço de revisão ortográfica e gramatical da Dissertação de Mestrado intitulada “**O COMUNISMO É COMO O VENTO. QUEM SEGURA O VENTO QUANDO ELE COMEÇA A SOPRAR?**” **Produção Cultural e Cultura Política na Trajetória Intelectual de Alina Paim (1944-1956)** do estudante **Gabriel Moura Silva** do Programa de Pós-Graduação em História (PGHis) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

Por ser verdade firmamos o presente.

Viçosa, 11 de fevereiro de 2022.



Marcelle Cruz

Proprietária e Diretora Sênior da prestadora de serviços,
de revisão ortográfica e gramatical, Equipe Atualize

